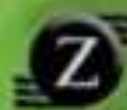


POR QUE
KLEIN?

Elisa Maria de Ulhôa Cintra
Marina F. R. Ribeiro

Coleção Grandes Psicanalistas

Coordenação
Daniel Kupermann

 **Z** ZAGADONI
EDITORA



Sumário

À guisa de prólogo	5
Melanie Klein ontem, hoje e amanhã	5
Por que Klein hoje?	16
INTRODUÇÃO	19
Inovações técnicas de Klein e suas reverberações em autores clássicos e contemporâneos ...	21
Breve panorama da obra de Melanie Klein.....	28
Pensar as feridas.....	28
A Inveja Primária.....	29
Saúde e doença.....	30
A desmesura do amor primitivo.....	32
Transformação das ansiedades arcaicas.....	33
Ansiedades arcaicas e as posições esquizo-paranoide e depressiva	34
Fazer o luto, elaborar a perda.....	35
É interminável o processo de elaboração da posição depressiva?	38
O projeto iluminista kleiniano: tornar visível o invisível	40
Perdas, frustrações e crescimento	46
O trabalho do aparelho psíquico	51
A genialidade da análise com crianças e seus desdobramentos na clínica	52
Desdobramentos do método analítico.....	56
A fantasia inconsciente: leituras atuais	59
O arcaico em Klein	63
A relação primordial com a mãe e a "situação edípica"	65
As angústias arcaicas ou as ansiedades psicóticas	76
As posições esquizo-paranoide e depressiva: o movimento da mente	80
Ataques destrutivos e possibilidades de reparação	84
O menino e os sortilégios.....	84
Complexo de Édipo e experiência de exclusão.....	89
A posição feminina: uma teoria sobre a feminilidade e a masculinidade.....	95
Inveja e gratidão: alguns apontamentos	103
A inveja na situação analítica	109

Por que Klein?

Identificação projetiva: desdobramentos técnicos	116
Identificação projetiva, empatia e contranferência.....	121
Reflexões a partir e para além de Melanie Klein	128
Luto e melancolia: uma reflexão sobre purificar e destruir	129
A Terceira Margem do Rio	146
Sobre o sentimento de solidão	159
Primeiros Trabalhos de Klein: crescimento, educação e análise de crianças	170
Epistemofilia : o desejo de saber e suas implicações.....	173
A Técnica de Análise Infantil	175
Luto, a descoberta da posição depressiva e suas implicações para o desenvolvimento do Édipo.	176
Sobre a posição esquizo-paranoide e a identificação projetiva	180
Sobre Inveja e Gratidão	184
Dicionários do Pensamento Kleiniano	188
Biografias de Melanie Klein	189
Estudos da obra de Melanie Klein	189
Obras significativas a partir do pensamento de Melanie Klein	190
Alguns artigos de referência	197
Clássicos do pensamento kleiniano.....	198
Texto clássico de introdução à obra kleiniana	198
Texto de Introdução Crítica	198
Outros Livros na Linhagem de Klein, Bion e Winnicott	199
Sobre Bion.....	199
Sobre Meltzer	199
Sobre Winnicott	200
Alguns dados cronológicos	200

Agradecimentos

Um livro sempre é produzido pela sustentação e incentivo de uma rede de colaboradores, não sendo possível nomear todos.

Primeiramente, gostaríamos de agradecer ao Daniel Kupermann e ao editor Adriano Zago pelo convite para participar dessa conceituada coleção, na qual estamos muito bem acompanhadas. Somos gratas a liberdade concedida para apresentar o texto que acreditamos ser um acréscimo a todos as publicações já feitas sobre Melanie Klein.

A Luís Cláudio Figueiredo, pela presença de suas ideias nas linhas e entrelinhas deste livro, tornando-se impossível para nós dimensioná-la.

À Claudia Perrota, pela leitura cuidadosa e atenta, e pelas sugestões feitas, que permitiram que o texto ficasse cada vez mais claro e bem cuidado.

And last but not least, nosso agradecimento ao Prólogo feito por Elizabeth Lima da Rocha Barros e Elias M da Rocha Barros, no qual evidenciam os desdobramentos do pensamento de Melanie Klein para a psicanálise contemporânea.

A nossa parceria, nos constantes desafios ao ensinar Melanie Klein na PUCSP e no IPUSP, na graduação e na pós-graduação, para as gerações de hoje e amanhã.

À guisa de prólogo

Melanie Klein ontem, hoje e amanhã¹

Elizabeth Lima da Rocha Barros
Elias M da Rocha Barros

As revoluções no pensamento que ocorrem nos diversos campos do conhecimento nem sempre são percebidas no momento durante o qual se esboçam e se desenvolvem².

Acreditamos que nestes últimos anos está ocorrendo um rearranjo na articulação dos conceitos básicos da Psicanálise. Uma indicação disto é o resultado da enquete realizada pelos Editores/Coordenadores do Dicionário Enciclopédico Internacional de Psicanálise, ainda em fase de elaboração, patrocinado pela IPA (*International Psychoanalytical Association*).

Dentre os cinco conceitos considerados mais importantes para o trabalho clínico psicanalítico, pesquisa feita com cerca de 400 autores, divididos entre os três continentes, foram identificados dois de origem nitidamente kleiniana: *identificação projetiva* e *continência*, sendo os outros, como seria de se esperar, *inconsciente*, *transferência* e *contratransferência*.

¹ Yesterday, Today and Tomorrow, também é o nome de uma aula inaugural ministrada por Hanna Segal, em novembro de 2001, no Instituto de Psicanálise de Londres e publicada no site Melanie Klein Trust. (www.melanie-klein-trust.org.uk).

² Esta apresentação é baseada em alguns trabalhos conjuntos recentes meus e da Elizabeth, sobretudo em conferências apresentadas em 2017. Depois de tantos anos de trabalhos conjuntos é difícil hoje separar o que é minha contribuição daquilo que é da Elizabeth.

Por que Klein?

Recentemente, uma colega comentou que o número de citações de Melanie Klein nas bibliografias de trabalhos publicados em São Paulo havia caído dramaticamente nos últimos anos, manifestando desta forma sua preocupação com a perda de interesse por esta autora. Muitos dos conceitos desenvolvidos por Melanie Klein, já estão hoje incorporados à psicanálise diretamente ou, se transformaram na semente propícia para um avanço conceitual, sem que a referência à sua origem seja necessariamente mencionada.

Sendo assim, a pesquisa para avaliar o peso e a importância de Klein na Psicanálise, deveria buscar não citações diretas de seu nome mas, sim, *dos conceitos originados a partir da sua obra* e, também, aqueles novos que resultaram do desenvolvimento de seu pensamento, tais como as expansões do conceito de identificação projetiva, *revêrie*, continente e contido, entre outros.

Esta reflexão nos leva a pensar: aquilo que define uma autora criativa é o fato de introduzir uma nova problemática que não pode mais ser ignorada e, dessa forma, nunca cessa de produzir impactos que se constituem em novas sementes para o avanço do pensamento.

Sob essa perspectiva, nosso objeto de estudo não seria Melanie Klein como figura histórica associada a um pensamento eventualmente datado, mas a lógica constitutiva de seu pensamento e sua atualidade. É essencial que possamos indagar: com que conceitos ela pensou algumas situações clínicas? E como Klein articulou os conceitos e a clínica?

Outro sinal desta revolução na maneira de compreendermos os conceitos psicanalíticos, é a atenção que tem sido dada tanto à construção daquilo que denominamos “Mente Psicanalítica”, quanto ao que se refere à construção e aos efeitos da linguagem. Linguagem compreendida como instrumento de criação de vivências associadas a “como é” para o analista estar com o paciente, e para este último, “como é estar” com o analista. As duas tendências têm uma influência de correntes teórico-clínicas inspiradas no pensamento kleiniano e bioniano.

Pensamos que Melanie Klein ganhou autonomia em relação à sua posição dentro do pensamento psicanalítico, limitada historicamente a chefe de Escola, passa a integrar o mundo das ideias psicanalíticas contemporâneas. Klein hoje se libertou da limitação que o adjetivo “kleiniana” lhe impunha, que por sinal ela sempre rejeitou, pois considerava-se como uma continuadora de Freud e nunca como chefe de Escola. Foi também a autora que apresentou o complemento mais importante à teoria freudiana da mente humana depois da fundação da nossa disciplina. E, também, a autora que gerou um grande número de controvérsias, potencialmente muito ricas, desde que sejamos capazes de nos distanciar das querelas ideológicas e doutrinárias. Estes diálogos sobre as controvérsias continuam a dar frutos.

Dentro deste ângulo devemos olhar para o pensamento de Melanie Klein como uma obra aberta. Obra que se reinventa a cada contato com o pensamento

Por que Klein?

contemporâneo e o fecunda e, assim, continuará a inspirar novas perspectivas e a semear novos conceitos, derivados a partir da compreensão profunda de suas ideias. Não se trata de aceitá-la ou rejeitá-la na sua totalidade, mas de tomar sua obra como um rico modelo sobre o funcionamento do aparelho psíquico.

Talvez, ao invés de “legado”, devêssemos abordar sua contribuição não a partir da perspectiva de algo que nos foi deixado, e sim, como uma forma viva de concepção do aparelho psíquico que continua produzindo efeitos no pensamento psicanalítico atual. Sua herança não está delimitada e nem seu pensamento alcançou sua forma final. Devemos lê-la como um pensamento ainda vivo que se integra à psicanálise contemporânea e, por esta razão, *continuamos a estudá-la ainda hoje!* Klein não construiu a versão final de sua obra, apesar de sua vida ter findado, pois continua produzindo efeitos vivos e, ao fazê-lo, também se transforma. Esta perspectiva dialética é fundamental de se preservar ao abordar e estudar a obra de Melanie Klein.

Correu pelas redes sociais da internet, nos últimos tempos, uma mensagem com uma foto de Melanie Klein, acompanhada de um pensamento a ela atribuído. O texto dizia: “*Quem come do fruto do conhecimento é expulso de algum paraíso.*” Esta postagem é emblemática daquilo que pensamos. O paraíso do qual o indivíduo que conhece é expulso, refere-se à libertação de uma falsa segurança baseada num estado de espírito que prima pela superficialidade e pelo descompromisso afetivo em suas relações humanas, sustentado em idealizações. Deixar de ser superficial, através do aprimoramento de nossa capacidade de reflexão, ser profundo e responsável em nossas relações interpessoais, torna-se fator de saúde mental, na concepção da Psicanálise que hoje praticamos, sendo que esta premissa deriva diretamente da obra de Klein. Ser capaz de manter relações emocionais íntimas é essencial como fator de maturidade. O desenvolvimento humano na concepção de nossa autora não é linear, mas dialético, e mais próximo de um processo em espiral. A saúde mental sob a perspectiva de Klein, está sempre ameaçada em sua estabilidade e, desta forma, tem que ser permanentemente reconquistada. Bem estar mental ou equilíbrio não é a consequência natural de um desenvolvimento bem sucedido e de certa maneira pré-programado. A saúde mental pode vir acompanhada de um sentimento de solidão, resultante da realização de que não existe o estado idealizado de perfeita integração, que existiu ou foi inconscientemente fantasiado, numa fase pré-verbal de fusão ou quase fusão com a mãe. Integrar-se envolve abandonar idealizações, tanto dos objetos externos quanto de aspectos do *self*. O bom objeto internalizado não se confunde com a perfeição.

Em sua obra, o processo de *adquirir conhecimento* tornou-se um conceito com estatuto metapsicológico; e se incorporou à maior parte das teorias da psicanálise contemporânea.

Por que Klein?

É importante levar em conta que mesmo os textos considerados clássicos adquirirem novas conotações à medida que forem lidos ao longo dos anos. É frequente que um texto recente lance uma nova luz sobre artigos clássicos. Os textos sofrem transformações, através daquilo que Octavio Paz chamou de intertextualidade. Os textos de diversas épocas interagem entre si, produzindo novos sentidos ou, concomitantemente, apagando sentidos que se tornaram anacrônicos.

A ideia nova que desemboca numa perspectiva original é produto de um reexame das tradições em confronto dialético com a atualidade. Textos, no caso, não são apenas os escritos, incluem também, as discussões e suas reverberações no seio de uma determinada cultura, institucional ou não.

Assim, mergulhar no entendimento da obra de Klein, é uma forma de aprofundarmos o próprio entendimento da Psicanálise, através do conhecimento das fontes que inspiram o movimento de ideias em nosso campo.

A leitura dos textos de Klein exige um grande empenho do leitor, que precisa de tempo para estudá-los, para poder separar o que é uma observação clínica daquilo que é uma especulação teórica, repleta de consequências.

Klein desenvolve sua vocação psicanalítica impelida pelo desejo de compreender os mecanismos da inibição que impedem uma criança de desenvolver plenamente suas capacidades emocionais e cognitivas. Descobre progressivamente que esta criança é vítima de uma tirania imposta por suas fantasias inconscientes destrutivas que a impedem de exercer sua curiosidade sobre o mundo das coisas e das pessoas, inclusive sobre si mesma. O medo é a base da tirania e gera uma realidade psíquica coercitiva baseada na lei do talião e na violência da pulsão de morte. Só a libertação de nossa capacidade de amar, baseada na compreensão da lógica que subjaz às nossas fantasias inconscientes, pode nos liberar e permitir o pleno florescer de nossas capacidades afetivas e intelectuais. Temos neste começo de suas indagações, as raízes de sua concepção daquilo que chamou instinto epistemofílico e, depois, pulsão para conhecer. Esta ideia deu origem, posteriormente, à proposta dos elos K e -K na obra de Bion.

Pascal dizia que os instintos são as razões do coração sobre as quais a razão nada sabe. Klein procura decifrar essas *razões* do coração através da compreensão do sentido e significado daquilo que ela caracteriza como fantasias inconscientes. As fantasias são derivadas e, ao mesmo tempo, organizadoras das experiências emocionais, que se constituem em núcleos geradores de significado que, por sua vez, colore nossas emoções e interferem com nossas percepções. Fantasia inconsciente é antes de tudo um *modo ativo de pensar* inconsciente que adquire certa estabilidade, que gera significados que vão se agrupar em torno de um *núcleo atribuidor de significados*, que opera como um organizador da vida psíquica e, assim, cria elos com outras experiências emocionais. Fantasias inconscientes traumáticas *dão forma* a uma situação vivida, e que num primeiro

Por que Klein?

momento, foi incompreensível e intolerável. No entanto, ao se constituir num núcleo de significados da vida psíquica, acaba também por deformar as demais experiências emocionais a ela associadas, tornando-se, apesar de seu dinamismo, um modo potencialmente deformante de atribuir significado a outras experiências emocionais. Em algumas circunstâncias traumáticas uma fantasia inconsciente pode congelar a vida psíquica.

Em Klein, as emoções passam a ser consideradas na estrutura psíquica como algo comparável ao tecido conectivo e operam como *elos* entre os diversos níveis das instâncias psíquicas e as vivências correspondentes. É Bion, mais uma vez, um dos mais criativos continuadores do pensamento kleiniano, que desenvolverá, este aspecto com grande riqueza ao estudar os ataques a estes *elos de ligação*.

Para Melanie Klein e seus continuadores, as pessoas não sofrem apenas devido a carências, traumas ou repressões. Elas sofrem também de falta de experiências emocionais que propiciem crescimento. Nesta perspectiva, não basta que a psicanálise seja efetiva no levantamento de repressões que impedem certos pensamentos ou sentimentos de virem à luz, ou que propicie um ambiente facilitador, que permita reparar situações de carências passadas. A presença da cisão e da identificação projetiva aponta para uma mente fragmentada, na qual as diversas instâncias psíquicas não se comunicam, e que tem sua capacidade de simbolizar prejudicada. Esta limitação na capacidade de criar símbolos e, portanto, de pensar as emoções de forma mais rica, cria uma atmosfera interna de vazio, de falta de sentido para a vida. Nestas condições, certos pensamentos, nunca chegam sequer a ser formulados. Em Klein o “vazio” emocional não equivale a uma tela em branco. Ao invés de um “branco” emocional, temos este espaço psíquico preenchido por uma força negativa antívida. Trata-se de um zero negativizador. Um dos legados desta concepção será desenvolvido e muito ampliado por Bion (emoções negativas e negativizantes); Rosenfeld e André Green (a força do negativo, inspirada também em Hegel) ao tratarem do narcisismo.

Para Melanie Klein a própria razão e o princípio da realidade não existem no vazio, provêm de algum lugar e, assim, estão também sujeitos não só a conflitos e bloqueios, mas também resultam principalmente de uma deficiência na capacidade de construir um *aparelho para pensar*. Ao modelo amplificado que incluía não apenas mecanismos de defesa para eliminar conteúdos geradores de ansiedade da consciência, Klein adiciona a possibilidade do próprio ego e seus objetos internos cindirem-se, da mesma forma que funções mentais podem ser eliminadas por este mesmo processo.

Uma das implicações de suas observações e hipóteses é a de que a personalidade é constituída de diversos níveis que atuam concomitantemente, ora em consonância e harmonia, ora em conflito aberto. Assim, aspectos infantis da

Por que Klein?

personalidade atuam simultaneamente com aspectos adultos, ora dominando a personalidade cooptando o adulto para um funcionamento mental de caráter infantil, ora integrando-se na forma de funcionamento adulto. Estas diversas instâncias com suas lógicas próprias podem ou não estar em comunicação entre si e com o mundo externo. Está implícito nesta abordagem a diferenciação entre a criança histórica e o infantil (o *infans*) como instância psíquica.

Estas ideias serão posteriormente aprofundadas por Bion, Britton, Steiner, Meltzer, Rosenfeld e Ferro, entre outros.

Bion utilizou-se da metáfora do parteiro da mente para se referir à função do analista, da mesma forma que a mãe exerce esta função ao cuidar emocionalmente do bebê, na medida em que seja capaz de, através da função de *rêverie*, internalizar e digerir as experiências emocionais que são intoleráveis para o bebê. Poderia ainda acrescentar que esta perspectiva gera a ideia de que a sessão é uma incubadora de novas formas simbólicas.

Ao trabalharmos orientados por um hipotético conceito de normalidade, nosso modelo de patologia estará baseado numa avaliação do custo que o indivíduo paga por resistir à assimilação de novas experiências e, desta forma, se condena a uma superficialidade emocional, que se manifesta na maneira como se relaciona com as pessoas e com o mundo em geral. Esta talvez seja uma das teses centrais de Melanie Klein.

Gostaríamos de enfatizar a importância do conceito de posições para entendermos os processos de constituição da subjetividade. O conceito de posição foi introduzido por Klein e seu estudo foi muito ampliado, sobretudo por autores como Thomas Ogden, John Steiner e Ronald Britton.

Posições são, antes de tudo, maneiras de gerar e organizar a experiência e de se relacionar com os afetos em função da ansiedade predominante. Estas operam através de uma oscilação contínua de caráter dialético e seguindo certo movimento em espiral. Uma posição só existe em relação à outra. A primeira delas, a esquizo-paranóide tem como *modus operandi* básico uma dinâmica baseada na necessidade de livrar-se do excesso de ansiedade, através de um corte violento em relação àquela. Ela se defende da ansiedade persecutória cindindo-se, projetando, negando as emoções. Sob a égide de seu funcionamento as experiências são descontextualizadas e, portanto, tornam-se a-históricas, existem fora do tempo, as diversas redes de afetos que nos constituem são desconectadas umas das outras, a capacidade de criar símbolos fica empobrecida, os aspectos expressivos da experiência perdem força.

Por sua vez, a posição depressiva visa integrar afetos às vezes contraditórios através de um trabalho de elaboração que envolve produzir símbolos capazes de conter as experiências emocionais através do pensamento. Ela situa as experiências num contexto histórico e amplia seus significados através da conexão de redes afetivas. Ronald Britton amplia de forma seminal as

Por que Klein?

consequências da interação permanente e dialética destas duas posições. Ele associa esta dialética a um processo complexo de desenvolvimento progressivo da capacidade de integração interativa que conduz a momentos de progressão e regressão embora nunca retornem exatamente ao plano anterior.

Outro conceito importante, e com vários desdobramentos, na obra de Klein é o de identificação projetiva. Para nós um ponto central presente na noção de identificação projetiva está no fato de que ela, através dos processos que a constituem, envolve escolhas e intensas negociações entre sujeito e objeto tanto no plano intrapsíquico quanto no intersubjetivo. Estas negociações estão longe de seguir uma lógica unidirecional. A identificação projetiva modifica a identidade e a percepção dos agentes envolvidos e se relaciona diretamente com a constituição da identidade de ambos os elementos da dupla, e particularmente, de como esta identidade é vivida. A questão no caso é saber quando o sujeito é sujeito de seus sentimentos e desenvolve o que Ogden chamou de *I-ness* (eu-dade) — ou quando é “*vivido por seus sentimentos*”, constituindo uma vivência no *me-ness* (mim-dade, melhor tradução para este neologismo) para usar uma terminologia do próprio Ogden (1996). A questão envolvida é a posição do Ego frente a experiência, ou seja se ele a vive ativamente ou passivamente. E neste contexto a operação da identificação projetiva é central pois esta destitui o sujeito de sua “Eu-idade”.

Gostaria também de ressaltar, como o faz Susanna Goretti (2006) que a introdução do conceito de identificação projetiva modificou toda a psicanálise, ainda que estas modificações não sejam explicitamente atribuídas à introdução deste termo. Como diz Garcia Marques (1994): *Las ideas no son de nadie. Andan volando por ahí, como los ángeles*.

Klein (1946) ao sugerir que o paciente projeta *para dentro* da mente do analista e não *sobre* este, introduz a ideia de que o paciente *faz* alguma coisa com a mente do analista, seja na realidade ou em fantasia, e nesse processo induz sentimentos associados a *um convite à ação*, seja para que este sinta certos sentimentos ou engaje-se no desempenho de um determinado papel. De certa forma poderíamos dizer que quem projeta, infecta o outro com uma nova identidade. Temos aqui implícito, dentre outros, o conceito de *enactment*, também central para nossas reflexões atuais. Decorre desta afirmação a progressiva incorporação às ideias psicanalíticas vigentes de que boa parte dos movimentos na sessão só podem ser compreendidos como fenômenos *intersubjetivos*. Roosevelt Cassorla (2015), entre psicanalistas brasileiros, tem desenvolvido essas ideias com grande maestria.

Esta proposição tem impacto direto na maneira como a contratransferência passa a ser vista do ponto de vista clínico. Na história dos conceitos psicanalíticos poderíamos dizer que no início a contratransferência poderia ser vista como análoga a uma fotografia de um momento relacional. Posteriormente, com a

Por que Klein?

evolução da compreensão da relação analítica como um processo inter-relacional (bi-pessoal), a contratransferência passou a ser comparada analogicamente a um filme, algo que resulta da movimentação de muitas fotografias (Ferro, 1995, 1999). A partir desse momento deixamos de poder falar em contratransferência isoladamente e passamos a associá-la aquilo que Bion denominou *revêrie*. Nesse momento os processos mentais em curso na mente do analista se tornaram o foco da investigação e o campo a partir do qual a interpretação é elaborada. Desta implicação subjacente nasce toda a obra de Bion, Ogden, Britton dentre outros.

É curioso notar como o conceito de identificação projetiva dá conta de certos fenômenos descritos pelos grandes romancistas de nosso tempo. Balzac, por exemplo, observa: “*O vício não pede nada, se faz oferecer tudo.*”

Esta observação de um personagem de Balzac toca num dos aspectos centrais do conceito tal qual o usamos hoje, ou seja, como uma pessoa através de palavras, ou mesmo sem utilizá-las, leva um outro a sentir determinados sentimentos, altera sua percepção, induz papéis e assim convida os membros da dupla interagindo a se comportar de acordo com um padrão que não é o seu, ou melhor, dizendo *que é e não é o seu* o padrão. A identificação projetiva afirma e nega o sujeito concomitantemente. É desta maneira que, através de identificações projetivas, o sujeito deixa de ser sujeito e modela o mundo de acordo com suas necessidades viciadas.

Um dos problemas envolvido nos fenômenos descritos sob o termo identificação projetiva centra-se na questão de como esta é transmitida para o outro seja sob a forma de sentimentos ou de indução de papéis, como símbolo discursivo ou representativo-imagético. Neste contexto quando Bion e Rosenfeld referem-se ao aspecto comunicativo da identificação projetiva, estamos pensando em algo mais do que aquilo englobado pelo termo *informar*. A identificação projetiva faz mais do que informar sobre um estado de espírito, como já mencionamos nos parágrafos anteriores, ela está mais próxima da ideia de *inocular, infundir do que de informar*, daí o papel da evocação e da expressividade nos processos de constituição simbólica.

Para melhor compreendermos esta questão vamos nos referir ao fenômeno da expressividade tal qual descrito na filosofia da arte. Este termo, da maneira que o estamos empregando agora, se referia inicialmente a um aspecto da arte que não visava apenas descrever ou representar emoções, mas centralmente transmiti-las produzindo-as no outro ou em si mesmo a partir de uma evocação uma representação mental colorida pela emoção. A expressividade precede a capacidade comunicativa através de palavras.

A evocação é uma forma de expressão não-discursiva, ainda que seja no mais das vezes permeada por verbalizações do paciente e como consequência permitindo que apareçam conexões outras que não as próprias da lógica

Por que Klein?

discursiva, mediada por palavras, ampliando desta maneira as formas de representações das relações afetivas.

As evocações frequentemente assumem formas imagéticas³, que propomos ser igualmente representativas dos sentimentos envolvidos na relação viva daquele momento, e que supomos que seja expressiva da relação com os outros e com o mundo. Na perspectiva kleiniana estamos falando das identificações projetivas que Bion, por sua vez, considerava ser uma forma de pensamento pré-verbal uma matriz primitiva de ideogramas.

Para finalizar, retomamos às palavras publicadas na internet, citadas acima: “*Quem come do fruto do conhecimento é expulso de algum paraíso.*” Palavras que falam exatamente deste encontro e desencontro e novamente encontro do conhecimento; que nos impele em direção a mantermos uma atitude de curiosidade e de vitalidade no exercício diário de nossa atividade profissional. Enfatizamos, também, que o estudo da dinâmica constitutiva da obra de Melanie Klein nos ajuda a compreender os mecanismos internos que regem os processos de expansão conceitual da própria psicanálise.

Kristeva (1978, p.72) afirma: “*todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto*”. Se textos forem estudados desse ponto de vista poderemos concluir, por exemplo, que um conceito tão contemporâneo como o de *revêrie* já estava semeado na obra de Freud na noção de atenção igualmente flutuante, embora naquele momento ainda isolado de uma relação intersubjetiva. Dentro deste ângulo a questão da *rêverie* e da intersubjetividade (tão contemporâneas!) estava presente de forma prenhe no conceito de identificação projetiva introduzido por Klein. Melhor dizendo, é impossível entendermos a questão da importância da intersubjetividade, sem conhecermos suas relações com a problemática da identificação projetiva, um termo que contém em si uma imensa complexidade.

É, apenas quando, ampliamos nossa capacidade de comunicação conosco (e em consequência também com os outros), através da permanente criação de novos símbolos — base da construção de pensamentos — que desenvolvemos capacidade para lidar com o sofrimento psíquico e criamos as condições para uma compreensão mais profunda do mundo humano que nos cerca. Nessa perspectiva, é através da *verdade psíquica* que o paciente descobre sobre si mesmo, e que previamente não era capaz de pensar ou sentir, portanto de colocar em palavras, que o indivíduo torna-se capaz de viver a vida que antes permanecia *não vivida*, para usar uma expressão cara a Winnicott (1974).

³ Estamos utilizando a palavra “imagem” no mesmo sentido que Susanne Langer (1967) o faz, ou seja, como definida cruamente com um material da imaginação. (página 59)

Por que Klein?

Acreditamos ter destacado, mesmo que brevemente, algumas das contribuições mais relevantes na obra de Melanie Klein e sua influência na Psicanálise ontem, hoje e amanhã.

Referências bibliográficas

Botella, C.& Botella S. (2001). *La figurabilité psychique*. Paris: Delachaux et Niestlé.

Botella,, C; Botella, S. (2005). *The Work of Psychic Figurability*.
Brunner and Routledge.

Cassorla, R. M.S. (2015) *O psicanalista, o teatro dos sonhos e a clínica do enactment*. London: Karnac.

Goretti, G. (2007) *Projective identification: A theoretical investigation of the concept starting from 'Notes on some schizoid mechanisms'*. Int J Psychoanal 2007;88:387–405

Klein, M. (2017). *In Lecturers on Technique by Melanie Klein*. London: Routledge.

Kristeva, J. (2000). *Le Génie Féminin*. Volume 2 Melanie Klein. Paris : Fayard.

Langer, S. (1967, 1982). *Mind: an essay on human feeling*. Baltimore e London: Johns Hopkins University Press.

Laplanche, J. (1987). *Le Barquet. La transcendance du Transfert*. Paris: Presses Universitaire de France.

Laplanche, J. (1987). *Nouveaux Fondements Pour la Psychanalyse*. Paris : PUF.

Marques, G. (1994). *Del Amor y Otros Demônios*. Madrid: Editora Norma.

Por que Klein?

Ogden, T (1994). *Subjects of Analysis* . Northvale, NJ: Janson Aronson/London Karnak.

Ogden, T. (1997). *Revêrie and Interpretation*. Northvale, New Jersey and London: Jason Arosonson Inc.

Ogden, T. (2011). Reading Susan Isaacs: toward a radical revised theory of thinking. *Int J. Psychoanal* 92: 925-942.

Paz, O. (1984). *Os filhos de barro*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira

Petot, J.M.(1979). *Melanie Klein* vol 1. Paris Dunod.

Petot, J.M. (1987). *Melanie Klein I*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Rocha Barros & Rocha Barros (2016). *The function of evocation in the working-through of the countertransference; projective identification, reverie, and the expressive function of the mind-Reflections inspired by Bion's work in The W.R. Bion Tradition*, Edited by Howard Levite and Giuseppe Civitarese. London: Karnak

Rolland, J.C. (2006). *Avant d'être celui qui parle*. Paris: Gallimard.

Steiner, J. (2017). *Introduction, Outline and Critical Review of Klein's Lectures and Seminars on Technique*. In *Lecturers on Technique* by Melanie Klein. London: Routledge.

Apresentação

Por que Klein hoje?

Por que Melanie Klein? E por que hoje? Essas são as perguntas que iluminam este livro. Pensar na transmissão do legado de Klein leva diretamente aos efeitos que seus escritos vêm produzindo e à infinidade de autores que se seguiram, pelo mundo afora. Trata-se, pois, de obra seminal, cujas concepções contêm sementes de futuros pensamentos, suscitando, alimentando e criando uma posterioridade viva.

Não há dúvidas de que o alcance de um autor se mede em sua posterioridade, em sua capacidade de nutrir o pensamento e suscitar novas formas de fazer terapêutico e de compreensões conceituais. Movidas por toda essa fecundidade de Klein, apresentamos, neste livro, as reverberações de sua obra em vários autores, clássicos e contemporâneos, de uma maneira própria à nossa compreensão e trajetória.

Seguindo o projeto iluminista de Klein, e a sua proposta de entrar em contato com a experiência emocional, só poderíamos escrever este livro a partir de nossos encontros significativos com as pessoas e com os pacientes que tivemos a sorte de encontrar e que foram se tornando nossos objetos internos, na lenta incorporação do vivido. Sem nossos objetos internos não podemos viver. São eles que nos encorajam a nos voltarmos para os outros, a lidar com os enfrentamentos cotidianos, a realizar façanhas heróicas, ou nos deixam isolados e perdidos em nossa arrogância e onipotência.

Os objetos internos – os nossos e os de nossos pacientes – nos dão muito trabalho e nos fazem buscar um equilíbrio energético, ainda que sempre instável, entre a força das pulsões e a rede das primeiras simbolizações. Sem eles, a energia pulsional, por ser uma força cega, tenta abrir passagem de forma direta, através da repetição, do *acting out* e dos *enactments*. Uma trama de objetos com traços *iluministas* ajuda muito quando somos obrigadas a lutar com os

Por que Klein?

objetos internos arcaicos, que continuam ativos nas camadas profundas de nosso superego e podem nos paralisar.

Com o passar do tempo, a própria Melanie Klein se tornou para nós um objeto interno de amor e de conhecimento, nos incentivando a trabalhar a onipotência, a arrogância, o narcisismo, a impossibilidade de fazer lutos, de deixar passar o passado; enfim, o núcleo de loucura que existe em cada um de nós. A genialidade de sua obra se avalia também nesses efeitos minúsculos e inconfessáveis, no íntimo de cada análise e da vida cotidiana, sem desconsiderar os efeitos mais visíveis na imensa produção de seus seguidores mais conhecidos. Entre eles, estão Bion e Winnicott, além de muitos outros que beberam das intuições kleinianas; mais tarde, também os leitores franceses se juntaram a eles, como Pontalis, Green, Roussillon, Florence Guignard. E temos, ainda, os autores ingleses e americanos, como Rosenfeld, Searles, Grotstein, Ogden, Bollas, Britton, Caper, Hinshelwood, Symington, Steiner, além de dois bionianos italianos, Bolognini e Antonino Ferro.

Entre os autores franceses, Julia Kristeva, tão ligada às obras de Freud e Lacan, escreve um livro em que celebra a genialidade de Melanie Klein, destacando a permeabilidade à angústia que se escondia em uma segurança aparente:

A coabitação com a angústia, simbolizada, e por isso mesmo possível de se conviver com ela, posto que elaborada através do pensamento, deu a ela o gosto e a força de não recuar diante da psicose. .. [isto nos lembra que] a liberdade sempre se fortalece através das experiências-limítrofes (KRISTEVA, 2000, p. 21).

Klein, destaca Kristeva, não se dedicou aos aspectos políticos da loucura, mas ampliou seu conhecimento “ao descobrir no recém-nascido um ego ‘esquizo-paranoide’, ou ao constatar que a posição depressiva é indispensável para adquirir a linguagem”, precisando com destreza “os mecanismos profundos que levam à destruição do espaço psíquico e ao assassinato da vida do espírito que ameaçam a era moderna” .

(...) através dela a psicanálise nos conduziu ao cerne da psique humana para aí descobrir a loucura, que é ao mesmo tempo seu motor e seu impasse. A obra de Melanie Klein é daquelas que mais contribuíram para o conhecimento de nosso ser na medida em que ele é um mal-estar, sob seus diversos aspectos: esquizofrenia, psicose, depressão, mania, autismo, atrasos e inibições, angústia catastrófica, fragmentação do eu, entre outros. E se não nos fornece chaves mágicas para evitá-lo, ela nos ajuda a lhe dar um acompanhamento ótimo e uma

Por que Klein?

chance de modulação com vistas a um renascimento, talvez (KRISTEVA, 2000, p. 21).

O mal-estar acima descrito pode ser associado ao grande mal-estar social dos últimos cento e vinte anos, e ambos podem se ligar ao que Kristeva chamou de *destruição do espaço psíquico*, pensado por Klein, e ao *assassinato da vida do espírito*, pensado por Hanna Arendt. Pois foi essa destruição, assim consideramos, que levou aos crimes nazistas, aos genocídios comunistas, ou raciais do século XX, e que ainda leva aos incontáveis fundamentalismos do nosso momento histórico.

O mal-estar atual provém de não se poder pensar, não se poder criar um espaço psíquico no qual a destrutividade e a violência possam se abrigar e ser vividas no plano simbólico, mais do que por meio de atos impulsivos e impensados. Um lugar de contato, no qual ao menos uma parte da violência possa se transformar em desejo de conhecer e em obras da cultura, a serviço do bem-estar. Este foi, afinal, o sonho iluminista de Freud e de Klein: ampliar o espaço psíquico.

E é justamente o que buscamos neste livro! Com a intenção de revelar a potência do pensamento clínico kleiniano, percorremos uma trajetória diversa de outros tantos que já foram escritos, inclusive o produzido por uma das autoras junto com Luís Cláudio Figueiredo, *Melanie Klein: Estilo e Pensamento* (2004).

Ao mesmo tempo em que apresentamos os conceitos kleinianos, também indicamos ao leitor algumas de suas expansões, trazendo para o diálogo psicanalistas contemporâneos que estudaram em profundidade a obra de Klein, não sendo, necessariamente, considerados kleinianos.

Para lembrar a capacidade da obra de Melanie Klein em disseminar e criar novos pensamentos, faremos referência, em especial, a três autores que podemos considerar como herdeiros de sua linhagem: Bion, Winnicott e Ogden.

Outra característica deste livro é que usamos filmes, livros, poesia para refletir acerca dos conceitos, tornando a árdua apresentação teórica um pouco mais lúdica, no sentido winnicottiano do termo, que considera o brincar um ato de criação. Além disso, alguns textos aqui reunidos já foram anteriormente publicados, em revistas e livros de colegas psicanalistas; outros se baseiam em artigos e livros nossos. Fomos então recolhendo as várias referências à obra de Klein que marca nossa trajetória acadêmica e clínica, para oferecer ao leitor um conjunto inédito construído a partir de nossa parceria.

INTRODUÇÃO

Klein (1955/1996b) nos trouxe várias contribuições conceituais que expandiram o conhecimento psicanalítico, como a noção de objetos internos e de que as relações objetais estão presentes desde o início da vida. Nunca abandonou a ideia de um conflito entre pulsões de vida e de morte, tal como descrito por Freud, nem a dimensão das intensidades, ou seja, o vértice econômico. Entretanto, ao enfatizar o universo dos objetos e dos cenários de fantasia, ampliou a compreensão dinâmica da psique, postulando que todos os aspectos do funcionamento psíquico estão vinculados a objetos internos e externos em constante transformação.

As relações iniciais de objeto são compreendidas por Klein como ambivalentes; amor e ódio se apresentam desde os primórdios e marcam a experiência com o mundo interno e externo. O início da vida é, pois, uma experiência emocional caótica, com momentos em que predomina o sadismo, que é a mais pura expressão da intensidade e do caráter violento das demandas de amor e atenção. É a época das oscilações entre tudo e nada, dos desejos insaciáveis de amor e de destruição, da exigência de permanência do outro ao nosso lado, ou de retraimento radical deste outro que nos feriu.

Sem descanso, Klein dirige nosso olhar e nos torna sensíveis aos aspectos trágicos da existência humana: amor, ódio, perdas, ansiedades, tédio, compaixão, morte, fadigas, julgamentos condenatórios, persecutoriedade, rejeição e, por fim, a inveja e suas mortíferas estratégias de destruir o valor de tudo que a vida nos ofereceu.

De fato, talvez a primeira questão que nos desperte atenção no trabalho clínico de nossa autora seja sua capacidade de se manter próxima à experiência de sofrimento e à angústia dos pacientes. Com a angústia, atingimos o solo mais básico do funcionamento psíquico, tocamos naquilo que é mais visceral, mais íntimo, mais profundamente determinante de toda a organização psíquica. Melanie Klein acreditava ser esse o fio condutor mais “nevrálgico” da escuta analítica, o que melhor conduz à infraestrutura do acontecer psíquico. A hipótese é de que, escutando e intervindo no registro da angústia, atingimos o nível das forças que geram o sofrimento psicótico e produzem a neurose, em sua dimensão inconsciente e inacessível; para aproximar-se desse núcleo, é imprescindível, porém, uma escuta sensível, a *Einfüllung*, da qual falam Freud e Ferenczi.

Por que Klein?

Podemos afirmar, aliás, que sem ressonância empática - *Einfüllung* - com o sofrimento do paciente não é possível conduzir uma análise. Melanie Klein se apropria profundamente dessa empatia em sua escuta analítica, sendo herdeira, portanto, de Ferenczi neste aspecto. Por outro lado, é possível dizer que o aparelho psíquico em Freud, Abraham e Klein é predominantemente intrapsíquico, ao passo que em Ferenczi e nos herdeiros de Klein - Bion, Winnicott e os psicanalistas contemporâneos -, o psiquismo passa a ser pensado de forma intersubjetiva; isto é, constituindo-se na trama de relações com os outros sujeitos psíquicos, sem nunca deixar de lado a dimensão intrapsíquica.

Na verdade, o que a aproxima de Sándor Ferenczi, seu primeiro analista e que muito incentivou o seu trabalho com crianças, foi o aprendizado da seguinte forma de escuta: primeiramente, dirigir a atenção às forças produtoras do conflito e da dor, para, apenas num segundo momento, discernir o caminho de desconstrução das defesas, dos modos de ser no mundo que estariam impedindo, mutilando e inibindo a livre manifestação da vida psíquica.

O que se pode afirmar com segurança quanto ao legado kleiniano é que a ênfase da autora nas noções de introjeção e projeção, e os desdobramentos do conceito de identificação projetiva permitiram que se percebesse de maneira mais nítida a importância de o analista entrar em contato com os sentimentos e pensamentos do paciente, para sentir de forma pessoal o que se passa com ele. Nessa tradição, as funções materna e analítica de receber, conter, elaborar e devolver, digerindo os conteúdos primitivos da criança e do paciente – a *rêverie* – tornaram-se a base das mais importantes transformações na técnica analítica nas últimas décadas. E foram essas modificações que permitiram a análise de crianças, psicóticos e demais perturbações do eixo narcísico, como a melancolia e algumas depressões.

Klein construiu todo o edifício de sua obra a partir da criação de um verdadeiro pensamento clínico. E embora não possamos situá-la na linhagem da intersubjetividade, a sua teoria da identificação projetiva, à medida que foi sendo apropriada por seus herdeiros, tornou-se, ao lado das contribuições de Ferenczi, a matriz da noção de contratransferência, tal como entendida por Paula Heimann, das futuras noções de campo, das teorias da situação analítica e do terceiro analítico.

Por que Klein?

Inovações técnicas de Klein e suas reverberações em autores clássicos e contemporâneos

Importante destacar que, para tratar a psicose e os casos-limite, quando a capacidade de associação livre do paciente não está fluente, ou ainda é impossível, e por ter cuidado de crianças desde o início, Klein teve de inventar técnicas que tornaram possível uma escuta psicanalítica ali onde o analista necessita praticamente criar, junto ao paciente, caminhos e trilhas associativas, quando estas estão ausentes ou precariamente constituídas. Ousou, então, fazer os *enxertos* simbólicos necessários ao trabalho com os casos mais difíceis, como o de Dick.

É a partir de Klein que Bion pensou a necessidade de dar *continência* às expressões dos pacientes, qualificando essa atitude, essa operação mental por meio da noção de *rêverie*, incorporada a grande parte das práticas psicanalíticas atuais.

A tarefa de abrir novos caminhos para ter acesso à palavra e à narração de uma história é, indiscutivelmente, um mérito de Melanie Klein, certamente a primeira psicanalista a praticar, de forma intuitiva, a *rêverie* ou a capacidade de sonhar (*dreaming*) para se referir ao trabalho psíquico inconsciente que precisa ser feito sobre a experiência emocional. De maneira mais evidente que Freud, Klein chamou a atenção para a experiência emocional avassaladora, para as angústias e os medos arcaicos, que podem ser reunidos sob o nome de angústias de aniquilamento, as quais são tão difíceis de elaborar que é impossível fazê-lo sozinho.

Ogden, por sua vez, relendo intensamente a obra de Bion, redescobre nela quatro princípios subjacentes ao pensamento bioniano. Vejamos então como é possível discernir a herança kleiniana em cada um deles:

- (1) O pensamento é impulsionado (*driven*) pela necessidade humana de conhecer a verdade, a realidade de quem somos nós e do que se passa em nossa vida;
- (2) É necessária a presença de duas mentes para pensar os pensamentos mais perturbadores de uma pessoa;
- (3) A capacidade de pensar é desenvolvida, para que uma pessoa se reconcilie com pensamentos que nascem de sua experiência emocional perturbadora.

Por que Klein?

(4) Existe, inerente à personalidade, uma função psicanalítica: o sonhar – ou a *rêverie* – esse é o processo principal, através do qual esta função se manifesta (OGDEN, 2009, p. 91)⁴.

Em relação ao primeiro item, não há dúvidas de que a necessidade humana de conhecer a verdade diz respeito à aspiração iluminista de que falamos acima e que marcou toda a vida de Klein, tanto em relação a si mesma como aos pacientes. Isso pode ser verificado desde o início de sua obra, desde o seu primeiro caso, o pequeno Fritz, quando sustentava a importância do *impulso epistemofílico* (Klein, 1923) que se encontrava inibido nele - mais tarde, descobriu-se que se tratava, na verdade, de seu filho mais novo.

A partir da repressão do desejo de saber mais a respeito da origem dos bebês e da participação do pai na origem da vida, Fritz havia construído uma série de inibições intelectuais e afetivas que o estavam impedindo de continuar o seu desenvolvimento. Klein demonstra, com esse caso, que é sempre possível lançar a luz da razão e de uma compreensão empática sobre os aspectos mais obscuros do psiquismo, de modo a diminuir o peso de preconceitos e de julgamentos morais, os quais não são guiados pelo desejo de conhecer os aspectos mais hostis da realidade, as raízes profundas da violência e das práticas mais primitivas da dominação dos outros, como os conflitos e as guerras.

Já em relação aos outros itens elencados por Ogden (2009), diríamos que, quando não consegue pensar por si só a experiência emocional perturbadora, o sujeito precisa da ajuda de outra pessoa para sonhar “os sonhos não sonhados e os gritos interrompidos” (OGDEN, 2010, p.17). Uma pessoa que não consegue narrar-se a si mesma e se encontra no centro de um movimento de “deixar-se falar pelos outros”, de certa forma, “não existe”. É trágico e radical dizer isso. Lembra a sensação de alguns pacientes que se encontram amortecidos e precisam ser vitalizados e despertar. Precisam sair de um estado em que são habitados por vozes e olhos alheios, por assombrações que os impedem de ter uma mente própria. Eles ainda não entraram no tempo histórico e só conseguem repetir o que ouviram. O trabalho contínuo e sistemático para engendrar e transformar as **posições depressivas** é o que leva a entrar no tempo histórico, à posição de tornar-se narrador: aquele que reúne passado, presente e futuro, saindo da captura imaginária a respeito de si mesmo. Muitos se encontram encerrados em uma ideia fixa acerca

⁴ Tradução nossa.

Por que Klein?

de si, na prisão de não conseguir pensar-se fora de um casulo de imagens e representações que se congelaram.

No caso da situação analítica, é o analista que poderá dar início ao que Ogden chamou de uma conversação aparentemente *não analítica*. Assim, enquanto atende, e sendo guiado por sua *rêverie*, Ogden ousa se libertar para assuntos que estão *aparentemente* fora da estrita análise do funcionamento mental, e começa a falar com alguns pacientes acerca de livros ou obras de arte. Essa conversação aparentemente não-analítica vai funcionar como uma placenta; será a matriz da futura associação livre que estava aprisionada nas defesas, e a partir dessa estratégia, libera-se o paciente a entrar em um processo analítico clássico. Nessas conversações, misturam-se processos primários e secundários que permitem a instalação da capacidade de devanear do paciente, o *falar-como-se estivesse-sonhando*. Do lado do analista, essas *rêveries* trazem a compreensão e o *insight* a respeito do que está acontecendo na transferência e nas outras relações dos pacientes.

Ter acesso à *rêverie* é vivido por alguns pacientes como um despertar, um verdadeiro nascimento para outra experiência emocional; somente então se tornam capazes de narrar a própria vida e entrar no jogo da associação livre. “Uma vida que não é narrada não existe” - afirmou o escritor português Lobo Antunes. Trata-se de uma ideia contundente.

Outro exemplo da notável frutificação de sementes do pensamento kleiniano está no livro *Sujeitos da Psicanálise*, de Ogden (1996). O autor pensa as posições esquizo-paranoide e depressiva como diferentes formas de atribuir significado à experiência emocional, o que é diferente de dizer que há duas formas de funcionar, como proposto por Klein, e dizer que há duas formas de dar sentido à existência, uma que é esquizo-paranoide, outra que é depressiva.

A expansão de um pensamento está precisamente nestes pequenos deslocamentos de sentido. Ogden (1996) faz mais um deslocamento, ao afirmar, de modo mais explícito do que Klein, que essas duas formas não existem separadamente, mas em uma relação dialética entre si. Traz então a noção hegeliana de dialética para dentro da intuição de Melanie Klein, como estratégia para ampliar a original, de fazê-la trabalhar de um jeito novo.

O autor destaca, ainda, que cada uma das maneiras de dar sentido à existência exige a outra, e que elas oscilam da mesma forma que, para Freud, a mente consciente só tem sentido em relação à mente inconsciente, ambas não existem em separado. “O sujeito kleiniano – afirma Ogden (1996, p. 30) – não existe numa determinada posição ou nível hierárquico de posições, mas numa tensão dialética **entre** posições”. Disso podemos inferir que o lugar do sujeito em

Por que Klein?

psicanálise é um *lugar em movimento temporal*, e pode ser mais bem apreendido ao afirmarmos que o sujeito psíquico é uma *relação* entre dois lugares, entre duas maneiras diferentes de dar sentido à experiência. Nessa perspectiva,

A posição esquizo-paranoide é uma organização psicológica que produz um ser a-histórico, relativamente desprovido da experiência de ser um sujeito que interpreta, que possa fazer a mediação entre a sensação de si mesmo e a própria experiência sensorial vivida. Esse modo esquizo-paranoide de dar sentido à experiência contribui para a sensação do caráter imediato e da intensidade da experiência (OGDEN, 1996, p. 31).

De outro lado, a posição depressiva cria um sujeito narrador de si, que é capaz de interpretar o vivido e fazer a mediação entre si mesmo e a experiência sensorial, o que permite entrar no tempo histórico, acessando passado e futuro. A posição depressiva permite reconhecer os outros como sujeitos totais e independentes, com uma vida interna semelhante à nossa própria, dando origem à capacidade de cuidar do outro, sentir culpa e fazer reparações não mágicas aos danos praticados na imaginação e na realidade e aumentando a tolerância à dor e à frustração; enfim, gerando uma qualidade de vida que possui uma riqueza de significados simbólicos.

Na verdade, seguindo a intuição de Klein quanto à oscilação constante entre as duas posições, Ogden (1996) situa o sujeito entre sucessivos processos de clivagem e de integração e que então se constitui porque oscila entre posições, porque se temporaliza; seu processo de constituição faz dele um sujeito em perpétua errância, de passagem, um ser em devir.

Inevitável pensar que essa leitura de Klein é uma maneira criativa de usar a sua descoberta. Retomando, o último ponto mencionado, Ogden (1996) nos descrystaliza, ao dizer que a posição depressiva, com sua historicidade e capacidade de criar símbolos, não deve ser pensada como o lugar por excelência do sujeito na teoria kleiniana, assim como o inconsciente também não é o lugar do sujeito freudiano, como pensam alguns. Em Freud e em Klein, o sujeito psicanalítico é sempre nômade, perpetuamente em trânsito, entre consciente e inconsciente, entre o polo esquizo-paranoide e o depressivo, no “espaço e na tensão criada pela inter-relação dialética das diferentes dimensões da experiência” (OGDEN, 1996, p. 43).

Outro campo em que o pensamento de Klein gerou frutos diz respeito ao fenômeno da **identificação projetiva e da contratransferência**. Antes dela, o analista concentrava-se na vida

Por que Klein?

psíquica do paciente; mas, a partir de suas teorizações, passou-se a considerar mais o funcionamento mental do analista, através de sua *rêverie*, e sua participação durante a sessão.

A ideia de que tudo o que o analista pensa e sente faz parte da transferência inspirou vários autores que vêm se dedicando à concepção de *campo analítico*, gerado pela dupla paciente e analista. Vale aqui mencionar o casal Baranger, que, no início dos anos 1960, publicou um texto acerca da *situação analítica* que se tornou um clássico, levando-nos a reconhecer a necessidade de, como analistas, nos escutarmos mais e nos implicarmos de forma mais profunda no processo analítico.

Para o casal Baranger (2010/1961-62), as identificações projetivas e introjetivas são cruzadas entre analista e analisando, suscitando fantasias inconscientes compartilhadas que favorecem ou obstaculizam o processo analítico. Nessa perspectiva, a reação terapêutica negativa se torna mais intensa quando se formam resistências compartilhadas, difíceis de dissolver - os chamados *baluartes* - em uma produção conjunta do analista e do paciente⁵.

A próxima referência que trazemos para exemplificar a importância do legado de Klein e a fecundidade de seu pensamento é um caso clínico de Winnicott (1977), em que se vê com clareza a precedência dos *insights* de Klein que tornaram possível a compreensão do sofrimento agudo de uma menina de dois anos e cinco meses, chamada Piggie. Os pais eram terapeutas e estavam angustiados, tentando entender o que se passava com a filha; mas, diante da impossibilidade de comparecerem a um trabalho clássico de cinco sessões semanais, pois moravam fora de Londres, o estado da criança foi sendo descrito por meio de cartas dirigidas a Winnicott.

O atendimento de Piggie aconteceu cerca de sete anos antes da morte de Winnicott, em um momento de grande consolidação de sua experiência clínica. A garota foi atendida catorze vezes durante dois anos e meio, até os cinco anos de idade. Ao longo desse atendimento, os sintomas mais agudos foram aos poucos desaparecendo. De início, Piggie tinha preocupações que a mantinham acordada à noite, em grande sofrimento. Tudo começou com o nascimento da irmã menor, quando ela tinha um ano e nove meses; antes disso, tinha sido uma criança tranquila, passando então a se tornar deprimida, aborrecendo-se com tudo, manifestando intensa angústia e ciúme da irmã. Dizia aos pais que, agora, tinha um pai preto e uma mãe preta, e sentia que esta a perseguia à noite e às vezes a colocava no vaso sanitário.

⁵ Para um aprofundamento: *Enactments e transformações no campo analisante*.. (TAMBURRINO, G., 2016)

Por que Klein?

Um segundo elemento da fantasia de Piggie se referia a uma entidade que ninguém sabia decifrar, por ela nomeada de *baba-car*. Todas as noites, Piggie pedia em tom de desespero: “Me expliquem o baba-car, quero saber *tudo* sobre o baba-car” (WINNICOTT, 1977, p. 22). Perdidos, a única inferência que os pais puderam fazer era de que, com frequência, a mãe preta e o pai preto apareciam juntos, associados ao baba-car, e em decorrência disso, Piggie também se tornava preta, deixando de ser quem era.

Piggie sofria muito, não tinha mais concentração em seu brincar e dificilmente admitia ser ela mesma. Começou então a pedir que não mais a chamassem de Piggie, pois ela havia desaparecido, tinha ido embora, para o baba-car. “A Piga ficou preta. Os dois Pigas são ruins” (WINNICOTT, 1977, p.31). Seus pais não sabiam mais como ajudá-la. Contaram então à filha que haviam escrito para uma pessoa, Dr. Winnicott, que entendia de “baba-cars e de mães pretas”, e a menina pediu: “Mamãe, me leva ao Dr. Winnicott”(idem, p.23).

Na primeira consulta, houve um início de interação com Winnicott, e algumas conversas e brincadeiras que versaram sobre a irmãzinha, o *outro* bebê. Em seguida, a mãe conversou com Winnicott, enquanto Piggie e o pai permaneceram na sala de espera. A mãe contou então que Piggie não queria mais ser ela mesma, preferindo ser a mãe ou o bebê. Depois dessa primeira consulta, pela primeira vez desde o nascimento da irmã, os pais mandaram notícias de que Piggie permitiu-se ser um bebê, entrando no “moisés” e tomando uma quantidade enorme de mamadeiras. Não admitia que ninguém mais a chamasse de Piggie e afirmava que os Piggles eram ruins e pretos. A menina se estendia na cama, chorava sem saber por que e afirmava aos pais que o Dr. Winnicott não sabia nada a respeito de “baba-cars”. Mas disse que o seu ursinho sim queria voltar a Londres para brincar com Winnicott, e ela não, revelando toda sua ambivalência.

Por um lado, Winnicott tinha ajudado muito, permitindo, depois dessa sessão, que Piggie se colocasse no lugar do bebê, porém, não conseguira decifrar a estranheza do “baba-car”. A mãe desconhecia a origem exata desse termo, sabia apenas que estava associado à cor preta, ao *self* preto e às pessoas pretas. No meio dos acontecimentos alegres, Piggie subitamente olhava preocupada e dizia. “Chegou o baba-car”. Isso estragava tudo; tudo se tornava *preto*. De qualquer forma, depois da primeira sessão com Winnicott, os pais relataram que começou a entrar em cena uma *mãe boa*. Entretanto, quando não conseguia dormir, era sempre por causa do “baba-car”.

Por que Klein?

Na segunda consulta, Winnicott pediu que Piggie lhe explicasse, por duas vezes, o que era o “baba-car”, mas ela foi incapaz de lhe responder. Então, ele arriscou uma interpretação: “O baba-car é o lado de dentro da mãe, de onde o bebê nasce” (WINNICOTT, 1977, p.35) – esse é, justamente, o ponto que destacamos, o qual só foi possível em razão da tradição kleiniana de pensar. Piggie olhou para Winnicott, aliviada, e concordou: “Sim, o lado de dentro, preto” (idem, p 35 e 36). Essa interpretação aumentou a confiança da menina, e os dois entraram em um jogo dramático, em que Winnicott devia assumir o papel de um bebê muito voraz, e Piggie a de mãe desse bebê. Ela passou a dirigir a cena dramática e a análise começou a fluir.

A intuição kleiniana de que o corpo materno é a primeira geografia para uma criança estava presente, pois, no pensamento de Winnicott, levando-o a interpretar a fantasia inconsciente de Piggie. De fato, Klein nos ajudou a desvendar o caráter misterioso e estranho do lado de dentro do corpo, de onde brotam bebês, leite, palavras: se às vezes é luminoso, em outras é de fato um lugar escuro e ameaçador, que abriga as mais inesperadas irrupções de prazer e desprazer, nos tirando de nosso lugar de conforto, inventando outro bebê que vem dividir conosco o dom materno que era para ser só nosso, de modo exclusivo. Por isso, na primeira sessão, Piggie repetia várias vezes *o outro bebê, o outro brinquedo*, enfatizando *o outro*, o acontecimento inassimilável dessa chegada, dessa alteridade.

Foi então o desejo iluminista de Klein, o seu desejo de jogar luz nos recantos mais escuros da afetividade humana que tornou possível a eficácia terapêutica em um caso como o de Piggie, e de muitos outros que vieram depois, e daqueles que ainda estão por vir.

Capítulo I

Breve panorama da obra de Melanie Klein

Pensar as feridas⁶

Elisa Maria de Ulhôa Cintra

Se me perguntassem, hoje, qual terá sido o autor psicanalítico que mais contribuiu para que compreendêssemos o *funcionamento inconsciente* mais profundo e primitivo, não teria dúvidas a responder: Melanie Klein. Ela nos ensina a pôr de lado o bom senso e o comedimento para compreender o caráter autônomo e demoníaco das fantasias inconscientes, cuja estranheza nos desafia, irrompendo à nossa revelia, nos possuindo e buscando expressão através de nós e fora de nosso controle.

Os casos clínicos da autora ajudam a captar o caráter autônomo, a *alteridade* do funcionamento inconsciente em relação às experiências cotidianas. Há uma canção de Chico Buarque (1976), “O que será (À flor da pele)”, que fala sobre aquilo “que não tem medida nem nunca terá” - nossas onipotentes e desmedidas paixões, amor, ciúme, controle, posse, ambição, inveja, raiva, com seu caráter indomável, ilimitado e insaciável: “que não tem governo, nem nunca terá”. É um mundo de desejos que transbordam, disparam e ameaçam nos ultrapassar. Diante da autonomia dos “quereres” inconscientes, vindos de outro lugar e que nos marginalizam em relação àquele nosso “eu” mais bem comportado, o poeta se pergunta: “o que será que me dá?”, mostrando seu espanto diante do desejo que quer tudo abarcar: plenitude da satisfação, onipresença e posse exclusiva do objeto de amor. Demanda grandiosa de amor absoluto, urgente, irrealizável, destinada à frustração: é isso que Klein considera o caráter “infantil” – isto é, insaciável – de todo desejar humano em sua fonte mais inconsciente e arcaica - ponto de nascimento da angústia, das ansiedades mais primitivas e difíceis de atravessar.

⁶ Publicado originalmente no *O Livro de Ouro da Psicanálise*, 2007. (Org. Manuel da Costa Pinto). Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

Por que Klein?

O infantil é uma dimensão fora do tempo, um fundo ameaçador, dada a imensidão de sua demanda. Idioma primitivo que ainda não aprendeu a falar (*infans* quer dizer “o que não fala”), faz um apelo de acesso à figuração, quer se formular a todo custo, quer se revelar. Existe no mais inconsciente recesso, secreto, pulsante, em todos os processos psíquicos e em todas as idades, não apenas no início da vida. Invasivo, posto que busca um intérprete que possa lhe dar nome.e figura:“O que será que me dá?”.

Ouçamos a voz da autora:

Meu trabalho ensinou-me que o primeiro objeto a ser invejado é o seio nutridor, pois o bebê sente que o seio possui tudo o que ele deseja e que tem um fluxo ilimitado de leite e amor que guarda para sua própria gratificação: assim é [também] o primeiro objeto a ser invejado pela criança. Esse sentimento soma-se a seu ressentimento [pelo fato de não receber o que necessita e a que ‘tem direito’] e ódio [pelo objeto que se nega a dar o que tem] e o resultado é uma relação perturbada com a mãe. (...)

Não presumiria que, para ele [o bebê] o seio seja simplesmente um objeto físico. A totalidade de seus desejos instintivos e de suas fantasias inconscientes imbui o seio de qualidades que vão muito além da nutrição real que ele propicia. Vemos na análise de nosso pacientes que o seio em seu aspecto bom é o protótipo da “bondade” materna, de paciência e generosidade inexauríveis que de tal modo enriquecem o objeto originário que ele permanece como a base da esperança, da confiança e da crença no bom. (...). Mas é igualmente, como vimos acima, o objeto que tem e não dá, gerando muita inveja.

Essa inveja (primária) deve ser diferenciada de suas formas subsequentes (inerentes na menina, ao desejo de tomar o lugar da mãe, e, no menino, à posição feminina), nas quais a inveja não mais se focaliza no seio, e sim na mãe que recebe o pênis do pai, que tem bebês dentro dela, que dá à luz esses bebês, e que é capaz de amamentá-los (KLEIN, 1957, pp. 211-14).

A Inveja Primária

Pode parecer muito estranho falar do sentimento de inveja em um recém-nascido, ainda que se trate de inveja do seio e das fontes físicas e psíquicas de nutrição, presentes desde o início da vida. Freud já definia o amor primário como o sentimento dirigido às fontes de gratificação e nutrição.

A objeção feita à Melanie Klein quanto à precocidade da inveja tem sido muitas vezes retomada e discutida. Podemos admitir que a inveja sentida conscientemente por um adulto é diferente desta primeira forma, presente desde o berço. Mas é bom insistir: essa inveja infantil que opera em um plano inconsciente e não chega a ser “sentida” não é privilégio do bebê. Em

Por que Klein?

maior ou menor grau, está em todos nós e em alguns momentos chega a dominar nossa mente.

A inveja primária a que se refere nossa autora é, na verdade, outra maneira de falar a respeito da força bruta do desejo em suas origens. **Nesse sentido, invejar é desejar muito, muito forte, a ponto de querer possuir o que se deseja.** Em francês, a palavra inveja, *envie*, significa também **desejo de ter**, de possuir, de fazer algo de modo igual a alguém que admiramos. O desejo de possuir o objeto amado pode chegar até o ponto em que o invejoso quer confundir-se com ele.

Invejar é, pois, forma primária, um estado de exaltação passional: **desejo de “ser a pessoa amada”**, fundir-se a ela, sentindo, ao mesmo tempo, a trágica impossibilidade de interpenetrá-la, “sendo-a” por dentro. Quem não se lembra da veemente paixão da heroína do romance *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë (1847), declarando, com relação ao homem adorado: “I am Heathcliff”! [Eu sou Heathcliff]. Fantasia de incorporação e posse, o amor em suas origens encontra-se tão infiltrado na inveja primária que é difícil identificá-los separadamente.

O amor do recém-nascido e o amor da mulher adulta que se sente arrastada por uma fantasia de incorporação e posse do homem amado são aqui colocados lado a lado como se não houvesse diferenças significativas entre seus protagonistas. Isso mostra que estamos nos referindo a desejos e ansiedades em sua dimensão inconsciente e fora do tempo, como possibilidades latentes ao longo de toda a vida e que podem ser revividas na idade adulta. Encontram-se, portanto, fora do tempo cronológico em uma temporalidade mítica, das origens e do originário, que permanece como um núcleo vivo, capaz de vitalizar ou obturar a abertura às experiências afetivas.

Saúde e doença

A saúde ou a patologia decorre de um jogo entre forças antagônicas e uma relação entre a pessoa e o ambiente acolhedor ou hostil, ao longo do tempo. **Para Melanie Klein, duas polaridades regem a vida psíquica: a pulsão de vida, tendência que conduz a uma maior integração do aparelho psíquico, e a pulsão de morte, tendência à desintegração e à desorganização, através da destrutividade.** A pulsão de vida expressa o investimento de amor: conduz ao movimento de colocar libido e interesse nas pessoas e no mundo. Do outro lado, a

Por que Klein?

pulsão de morte corresponde à tendência mortífera de narcisismo, isto é, ao apagamento e à dissolução de si e da importância e significado das outras pessoas; é a tendência a desprezar os outros, a tornar-se indiferente, a anestesiar a sensibilidade e a percepção das emoções, a embrutecer-se e fechar-se.

Essas duas polaridades próximas da vida instintiva, ou pulsional, são energias que, no caso humano, muito cedo, entram em contato com o campo da linguagem e dos significados, estabelecendo o campo da sexualidade humana como território tanto da biologia como da necessidade de comunicação: o recém-nascido entra em contato com a sexualidade consciente e inconsciente de seus pares, de seus pais e de outros adultos. Entra em um verdadeiro “campo magnético” que dá origem a um tumulto interminável de estímulos, sensações e excitações, atrações e repulsões, ou a um verdadeiro “banho libidinal”, o que inclui crenças, valores e julgamentos morais.

Obviamente, grande parte das forças e dinamismos que banham o recém-nascido são enigmáticos, estranhos, intensos e desproporcionais à capacidade de contenção ou de compreensão do neonato, criando os aspectos mais estranhos de seu inconsciente. A estranheza dessa “ganga impura”, que são as fantasias inconscientes, continua desafiando-nos vida afora. Tais fantasias são, no plano da vida psíquica inconsciente, os correlatos dos impulsos afetivos dirigidos aos seus objetos de amor (pulsão de vida) e ódio (pulsão de morte).

Como vimos, a inveja primária, como fantasia inconsciente, é, pois, um exemplo da combinação entre pulsão de vida e de morte, a face escura e sem medida do desejo libidinal vampíresco – pulsão de vida – ou atração e cobiça, que se combinam à destrutividade – pulsão de morte. A pulsão de morte está na tendência a apropriar-se das qualidades do outro, a apagar a sua importância, a suprimi-lo; ou seja, é uma forma radical de narcisismo absoluto que visa dissolver todas as diferenças entre o indivíduo e seus objetos, de forma a dar ao sujeito a ilusão de onipotência e total independência. Com isso, ele espera sofrer menos, sentir menos a falta de alguém, o que, na verdade, não conseguirá com essa estratégia primitiva de defesa contra as dores psíquicas.

Tirar o valor das outras pessoas, desprezá-las, revela o medo de sofrer e, como se sabe, “quem desdenha, quer comprar”...

O alvo para o qual se dirige a inveja é o bom, o belo, o admirável dom de um artista, por exemplo. A inveja quer a posse imaginária da criatividade, da aptidão que a outra pessoa tem para gerar, daquilo que há de mais secreto e singular em cada um. A inveja dá expressão

Por que Klein?

clara à voracidade, à avidez do desejo. O bebê se dirige ao seio como vampiro – ele quer sugar tudo e essa voracidade transforma-se em desejo de estrangular e estreitar, de descobrir tudo o que há de quente e precioso no corpo materno, de retirar-lhe todos os seus preciosos conteúdos e apropriar-se deles. Eles têm um caráter mágico, e o corpo materno passa a ser o horizonte concreto e metafórico de tudo que há de bom. A sexualidade vampiresca realiza a combinação do amor e do desejo de morder o objeto amado, de fazê-lo em pedacinhos, de cobri-lo de urina e de fezes, de atacá-lo com substâncias venenosas e mágicas, de abrir este corpo para ver como é por dentro, para apropriar-se do que ali há de valioso. Enfim, trata-se da própria ambição desmesurada desse amor que o torna sádico.

A desmesura do amor primitivo

Eis aí a fantasmagoria kleiniana que levou Lacan a chamar Klein de “açougueira genial”, capaz de dar nome e figura às mais inconfessáveis fantasias sexuais e agressivas. É uma autora que nos convida a deixar de lado nossos preconceitos estéticos e a necessidade de uma bela teoria para fazermos com ela precisamente isto: um movimento de rebaixamento, de degradação do que é abstrato ao plano material e corporal, em concordância com as palavras de Bakhtin (1987, p. 19) descrevendo o estilo grotesco na literatura renascentista:

Rebaixar consiste em aproximar da terra, entrar em comunhão com a terra concebida como um princípio de absorção e, ao mesmo tempo, de nascimento (...) significa entrar em comunhão com a vida da parte inferior do corpo, a do ventre e dos órgãos genitais, e portanto, com atos como o coito, a concepção, a gravidez, o parto, a absorção de alimentos e a satisfação das necessidades naturais. Precipita-se não apenas para baixo, para o nada a destruição absoluta, mas também para o baixo produtivo, no qual se realizam a concepção e o renascimento e onde tudo cresce profusamente.

A teoria kleiniana aproxima-se, pois, da arte do grotesco nesse desmesurado e despudorado avanço para as regiões mais baixas e obscuras da mente, mas que são, também, as mais vitais e fecundas.

Tal desmesura de nosso modo mais primitivo de amar costuma ficar inconsciente, reprimida e irreconhecível por nós, em nossa vida cotidiana. O mais comum é nos defendermos dessa “realidade” com um grande horror: “Eu nunca senti um troço desse”. “Que exagero!”. “Como ela sabe que tem isso no bebê?” Podemos dizer que, a partir das sessões de análise com

Por que Klein?

seus primeiros pacientes infantis e também através dos pacientes adultos, Klein infere a presença de uma força sádica no amor das origens, com toda a sua dose de violência pulsional.

Melanie Klein enfatizou a descoberta freudiana de que sexualidade infantil – polimorfa e com traços de violência e sadismo – é uma formação heterogênea, uma “ganga impura” – berçário de todas as ansiedades (ou angústias) arcaicas.

Em uma trilogia sobre o “gênio feminino”, Julia Kristeva reconhece a importância de Melanie Klein, Hanna Arendt e Colette - que ousaram pensar, desejar e fazer seus próprios julgamentos em um século de barbáries e preconceitos. Kristeva (2002, p. 20) afirma que: “por ter entendido mais claramente que qualquer outra pessoa, a angústia, onda portadora de prazer, Melanie Klein fez da psicanálise uma arte de cuidar da capacidade de pensar” .

Transformação das ansiedades arcaicas

Destacamos, aqui, um fato importante: as ansiedades arcaicas só se transformam através de um trabalho do pensamento, chamado simbolização. Esse processo coincide com o trabalho psicanalítico que é simultaneamente arte de cuidar, curar e criação de uma capacidade de pensar, emancipada das figuras parentais e dos mestres. Nos tempos atuais, a independência do pensar vive ameaçada, as pessoas não se autorizam a seguir o convite iluminista de ousar pensar por conta própria, libertando-se de um sentimento constrangedor de minoridade intelectual e incapazes de tomar uma necessária distância da tradição que lhes permita nutrir-se e, ao mesmo tempo, desprender-se dela o suficiente para criar algo novo.

Ousar pensar por conta própria exige certa irreverência fecunda, uma capacidade de separar-se dos ídolos, dos pais e dos mestres. É justamente isso que Melanie Klein, como discípula livre e independente de Freud, realizou em seus trabalhos teóricos, e é essa mesma meta o que se almeja em uma análise kleiniana.

Por que Klein?

Ansiedades arcaicas e as posições esquizo-paranoide e depressiva

Vamos agora ver mais de perto o que está em jogo na teorização de Melanie Klein a respeito das situações arcaicas de ansiedade. No caso das angústias persecutórias, que caracterizam a posição esquizo-paranoide, a ansiedade é considerada arcaica pela tonalidade de perseguição, de medo de ser atacado e invadido como vingança por todas as fantasias de apropriar-se do corpo materno, na fúria passional do amor cruel. A lei de Talião – olho por olho, dente por dente – será responsável pelo retorno sobre a própria pessoa dos desejos sádicos do amor primitivo.

As observações clínicas a respeito das etapas mais precoces da vida encaminham Klein a enfatizar o modo de relação das etapas pré-genitais, momento em que ainda não existe a capacidade de cuidar e se preocupar com a outra pessoa, que nem é reconhecida em sua existência autônoma e separada. “Não podendo reconhecer direitos, necessidades ou desejos do objeto, este acaba sendo apenas algo a ser consumido e, portanto, destruído, ou algo a ser controlado e submetido. Nesse caso, vigora ainda uma ‘lei da selva’, aquela que ordena ‘pega, mata e come’” (CINTRA E FIGUEIREDO, 2004 pp. 62-3).

O que está em jogo nesse momento é, pois, a própria vida do sujeito desejante, voraz, invejoso e destrutivo. Por isso, tais ansiedades são chamadas de angústias de aniquilamento.

Em oposição a essa “lei da selva”, poderá instalar-se, mais tarde, uma “lei da cultura e do social”, momento de reconhecimento do objeto como outro sujeito desejante, em que as pulsões libidinais prevalecerão e poderá desenvolver-se uma capacidade de reconhecer o outro como autônomo e como sendo um centro de subjetividade com necessidades e desejos próprios. (...) Entre os seis e nove meses de vida, quando a criança tornou-se capaz de reconhecer a mãe, a mera aparição de uma pessoa estranha no lugar dela é suficiente para desencadear aquela angústia que nós relacionamos com o perigo de perda do objeto (CINTRA E FIGUEIREDO, 2004, p. 68).

Tais angústias de perda serão denominadas angústias depressivas, pois aqui o sujeito teme ter estragado ou mesmo destruído, com seu sadismo e sua urgência pulsional, o que de melhor havia no mundo: seus bons objetos.

Assim, o reconhecimento da outra pessoa como sendo alguém semelhante e ao mesmo tempo autônomo, com a possibilidade de ausentar-se e retornar, é a outra fonte maior de

Por que Klein?

ansiedades arcaicas reconhecida por Freud e por Melanie Klein. Tal ansiedade é difícil de suportar quando o indivíduo se culpa pelas ausências, danificações ou morte dos objetos perdidos. A possibilidade de a outra pessoa desaparecer, de deixar de estar interessada e solícita e, em última análise, de morrer é insuportável, tornando-se então fonte da ansiedade depressiva.

Desde os “Três Ensaio sobre a sexualidade” (1905) e durante toda a sua obra, Freud falava de uma situação que é vivida repetidas vezes, desde que o lactente começa a reconhecer a diferença entre sua mãe e os outros adultos. Se a criança se encontra em um momento de desamparo e precisando de algo que não pode conseguir sozinha, desde alimento até um pouco de aconchego e carinho, e não há alguém que fale com ela, dissipando a escuridão do quarto, então a ausência materna se transforma em sentimento de ter sido abandonada. A ansiedade em relação à perda se vê confirmada, enquanto a demanda de amor segue pulsando e exigindo satisfação: isso cria uma atmosfera de falta de segurança, de tristeza e de suspeitas terríveis de ter sido responsável pelo abandono, causador invisível da desgraça. É o medo terrível de ser um dos responsáveis pelo estrago das coisas boas, por possuir, em si mesmo, algo estragado ou gerador de morte.

A ansiedade depressiva - mistura de saudade, pesar, dor, vergonha, raiva e a sensação de ter prejudicado e de ter sido lesado - é o penar mais difícil de suportar, pois combina culpa, um sentimento de autodepreciação por não ter impedido a catástrofe e a sensação de impotência para evitar o mal e a perda; essa é a ansiedade arcaica da posição depressiva. Um dos maiores tormentos psíquicos e uma das tarefas mais difíceis dessa posição subjetiva é aceitar a condição humana vulnerável, dependente e sujeita a enganos, falhas, ilusões e todo tipo de frustrações e esperas. Por outro lado, as perdas, quando aceitas e elaboradas, conduzem ao crescimento, à maturação, à ampliação de perspectivas e à expansão da possibilidade de usar o que a natureza nos deu.

Fazer o luto, elaborar a perda

Mas, afinal, o que significa realmente fazer o luto ou realizar o trabalho de elaboração simbólica da perda? Uma primeira resposta é: adquirir capacidade de processar ou digerir o excesso de afetos ligados à perda, e entrar nos processos temporais, humanizando-se. Vamos

Por que Klein?

partir do exemplo de uma criança que perde o pai e se sente completamente desolada e revoltada. A ansiedade, a culpa e o penar combinados à raiva, impotência e ao sentimento de humilhação e desamparo tornam muito difícil aceitar, digerir e modificar os afetos que foram mobilizados.

O ferimento da perda precisa ser curado, **a ferida precisa ser “pensada”**. Os médicos usam remédios e curativos. **O analista, médico de feridas afetivas, pode ajudar de outra forma - acompanhando a pessoa**, escutando-a, dedicando-lhe um tempo, convidando-a a tomar certa distância dos acontecimentos em sua brutalidade factual e desenvolvendo, junto a ela, palavras e pensamentos a respeito de si e do mundo que agem como “remédios” da alma, **de modo que consiga transformar alguns afetos**.

Muito embora os afetos transformados não deixem de ser o que são: amor, ódio, inveja, vergonha, culpa, etc., **tornam-se digeríveis** e dão colorido e riqueza à vida psíquica. **Isso porque** a dor se modifica quando a pessoa ferida começa a ser escutada com atenção e pode relatar a repercussão dos fatos em seu psiquismo, desenvolvendo uma interlocução que permite **mudar algo na compreensão dos acontecimentos**. Algo parece aprofundar-se ou ganhar *nuances*. Constrói-se uma nova perspectiva, e dentro do novo *enquadre*, algumas coisas se ampliam, outras se reduzem, há um remanejamento de posições e surge um *insight*. *Insight* é uma nova visão a respeito dos fatos, construída de forma singular pela pessoa ferida. Essa dor, pensada, é lugar de uma nova criação. Essa criação, por sua vez, ajuda a levar o tratamento um pouco mais adiante. **Afinal**, criar é também reparar os estragos reais ou imaginários; criar é também poder agradecer pelo que se recebeu: “de um limão, fez-se a limonada”.

Toda a análise kleiniana caminha no rumo de ampliar a capacidade de o indivíduo reparar criativamente e agradecer. Ou seja, reparação e gratidão são, ao fim e ao cabo, os grandes curadores das doenças da alma.

Mas curar as dores psíquicas, como se disse acima, não é anestesiá-las. Ao contrário, é ampliar as capacidades de suportá-las e transformá-las em benefício de si e dos outros. O tratamento kleiniano das ansiedades primitivas têm um inegável sentido ético. Quando isso se torna possível, o contato com a dor, em vez de mutilar ou culpabilizar de forma neurótica, torna a pessoa ferida mais capaz de assumir uma posição ativa; ela se vê compelida a descobrir seu jeito próprio de “dar a volta por cima”. **Ser ativo, transformar a dor em algo interessante faz perder o medo de ser passivo**; abre a possibilidade de sentir com mais vivacidade e nitidez e de se entregar a esta experiência nova - a de ser uma espécie de caixa de ressonância sensível para

Por que Klein?

que a própria vida psíquica possa emergir em todas as suas tonalidades.

Aos poucos, é possível perder a vergonha de sentir dor psíquica, pois esta só diminui e inspira depois de ser acolhida, vivida e “pensada”. **As dores e perdas não são propriamente solucionadas, mas podem ser atravessadas de maneiras mais criativas e inteligentes. A dor da perda deixa então de ser experimentada como castigo e passa a ser uma oportunidade de estar mais vivo, em um contato muito mais vibrante com o mundo físico e social.** Trata-se de um percurso lento, que ensina a entrar nos processos temporais e a conhecer a duração, **a espera**. Muitas “fichas” só caem depois, um pouco mais tarde, quando houver tempo de realizar a ligação entre o que se viveu e um mundo de memórias, palavras, estímulos e sensações passadas e presentes. É preciso sonhar a perda, a morte e a situação de solidão. A realidade nua e crua da morte é muito brutal, não conduzindo a nada. É preciso fazê-la entrar em um campo de sentidos para que se torne aceitável. A ansiedade arcaica em estado bruto é uma quantidade avassaladora de afeto sem rosto e sem nome; monstruosa. Ao sonhá-la, ela entra em conexão com palavras, brincadeiras, torna-se ansiedade secundária, mais suave e suportável.

Vamos então aprendendo a esperar para ver como vão ficar as coisas, o desespero diminui e surge um tipo de esperança meio fraca, ainda acompanhada de certo desamparo. O sentimento de ser frágil, vulnerável não vai embora, **nos obrigando a descobrir um jeito de dar valor positivo à fragilidade humana**, associando-a a algum ganho, **nos tornando mais sensíveis e humanos**. Isso tudo é o que comumente chamamos de **“atravessar um luto”, é perder para ganhar em delicadeza, insight, novas formas de sentir prazer e fazer contatos.**

Parece elementar, mas dificilmente **conseguimos atravessar tudo isso sozinhos**; o processo exige a companhia de alguém que suporte a travessia sem atrapalhar muito, sem ficar muito ansioso e apressado. **O luto é um procedimento comum, parecido com a digestão biológica**, existe para “deixar passar o passado” e para abrir o futuro. Entretanto, apesar de ser tão básico, mobiliza um montante tão insuportável de afetos que é algo do qual tentamos fugir através de todas as maneiras possíveis e imagináveis. **Porém, fugindo dele, perdemos** o contato com o mundo e mergulhamos na depressão, nos estados maníaco-depressivos e na melancolia.

Assim, quem não sente a dor e não realiza o luto de suas expectativas onipotentes infantis e megalomaniacas, entra em depressão, no sentido patológico. Muitas vezes, confunde-se essa depressão melancólica com uma boa e salutar capacidade de tristeza: é preciso poder entristecer-se diante do que vai sendo perdido, vai ficando para trás, mas sem o que a vida se estanca e repete, sem que nada de novo possa surgir pela frente. A “posição depressiva”, desde

Por que Klein?

que bem atravessada, dá lugar à capacidade de entristecer-se sem se desesperar.

É interminável o processo de elaboração da posição depressiva?

Este é o paradoxo kleiniano: a posição depressiva existe para ser atravessada e superada, não uma, mas milhares de vezes, pois a vida humana exige que ela seja refeita tantas vezes quantas perdas houver. Sendo atravessada do modo descrito acima, vem a ser o melhor antídoto para a depressão, criando anticorpos que nos protegem da tendência melancólica e depressiva.

Perdas acontecem o tempo todo desde que nascemos, incluem todas as mudanças de estado exigidas pelo crescimento, como perder a situação intrauterina e ter de sofrer mudanças no metabolismo, nos hábitos, no jeito de viver. Perder a “mordomia” da primeira infância, o colo, a mamadeira, a atenção, os mimos, as fraldas, a presença constante dos adultos que ficam em volta das crianças menores. A entrada e saída de escolas, mudança de casas, cidades, separação dos pais, perda de amigos. As crianças deixam para trás seus mais queridos brinquedos, livros, roupas, adoecem, curam-se, mudam de corpo, de voz. Mas todas essas perdas são também novas oportunidades, e a análise kleiniana está voltada para nos libertar de uma forma de dor que bloqueia o acesso às novas oportunidades de vida.

Ao escutar, Melanie Klein desenvolveu a tarefa de descobrir como cada pessoa se posiciona diante de suas dores, como lida com sua ansiedade. Que fantasias essa pessoa constrói? Ajudam ou atrapalham em sua árdua, mas também tão rica e extraordinária tarefa de seguir vivendo? Nossa autora se punha a observar, então, as “teorias” que cada um constrói acerca de sua situação no mundo, um campo sempre aberto a mudanças sutis. O que mais ameaça? Será o perigo de perder alguém? Será a dor de ter perdido – pessoas queridas, poder, prestígio e posição social - e sentir-se implicado nisso? Será, o que é bem pior, o desespero de ver seus mundos interno e externo ameaçados de destruição, despedaçados? Onde será que recai a ameaça mais aflita: no medo de não ser suficientemente belo, inteligente, saudável? De ser abandonado por todos, de ser humilhado? Será a impressão tão amarga de ter se boicotado, de não ter podido se autorizar a usar plenamente suas aptidões? Será o ressentimento de não ter

Por que Klein?

sido ajudado, de ter sido injustiçado? Todas essas ansiedades em níveis muito intensos perturbam e bloqueiam os processos psíquicos. Mas são elas também que, quando “curadas” e transformadas, dão sentido à nossa existência.

Para traçar a geografia do mundo interno, singular, de cada pessoa, Melanie Klein aprendeu e nos ensinou a escutar as infindáveis narrações e teorias que vão sendo tecidas sobre si e sobre o mundo pelos pacientes, em cada momento de suas vidas e ao longo de uma análise. Roteiros imaginários – sonhos noturnos, fantasias inconscientes e devaneios diurnos – que fazem de toda pessoa um incansável teorizador de si e de suas experiências. Como se posiciona essa pessoa singular diante dos acontecimentos fundamentais de sua história? Como empreende a construção do tecido de fantasias e teorias que dão sentido ou destroem ou, ao menos, paralisam, o significado de sua vida? Podemos ver que essa inquietação deu origem à teoria das posições esquizo-paranoide e depressiva tais como acima apresentadas.

Finalmente, se voltamos o olhar para o pensamento kleiniano, talvez a primeira coisa que chame nossa atenção em seu trabalho clínico seja o seu jeito de se manter próxima à experiência de sofrimento e ansiedade dos pacientes. Com a angústia, atingimos o solo mais básico do funcionamento psíquico, tocamos naquilo que é mais visceral, mais íntimo, mais profundamente determinante de toda a organização psíquica. Melanie Klein acreditava ser esse o fio condutor mais “nevrálgico” da escuta analítica, o que conduz à infraestrutura do acontecer psíquico. A hipótese é de que, escutando e intervindo no registro da ansiedade, atingimos o nível das forças que geram o sofrimento psicótico e produzem a neurose, em sua dimensão inconsciente e inacessível.

Podemos afirmar, sem vacilação, aliás, que sem ressonância empática com o sofrimento do paciente não é possível conduzir uma análise nem outra relação qualquer.

Como já apontamos anteriormente, Klein situa-se na linhagem de Ferenczi no que diz respeito a um determinado tipo de escuta: primeiramente, dirigir a atenção para as forças produtoras do conflito e da dor, para, apenas num segundo momento, discernir o caminho de desconstrução das defesas, dos modos de ser no mundo que estão impedindo, mutilando e inibindo a livre manifestação da vida psíquica.

Eis, em resumidas contas, a imensa importância desta psicanalista para toda a psicanálise pós-freudiana, mesmo quando não se adotam integralmente todas as suas teses e seus procedimentos técnicos.

Capítulo II

O projeto iluminista kleiniano: tornar visível o invisível⁷

Nos últimos cem anos de psicanálise, aprendemos a **ver** o funcionamento psíquico por meio de tópicos, mapas e modelos, de início criados por Freud, Klein, Winnicott, Bion, entre outros. Essas obras seminais deram origem a outras tantas, em um processo de multiplicação, um interminável fluxo de invenção destinado a tornar visível o invisível. Os modelos psicanalíticos poderiam, na verdade, ser transformados em roteiros de animação; assim, aprender a teoria seria bem mais divertido!

Parece ser necessário discernir, formar uma ideia mais clara do que se passa em nós, do ponto de vista das emoções, memórias e sensações, de modo a vivermos melhor, afastando os ideais sombrios, a nostalgia do passado e o medo do futuro, o excesso da emoção que invade o corpo e corta a palavra. Pensar e simbolizar a experiência vivida é nossa mais íntima “compulsão” e é também o princípio de todas as terapias e análises, a sua ação terapêutica, o que leva ao *insight e à cura*. Corresponde à necessidade de se inventar de novo a cada dia e de sair do mesmo lugar. Pontalis afirmou em uma entrevista que curar-se é mudar de lugar.

Nesta mesma linha de pensamento, podemos afirmar que é preciso inventar a psicanálise sob medida para cada novo paciente e a cada encontro analítico (OGDEN, 2010). Bion (1992) ensina que precisamos receber nossos pacientes sempre como se fosse a primeira vez, ou seja, o analista não deve se prender ao que ele já sabe, mas buscar aquilo que ainda não foi pensado. Cada sessão é única, e é interessante que ocorram transformações, ainda que sejam, a cada sessão, microtransformações, como nomeia Ferro (2005) .

Praticamente, desde o início da vida temos curiosidade a respeito do que se passa no psiquismo: criamos modelos do aparelho psíquico, e cada um de nós é, de forma espontânea, um teorizador de si, dos outros e dos acontecimentos da vida e da morte.

⁷ Texto apresentado na Semana de Integração da Faculdade das Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP, de novembro de 2015, em mesa coordenada por Ivelise Fortim, com a participação dos professores Denigés, João Perosa e Luiza Oliveira.

Por que Klein?

Ao pensar a vida psíquica através das fantasias inconscientes, dos cenários de fantasias e dos objetos internos, Melanie Klein foi a primeira analista que enfatizou de forma tão nítida a dimensão visual da vida psíquica, que pode então ser comparada ao desenrolar das imagens de um filme. Outro aspecto central em seu pensamento, **como vimos**, é a noção de luto e de trabalho de luto, ligado à posição depressiva, e para isso escolhemos discorrer longamente a respeito de um filme de animação que gira em torno, justamente, de uma experiência emocional de perda e luto, na vida de uma menina, chamada Riley.

Trata-se da animação “Divertida Mente”⁸, que nos leva a “olhar dentro da cabeça de uma menina de onze anos” que teve de sair de sua cidade natal e migrar dentro do próprio país para um lugar novo, estranho e desconhecido, o que provocou as mais fortes emoções e resistências à perda e ao luto. A história convida a ver o funcionamento do aparelho psíquico, que, desde o início, lança a questão: “Alguma vez você já se perguntou o que passa na cabeça de alguém? ”.

A animação nos convida a exercitar a imaginação e a capacidade metafórica, qualidades que todo psicanalista precisa ter. No escuro universo das mentes, é preciso inventar modelos para chegar um pouco mais perto dessa realidade que não se deixa captar e conhecer plenamente; as teorias são sempre aproximações mais ou menos especulativas.

Articular os modelos psíquicos da psicanálise com os de um filme de animação pode levar a uma simplificação excessiva dos modelos psicanalíticos, construídos com base em observações clínicas cuidadosas e em uma longa prática teórica, mas pensamos que o risco vale a pena. Ao ouvir pacientes relatando sua vida e seu sofrimento, é necessário permitir a formação de imagens associadas ao que se escuta. Nessa mesma linha, consideramos que esta animação procurou dar "imagem e figuração" ao mundo interno desta menina de onze anos, vivendo um intenso luto e uma separação.

A construção animação em torno de um só episódio de vida funciona bem, pois deixa de lado a pretensão a compreender tudo e mergulha em um acontecimento principal, que se

⁸ *Divertida Mente*, no original *Inside Out*, é um filme de animação dos Estados Unidos, 2015, produzido pela Pixar Animation Studios e lançado pela Walt Disney Pictures. A direção é de Pete Docter e de Ronaldo Del Carmen.

Por que Klein?

transforma em uma espécie de vinheta clínica, de onde se podem extrair hipóteses e *insights* interessantes.

Desde *A Interpretação dos Sonhos*, são cento e quinze anos de psicanálise. Freud (1900) foi um dos primeiros a sonhar, a dar nome e figura a algo que chamou de *realidade psíquica*. Ele nos ajudou a ver que a vida psíquica é real, apesar de nossas denegações - estas, tão reais quanto a realidade material, podem ser invisíveis, mas seus efeitos são reais, palpáveis, viram matéria e memória, viram morte e vida, afago e tiro. Sobretudo o que é mobilizado pela emoção e o que ficou registrado em memórias: a raiz de um sofrimento, por exemplo, pode ser apenas imaginária, seu efeito, entretanto, é real, a dor é real e a sentimos no corpo inteiro, de ponta a ponta, pois ela nos atravessa e nos faz gritar e chorar, pedir e implorar. Ou então nos emudece de espanto, e nos silencia; a própria dor pode gerar uma defesa que apaga tudo, até chegarmos a um estado que parece uma anestesia geral.

Para figurar e representar a *realidade psíquica*, Freud inventou duas tópicas, duas teorias pulsionais, duas teorias da angústia, descrevendo dezenas de defesas e de mecanismos pelos quais os afetos transbordam ou são contidos, tornam-se pensáveis ou são mortalmente apagados e tornam-se para sempre irrepresentáveis.

Depois dele, Melanie Klein destacou que criamos personagens e cenários de teatro em fantasia: são os objetos internos que podem nos animar e fazer viver ou nos desanimam, sufocam e esmagam tanto, que então só desejamos morrer. Com Winnicott, aprendemos a ver nossos objetos subjetivos, que formam a realidade psíquica mais arcaica e alucinada, tentando pular para fora do escuro interno e entrar no mundo exterior, enganchando-se em bonecas, ursos de pelúcia e cobertorzinhos, para adquirir forma palpável e abraçável.

Parte do trabalho desses analistas tem sido sempre o esforço de **ver**. De dar visibilidade ao invisível. Fazer teorias, em sua origem semântica, é dar a ver o invisível. Ver aumenta a capacidade de escutar e entender; por isso, alguns analistas escutam como se filmassem o que lhes é relatado.

Voltemos à animação. O filme começa com a pergunta “Você já olhou para dentro de uma pessoa e pensou o que se passa na cabeça dela?”. E a mesma voz feminina responde com segurança: “eu sei”. É a voz interior de uma garota de onze anos de idade, Riley, a protagonista do filme. Trata-se de um eu-narrador que tece as narrativas imaginárias de sua vida; é a “personagem” que em todos nós dá consistência a esta existência volátil. Consistência? Mas é tão ilusória essa consistência! Ignora tanta coisa que nunca vem a ser voz e palavra,

Por que Klein?

permanecendo silenciada no inconsciente e, no dia a dia, mergulhando no escuro das sensações indizíveis e nas memórias do corpo. Sim, é verdade..., mas isso não impede essa *matéria psíquica bruta* de fazer demanda, de modo a sair do silêncio e formar esta voz, construindo um fio narrativo, juntando passado, presente e futuro, costurando emoções e tentando encontrar palavras para as sensações.

No filme, a voz de Riley vai narrar como tudo foi acontecendo desde o início, como foi a origem de sua vida psíquica. Ao nascer, a psique de Riley é uma pequena sala escura com poucos móveis e habitantes. Tem no centro uma mesa de comando feita de um só botão em que será dado o sinal de largada da vida psíquica; uma vida a ser constituída a partir de experiências e memórias. Quem vai acionar o momento inaugural? Ouvimos a voz do eu-narrador que toma corpo e nessa história vai se chamar Alegria. Com Freud, podemos aproximar esta personagem interna da *vitalidade libidinal* que surge das primeiras experiências de prazer. No início da vida, acontecem flutuações entre extremos de prazer e desprazer: a vida interior de um recém-nascido é este conjunto de fluxos intensos e absolutos, sem muita organização. A vida psíquica propriamente dita é ainda um projeto de vir a ser.⁹

Alegria relata como foi criada a primeira memória de prazer da menina, onze anos antes. Ao abrir os olhos, sentiu-se amorosamente contemplada pelos pais, que estavam maravilhados diante dela. O rosto deles sorrindo, o som de sua voz e as palavras são uma espécie de espelho repleto de ecos e ressonâncias em que ela se vê pela primeira vez. Olhando-a, eles a devolvem a si mesma. Nesse instante, dá-se a largada da vida psíquica.

Vemos um raio de luz entrar na sala escura da psique. É o primeiro narcisismo de vida que se libera e põe em movimento a força de Eros. Riley embarca na aventura sem fim de ser vista e ser reconhecida. Ao olhar para os pais, se vê neles e pode dizer: “sou vista, logo existo”. A superfície refletora e brilhante desses olhos embevecidos tem um grande poder de atração, fazendo-a desejar mergulhar neles, fundir-se a eles. Tem início a simbiose do amor que deixará marcas inesquecíveis. O desejo de ser reconhecida nunca mais silenciará; poderá até ser parcialmente acalmado, mas deixará para sempre a marca de uma falta e a lembrança de um vulto feliz que passou deixando o desejo de mais. O narcisismo que assim nasce envolve sempre

⁹ Cf. o livro *Virando gente* - a história do nascimento psíquico(2014), escrito pelas professoras de psicologia Ivanise Fontes, Maísa Roxo, Maria Cândida S. Soares e e Sara Kislanov, que conta a história de um bebê, desde a vida intrauterina (São Paulo: Ideias e Letras).

Por que Klein?

uma recusa da ruptura e da passagem do tempo; é o tempo narcísico infinito. A partir daí, esse primeiro enlevo de amor continuará a ser buscado em cada nova paixão amorosa, em cada viagem, deslumbramento diante da natureza, da obra de arte e até da ciência e do pensamento.

Durante os cinco primeiros anos de vida, o conjunto da intimidade corpo a corpo com a mãe pode ser denominado vivência materna primária. O mais trágico acontecimento de uma vida é quando isto tudo *não* acontece. Mas, mesmo quando acontece de forma satisfatória, deixa sempre uma nostalgia, pois sempre queremos *mais*. Alguma falha básica subsiste e deixará uma falta, o ferimento narcísico mais doído, gerando uma eterna nostalgia por aquilo que não aconteceu, ou que não aconteceu suficientemente.

O espelho amoroso precisa devolver a Riley a sua própria imagem, dar a ela o sentimento de existir de verdade e ajudá-la a diminuir a estranheza de aterrisar nesta existência, na condição de um *ser-aí*, lançada sem explicação na experiência extraordinária de estar viva, de repente, sem aviso prévio e sem manual de instruções. Receber de volta a sua própria imagem é o júbilo de sentir-se inteira e reconhecida.

No filme, Alegria é a primeira emoção que estava presente na origem da vida psíquica. Depois vão aparecer as outras. Em termos psicanalíticos, podemos considerá-la como expressão da pulsão de vida, do desejo de prazer, daquilo que põe em movimento a vida psíquica e se torna o princípio de todos os investimentos no mundo e nas pessoas. Naquele lugar escuro que antecede a vida psíquica, de certa forma, Alegria já estava lá, como pura potencialidade, mas só vem a ser plenamente quando é despertada pelo olhar e pelas palavras de convocação dos pais. Seria esta Alegria a pulsão de vida pilotada por um Eu ainda incipiente, um Eu-corpo? Dela nascerá a potencialidade de amar e investir o mundo, a sexualidade e a capacidade de criar vida psíquica. Como veremos adiante, à mesa de edição e ao processamento das emoções no filme, vamos associar o ego e seu funcionamento organizador.

Em resposta ao olhar de amor, Alegria aperta o único botão da sala de comando psíquico e gera a primeira memória de prazer que deixa um traço e põe em movimento a engrenagem psíquica. A vida psíquica é uma grande obra que tem início assim a partir de sulcos e traços mnêmicos. O primeiro traço de memória abre uma passagem ou facilitação; os acontecimentos abrem caminhos na memória, como se fossem leitos de rio por onde vai passar a libido. Quanto maior a circulação, mais profundo é o sulco, e mais caudaloso o rio de libido que aí corre, formando associações, cruzamentos, trilhas e depois paisagens impregnadas de prazer ou de dor.

Por que Klein?

No filme, uma bola amarela, que representa a primeira memória de base, luminosa e feliz, derivada do enlevo dos pais e da resposta de Riley, entra em cena correndo e faz aparecer um trilho por onde a memória desata a correr. É divertido pensar que deve ser assim o início do circuito pulsional, algo se põe em movimento. É a matéria psíquica bruta deixando as primeiras marcas e pegadas, abrindo a fome de um dia ser palavra, figura e narrativa. Os primeiros traços mnêmicos são pré-verbais - sensações e afetos – e começam então a fazer uma demanda de simbolização. O vivido quer ser um dia falado.

Entrar no processo de simbolização é retratado no filme por uma mesa de edição que passa a ser controlada por diversas emoções que se personificam, cada uma tendo uma cor. No início, a mesa de edição é pequena, depois poderá tornar-se um grande processador de emoções e significados – para onde convergem a Alegria, a Tristeza, o Medo, a Raiva e o Nojinho. São os afetos que vão impulsionar e colorir as experiências de Riley.

As experiências emocionais da garota vão se organizar em *setores* chamados de *ilhas internas* – a ilha da família, a ilha do senso de humor, a ilha da honestidade, a ilha da amizade e a ilha do trabalho e do estudo. As ilhas são conglomerados de afetos e ideias, de relações com pessoas e de experiências vividas e significativas. A ilha da família lembra muito a trama edípica descrita por Freud, um conjunto de ideias intensamente investidas de afetos, desejos, expectativas, ideais e identificações. Klein diria que as ilhas são tramas de fantasias inconscientes e de significados, associadas a vários aspectos da vida. São essas redes de significações e afetos que tecem e organizam a vida psíquica. Ela falará do Complexo de Édipo como uma **situação**, dando a ele este caráter de uma cena, ou múltiplas cenas que podem se repetir e se transformar ao longo da vida e de uma análise.

Cada vivência gera uma memória, e as memórias vão se acumulando em redes associativas, organizadas em torno de afetos. No filme, Alegria, Tristeza, Medo, Raiva e Nojinho rivalizam entre si para ganhar o comando da mesa de edição, e cada memória gerada tem uma cor predominante, ligada ao principal afeto que é evocado. Amarelo para a alegria, azul para a tristeza, roxo para o medo, vermelho para a raiva e verde para o nojo. À medida que passa o tempo, as memórias vão sendo guardadas em grandes reservatórios mnêmicos. De vez em quando, os "funcionários do esquecimento" passam tudo em revista, retiram as mais apagadinhas com um aspirador de memórias, jogando-as no buraco do esquecimento definitivo.

Quando Riley perde a sensação de pertencimento que a ligava à sua cidade natal, entra em depressão e fica com muita raiva de si mesma e do mundo: neste momento, as ilhas que

Por que Klein?

organizavam seu funcionamento psíquico “caem”. Em termos psicanalíticos, a depressão é um desmoronamento psíquico, há uma fuga da libido que tomba no abismo da autodepreciação, e no deprimido há um movimento geral de desinvestimento do mundo e de uma grande raiva inconsciente que corresponde a este desmoronamento interno. É muito triste ver tudo caindo.

Depois da queda, o filme mostra o momento em que a menina vai processar a dor e reconstruir o mundo interno, em novas bases. Cada luto envolve essa reconstrução. As ilhas que tombam têm de ser reconstruídas, uma a uma, e vão ficando mais complexas. Acontece uma expansão psíquica, quando Riley sai da depressão, e isso se deve à elaboração do luto, ao processo de apropriação de experiências vividas que vão constituir o sujeito psíquico.

Durante a depressão, entretanto, as expectativas de Riley, idealizando a sua vida no norte do país e odiando a vida em São Francisco, têm o efeito de uma sombra que cai sobre o eu, revelando um mundo interno em ruínas, com a libido escorrendo em direção a um grande buraco, o Poço do Esquecimento.

Perdas, frustrações e crescimento

No primeiro momento do filme, vemos no aparelho psíquico e no mundo interno de Riley o relato dos primeiros onze anos de sua vida, no norte dos Estados Unidos, em que a maioria de suas memórias é feliz e luminosa: predomina a alegria. São os momentos familiares felizes, a crescente habilidade de esqui no gelo, o prazer de pertencer a um time de *hockey*, os amigos “pra brincar” e a sua vida na escola. Ainda não apareceram perdas significativas e sofrimento.

Quando tem de mudar de cidade e se separar de seus amigos, da escola e das alegrias da primeira infância, tem início a aventura de lidar com a dor da perda e com as frustrações que vão se acumulando. Nesse momento, a Tristeza e a Alegria são muito mobilizadas, entram em conflito e são arrancadas da mesa de comando e levadas para um lugar da psique que é estranho e inóspito; seria o inconsciente? Começa a jornada de estranhamento, em que as duas procuram o caminho de volta à sala de comando, atravessando a sala de produção de sonhos e vivendo o receio de cair sem retorno no poço do esquecimento. Em todo o percurso, várias vezes, Alegria tenta impedir Tristeza de tocar nas memórias, pois, quando o faz, elas se tornam imediatamente

Por que Klein?

azuis. Até que se dá uma transformação, que veremos ser essencial para que o luto possa acontecer, atravessando os sentimentos de raiva que o estão bloqueando.

Alegria percebe que Tristeza não precisa ser sempre afastada; ela pode ter um papel importante na resolução de alguns impasses. A mudança acontece quando Alegria se lembra de quando o time de Riley perdeu o campeonato de *hockey*: os amigos e a família aproximaram-se dela, abraçando e chorando com ela, e esses abraços uniram as pessoas e deram origem a novas alegrias, agora tingidas de amarelo e de azul. Com a integração das emoções, geram-se alegrias mais tristes, é verdade, porém mais profundas e reais. As emoções unidas colocam a pessoa em contato mais verdadeiro consigo e com os outros.

A história relata então esta dura exigência de atravessar o sentimento de perda e de falta, com todos os seus impasses. Esta é, aliás, a saga de toda a vida psíquica – temos de aceitar as mudanças, mas o nosso narcisismo não quer saber disso, desejando que a felicidade dure para sempre, aspirando a um tempo narcísico infinito: sem mudança de cidade, sem adoecimento nem envelhecimento, sem perder as pessoas que amamos.

Riley tem de lidar com as dores de seu crescimento, e com o luto mais específico que é aceitar a mudança da cidade onde nasceu e viveu até os onze anos, cheia de memórias idílicas e da felicidade de patinar no gelo e ter amigos queridos que deixou para trás. Deixar passar o passado, que coisa mais difícil e que exigência absoluta que nos é feita desde que nascemos!

Muitos de nós fracassam nesta tarefa nuclear que Melanie Klein chamou de elaboração da posição depressiva. É tocante ver como o filme desenvolve o *insight* central que leva a essa elaboração kleiniana. Diante da mesa de comando da psique, a Alegria sempre se sente superior à Tristeza e tenta sempre impedi-la de predominar ou de tocar as memórias. Isso não foi difícil durante os primeiros anos de vida, quando Riley não tinha vivido ainda nenhuma perda significativa. Nesses momentos, Alegria afasta a Tristeza, que às vezes, apesar de todos os esforços contrários, consegue se aproximar do comando e tinge de um intenso *blue* as memórias felizes... Alegria rapidamente toma de volta a memória das mãos da companheira e esta se torna de novo límpida e luminosa. Nos primeiros tempos de vida, podemos deixar as crianças serem um pouco maníacas...

Entretanto, alegria em excesso ao longo da vida pode virar um estado maníaco persistente e doentio. Uma busca desenfreada por prazer e alegria significa perda do contato profundo com o vivido e com o sentido. Agitação e sentir profundo não combinam. O pensamento tingido de mania é acelerado demais e atropela o sentir e os sentidos mais fundos.

Por que Klein?

Já na Grécia Antiga, os poetas diziam que era preciso sofrer para compreender, a si e aos outros.

No estado maníaco, as relações de prazer são frenéticas e não se consegue uma verdadeira experiência de satisfação. O que se gera é ainda mais insatisfação. Porém, quando às experiências vividas se soma um toque de tristeza, o pesar que vem da noção da transitoriedade de tudo, de que o mundo não pode ser sempre esfuziante, dá origem a uma expansão e uma desaceleração que são vitais para a saúde mental. A respiração se aprofunda e o olhar alcança mais longe; temos a impressão de ter subido em um lugar alto, de onde se pode olhar mais longe, ganhando novos horizontes.

No filme, essa descoberta se dá em dois momentos. Depois de terem sido arrancadas da sala de comando e entrarem em uma jornada no inconsciente, quando a Alegria e a Tristeza conseguem voltar à mesa de edição, encontram as outras emoções em litígio: a depressão domina, ninguém se entende, as ilhas caíram, está tudo um caos na sala psíquica. Estamos em pleno trabalho da melancolia. Falta a integração que a libido e o trabalho de luto podem trazer. A Raiva toma conta da mesa de edição e coloca na cabeça da menina a ideia fixa de fugir da família em direção a sua cidade natal, para resgatar a infância perdida. Inconsciente da dor que essa ruptura causaria e do caráter impossível do projeto - tomar um ônibus e atravessar o país sozinha, aos onze anos, em direção à sua cidade natal -, quando Riley já está embarcando, algo acontece. Trata-se do preciso momento em que Alegria e Tristeza conseguem voltar à sala de comando psíquico.

Alegria tem então o *insight* de se unir à Tristeza, conduzindo-a à mesa de edição, pedindo que tome conta da situação. A Tristeza se libera e consegue tirar a lâmpada da Raiva que prendia o sistema, ou seja, a ideia fixa de romper com os pais e fugir, que estava bloqueando o contato verdadeiro com a dor e o luto. Arrancada a lâmpada que interrompia o fluxo do luto, Riley consegue interromper a fuga, sente vivamente a dor de se separar dos pais, desce do ônibus e volta para casa a fim de dividir com eles a sua dor.

Contato e partilha, eis uma fórmula importante para elaborar a dor de uma perda; é muito difícil viver a dor em estado de isolamento. A dor partilhada entre eles torna-se mais leve, gera um abraço de alívio, choro e elaboração. Liberada, a Alegria faz retornar o fluxo de vida e os investimentos no mundo, mas está profundamente transformada: perdeu a sua tonalidade maníaca, e para isso foi preciso aceitar e viver a dor. No mundo interno, depois dessa elaboração, Tristeza e Alegria, de mãos dadas, passam a comandar a mesa de edição e acontece um crescimento psíquico considerável.

Por que Klein?

O filme mostra que, a partir da elaboração da posição depressiva, as ilhas da família, do senso de humor, a ilha da honestidade, a ilha da amizade e a ilha do trabalho e do estudo se reorganizam, tornam-se maiores e mais complexas. Ao mesmo tempo, vê-se a chegada de uma nova mesa de edição, com maior capacidade de elaboração psíquica. É o que se espera de cada elaboração da posição depressiva: mais integração dos afetos, abrir mão de ideias fixas e certezas onipotentes, deixar passar os ideais absolutos da primeira infância, deixar passar o passado e aprofundar a capacidade de sentir e pensar a vida.

Em um episódio anterior a este, Alegria compreende bem o perigo de se transformar em defesa maníaca, caso impedisse a Tristeza de agir. Acontece quando as duas estão ainda perdidas no inconsciente, durante o episódio depressivo. Afastada da consciência, Alegria encontra de novo Bing Bong, um personagem imaginário da infância de Riley, que ela considerava “um amigo pra brincar” e cantar. Trata-se de um bicho de pelúcia cor de rosa, um misto de elefante, gato e golfinho. Bing Bong é encontrado quando as emoções caem no Poço do Esquecimento e ali encontram o brinquedo de infância. Ele lamenta a dor de ter sido esquecido pela menina e é afetuosamente abraçado por Tristeza, diante do olhar espantado de Alegria. Enquanto se abraçam e choram juntos, Bing Bong derrama suas lágrimas que são, na verdade, doces e balas se espalhando pelo chão. O que chama a atenção de Alegria é que, depois de vê-los chorar abraçados, eles voltam a sorrir, resgatando-se a si mesmos, em um nível mais profundo. Isso leva Alegria a perceber que sentir dor é algo que pode ser atravessado e superado se houver partilha, como tinha acontecido, na cena do passado, em que a dor de Riley atrai os amigos e a família, levando-os a um nível de contato e partilha que provoca o retorno do júbilo. Há algo de doce nas lágrimas partilhadas.

Mas, apesar disso, há um momento em que, mesmo com todos os esforços de voltar à consciência, Alegria cai em um nível tão profundo do inconsciente, o fundo do poço do esquecimento, que não consegue mais emergir às camadas mais superficiais, nem encontrar o caminho de volta à mesa de edição psíquica. Está presa entre as memórias mais remotas e apagadas; o lugar é inóspito, cheio de fuligem negra e sem esperança. É justamente nesse momento que descobre que Bing Bong também está lá, e junto dele, um velho brinquedo de infância: um carro movido à música, que faz lembrar a canção que o punha em movimento: “Bing Bong, Bing Bong, um amigo pra brincar”.

Tirando a poeira do brinquedo, ambos saltam nele e acionam o combustível musical para tentar subir às camadas mais superficiais da psique, cantando juntos a canção que os unia

Por que Klein?

na infância. Mas o peso de ambos os faz sucumbir à força da nostalgia, e eles tombam diversas vezes no poço do esquecimento. Na terceira ou quarta tentativa, acontece um momento mágico: Bing Bong sobe com ela no brinquedo, dando todo o impulso e vai só até metade do caminho. Ele decide abrir mão de chegar de novo à consciência com Alegria e se deixa cair no poço do esquecimento, para que ela possa subir. Subtraído o peso de Bing Bong, Alegria consegue alcançar uma camada próxima da consciência, talvez o pré-consciente, podemos inferir. E de lá, junto com Tristeza e com a ajuda de amores infantis imaginários, ganha impulso para voltar à mesa de edição psíquica, chegando no momento crucial em que a menina está abandonando a família e indo em direção ao lugar de sua infância, no momento mais deprimido da história.

O amigo imaginário da infância e os primeiros amores imaginários dão a ela o impulso para emergir de sua depressão, mas algo tem de ser deixado para trás. Juntos eles não iam conseguir vencer a força da gravidade que os fazia despencar de novo, na regressiva nostalgia pelo passado. Alegria é bem-sucedida, e antes de voltar à mesa de edição, e ao chamar por Bing Bong, olha para o abismo do esquecimento e dá-se conta de que ele havia se atirado para trás, para deixá-la subir. Contempla com dor o amigo que está lá embaixo, acenando com um dos braços que começa lentamente a desaparecer, depois o outro, até que todo o seu corpo vai se dissolvendo no poço do esquecimento, para que Alegria volte à consciência e haja um novo impulso libidinal para a vida. No *making off* do filme, conta-se que a equipe inteira foi tomada de intensa comoção, quando decidiu-se dar a Bing Bong esse destino.

Olhando-o de cima, Alegria vê o corpo de seu amigo desaparecendo, se dissolvendo na atmosfera inóspita do esquecimento. Ele precisava ser esquecido para dar lugar a novos acontecimentos. É esta cena que nos faz lembrar então do objeto transicional da infância, assim denominado por Winnicott, que ajuda a fazer as transições necessárias ao desenvolvimento da criança e que precisa deixar-se desaparecer, para que o processo de amadurecimento continue. Alegria precisou entrar em contato com seu amigo de infância, com as energias libidinais e as vivências mais antigas de alegria e de prazer, para sair do impasse. Mas aqui há também uma tristeza vivida. Ao dissolver-se, Bing Bong gera novo aporte de energia para que Alegria volte à consciência¹⁰.

¹⁰ Esta cena nos faz lembrar do filme germano-americano *A História sem Fim* (1984), dirigido por Wolfgang Petersen, quando o herói entra com seu cavalo no Pântano da Tristeza, e antes que afundem os dois, o cavalo o convence a seguir sozinho, para que possa se dar a travessia. O cavalo se deixa morrer, mas o herói deve prosseguir, pois tem um brilho, que o salva de afundar no pântano da dor.

O trabalho do aparelho psíquico

O filme nos ensina aquilo que é central no pensamento de Klein: que o trabalho *princeps* do aparelho psíquico é metabolizar a dor, criar passagens e sentidos para elaborar as perdas. No final do filme, como descrevi acima, as ilhas são reconstruídas de forma expandida e os funcionários da saúde entregam uma nova mesa de comando, último tipo, em que já consta um botão enigmático, que Riley ainda nem sabe o trabalho que vai lhe dar: chama-se o botão da puberdade, com os novos desafios e lutos que ainda a aguardam.

As memórias que eram no início da vida tingidas de uma só cor, tornam-se agora multicoloridas, e a elaboração da posição depressiva avançou bastante. A história revela que algumas lágrimas partilhadas podem ser doces e que dores e perdas precisam ser superadas para que possam se abrir novas paisagens e a vida possa continuar. Intuímos, com Gaston Bachelard (1988), a importância do *outro* para que esse processo aconteça e, também, para a saúde mental:

Vivemos adormecidos em um mundo mergulhado no sono. Mas quando um Tu pode murmurar em nosso ouvido, isto é o impulso que pode lançar as pessoas: o Eu desperta por meio da graça do Tu. O encontro é nosso criador: - éramos nada – ou nada além de coisas –, antes de nos termos encontrado.

A constituição do sujeito se dá através do Tu – eis uma noção fundamental para a qual Freud, Klein, Bion, Winnicott e outros psicanalistas atraíram a nossa atenção. Não apenas no momento de seu surgimento, mas ao longo da vida o Eu se constrói e reconstrói a partir da influência dos outros que vão sendo metabolizadas e assimiladas.

Em uma análise, o sujeito se abre para constituir-se e reconstituir-se. Aceita sua condição fundamental de depender e de ser desamparado, aceita-se em estado de confusão e paradoxo, vulnerável e passível a sentir dor, prazer e ser sede das mais intensas paixões e angústias. Esta é a verdadeira realidade psíquica dos humanos. Tudo o que fazemos para encobri-la e negá-la é um procedimento defensivo. Há um tipo de alegria em excesso que se

Por que Klein?

transforma em defesa maníaca; esta, por sua vez, é um mecanismo de recusa da tristeza, de desprezo pela condição humana em sua vulnerabilidade e finitude. Ao contrário disso, é preciso enraizar-se na existência através de diversos processos de luto e elaboração.

Essas ideias são centrais para o processo psicanalítico, desde *Luto e Melancolia* (Freud, 1917) e dos textos sobre o luto de Klein (1935, 1940), mas também podem ser intuídas, com prazer, através da animação “Divertida Mente”.

Capítulo III

A genialidade da análise com crianças e seus desdobramentos na clínica¹¹

A primeira e a mais revolucionária contribuição kleiniana para a clínica contemporânea, certamente a mais assimilada por inúmeros psicanalistas, foi a descoberta da análise de crianças. Assim, o que na década de 1920 era visto como um ato de ousadia se tornou uma experiência clínica cotidiana. Mas como isso aconteceu?

O início desta história remonta à própria experiência analítica de Klein com Sándor Ferenczi, em 1914. Num momento em que ela sofria de estados de depressão e dificuldades no exercício da função materna, Ferenczi ajudou-a a conhecer-se e a conhecer o universo psíquico de seus filhos, incentivando-a a analisar o mais novo, que sofria de inibições intelectuais e afetivas. A partir desse primeiro trabalho, abriu-se um universo de realizações profissionais para a jovem mãe que havia sonhado em ser médica e que se encontrava impossibilitada de fazê-lo, em função do casamento e da necessidade de cuidar de suas três crianças.

Em 1918, Klein apresentou então seu primeiro artigo psicanalítico, o caso Fritz, baseado na observação e análise do próprio filho, cuja identidade, de início, foi preservada. Na época, essa prática não causava estranheza, pois a psicanálise estava em seus momentos inaugurais. A

¹¹ Algumas ideias presentes neste capítulo também estão no livro *Tratado sobre Psicologia*, ainda não publicado, no capítulo intitulado “A presença do pensamento de Melanie Klein na psicanálise contemporânea” (CINTRA & RIBEIRO, no prelo).

Por que Klein?

partir desse primeiro mergulho no trabalho analítico, que abriu as portas da sociedade psicanalítica de Budapeste, Klein não parou mais de escrever, pensar e clinicar, até os seus últimos dias.

O caso Fritz (1918-1921) marca o início da técnica psicanalítica através do brincar. Klein tornou-se sensível ao fato de que a criança expressa as mais profundas angústias e fantasias por meio da brincadeira, que é a forma como realiza a associação livre. Assim, possibilitou o início da análise infantil, inexequível até aquele momento, excluindo todo e qualquer elemento pedagógico (HINSHELWOOD, 1992).

Durante o atendimento, Klein se engajava ativamente na fantasia que estava sendo proposta pela criança e se utilizava do próprio linguajar desta, sendo sempre muito direta e clara quanto a suas hipóteses relativas ao significado simbólico do brincar (HINSHELWOOD, 1992).

A análise de Rita (1923) foi outro marco importante na possibilidade de analisar crianças pequenas. Klein iniciou esse trabalho na casa da família da paciente, mas logo percebeu que seria mais adequado estabelecer outro espaço para a sessão analítica. Inicialmente, usou os brinquedos dos próprios filhos, e mais tarde propôs o uso de uma caixa contendo outros, que hoje chamamos de caixa lúdica.

Nas palavras de Klein (1955/1996, p.157), o analista:

...deve permitir à criança vivenciar suas emoções e fantasias na medida em que aparecem. Sempre foi parte de minha técnica não me utilizar de influência moral ou educativa, mas ater-me apenas ao procedimento psicanalítico que, resumidamente, consiste em compreender a mente do paciente e comunicar a ele o que ocorre nela.

A utilidade, atualidade e simplicidade desse postulado surpreende. A partir de suas observações clínicas, Klein (1955/1996) compreendeu que a inibição no brincar da criança representava uma séria perturbação, pois refletia dificuldades em formar e usar símbolos, além de perturbações na vida de fantasia. Observou que essas crianças com inibição intelectual apresentavam excessivos impulsos agressivos não assimilados, o que despertou o interesse na investigação clínica e teórica dos processos de simbolização. Como se forma a capacidade de pensar o que foi vivido? Para ela, a simbolização tem origem em um interesse primordial pelo próprio corpo; além disso, o significado de prazer e desprazer que se associa aos objetos concretos e às pessoas do mundo externo adquirem uma função proto-simbólica. O processo de figurar e representar o vivido dá início à construção de um mundo interno e às primeiras

Por que Klein?

tramas do tecido da fantasia inconsciente, conceito que abordaremos adiante.

De fato, no momento atual, continuamos a trabalhar com este critério diagnóstico tão fácil e simples: uma criança inibida na sua capacidade de brincar indica a presença de sofrimento psíquico e exige cuidados.

O grande *insight* de Klein foi perceber que as brincadeiras, os jogos, as histórias que as crianças inventam e os comentários que fazem ou calam podem ser escutados como associações livres de pacientes adultos deitados no divã. Usar a mesma linguagem das crianças para interpretar os conflitos e as angústias produzia efeitos terapêuticos que podiam ser percebidos na vida emocional, intelectual e nas relações sociais dos pequenos pacientes.

Finalizando este item, para falar sobre o brincar e sua riqueza, citamos Manoel de Barros (2010):

Poeminha em língua de brincar

Ele tinha no rosto um sonho de ave extraviada.

Falava em língua de ave e de criança.

Sentia mais prazer de brincar com as palavras do que de pensar com elas.

Dispensava pensar.

Quando ia em progresso para árvore queria florear.

Gostava mais de fazer floreios com as palavras do que de fazer ideias com elas.

Aprendera no Circo, há idos, que a palavra

tem que chegar ao grau de brinquedo

para ser séria de rir.

Contou para a turma da roda que certa rã saltara sobre uma frase dele

E que a frase nem arriou.

Decerto não arriou porque tinha nenhuma palavra podre nela.

Por que Klein?

Nisso que o menino contava a estória da rã na frase

Entrou uma Dona de nome Lógica da Razão.

A Dona usava bengala e salto alto.

De ouvir o conto da rã na frase a Dona falou:

Isso é Língua de brincar e é idiotice de criança

Pois frases são letras sonhadas, não têm peso, nem consistência de corda
para aguentar uma rã em cima dela

Isso é língua de raiz – continuou

É língua de Faz-de-conta

É língua de brincar!

Mas o garoto que tinha no rosto um sonho de ave extraviada

Também tinha por sestro jogar pedrinhas no bom senso.

E jogava pedrinhas:

Disse que ainda hoje vira a nossa Tarde sentada sobre uma lata
ao modo que um bentevi sentado na telha.

Logo entrou a Dona Lógica da Razão e bosteou:

Mas lata não aguenta uma Tarde em cima dela, e ademais a lata
não tem espaço para caber uma Tarde nela!

Isso é língua de brincar

É coisa-nada.

O menino sentenciou:

Se o Nada desaparecer a poesia acaba.

E se internou na própria casca ao jeito que o jabuti se interna.

Desdobramentos do método analítico

A partir da abertura do método analítico para as crianças se tornou possível pensá-lo também para psicóticos, autistas e *borderlines*. Klein trouxe novas propostas clínicas, novas estratégias terapêuticas e um novo estilo de trabalho. Sua técnica é, no essencial, freudiana: a leitura do inconsciente. Uma atitude despreconceituosa com relação aos aspectos primitivos do humano, uma escuta atenta, um interesse pelos conflitos, pelas angústias, pelo sofrimento psíquico e pelo absurdo da existência humana - o fato de que as coisas vão acontecendo de modo bastante diferente do que gostaríamos e que nos sentimos desamparados, vulneráveis, pois não conseguimos prever nem controlar, nem os próprios afetos e sua intensidade, nem as reações dos outros.

Quais serão os principais elementos da vida psíquica que têm de permanecer recalcados, escondidos, fora da consciência e da possibilidade de serem percebidos e elaborados? Podemos pensar na destrutividade, na sexualidade, na singularidade e nas diferenças entre as pessoas. E, também, no feminino, no sentido do acolhimento ao sentir, às sensações, ao saborear, contemplar, intuir. Podemos aqui incluir todos os desejos: as invejas, os ódios, os ciúmes, o não se conformar com as separações, as perdas, o sentimento de ter sido lesado e/ou prejudicado.

Melanie Klein – uma espécie de iluminista radical, como já dito – acreditava no poder terapêutico e no valor curativo da verdade e da possibilidade de criar um ambiente acolhedor e verdadeiro, independentemente da idade do paciente. Diante de crianças, adolescentes e de adultos, o analista deve se desprender de expectativas pedagógicas e educacionais, pois, apesar de iluminista, o projeto clínico não é o de civilizá-los, mas o de ampliar e aprofundar o seu contato com a realidade psíquica – impulsos, fantasias inconscientes, conflitos, dores e sofrimento.

Aos poucos, esse contato em um ambiente autenticamente disponível permite que os pacientes percam o seu horror à vida psíquica, no caso das crianças, razão de muitos de seus terrores noturnos e fobias, desistindo, assim, de acionar as defesas mais radicais contra as angústias, defesas estas que são sempre mutiladoras. O analista favorece, então, o encontro com novas vias de aproveitamento e transformação da realidade psíquica e, também, da realidade externa.

Por que Klein?

Entretanto, não basta amor pela verdade, é preciso uma “intuição” instruída teoricamente para que se possa entrar em contato com esse nível tão arcaico da vida psíquica. Isso porque, embora possam estar organizadas como *phantasias* inconscientes, as angústias arcaicas sempre estiveram fora do campo da linguagem, comunicando-se por vias primitivas e pré-verbais, como a identificação projetiva. Trata-se do mecanismo pelo qual as representações inconscientes e seus afetos são projetados para dentro do analista. Se este conseguir conter esses conteúdos projetados, pode então ajudar a formular, em termos simbólicos e languageiros, as angústias mais arcaicas.

O analista não deve imaginar que as angústias possam ser percebidas conscientemente, pois pertencem a uma camada pré-verbal ou pré-narrativa. Porém, embora não possam ser ditas expressamente, elas precisam urgentemente ser ditas por alguém. O analista deve ser capaz então de ir ao encontro dessas angústias arcaicas, contê-las na sua mente e transformá-las em uma narrativa. Essa é a função de continência da mente do analista, assim denominada por Bion, de modo que possa formular em palavras as angústias, abrindo espaço para um campo de simbolizações possíveis.

Algumas vezes, as ansiedades aparecem pelo avesso, por meio das defesas; o paciente pode dizer: “não sinto nada”, ou tornar ridícula a expressão de afetos, a vergonha por tudo aquilo que se relaciona ao corpo, denotando recalco da sexualidade, medo social, que aparece por meio de um afastamento e uma reclusão excessivos, que são defesas esquizoides. O analista deve nomeá-las para acessar e mobilizar o aparecimento das ansiedades soterradas e das fantasias inconscientes que as originam, e quando as angústias aparecem, deve ir em sua direção, oferecendo a palavra analítica, a interpretação.

O psicanalista não consegue fazer isto sem a sua intuição e sem contato empático e imediato com o mundo dos afetos e das representações inconscientes. Ele também necessita estar orientado por uma teoria que explicita as formas de aparição da vida mental primitiva. No entanto, apenas quando é capaz de usar uma linguagem narrativa compreensível poderá ser compreendido, mesmo que sua escuta analítica também esteja ligada à teoria mais abstrata e metapsicológica. É preciso, pois, que esteja atento à sonoridade das palavras, aos jogos semânticos e gramaticais que as palavras formam, ajudando o paciente a fazer a ponte entre o irrepresentável das pulsões e a superfície psíquica e suas narrativas. É preciso dar nome, forma e figura ao irrepresentável da pulsão, que se expressa na *phantasia* inconsciente e ao qual não se consegue ter acesso através do pensar consciente. Em outra perspectiva, se o analista

Por que Klein?

permanecer convicto demais de sua teoria, no seu aspecto metapsicológico, pode tornar-se intrusivo, arbitrário e violento.

Para Klein, mais do que narrar suas experiências, o que o paciente precisa, e logo começa a fazer junto ao analista, é reeditar experiências e padrões de relacionamento já vividos com maior ou menor prazer em outros momentos de sua vida. O que acontece diante deste personagem enigmático que é o analista? Considerando que as angústias primitivas e suas defesas vão se projetar sobre ele, é preciso deixar que, no percurso de uma análise, essas projeções aconteçam e sejam trabalhadas pela interpretação; mas, para isso, os climas e as posições relativas que vão sendo ocupadas pelo paciente e atribuídas por ele ao analista precisam ser sempre monitoradas.

Tudo o que o paciente diz, tudo o que relata, suas brincadeiras, seus desenhos, os sonhos que conta, seus comentários e associações, suas reações às interpretações oferecidas, tudo parece ser visto e escutado como endereçado ao analista. Este é percebido como tal ou qual figura significativa da experiência do paciente e, efetivamente, colocado nesse lugar. Em maior ou menor grau, o analista se deixa levar para esse papel e, em certa medida, o encarna, ocupando de fato o lugar que o paciente o coloca.

De fato, na transferência, acabamos por ocupar diferentes lugares e assumir diferentes feições. Mesmo que o paciente esteja se referindo a qualquer outra pessoa, sabemos que, ao menos em parte, é de nós que está falando; é sempre a nós que se dirige.

A situação analítica é bastante complexa e acaba reunindo muitos tempos, lugares e situações diferentes, os quais se sobrepõem, desdobram e se multiplicam. O analista focaliza o aqui e agora, mas está ciente de que todo aqui e agora é um momento de ressonância do passado e antecipação do futuro – não há um aqui e agora isolado desta sobredeterminação.

Para os kleinianos, é importante reconhecer que a análise se dá nessas condições e, fundamentalmente, sobre essas condições, cabendo então interpretá-las, discriminando *phantasia* de realidade, passado de presente, inconsciente e consciente. O objeto da análise não é o passado tal como se passou, mas este presente complexo, multifacetado e sobredeterminado em que o infantil está atuante, tanto nas crianças como nos psicóticos, e mesmo nos adultos neuróticos, como um modo de funcionamento mental, com uma modalidade de ansiedade, de defesas e resistências e de formas de contato com os objetos internos e externos.

A análise é um percurso que deve ser atravessado para que o paciente dele saia transformado. Muitas vezes, o analista é idealizado, tratado com complacência e com uma

Por que Klein?

concordância muito rápida. Os kleinianos logo buscam detectar os elementos de voracidade, inveja, ciúme e ódio que ficam muitas vezes camuflados. Esses elementos destrutivos são companheiros inseparáveis do processo analítico, e se não forem interpretados, atacam tudo o que de bom e amoroso o analista e a análise podem oferecer, gerando uma forte reação terapêutica negativa.

Prestar atenção a esta reação terapêutica negativa – essa estranha vontade de não se curar e não aproveitar o que aquela análise e aquele analista podem oferecer – foi algo que nossa autora apontou como decisivo, desde o princípio, importante de ser captado e interpretado.

Mais uma vez, aqui opera seu lado “iluminista radical”, segundo o qual essas forças sombrias e contrárias ao sucesso de uma análise podem ser ao menos parcialmente neutralizadas, caso venham à luz desde o princípio, de modo que não ocorra um pacto de silêncio entre paciente e analista.

Capítulo IV

A fantasia inconsciente: leituras atuais¹²

O conceito de fantasia inconsciente é outra grande contribuição do pensamento kleiniano para a psicanálise. Ainda que o termo já figurasse no texto freudiano, foi Klein quem investigou profundamente o funcionamento arcaico da mente. De fato, Freud (1923/1980) havia postulado: “... o ego é, antes de qualquer coisa, um ego corporal...”; no entanto, Klein explorou clínica e teoricamente os destinos das sensações corporais mais arcaicas e a sua

¹²Algumas ideias presentes neste capítulo também estão no livro *Tratado sobre Psicologia*, ainda não publicado, no capítulo intitulado “A presença do pensamento de Melanie Klein na psicanálise contemporânea” (CINTRA & RIBEIRO, no prelo).

Por que Klein?

transformação em fantasia inconsciente, que é o lugar onde se constitui a mais profunda imagem inconsciente do corpo.

As pulsões sexuais em suas diversas aparições – na dimensão oral, anal e uretral – ganham então suas primeiras representações psíquicas, as fantasias inconscientes. Para a autora, as pulsões, na qualidade de processos psicossomáticos limítrofes, se dirigem sempre aos objetos que poderiam satisfazê-las. Estes, por sua vez, transformam-se em “objetos internos” da fantasia, vindo a constituir os cenários internos que formam a vida psíquica (ISAACS, 1952/1982; FIGUEIREDO, 2006).

Como escrevem Cintra e Figueiredo (2004, p.151) “(...) A fantasia é o lugar de registro daquilo que Melanie Klein chamou de ‘memórias em sentimento’ (*memories in feelings*), mas que poderíamos chamar, de maneira mais exata, de ‘memórias em sensações’”. Importante então que, em seu cotidiano clínico, o analista mantenha-se em contato com suas memórias corporais mais arcaicas para captar e entrar em ressonância com as comunicações pré-verbais do paciente. Isso porque, se há uma paralisação no processo de simbolização, a fantasia inconsciente não se desenvolve, há um empobrecimento dos vínculos com o mundo externo e concomitante empobrecimento dos objetos internos. Os mundos interno e externo se tornam cinzentos, esvaziados, desabitados. Estou enviando a vocês anotações de trechos que podem ser comentados por nós nas próximas aulas. Trata-se de notas tiradas diretamente do livro, só para lembrar alguns pontos que já discutimos e que vocês podem achar interessante retomar para aprofundar.

Um mundo interno povoado por objetos que podem estar conectados ou desconectados das emoções é outra considerável contribuição kleiniana para a teoria psicanalítica, sendo, posteriormente, desenvolvida e transformada na compreensão dos vínculos na obra de Bion (1959/1991b).

Podemos ainda compreender a fantasia inconsciente como uma imaginação radical¹³, presente em todas as funções psíquicas - fantasiar é o processo que cria significado, é a forma de ser da vida psíquica inconsciente e transforma elementos somáticos em conteúdos psíquicos. Trata-se de representar as pulsões que estão próximas das intensidades e das forças, fazendo-as entrar no campo do sentido. A fantasia inconsciente é um conceito de caráter híbrido, entre corpo e psiquismo, dentro e fora, sensação e palavra.

¹³ Ideia presente no texto de Figueiredo (2006).

Por que Klein?

O texto de Susan Isaacs (1952/1982) sobre a natureza e a função da fantasia é, ainda hoje, uma referência importante. Foi apresentado na Sociedade Psicanalítica de Londres, por ocasião das controvérsias Freud-Klein (1941-1945), quando havia um forte questionamento a respeito das teorias kleinianas, se estariam, ou não, se desviando do pensamento freudiano, marcando a disputa pelo poder institucional na formação dos candidatos. Contudo, gerou excelentes produções, como a de Isaacs.

Isaacs (1952/1982, p.127)¹⁴ afirma que “(...) as fantasias são o conteúdo primário dos processos mentais inconscientes”. E, também, que “As fantasias inconscientes são, primordialmente, sobre corpos, e representam os anseios instintivos em relação aos objetos”.

Ogden (2014) desenvolveu um trabalho instigante ao retomar o texto de Susan Isaacs após algumas décadas, propondo que a compreensão de fantasia inconsciente antecede, em alguns aspectos, a teoria do pensar de Bion (1962/1991c).

A partir da noção de fantasia inconsciente e do trabalho de Bion, os analistas puderam compreender de forma mais nítida que a capacidade de pensar nasce do mundo sensorial das experiências emocionais, ancorado nas sensações corporais. Na versão¹⁵ do texto de 1943, Isaacs (1943/1998, p.283) afirma: “O conteúdo primário de todos os processos mentais é de fantasias inconscientes. Estas fantasias constituem a base de todos os processos inconscientes ou conscientes de pensamento”. Sabemos, já a partir de Isaacs, e mais claramente a partir de Bion, que a fantasia é um proto-pensamento; são as experiências sensoriais e emocionais primitivas que vão se organizando e figurando, havendo uma relação de continuidade, ou melhor, uma invariância, que conecta o pensamento inconsciente, ou proto-pensamento, ao pensamento mais abstrato.

Podemos afirmar que as fantasias inconscientes são os representantes psíquicos de estímulos como fome, sede, frio e calor, sentimentos, desejos, processos corporais como o alimentar-se e a excreção, além de trejeitos, projetos, ideias e ideais. Também o modo de falar e andar, a postura corporal, os hábitos de lidar com o tempo - pontualidade e procrastinação - e com o dinheiro - avareza ou prodigalidade - estão todos ligados a conflitos com a autoridade, tendo uma fantasia inconsciente como fundamento, assim como as fobias, conversões

¹⁴ Esta posição intermediária da fantasia entre corpo e psique pode ser aproximada da noção de elaboração imaginativa das funções corporais, proposta por Winnicott, também, na década de 1950.

¹⁵ Há duas versões do texto de Susan Isaacs, a original apresentada nas controvérsias em 1943, e a versão revisada, publicada em 1952.

Por que Klein?

históricas e rituais obsessivos.

Enfim, "Nada do que ocorre no corpo e na mente deixa de estar, de alguma forma associado a esta atividade inconsciente e criativa de fantasiar" (FIGUEIREDO, 2009, p.25).

A fantasia inconsciente é, então, uma capacidade de criar cenas, situações e teorias a partir de todo o vivido, dando sentido e valor a tudo que acontece. Podemos dizer que as primeiras formas de conhecer o mundo - nas etapas oral e anal - se dão através do devorar e do agarrar, que seriam os modos arcaicos de se apropriar do mundo. É possível traçar uma linha de continuidade que vai do gesto de *agarrar* do bebê e até mesmo do feto até o *compreender* mais abstrato da atividade cognitiva adulta. Em inglês, usamos o termo *to grasp* tanto para o agarrar com as mãos quanto para o captar e compreender abstrato.

Quando o analista interpreta, ele desenvolve uma atenção que flutua do corpo ao psíquico; ou seja, pensa o aspecto psíquico tendo como pano de fundo o corporal. São as fantasias inconscientes, através de seu caráter híbrido, que permitem esse trânsito da sensação à palavra e desta de volta ao corpo, realizando a mediação entre dimensões tão heterogêneas. Isso torna possível traduzir um conflito que se passa, por exemplo, no âmbito moral, em termos corporais, primitivos e infantis. São essas transposições de sentido que ajudam o paciente a tornar mais *carnal* a interpretação do analista, que ganha então nuances de sentido, configurando um *insight* através do qual pode se dar uma experiência emocional, e pode acontecer a mudança psíquica. Esses processos de transposição que a interpretação realiza - entre o corpo e o psíquico, o dentro e o fora, o passado e o presente - são deslocamentos de sentido que se tornam possíveis na transferência, em função da mobilidade mediadora da fantasia inconsciente.

Para encerrar essas considerações, podemos afirmar, com Figueiredo (2009), que há formas mais ou menos patológicas de lidar com a fantasia inconsciente. Aquelas que se aproximam mais de uma ideia de saúde envolvem admitir, expressar e simbolizar as fantasias mais arcaicas, ao passo que a patologia está em reprimi-las, ou usar os mecanismos de defesa mais radicais contra elas, como a recusa, a desautorização, a cisão.

Em termos de um processo analítico, espera-se que as fantasias inconscientes possam ir sendo processadas e transformadas. Para lidar com as fantasias mais arcaicas e onipotentes, é necessário o partilhar com outra pessoa; no início da vida, a mãe e outros cuidadores, e mais tarde, o analista. O projeto analítico visa dar amplo espaço para a expressão das fantasias inconscientes, em direção a uma diminuição de sua onipotência e à entrada em um crescente

Por que Klein?

processo de simbolização. É possível dizer então que o incessante trabalho de acolher e simbolizar as fantasias inconscientes é o que leva a uma ampliação significativa da capacidade de pensar e sentir.

Além de tudo isto, dispor de uma noção como a fantasia inconsciente em suas diversas articulações, e níveis de desenvolvimento, um conceito que atravessa a realidade somática e psíquica permite escutar as *representações* e ao mesmo tempo abrir-se a uma nova escuta do *irrepresentável* e das *memórias inconscientes do corpo*. Através dessa noção é possível transitar de forma criativa entre a primeira e a segunda tópicos de Freud, articulando a clínica da representação e a clínica das pulsões.

Capítulo V

O arcaico em Klein¹⁶

Há um aspecto que nos conduz diretamente ao núcleo da herança kleiniana: sua linguagem. Trata-se de uma forma de comunicação que nos permite um contato direto com a dimensão concreta e corpórea da fantasia infantil, por sua constante referência aos órgãos e fluidos do corpo. E talvez justamente esse aspecto possa, em um primeiro momento, levar a uma imediata rejeição de suas ideias, “assustando” tanto o interlocutor leigo como também os próprios psicanalistas...

De fato, o psicanalista francês Victor Smirnoff (1985) conta-nos do “choque” que viveu ao ler Melanie Klein pela primeira vez. Mas, apesar de tudo, destaca que foi ela quem nos ensinou a atribuir palavras justas à criança que está presente também nos adultos. Smirnoff acredita que não sabemos lidar com a criança em nós: ora a mimamos demais, ora a perseguimos além da conta: “...a criança em sua onipotência, sua raiva, seu desespero, seu desamparo, seu abandono, seu combate com os fantasmas, os bons e os maus objetos

¹⁶ Algumas ideias presentes neste capítulo também estão no livro *Tratado sobre Psicologia*, ainda não publicado, no capítulo intitulado “A presença do pensamento de Melanie Klein na psicanálise contemporânea” (CINTRA & RIBEIRO, no prelo).

Por que Klein?

introjetados, triturados, destruídos ou hipostasiados” (pp. 84-5). Ou seja, mais do que proteger ou perseguir a criança em nós, é preciso dar voz a ela; é preciso escutá-la.

Então, para lermos Klein e nos apropriarmos de suas ideias, é especialmente importante ter em mente um procedimento que permanece vivo até hoje: observar como brincam as crianças, de que maneira cuidam ou querem tomar posse de seus objetos de amor e ódio; como aparecem os desejos de controlar, de machucar e ferir seus brinquedos e seus companheiros reais e imaginários; de que forma encenam suas necessidades, medos e angústias, seu prazer de dominar os outros, exercendo seu poder ou revelando o impulso de negar a separação das pessoas amadas.

Para nossa autora, as dimensões oral, anal, uretral e fálica da sexualidade infantil permanecem exercendo seus efeitos ao longo de toda a vida, como uma camada ou um substrato inferior na composição do erotismo adulto, e continuam a se expressar por meio das mais diversas fantasias ligadas ao devorar, expulsar, estreitar, controlar ou submeter-se.

Através das observações pessoais e clínicas do brincar e da vida psíquica de crianças e bebês, a psicanalista nos leva a entrar em contato com o campo do arcaico, contribuindo sobremaneira para a compreensão do funcionamento inconsciente mais profundo e primitivo. De fato, o infantil pede uma escuta analítica e uma capacidade metafórica do psicanalista,. Isto nos coloca diante de uma preocupação central de Klein: a ênfase na experiência emocional do analista e dos pacientes durante a sessão, que, somada ao *aprender com a experiência*, foi amplamente desenvolvida por Bion¹⁷ e Winnicott e, depois, por Thomas Ogden, Christopher Bollas e Antonino Ferro, entre outros.

Há, porém, um paradoxo de difícil resolução no centro de toda experiência emocional: a necessidade de entrar em contato com as emoções em sua dimensão bruta e violenta, que revelam necessidades arcaicas de apropriar-se do outro para capturá-lo, e, por outro lado, a necessidade de ser livre e dar liberdade ao outro, tornando-se capaz de separar-se do infantil e de estar só. Trata-se do paradoxo entre o desejo de ser amado e reconhecido, e o desejo de ser livre, e ao mesmo tempo obedecer a exigência ética de cuidar e realmente enxergar o outro em sua singularidade.

Podemos dizer, então, que o enigma do amor e de suas violentas capturas está no cerne do pensamento de Klein. Ela se tornou sensível, mais do que qualquer outro analista, ao

¹⁷ O termo experiência emocional na obra de Bion (1962/1991c) aparece constantemente, indicando que o elemento transformador na análise é a experiência emocional vivida entre analista e analisando.

Por que Klein?

paradoxo apontado por Freud, o de sermos todos uma espécie de *porcos espinhos*, sempre sedentos de viver a experiência do amor, movidos pelo que chamou de uma *sensucht*, uma ânsia voraz de amar e ser amado, um desejo de intimidade e de proximidade afetiva. E, no entanto, ao chegar perto dos outros, aparecem os espinhos e descobrimos a face obscura da natureza humana, a violência e a possessividade. “O homem é o lobo do homem”, afirma Freud (1930/2010, p. 77) em *O Mal estar na Civilização*, lembrando-se da famosa frase de Hobbes. Trata-se de nossa quase irredutível violência, e de nossa necessidade infantil de tomar posse do outro e torná-lo um escravo.

Levinas (1996, pp. 79), o filósofo, propõe discutir a ideia de Aristophanes de que cada ser humano está sempre em busca de sua "outra cara metade". Na verdade, ou antes de mais nada, ele busca dominar o outro, mesmo quando chama isso de amor. Eis um ponto de concordância, amargamente pessimista, com o Freud de *O Mal estar na Civilização*, e com a ideia de Melanie Klein acerca da pulsão de domínio e da violência que caracteriza a mente primitiva. Os psicanalistas, no entanto, cultivam a esperança de que seja possível reduzir e transformar uma parte dessas tendências hostis e a isso dedicam o seu trabalho.

A relação primordial com a mãe e a "situação edípica"

Decifra-me, ou te devoro.

(Esfinge, no mito de Édipo)

Ferenczi (1924/1990) chamava de “anfímixia”¹⁸ de erotismos a presença simultânea de todas as formas de erotismo, dos aspectos orais, anais, uretrais, fálcos, sádicos, fetichistas, enfim, o caráter polimórfico da sexualidade infantil.

Inspirando-se no psicanalista húngaro, Melanie Klein compreendeu então que, no mundo arcaico e inconsciente, há uma infiltração dos erotismos, cada um deles “tingindo” o

¹⁸ “...o desenvolvimento sexual do indivíduo atinge o apogeu no momento em que o *primado da zona genital* substitui os autoerotismos anteriores...e as organizações provisórias da sexualidade. Os erotismos e os estágios de organização superados persistem na organização genital definitiva como mecanismos de prazer preliminar (FERENCZI, 1924/1990, pp. 261-62).

Por que Klein?

outro com a sua forma, como se a oralidade transmitisse ao dinamismo anal algo de sua fantasia ligada ao devorar e ao consumir, e a analidade, com sua ligação à musculatura e à pulsão de domínio, transmitisse ao âmbito oral algo de sua lógica, que podemos resumir nos termos "reter-expulsar", "aproximar-afastar". Essa formulação a levou a conceber a mesma ideia de uma "infiltração" do pré-genital no erotismo genital adulto e no dinamismo do Complexo de Édipo, em um movimento que faz conviver as relações duais e as que se inserem em um campo triangular. A separação entre as etapas fica assim menos nítida e permite usar a metáfora de Freud de uma paisagem em que diferentes tipos de vegetação se sucedem, com áreas mistas.

Foi Melanie Klein, entretanto, que, antes de qualquer outro analista depois de Freud, teve a intuição de que existe um triângulo edípico incipiente, desde os primeiros meses de vida. Embora as primeiras relações de objeto sejam predominantemente duais e orais, com grande indiferenciação entre o bebê e a mãe, um primeiro registro de diferença, de alteridade, começa a insinuar-se muito cedo. A psicanalista se deu conta de que as sensações desagradáveis que são atribuídas à mãe ou ao ambiente materno por parte do bebê são os registros que constituem o seio mau.

No início da vida, forma-se então uma triangulação incipiente entre o bebê, o seu objeto de amor e de satisfação e o objeto mau. Exemplificando: o bem-estar de ser amamentado e embalado pode ser interrompido por uma cólica intestinal, ou por algum outro estímulo desagradável que se interpõe ao idílio da dupla mãe-bebê, introduzindo-se, através do desconforto, um terceiro elemento dissonante que quebra a continuidade da vivência de satisfação. Ou seja, no horizonte da dupla mãe-bebê está precocemente presente um terceiro e o idílio está sendo sempre ameaçado por uma interrupção.

Klein, com sua intuição clínica, evidenciou a importância do corpo e da interação do bebê com o corpo da mãe, em formas primitivas. O que hoje é visto como algo intrínseco às investigações psicanalíticas, nas décadas de 1920 e 1930 foi considerado extremamente ousado e incompreendido; porém, em sua posterioridade, acabou sendo mais desenvolvido na obra daqueles que a sucederam.

Tanto Winnicott como Bion vão investigar o início da vida psíquica a partir dessa relação primordial com a mãe, nas décadas de 1950 e 1960. Winnicott elaborou os conceitos de mãe ambiente (1958/1988), mãe suficientemente boa (1957), preocupação materna primária

Por que Klein?

(1958/1988); e Bion (1962/1991c) usou o modelo mãe-bebê para construir a teoria do pensar¹⁹.

Nos primeiros momentos de vida, a mãe não é percebida como separada do corpo do bebê; porém, na época do desmame, entre o quarto e o sexto mês de vida, os momentos de frequente ausência materna tornarão possível o seu próprio reaparecimento como figura separada. Em outras palavras, no momento em que se dá a experiência de ausência da mãe, tem início o complexo de Édipo arcaico (KLEIN, 1928/1997). A própria ausência da mãe cria uma nova compreensão de sua presença, que começa a se destacar e se deixar discernir fora da união simbiótica. É sobre a experiência da mãe ausente que o pai ou outros cuidadores vão se tornar mais perceptíveis, justamente pela estranheza criada, quando aparecem no lugar da mãe.

Podemos compreender melhor a precocidade da triangulação edípica a partir deste trecho do artigo de Cintra e Figueiredo (2004, p.28):

Os personagens desse triângulo ou drama edípico precoce são a **criança** – cujo ego começa a constituir-se de forma mais nítida no momento mesmo em que pode perceber a mãe como objeto total – a **mãe** – que começa a ser reconhecida – e o **estranho** – cuja existência é dolorosamente descoberta justamente porque vem assinalar a ausência da mãe.

Nesta perspectiva, o pai é o primeiro estranho-familiar. O objeto primário para meninos e meninas é a mãe, sendo que no horizonte afetivo da criança-e-sua mãe surge o pai, imediatamente após a precoce percepção que o bebê tem da mãe como um outro (objeto total). O "pai" é, de início este *lugar* ou *horizonte* para onde a mãe desapareceu. Dizendo de maneira diversa, o pai é experienciado primeiramente como um estranho – ele ainda é a não-mãe.

A precocidade da triangulação edípica marca e distingue, para o *infans*, o pensamento de Klein (1928/1997). O bebê é impelido, pela frustração oral imposta pela mãe, desde o desmame, a voltar-se para outras fontes de satisfação, e aí encontra o pai. Esse movimento se dá concomitantemente à posição depressiva, conceito que será articulado por Klein em 1935 e 1945, como explicaremos adiante. Petot (1988, p. 49) afirma que o ego "foge e distribui"; isto é, ele foge da frustração e distribui seus investimentos para além do objeto primário.

Podemos afirmar, portanto, que o estado de fusão e indiferenciação do início da vida não se mantém de forma absoluta, e são as falhas do idílio com o objeto primário que fazem surgir a não-mãe, lugar de onde começará a se tornar visível o pai e depois dele o mundo. Estes

¹⁹ Para Bion (1962/1991c, 1990), pensar é sonhar – não se trata, aqui, do uso habitual da palavra pensar, como pensamento lógico e consciente, embora este último se origina dos modos arcaicos de sonhar-pensar.

Por que Klein?

portadores da triangularidade - a dor, o desconforto e o pai - aparecem no horizonte externo da mônada original entre mãe e bebê, ali onde se dá o desencontro; na verdade, em qualquer idade há sempre certo desencontro entre o sujeito e seus objetos. Ora, é a partir desse desencontro que bebês e adultos imaginam a chamada *cena primária*. É mais fácil compreender essa fantasia inconsciente, inscrita no psiquismo desde o início da vida, se supusermos que, no momento de quebra da plenitude, a experiência de plenitude que não se encontra mais lá é projetada para fora, para um lugar imaginário onde estaria supostamente acontecendo. É esse movimento para fora que cria a cena primária - uma festa inconcebível de prazer - na qual estão representados, ao mesmo tempo, a plenitude, a dor ligada à perda da plenitude, a nostalgia dessa perda e o desejo de resgatá-la.

Neste lugar fictício, o sujeito passa a ocupar o lugar de terceiro excluído, posição esta necessária para que possa ocupar, em outro momento, o lugar do primeiro e do segundo incluídos, e para que possa desenvolver a capacidade de pensar e sentir, como deixaremos mais claro abaixo.

Foi a esta triangularidade originária que Melanie Klein (1926) deu o nome de "situação edipiana", associando-a à multidão de experiências que interrompem a experiência de satisfação. A plenitude da gratificação continua sendo desejada, porém é deslocada para outro lugar: pertence agora ao campo da memória, da nostalgia e da incessante busca de que possa ser de novo alcançada em algum momento futuro; ou seja, foi transferida para o plano da fantasia e, mais tarde, do pensamento.

Para Klein (1928, 1932 e 1935), antes da entrada no complexo de Édipo propriamente dito, tal como descrito por Freud, a criança vive a "situação edipiana", o vislumbre de que a mãe tem outras fontes de prazer. Isso se dá quando a mãe se ausenta ou falha, e a criança se vê invadida pelas questões: para onde foi?; com quem está agora? Essa situação imaginária e pouco nítida antecipa a entrada no complexo de Édipo propriamente dito, entre três e cinco anos de idade.

No dizer de Figueiredo (2009, p. 41), "Nesta medida, há uma situação triangular precoce e incipiente, pouco nítida, como "limite da bem-aventurança". A bem-aventurança e o idílio primário precisam encontrar um limite, tanto na realidade como na fantasia. Na realidade, o pai e os outros objetos que estão funcionando na função de *terceiro* precisam dar sustentação e viabilizar a relação dual entre o *segundo* - a mãe - e o *primeiro* - o bebê - que estão envolvidos na onipotência narcísica primordial.

Por que Klein?

A relação dual, por maior que seja o seu apelo, contém em si uma força de atração que também gera muita angústia: a de mergulhar e perder-se no outro. A presença do pai e dos que exercem a função de *terceiro* dá sustentação à mãe, para que esta dê sustentação ao bebê, e ao mesmo tempo, coloca um limite à tendência materna de fundir-se com o bebê e exercer sobre ele um controle absoluto, ou seja, ele protege das angústias de engolfamento. Essa tendência materna a "devorar" o outro e o desejo de submergir n' "a coisa materna" (LACAN, 1959-1960) são tendências que podemos associar à Esfinge, no mito de Édipo com a sua injunção: *Decifra-me ou te devoro*.

Enfim, talvez o aspecto mais enriquecedor da contribuição de Klein para a compreensão da "travessia e dissolução do complexo de Édipo" tenha sido aproximar a elaboração do Édipo a um processo de luto e separação, aproveitando toda a reflexão psicanalítica já existente, desde 1915, a respeito do luto e da melancolia. Dessa forma, foi possível pensar uma travessia edípica de acordo com os processos mais saudáveis do luto e, no outro extremo, os casos de travessia extraviada, que se aproximam dos quadros da melancolia, da paranoia e da esquizofrenia.

Ao mesmo tempo, a estratégia de pensar sempre em termos de "situações" e "posições" que agrupam angústias e defesas ofereceu a Klein um caminho mais flexível que permitiu compreender as infinitas combinações e montagens que cada criança cria para haver-se com suas necessidades, demandas, desejos, defesas e angústias, em sua inserção no mundo familiar e em sua construção de um lugar no mundo.

Esta maneira de pensar em termos de angústias, defesas e nos modos de relação de objeto permitiu que a autora fosse discernindo, montando e desmontando *a posteriori* os elementos formadores do complexo edípico como um jogo de blocos, que teria início desde o desmame através da criação e destruição de diferentes formas da "situação edipiana".

A situação edipiana pode então se organizar ou de maneira mais defensiva ou mais estruturante; neste último caso, torna-se possível desconstruir o *narcisismo primário* e aceder aos processos de simbolização. Na verdade, Klein não utiliza muito a noção de narcisismo, pois quer enfatizar a importância das relações de objeto desde o início da vida. O que aqui chamamos de *narcisismo primário* corresponde em seu pensamento à posição esquizo-paranoide e aos "estágios iniciais do conflito edipiano" à luz das ansiedades arcaicas (KLEIN, 1928, 1932 e 1945).

A pergunta fundamental - que permanece sendo decisiva em todas as linhas psicanalíticas, é: "Como sair da onipotência narcísica e das figuras combinadas e confundidas

Por que Klein?

onipotentes, tal como dispostas na fantasia inconsciente?" (FIGUEIREDO, 2009, p.42).

Em termos kleinianos, um sinal de que estamos na vigência dos estágios iniciais do conflito edípico é a presença das figuras parentais combinadas, que unem o pai e a mãe em uma relação que exclui tudo e todos, de forma absoluta. Essa relação é fantasiada segundo a dinâmica sádica, violenta, intensa e louca que corresponde à desmesura da sexualidade oral, anal, uretral do erotismo muscular, em suas formas primeiras.

Então, quando a criança se sente excluída por parte da figura dos pais combinados, a dor da frustração intensifica o ódio e a voracidade que são projetados no casal parental, participando da construção da desmesura ideal desta figura. Um exemplo da violência que pode aí ser gerada está no filme brasileiro "Cidade de Deus" (2002), dirigido por Fernando Meirelles e Kátia Lund: em determinado momento, um menino criado em um ambiente delinquente entra armado em um motel e vai metralhando todos os casais que lá se encontram, em uma atualização violentíssima desse tipo de fantasia. A vivência seria que o casal parental celebra uma festa de inconcebível prazer, vivida pela criança como uma exclusão radical e manifestando que a sexualidade adulta aparece aos olhos infantis como enigmática, excludente e violenta, pois se reveste da própria violência infantil contra tudo isso. Para se contrapor ao sentimento de exclusão da sexualidade adulta que aqui tem o valor de metáfora de todas as outras exclusões que este menino enfrentou, só resta praticar o ato mais radical de destruição.

A este respeito, Figueiredo (2009) destaca: "Na cena primordial fantasiada cria-se o objeto todo-poderoso, protetor absoluto e terrorífico, detentor de todos os atributos e capacidades, o interior da mãe com um pênis interno" (p.42). Esse objeto autoerótico e autossuficiente reúne e condensa as mais intensas fantasias de prazer, violência e poder.

Na verdade, Melanie Klein cria um modelo de fantasia - os pais combinados - mas, para a sua construção, não há necessidade de ter presenciado nenhuma relação sexual sadomasoquista, ou outra qualquer. A fantasia pode surgir apenas da convivência com uma mãe narcisista e autoerótica, o que já é suficiente para alimentá-la. Outras experiências que podem criá-la são a figura de um ditador, de uma gangue de criminosos, ou a convivência em um ambiente fundamentalista que discrimina e exclui outro grupo social, como pudemos observar antes dos genocídios dos séculos XX e XXI.

Queremos com isto assinalar que basta que se crie uma figura monstruosa, detentora de todos os ideais de poder e excelência e de todas as ameaças de exclusão, para que se diga que estamos diante da figura dos "pais combinados".

Por que Klein?

Às vezes, apenas a combinação entre o estado de desamparo de um bebê, contemporâneo a um ambiente que falha de forma mais radical e violenta, é o suficiente para gerar a fantasia dos pais combinados. Podemos dizer que o superego arcaico em Klein, com suas violentas injunções, recriminações e depreciações, tal como aparece na melancolia, seria outro exemplo desse objeto fantasiado e, por vezes, experimentado. No caso dos ditadores, o que parece conferir a eles alguma credibilidade é o fato de oferecerem uma proteção absoluta a seus seguidores, o que é objeto de intenso desejo; porém, em troca de uma obediência radical, como no caso da *jihad* dos muçulmanos.

Tudo que dissemos acima está relacionado, então, às formas mais arcaicas de aparecimento de uma "triangularidade" pouco discriminada, na qual as figuras do segundo e do terceiro encontram-se, ainda, ameaçadoramente amalgamadas, lançando sombra sobre o eu.

A posição esquizo-paranoide seria um primeiro passo no sentido de organizar essa intensidade, construindo figuras de mãe e de pai boas e más; **ou seja**, dissociadas. Podem ser criadas então diversas relações duais, super idealizando a mãe para fugir de um pai "mau" ou o contrário disto. Os kleinianos falam dessas configurações defensivas em que a triangulação não aparece nítida, que para se tornar visível, precisa dar lugar às integrações da posição depressiva.

Assim, para haver resolução edípica, as figuras materna e paterna precisam se tornar ambivalentes, boas e más - precisam ser diferenciadas e estabelecer entre si relacionamentos de aliança terna e de erotismo. O sujeito precisa abrir mão das fantasias incestuosas, do desejo de formar um relacionamento eletivo e idealizado com a mãe ou com o pai, eliminando o rival, e entrar nos mecanismos de filiação, experimentando estados relativos de discriminação, união e de separação.

Se for possível realizar a elaboração de várias posições depressivas, ao longo dos cinco primeiros anos de vida, estaremos já no domínio do complexo de Édipo tal como descrito por Freud. Isso torna possível a criação de um casal parental benigno, que tem uma aliança baseada em ternura e erotismo e que se diferencia entre si, unindo-se e separando-se de forma não violenta. Ao mesmo tempo, pai e mãe excluem os filhos da relação erótica e os incluem na aliança parental que dá sustentação e acolhimento. Isso seria uma descrição precisa do bom objeto a ser introjetado, trazendo importantes consequências para os futuros destinos das relações afetivas da vida adulta, nos ensinando a lidar com as demandas de intimidade e de liberdade nos vínculos de amizade e de troca sexual e amorosa.

A criança terá de aprender a lidar com a diferença entre relação sexual e intimidade

Por que Klein?

terna e poderá passar de uma dependência absoluta dos pais a uma dependência relativa. Isso será necessário com seus parceiros futuros, conquistando níveis de liberdade em situações de apego: ela terá de ser capaz de excluir o outro em certos momentos e se deixar excluir pela pessoa amada, para que possam ser preservadas as liberdades individuais e uma moderação constante dos desejos de dominar e de ser dominado, os quais não desaparecem por completo na sexualidade adulta, mas precisam ser transformados e sublimados.

O bom objeto introjetado como um casal parental não combinado permite também que as angústias arcaicas de separação e de engolfamento, com seu potencial de ameaça de aniquilação, possam se transformar em angústia de castração e culpas que são mais passíveis de elaboração. Abrem-se, então, possibilidades de reparação não maníaca, pois angústias mais brandas podem se transformar em atos de verdadeira reparação através do aprender a estar só, a cuidar (concernimento) e a se deixar cuidar, através do trabalho e das infinitas ofertas culturais.

Um ponto muito importante da elaboração da posição depressiva é aceitar a presença de um terceiro - o chamado *outro do outro* - ou seja, o outro do objeto primário, pois isso ensinará as vantagens de aceitar ocupar o lugar de terceiro em uma relação. Ser o filho excluído da sexualidade parental é a base da capacidade de pensar, pois o pensamento só poderá se constituir como uma atividade de observar e simbolizar se houver a ocupação do lugar de terceiro. Diante da ausência da satisfação e da ausência do objeto é que poderão ter início os processos de representação e de pensamento. São as sucessivas separações e seus enigmas que dão origem à época das perguntas da criança - de onde vem os bebês?; do que são feitos?; onde eu estava antes de nascer? - e da necessidade de desenvolver as capacidades cognitivas e autorreflexivas para dar conta dos mistérios do mundo.

O sujeito em constituição se torna, assim, sujeito que quer conhecer o mundo e também objeto a ser conhecido por si mesmo e pelos outros. Ele precisa se mover para dentro e para fora das relações afetivas através da posição de terceiro, o que lhe permite circular entre os diversos lugares - saindo do lugar de protagonista e voltando a ele em momentos alternativos para enxergar de longe, com perspectiva, e ver-se de fora, através do olhar dos outros e do seu olhar identificado com o olhar alheio; trata-se de refletir e refletir-se a si mesmo, a partir da exterioridade.

É, pois, a ocupação da posição de terceiro que libera o impulso epistemofílico, fortalecendo o vínculo K (conhecimento), que Bion (1962) considera ser de grande importância

Por que Klein?

como forma de mediação e transformação dos vínculos L (*love*) e H (*hate*).

A esse respeito, diz Figueiredo (2009, p. 44): "Na ausência de triangulação, o conhecimento e o pensamento ficam inibidos e as relações de amor e ódio prevalecem sem moderação".

A transformação do complexo de Édipo em uma *situação* concedeu a Klein a possibilidade de que esse complexo fosse construído e desconstruído de infinitas maneiras. A mobilidade da situação edipiana é também um dos precursores da noção de *função* paterna. Pensando em termos de *posições* - esquizo-paranoide e depressiva - é mais fácil chegar à noção de *lugares* que vão sendo ocupados pelos personagens durante a constituição do sujeito psíquico, permitindo a transformação dos personagens concretos - o pai, a mãe - em *lugares* de ocupação. Em vez de uma estrutura rígida, com seus personagens fixos, o complexo de Édipo foi sendo colocado em movimento através desta forma de pensá-lo.

Podemos afirmar, agora, que para sair do narcisismo primário - questão decisiva enunciada algumas páginas atrás - e para uma boa evolução da situação edípica, é preciso que a função paterna aconteça de modo satisfatório. Mas o que significa isso?

A função paterna depende da boa ocupação do lugar de terceiro e da aceitação por parte da mãe de sair do lugar de simbiose originária, para ser uma mãe "interrompida". Trata-se do processo que poderíamos chamar de uma boa evolução da "situação edipiana", desde a época do desmame, antes de um complexo de Édipo se manifestar plenamente.

Quando a função do pai não é bem constituída, a criança pode se sentir completamente excluída do casal parental ou, ao contrário, incluída de uma forma violenta e confusa, o que acontece com frequência nas patologias *borderline*. Contra essas situações, pode se tentar uma estratégia de defesa, construindo "refúgios psíquicos" (STEINER, 1997), que protegem o sujeito da exclusão e das inclusões intensas demais.

Outras formas de situações edipianas neuróticas são o desenvolvimento de rivalidades, ciúmes e invejas excessivos, ou, para se contrapor a esse excesso de turbulência, a entrada em estados de indiferença ou depreciação dos pais e dos pares. Podem criar-se fantasias de que "minha mãe gosta mais de mim do que de meu pai", que geram grandes instabilidades, fantasias homicidas ou reparações maníacas. Isso é o que acontece nos casos de um complexo de Édipo *excessivamente visível*, tais como descritos por Britton (1989).

Para que se possam evitar estas saídas que estamos considerando mais patológicas, é preciso ocorrer uma boa ocupação do lugar de terceiro que estamos associando à função

Por que Klein?

paterna. Durante a vigência da simbiose mãe-bebê, a função paterna é a de proteger e dar continência à díade, de forma não invasiva; trata-se, portanto, nesse momento, de viabilizar a simbiose. Outra função que deve começar a aparecer de forma mais acentuada nos primeiros meses depois do nascimento é a seguinte: o pai precisa atrair os investimentos da mãe para que ela possa sair da mônada narcísica e experimentar momentos de liberdade da função materna, resgatando-se como pessoa. Essa função pode ser realizada por um homem com quem aquela mulher tem um relacionamento significativo ou por qualquer outro interesse que a atraia muito: "É preciso que haja investimento erótico dela e nela para que a mãe seja vitalizada e o terceiro seja legitimado" (FIGUEIREDO, 2009, p. 47).

Ou seja, a mãe precisa encontrar vitalização e erotização fora da célula narcísica, até mesmo para voltar ao enlevo com o bebê mais reabastecida. A presença do pai é importante para desalojar fantasias inconscientes de permanecer para sempre em uma relação dual-narcisista; isto é, a sua presença começa o trabalho de desconstrução do narcisismo primário. À medida que cresce, a criança poderá então conviver com um casal que apresenta a ela inúmeras combinações de exclusão e inclusão. É isto que torna possível a introjeção de um *objeto bom*, que se constitua uma boa alternativa para escapar às fantasias de uma união simbiótica absoluta. É preciso encontrar um lugar suficientemente bom para abrir mão do narcisismo primário, com seu caráter absoluto.

Este objeto bom funciona como modelo de identificação para relações mais livres nos campos do amor, do ódio e do conhecimento. Um elemento muito sublinhado por Bion e por Winnicott que contribui para a saúde é a presença de relações em que predomina a confiança. Assim, torna-se favorável à elaboração das angústias do Édipo, quando o pai não desautoriza a mãe, e que esta não deprecie o pai, assim, ambos podem, então, criar um clima de confiança e de autorização do filho, de modo a reduzir um pouco os elementos de rivalidade, inveja e ciúme. As formas evolutivas de sair do narcisismo primário e elaborar o Édipo vão, então, incidir no desenvolvimento emocional, cognitivo, ético e estético.

Mas e na prática analítica, onde podemos discernir o lugar de terceiro? O terceiro pode ser discernido nos elementos do *enquadramento*, *manejo*, *interpretações* que o analista realiza; seriam os elementos da "estrutura enquadrante" (GREEN, 1988). São eles os criadores de um contorno que delimita e ajuda a configurar o que vai se passar na relação com o paciente, por exemplo, a regra fundamental "diga tudo que lhe vier à cabeça", os horários, o custo da sessão. Quando o analista consegue permanecer fiel a seu projeto terapêutico, a suas convicções

Por que Klein?

teóricas e a seus objetos internos, que seriam aqueles com quem aprendeu seu ofício, seu próprio analista, seus supervisores e a comunidade terapêutica à qual pertence, estes exercem o papel de *terceiro* em sua relação com o paciente.

O analista pode então ocupar diversas posições: é o sujeito da contratransferência, objeto da transferência do paciente, mantendo-se, ainda, como observador da cena que se desenrola na análise. Ele precisa ocupar o lugar do primeiro, do sujeito, do segundo, aquele do objeto, mas sua atividade dependerá de poder ocupar o lugar do terceiro, mantendo-se assim em uma posição de reserva, de quem pensa o que está vivendo.

Destaca Figueiredo (2009, p. 50): "Qualquer interpretação, aliás, independentemente de seu conteúdo específico, atesta a independência, a autonomia e a capacidade de pensamento do analista. (...) qualquer interpretação estabelece um ângulo novo na relação, um vértice da triangulação". É isso que leva alguns pacientes a recusar a interpretação, dissolvendo-a no já sabido, pois transferem para a análise a dificuldade que sentem em admitir o novo, o que pertence a este terceiro lugar que se situa fora de sua relação com o que já lhe é conhecido.

Caper (2002), inspirado em Klein, Bion e Britton, aconselha o analista a conservar uma "mente própria", mantendo-se fiel a seus objetos internos e à própria teoria psicanalítica, de modo que possa sustentar a sua posição de terceiro junto ao paciente e às convicções deste.

Nas palavras de Figueiredo (2009, p. 50): "Algumas vezes, o analista deverá estar disponível para uma relação próxima e quase fusional, mas para que isso venha a ser terapêutico, o lugar do terceiro elemento deverá ser ocupado, seja pelo *setting*, seja pelos objetos internos do analista, seja por um supervisor".

Esta boa ocupação do lugar de terceiro, no sentido daquele que pode sempre se desembaraçar do envolvimento com as emoções e as convicções apaixonadas, é a condição para que a psicanálise possa ter uma ação terapêutica.

Por fim, podemos nos perguntar: quais as consequências do pensamento kleiniano para a clínica psicanalítica em sua posterioridade? Ainda inspiradas em Figueiredo (2009), consideramos que a clínica de Bion (1962, 1965, 1970) aproveitou bastante o olhar teórico de Klein, criando três modelos clínicos: uma clínica da continência, uma clínica do confronto e uma clínica do vazio.

A clínica da continência propõe que o analista possa receber e conter as fantasias inconscientes do paciente, transformando-as através de sua *rêverie*. Bion irá falar sobre a noção de continente e de contido, de elementos beta e função alfa.

Por que Klein?

A segunda clínica - a do confronto - é a que propõe a realização de um trabalho sobre a vida de fantasias do paciente. Confrontar o paciente não significa impor a ele o seu modelo de verdade e de realidade; significa convidá-lo a desentranhar as suas fantasias, que se encontram reprimidas ou cindidas, para constituir com ele um campo de trabalho dentro desse terreno, de modo a elucidar os conflitos entre os aspectos emocionais que querem se expressar e as defesas que entram em colisão com eles.

A terceira clínica é um convite a lançar-se no silêncio e no vazio de imagens, e para além de ideias preconcebidas, na direção do inesperado e do desconhecido. O analista precisa desenvolver, então, uma *capacidade negativa* - escutar sem memória, sem desejo, sem uma compreensão prévia muito rápida (BION, 1970), para se livrar de suas pré-concepções pessoais e teóricas e desenvolver uma "pura capacidade receptiva, antecipadora, poiética e poética de criação e espera do inesperado" (FIGUEIREDO, 2009, p. 49).

As angústias arcaicas ou as ansiedades psicóticas²⁰

Antes de Klein, Freud considerou mais o aspecto quantitativo da ansiedade, associando o seu aparecimento à libido insatisfeita, sobretudo em sua primeira teoria da angústia. A preocupação freudiana predominava quanto ao aspecto quantitativo, mais do que ao aspecto qualitativo; ou seja, ele não se preocupava tanto com as *fantasias* associadas à ansiedade, mas sim com a sua intensidade. Aos poucos, foi se interessando pelas fantasias e pelas “situações arcaicas de ansiedade e perigo” (FREUD, 1926.). A ansiedade passa a ser considerada o afeto liberado como antecipação de uma situação de perigo já vivida. Por exemplo, o perigo de sair da vida intrauterina, no momento do nascimento.

Otto Rank pensava que toda ansiedade era uma forma posterior de reviver o trauma do nascimento. Já Freud (1926) compreendia a metáfora do nascimento como passagem de um estado de homeostase a um estado desconhecido que podia ser um modelo geral; no entanto, discutia com Rank sobre a generalização desse modelo, alegando que as situações de perigo e

²⁰ No pensamento de Melanie Klein, não há diferenciação entre angústia e ansiedade, pois em alemão o termo usado é "angst" e em inglês o termo é "anxiety". A noção de "arcaico" era considerada por ela equivalente ao funcionamento "psicótico".

Por que Klein?

ansiedade mudavam de acordo com o estágio da vida.

Em 1926, Freud aceita pensar o trauma do nascimento como protótipo da angústia, considerando que essa primeira forma será ressignificada *a posteriori*, através das diversas fases da libido sexual - oral, anal, uretral, sado-oral, sado-anal, sado-uretral - que darão novas configurações à situação de perigo temida. Na fase fálica e durante o complexo de Édipo, a angústia originária aparecerá sob a forma de angústia de castração.

No artigo, “Inibição, Sintoma e Angústia”, Freud (1926) falou com toda clareza de *situações arcaicas de ansiedade ou perigo*. O artigo inspirou Melanie Klein (1926) a pensar as ansiedades arcaicas a partir desse modelo, isto é, preocupando-se em decifrar qual era a *situação de perigo* que estava implícita na ansiedade. É curioso notar que a data em que Klein começa a falar em situação edipiana coincide com esta noção de situações de perigo, do texto freudiano de 1926.

Desde o início de seu trabalho clínico, Klein observou que o brincar da criança conduzia a muitas fantasias e encenações dramáticas envolvendo crueldade e agressividade, seguidas de uma forma severa de remorso e culpa. Ficou sempre impressionada com a violência e o sadismo que estavam presentes na fantasia das crianças e com o medo de retribuição (retaliação) e de retorno sobre si dos aspectos mais agressivos dessas fantasias. O medo de ser aniquilado, a culpa ansiosa de ter machucado ou estragado inibiam as fantasias agressivas e, conseqüentemente, o impulso epistemofílico, o desejo de conhecer - situação que gerava inibições e dificuldades de aprendizagem observadas por Klein nas crianças pequenas.

Para nossa autora, o principal conflito pulsional é aquele entre agressão (pulsão de morte) e remorso (que vem da pulsão de vida, da libido e do amor). As ansiedades arcaicas ou psicóticas criam um círculo vicioso que se retroalimenta e se perpetua. Agressão gera medo, que, por sua vez, gera mais agressão.

Em 1935, quando escreveu o texto “Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos”, criou a teoria da posição depressiva e centralizou a principal ansiedade arcaica ao redor do temor de perder a mãe, ou a pessoa que cuida, e seu representante interno, o chamado “objeto bom interno”.

No livro de 1932, *A psicanálise de crianças*, postula a existência de dois tipos de angústias arcaicas: aquela mais característica da posição depressiva, com seu matiz de culpa e com a impressão de ter estragado o objeto e a relação com ele, que inclui certa preocupação com o destino do objeto; e outro com matiz mais persecutório e paranoico, envolvendo o medo

Por que Klein?

de ser aniquilado pelo objeto - trata-se, aqui, de uma ansiedade mais voltada aos danos que o ego pode sofrer.

Em 1946, quando escreveu “Alguns mecanismos esquizoides”, Melanie Klein definiu de modo mais nítido a teoria da ansiedade persecutória, que corresponde ao medo de aniquilação do ego, sendo mais autorreferida que a angústia depressiva. Seu eixo é mais narcísico, ao passo que o outro eixo é mais objetal. Poderíamos traduzir, de forma simplificada, a angústia persecutória da seguinte forma: “Tenho medo de que meu eu seja destruído”.

Desde o princípio, ao estar diante de uma criança, Melanie Klein considerou importante interpretar as ansiedades e defesas mais urgentes no material trazido: aquelas que expressava por meio das brincadeiras. Começou então a pesquisar as situações infantis de perigo e ansiedade, as reais e as imaginárias. Partiu da ideia de Freud de que a principal ansiedade arcaica da criança é a perda da figura amada e protetora (a mãe, o pai, a “instância parental”, quem cuida), por quem a criança sente um desejo muito forte, e que gera uma situação de perigo maior nos momentos em que precisa de algo e depende da ajuda dos pais. Constatou que o amor infantil é extremamente intenso - como os pais e cuidadores ficam inevitavelmente sujeitos a diversos tipos de falhas e ausências nos momentos em que a criança precisa, essa situação arcaica é capaz de gerar fantasias de ataque ao corpo da mãe, as quais expressam a agressividade que nasce do amor insatisfeito e, também, aquela que surge espontaneamente da pulsão de morte.

As crianças têm então impulsos agressivos e libidinais de roubar tudo que a mãe tem de bom, de apropriar-se de modo mais definitivo de tudo que precisam e parece ter origem no corpo materno. O medo de que a mãe venha a matá-las e roubá-las é, em grande medida, o retorno sobre si de uma fantasia gerada pelo sadismo. O amor primitivo é violento, pois quer sugar, incorporar, controlar, ser exclusivo. As fantasias paranoides são de que a mãe venha atacar, matar, roubar ou abandonar para se vingar da insaciabilidade do amor infantil.

Posteriormente, surgem também ansiedades depressivas de que a mãe, ao sentir-se abandonada e estragada, venha a morrer pelo excesso de demandas da criança. Quanto mais “furiosos” ou “estragados” estiverem os pais, mais se transformam em perseguidores internos; contra eles, a criança lança todas as suas “armas” sádicas para destruí-los; dessa forma, eles se tornaram todo poderosos e ameaçam vir destruir a criança sádica. Essas imagos arcaicas são, em parte, o efeito da própria violência e do sadismo, gerando o círculo vicioso da paranoia. Nesse caso, a ansiedade pode chegar a tal intensidade que Klein (1932) começou a se referir a

Por que Klein?

ela como sendo uma ansiedade psicótica.

As ansiedades psicóticas são as que ainda não foram trabalhadas pelo ego e não foram simbolizadas, por isso são intensas, paralisam o ego, tem aspectos paranoicos. Revelam que a pessoa pode estar sentindo um medo aterrorizador de ter cometido um ato de grande destruição. Isso envolve muita onipotência, e no caso de sentir culpa pela destruição cometida, pode surgir um frágil sentimento de identificação com a pessoa morta ou ferida. Ansiedades psicóticas são, entre as demais ansiedades (neuróticas), aquelas que ainda não têm rosto, nome ou figura; isto é, não podem ser pensadas. Estão em estado bruto e obedecem a um regime absoluto de “tudo ou nada”, imediatamente, sem mediação ou consideração para com a complexidade dos fenômenos psíquicos. Provocam estados de abolição simbólica, grandes atuações e atos delinquenciais.

A ansiedade paranoide ou persecutória, isto é, o puro pânico de vir a receber o troco de tudo que fez ao outro (ainda que na imaginação) se modifica muito pelo ingresso na posição depressiva, quando o objeto atacado já não pode ser visto como sendo um puro objeto mau, mas torna-se complexo, uma mescla de aspectos bons e maus.

Diante das angústias depressivas, surge o sério temor pelo objeto e não mais apenas pela destruição do eu, como quando predominam as angústias persecutórias. Surge um medo intenso de ter danificado o objeto bom, além dos primórdios de um senso de responsabilidade, cuidado e culpa.

No entanto, se a culpa é avassaladora, ela se transforma em sentimento persecutório e ocorre uma volta à posição anterior, dando origem a sentimentos desesperados de que o dano não tenha conserto nem reparação possível. Trata-se, aqui, da ansiedade arcaica em sua face depressiva, que envolve choro, lamento, penar desesperado, medo de já ter destruído e estragado, sem que haja um “conserto” possível. A ansiedade depressiva é temer pelo objeto amado, pela continuidade da relação de amor e consideração para com ele.

O lamento desesperado, o penar pelo objeto amado e irremediavelmente perdido pode ser suavizado por um aumento de libido, de sentimentos amorosos que combatem o sadismo, elevando a importância dos objetos bons internos e a confiança no poder reparador de seu amor.

Vimos então que Melanie Klein postulou a teoria das posições para explicar de que maneira o sujeito vai articular suas defesas, construir suas identificações, dirigir-se a seus objetos, relacionar-se com eles e atravessar ou ser atravessado por suas ansiedades arcaicas.

Capítulo VI

As posições esquizo-paranoide e depressiva: o movimento da mente²¹

As posições são configurações complexas e sempre em mutação, formadas por ansiedades, defesas e modos de relação de objeto. O termo posição aparece sutilmente no texto de 1928, “Estágios iniciais do conflito edipiano”, no qual Klein apresenta sua teoria do funcionamento mental, que, sem negar as fases libidinais propostas por Freud, traz uma nova perspectiva de entendimento (BARANGER, 1981).

A ideia de posição evoca, de imediato, a realidade da experiência emocional de um sujeito que assume uma determinada posição diante de seus objetos de amor e de ódio. O olhar se afasta da noção de fases ou estágios que devem ser ultrapassados em uma linha diacrônica de desenvolvimento, e aproxima-se da noção de momentos e estados que se alternam de forma sincrônica e contínua, na linha do tempo.

Segundo Klein (1952/1991, p.86), as primeiras angústias são de natureza persecutória: “No início da vida pós-natal o bebê vivencia angústias provenientes de fontes internas e externas. ...a ação interna da pulsão de morte dá origem ao medo de aniquilamento e que esta é a causa primária da angústia persecutória”. Aqui, prevalece o temor por si e um sentimento de estar sendo perseguido e ameaçado. As cisões – entre os objetos bom e mau, entre o prazer e desprazer, o dentro e o fora – são o principal mecanismo organizador e protetor do funcionamento mental nos primeiros tempos da vida.

Tais ideias surgiam de teorias - como a da pulsão de morte, que gera angústia - e do atendimento de muitas crianças com perturbações neuróticas graves. Rita, de quase três anos, foi um dos casos sobre o qual Klein pensou durante toda a vida. Os pais de Rita estavam desnorteados, pois, desde que nascera o irmão mais novo, a menina chorava sem motivo,

²¹ Algumas ideias presentes neste capítulo também estão no livro *Tratado sobre Psicologia*, ainda não publicado, no capítulo intitulado “A presença do pensamento de Melanie Klein na psicanálise contemporânea” (CINTRA E RIBEIRO, no prelo).

Por que Klein?

começando a apresentar *terror noturnus* - acordava muito assustada, afirmava que alguém ia entrar pela janela do seu quarto e atacar os seus genitais. Enfim, muitas fantasias persecutórias que levaram a uma inibição quase total do brincar. Além disso, Rita se referia a uma mãe terrível e ameaçadora, e por outro lado, dava notícia de possuir outra imagem de mãe, maravilhosa e protetora. A partir da observação dessas realidades psíquicas, Klein constatou a existência de uma cisão intensa entre um objeto excessivamente mau e outro muito idealizado.

As experiências de gratificação, por outro lado, são o estímulo para os impulsos libidinais, para o amor e para a constituição do objeto bom, ao passo que as experiências de frustração são estímulos para os impulsos destrutivos, para o ódio e para a constituição do objeto mau. À medida que Rita ia melhorando através da análise, ia se instalando um objeto suficientemente bom: nem ideal, nem ameaçador, como era o caso no início.

Diante das angústias esquizo-paranoides, há fragmentação do eu e dos objetos, decorrente das intensas cisões. Os mecanismos de projeção e introjeção – a respiração da mente – também estão presentes desde o início. Para Klein, a forma mais primitiva de amar é voraz, canibalesca e atravessada de sadismo, prepotência e possessividade. O amor dos primórdios não tem consideração pelo objeto e é isento do sentimento de culpa e de responsabilização pelo outro.

O que também acontece perante às angústias persecutórias da posição esquizo-paranoide é o surgimento da fantasia de um objeto sempre disponível, o seio idealizado, que proporciona uma gratificação imediata, ilimitada e permanente. Trata-se de um método de defesa contra a angústia persecutória.

Em síntese, descrita em detalhes no texto de 1946, “Notas sobre alguns mecanismos esquizoides”, a posição esquizo-paranoide se caracteriza pelo predomínio das cisões, da onipotência, da idealização, da negação e do controle onipotente dos objetos internos e externos.

Em 1935, Klein publicou o artigo “Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos”, no qual começa a pensar que pacientes infantis e adultos entram e saem de estados mais deprimidos ou mais maníacos, fazendo-nos compreender que a própria constituição psíquica é de natureza psicopatológica; porém, com um caráter fluido e transformacional. O título do artigo já aponta para uma oscilação entre configurações diferentes, sugerindo o movimento e a noção mais dinâmica de posições psicopatológicas que podem ser transformadas e levar a configurações mais saudáveis. Diante da exigência de aceitar

Por que Klein?

as perdas e entrar no luto, os pacientes se defendiam através de verdadeiros estados maníacos e depressivos. O processo de luto e a tentativa de se libertar de um modo de relação primária, que é aprisionante e limitador, só acontecia quando as defesas maníacas diminuía, e algum contato com a dor e o desamparo se tornava possível. O mais interessante foi que a psicanalista observou a universalidade desse processo; ou seja, que era algo que acontecia em todos os pacientes, ainda que de diferentes maneiras .

Baseando-nos na nota explicativa que a Comissão Editorial Inglesa (1996) redige a respeito do texto de 1935, podemos afirmar que, desde o primeiro ano de vida, acontece uma mudança significativa nas relações de objeto do bebê – trata-se de uma mudança da relação com um objeto parcial para um objeto total.

(...) Essa mudança coloca o ego em uma nova posição, onde consegue se identificar com seu objeto; assim, se antes as ansiedades do bebê eram de tipo paranoico e envolviam a preservação de seu ego, ele agora possui um conjunto mais complexo de sentimentos ambivalentes e ansiedades depressivas sobre a condição de seu objeto. Ele passa a ter medo de perder o objeto amado bom e, além das ansiedades persecutórias, começa a sentir culpa pela sua agressividade contra o objeto, tendo o ímpeto de repará-lo por amor. A isso se relaciona uma mudança em suas defesas: ele passa a mobilizar as defesas maníacas para aniquilar os perseguidores e lidar com a nova experiência de culpa e do desespero. Melanie Klein deu a esse grupo específico de relações de objeto, ansiedades e defesas o nome de posição depressiva (pp. 301-02).

Mas qual seria a diferença entre uma relação de objeto parcial e uma relação de objeto total? No início da vida, o bebê se relaciona com um objeto que lá está para ser devorado, consumido ou ignorado, quando já atendeu às suas necessidades. Isso define uma relação de objeto parcial - o objeto de amor não possui autonomia de sujeito, sendo vivido como parte ou prolongamento do corpo do bebê. Por outro lado, na época do desmame, a criança pode começar a ter os primeiros vislumbres da mãe como um objeto total, um sujeito com seus próprios direitos e desejos, podendo então começar a considerá-la, movido pelo amor e pelo medo de perdê-la. É o momento em que se interessa mais por sua preservação e teme o seu desaparecimento; surgem os primeiros sinais de preocupação com o outro, de capacidade de cuidar dele e de sentimentos de culpa, relativos às fantasias destrutivas que podem ter ocorrido anteriormente a esse estado. O sentimento de culpa advém, pois, da dívida de amor em relação ao objeto e do temor de perdê-lo. Trata-se da nova posição diante do objeto, que acompanha a identificação com o objeto como um outro, diferente de mim.

Klein (1952/1991, p.90) havia afirmado que: "...através dos processos alternantes de

Por que Klein?

desintegração e integração desenvolve-se gradualmente um ego mais integrado, com maior capacidade de lidar com a ansiedade persecutória”. O movimento de integração do ego era sempre decorrente de um predomínio da pulsão de vida.

Por outro lado, na década de 1950, durante a análise de pacientes esquizofrênicos²², Bion observou detalhadamente o movimento psíquico intenso entre as posições esquizo-paranoide e depressiva. Dentro de uma mesma sessão, aos estados desintegrados da mente, sucediam-se estados integrados, continuamente, em um movimento circular espiralado. Nesses pacientes havia predomínio da pulsão de morte que leva à fragmentação do mundo interno; por isso, Klein (1940) reconhece a necessidade de predominância da moção amorosa, destacando a importância de boas experiências com os objetos externos para equilibrar as angústias paranoides e depressivas; em especial, a experiência com o analista como objeto bom pode ter esse efeito de organização e de coesão.

O conceito de posição, diferentemente do conceito de fases, evidenciou a dimensão da complexidade do funcionamento mental, que ciclicamente integra-se e desintegra-se em um processo sem fim. Em síntese, projetar, introjetar, clivar e, por fim, entristecer, integrar, se identificar e reparar fazem parte de um contínuo movimento psíquico. As posições são duas formas de experienciar o mundo e dar significado às experiências emocionais, que se sucedem e se alternam constantemente no psiquismo humano.

Retomando as ideias expostas, podemos pensar as posições como dois “jeitos” diferentes de reagir aos acontecimentos de prazer e dor, gratificação e frustração. Essas diferentes maneiras de lidar com as experiências são os dinamismos do aparelho psíquico, a dinâmica esquizo-paranoide e a depressiva.

Na posição esquizo-paranoide predomina a “lei da selva”: o objeto de amor é alguém que está a meu serviço, que desejo controlar e possuir, é um amor sem consideração. A experiência é com objetos parciais, por exemplo, o seio, uma parte da mãe - não é a mãe apreendida na sua totalidade. É um mundo de sensações intensas e dispersas, no qual predominam as angústias de aniquilamento do eu e a persecutoriedade.

Já na posição depressiva predomina a “lei da cultura”, ou um respeito ao pacto social: há consideração pelo objeto de amor como alguém com direitos, há compreensão e respeito

²² Na década de 1950, manter o enquadre analítico clássico nestes casos era visto como impossível por alguns psicanalistas, sendo então algo inovador e sustentado pelo grupo kleiniano.

Por que Klein?

quanto à independência, às necessidades e aos desejos do objeto. A experiência é com objetos totais - a mãe é apreendida como um todo, e não como partes. Existe a experiência da culpa pelas agressões infligidas e do medo da perda do objeto, havendo uma atitude de cuidado e reparação.

Ataques destrutivos e possibilidades de reparação

Vamos agora elucidar estas duas formas de experienciar o mundo, as duas posições, a partir da ópera *L'enfant et les sortilèges*, de Ravel (1920-1924). A ópera é um dos primeiros materiais literários que Klein (1929) utiliza para refletir sobre o impulso criativo mobilizado pelos desejos de reparação após ataques destrutivos ao objeto. Consta no artigo “Situações de ansiedade infantil refletidas em uma obra de arte e no impulso criativo”, que se segue ao de 1928, “Estágios iniciais do conflito edípico”.

Ainda imersa em suas investigações sobre a situação edípica precoce, os ataques sádicos ao objeto e o sadismo do superego arcaico, Klein (1929) retoma esses conceitos na sua análise da ópera. Também encontramos neste curto texto o germe do conceito de posições, implícito na análise que faz do material literário. A descrição dos acontecimentos na ópera é um excelente exemplo das angústias, defesas e relações de objeto características das posições esquizo-paranoide e depressiva, que foram postuladas um pouco mais tarde, nos anos de 1935, 1940, 1945 e 1946.

Acompanhando a escolha de Klein pela ópera, e usufruindo do privilégio do conhecimento de sua obra completa e posteriores desenvolvimentos, fazemos aqui um exercício de elucidação das angústias e defesas predominantes nas posições esquizo-paranoide e depressiva.

O menino e os sortilégios

Por que Klein?

A ópera *L'enfant et les sortilèges*²³ foi composta por Ravel entre 1920 e 1924. Escrito por Colette, o libreto era destinado a ser um balé, mas, recém-saído da primeira guerra mundial e da dolorosa perda de sua mãe, Ravel se interessou pela história e compôs uma ópera belíssima e de extrema sensibilidade. Nela, somos reconduzidos à passionalidade e ao entrelaçamento entre prazer e dor que caracterizam a vida de fantasias da criança.

A história se passa em um quarto de uma velha casa de campo na Normandia, com vista para o jardim. É uma tarde calma; ouve-se o chiado de uma chaleira e o ronronar de um gato. Um menino entre seis e sete anos está sentado diante de sua lição de casa, visivelmente entediado, na primeira cena da ópera. Ouve-se então uma bela voz de soprano cantar: “Não quero fazer esse dever, quero ir passear no parque. Queria comer todos os bolos do mundo ou então puxar o rabo do gato, ou então cortar o rabo do esquilo. Eu queria pôr a minha mãe de castigo”.

A porta se abre e a mãe entra. Todos os objetos no palco são muito grandes para ressaltar o menor tamanho do menino. Tudo o que vemos da mãe é a saia, o avental e as mãos - com voz afetuosa, ela pergunta ao filho se ele fez a lição. Ele então se mexe desafiadoramente na cadeira e lhe mostra a língua; ela se afasta e deixa o garoto de castigo, tomando chá sem açúcar e tendo de ficar preso no quarto até a hora do jantar.

O menino tem então um acesso de cólera: atira no chão o bule e a xícara de chá, começa a atacar o esquilo atirando nele sua caneta, puxa com força o rabo do gato. Com as tenazes da lareira, tenta atizar o fogo e derrama a chaleira. O ambiente se enche de coisas quebradas e do vapor do chá derramado. Estraga o papel de parede e se pendura no pêndulo de um velho relógio de parede, arrancando-o. Grita “Hurra, Nada de trabalho, nada de dever de casa. Sou livre, mau e livre”.

Porém, as coisas que o menino maltratou ganham vida. Uma poltrona se recusa a deixá-lo sentar-se, mas é convidada a dançar com um sofá que também não está mais disponível para ele. A poltrona, o sofá e as demais cadeiras unem-se em torno do objetivo de impedir que o menino tenha onde se acomodar e expressam o desejo de livrar-se dele para sempre. O velho relógio de parede, que teve seu pêndulo arrancado, sofre de terríveis dores e está impossibilitado de marcar as horas; seu canto é dolorido, desesperado e há uma profunda

²³ Sortilégios são feitiços. É possível pensar que os feitiços surgem da imaginação e que o poder da imaginação infiltra o mundo dando-lhe um colorido mais hostil ou mais amistoso.

Por que Klein?

alteração na experiência do tempo. Repetindo sons caóticos e fragmentados, ele faz parte do coro de todos os outros objetos demolidos e atacados que se enfurecem e ameaçam o cruel garoto, que vai ficando então petrificado de medo.

Estas cenas iniciais são acompanhadas por um ritmo “*foxtrot*” (última novidade nos Estados Unidos na década de 1920) que serve de fundo à dança do sofá com a poltroninha. Os móveis que se negaram a acolher o garoto e agora dançam juntinhos expressam desprezo e exclusão, colocando-o para fora da dança. Outro exemplo de exclusão por um casal que se ama: o bule de chá, falando em inglês, dança com a xícara, que responde em chinês. Os idiomas estrangeiros apenas reforçam, para o menino, a dolorosa sensação de não pertencer, de ser excluído.

O sol começa a declinar, e o menino se aproxima da lareira em busca de um pouco de calor. É então atingido por uma chama ardente que se atira sobre ele, cantando: “Só aqueço bons meninos, os maus, eu queimo!”.

O aspecto estranho e irreal aumenta quando os pastores e pastoras desenhados no papel de parede todo rasgado começam a entoar um canto muito triste: afirmam que não mais poderão se encontrar, pois foram definitivamente separados pelo ataque sádico do menino. Melancólicos, deixam a casa com um canto triste, em uma longa procissão de despedida: mais uma intensa vivência de abandono.

Do conto de fadas que estava sendo lido e ficou pela metade, no livro rasgado, sai a princesa lamentando a sua sorte em uma área introduzida por flautas em tom grave. Com dor, anuncia que terá de desaparecer, pois a violência do garoto destruiu o mundo onde habitava. Ele, que ainda ontem tinha se apaixonado pela princesa, entra em desolação e desespero ao vê-la desaparecer, evaporando-se.

Procurando em vão a página perdida de seu livro, vê sair dos escombros de tudo um pequeno homem: é o Sr. Aritmética, ou o espírito da matemática que faz contas erradas e confunde-o, falando sem parar. Suas roupas são feitas de números e o chapéu tem a forma da letra II. Segura uma régua e pula de um lado para o outro com pequenos passos de dança.

Começa então a soar um belo dueto de amor de dois gatos que só contribui para que o personagem se sinta ainda mais excluído, uma vez que todos parecem amar-se entre si e dirigir seu ódio a ele. Subitamente, as paredes do quarto desaparecem e um belo clarão de luar ilumina a cena para o segundo ato.

A cena do jardim leva o menino meio estonteado para a frenética melodia da natureza:

Por que Klein?

a música dos insetos, grilos, besouros, o zumbir das abelhas, o coaxar dos sapos e rãs, a canção dos rouxinóis e o piar das corujas.

Muito atordoado e assustado, encosta-se em uma velha árvore que lança um grito de dor: o menino brincando com uma faca havia ferido o seu tronco de onde sangrava a seiva. Outras árvores feridas cantam e choram em uníssono contra sua impiedade.

A libélula chora a perda da mulher atravessada por uma agulha e espetada na parede. O morcego chora a morte da mãe de seus filhotes, agora agonizantes. Trata-se de tema recorrente desde a primeira cena da ópera - a perda da mãe capaz de cuidar e proteger.

O menino se dá conta de sua solidão e se sente fora de lugar; no centro da cena, objetos e animais choram e lamentam-se ou reúnem-se em pares idílicos. Há uma pausa silenciosa, subitamente quebrada pelo grito de apelo dirigido à mãe. Os animais todos se atiram contra o menino, rivalizando por uma oportunidade de atacá-lo. Na confusão, um esquilo fica ferido e rola para perto dele. Vendo o animal sangrando à sua frente, impulsivamente, se esquece do próprio sofrimento, tira do pescoço um cachecol e começa a cuidar da pata ferida do bichinho.

Mudos de espanto, os animais param de atacá-lo, afastam-se e, contemplando a cena, exclamam: “Ele cuidou da pata ferida que sangrava”. Começam a aproximar-se do garoto novamente, reconhecendo a sua bondade, e preocupados com os seus ferimento, cantam: “Ele sofre. Ele está ferido. Ele sangra. É preciso fechar a sua ferida. Nós não sabemos como fazê-lo. É preciso estancar o sangue. O que fazer? Ele sabe curar o mal. Nós o ferimos. Ele há pouco estava chamando alguém. Ele gritou uma palavra ‘mamãe’. É preciso que alguém o escute lá no seu ninho.”

Então, os animais que compreenderam que o ninho do menino era aquela casa no meio do jardim vão reconduzindo-o para lá, enquanto cantam: “Ele é bom, o menino, ele é sábio, ele é doce.”

A ópera encerra-se com o solo do menino cantando “mamãe”, a palavra mágica que reconduz tudo à harmonia, tanto no plano psíquico como no plano cósmico. Isso corresponde à recuperação da mãe que cuida e assiste, promovendo a reinstalação do cosmos onde era o caos²⁴.

²⁴ Em uma compreensão da importância da sobrevivência, no mundo interno, da figura da mãe que cuida, Clarice Lispector escreve: “mãe é não morrer”.

Por que Klein?

Sobre o dinamismo psíquico

No início da ópera, o menino faz uma negação do seu amor e manifesta todo o seu ódio e revolta, bem como o desejo de dominar e triunfar sobre o mundo inteiro. Sente-se encurralado e controlado por uma mãe autoritária, que lhe exige uma obediência que não pode aceitar. Em sua explosão de fúria, revela-se a onipotência e o desejo de não precisar e não depender de ninguém. Trata-se do momento de triunfo maníaco: nega qualquer sentimento de amor e se regozija de sentir ódio e de ser mau, pois assim pode ser livre. Tem ódio de ter de obedecer, rebela-se, grita, libera sua agressividade e seu sadismo contra todos os objetos. Quer apenas o prazer imediato, nada de trabalho ou obediência. Quer mandar e exercer domínio sádico sobre os objetos e os animais.

Porém, quando ganham vida, os objetos inanimados expressam de modo dramático a fúria e a dor decorrentes dos danos e perdas sofridos. Mergulhado em uma onda frenética de agir inconsciente, o menino precisa ser chacoalhado pela fúria dos animais e dos objetos que se unem contra ele; depois, no momento em que se sensibiliza pela própria dor e pela dor do esquilo ferido, consegue entrar em contato com o que havia feito. A verbalização da dor e da fúria as torna ainda mais perceptíveis e pungentes a ele.

O pequeno déspota se humaniza e sensibiliza

No início da ópera, o menino se sentia muito aprisionado naquele quarto e no seu dever escolar. Era também, neste momento, insensível à dor e às necessidades dos outros. Não tinha ainda descoberto os outros como seres separados de si e agia à maneira de um déspota: usava-os como puros objetos de seu prazer, queria dominá-los e desejava que existissem unicamente para servi-lo. Foi preciso ter passado pela experiência de ter sido atacado, ferido e abandonado para que pudesse entrar, enfim, em contato com sua fragilidade e desamparo. Ouvir o canto de dor do esquilo ferido e dele cuidar são os acontecimentos que permitem recuperar, em seu interior, a mãe atenciosa e amorosa, pois ele também age como mãe protetora.

O mundo interior e as emoções turbulentas que o agitam vão colorir e influenciar o mundo exterior. Assim, no início da ópera, quando afirma querer “comer todos os bolos do mundo” e “querer pôr a mãe de castigo”, o menino revela a força de seus desejos orais vorazes

Por que Klein?

e seu impulso de dominar a figura de autoridade, invertendo a relação de poder com ela. Como vimos, Klein postula que a forma mais primitiva de amar é voraz, canibalesca e atravessada de sadismo, prepotência e possessividade. Predomina o desejo de dominar o outro, de exercer poder sobre ele.

Podemos supor que a cena de destruição aconteceu no plano imaginário, das fantasias inconscientes. Fica evidente, então, que os "feitiços" ou "sortilégios" que dão nome à peça provêm desse poder mágico dos desejos e da destrutividade primitiva, capazes de exercer seus efeitos sobre o mundo. No primeiro momento, o poder mágico é, portanto, apenas o de quebrar e fazer desaparecer todas as reservas de segurança e de bondade do mundo do menino. As fantasias e os atos de destruição exercem uma influência mágica sobre o mundo inanimado, que se torna, por projeção, hostil e atacante; o feitiço se vira contra o feiticeiro, e toda a fúria acaba se voltando contra ele próprio.

Podemos considerar que a vida de fantasia é a feiticeira que cria os efeitos mágicos (ou sortilégios) que transformaram o mundo de objetos e animais em um mundo “enfeitiçado”, que entra em desarmonia e fica caótico. Por outro lado, no fim da ópera, a palavra mágica que tem o poder de restaurar a harmonia cósmica é a invocação da mãe, capaz de curar e cuidar, revelando o outro lado dos feitiços ou sortilégios do mundo interno. A atitude de compaixão com a dor dos animais e, especialmente, o cuidado prestado ao esquilo ferido revelam que a cena interior da fantasia estava, neste momento, determinada por impulsos amorosos e pela recuperação da imagem materna disponível para cuidar. É o predomínio desse tipo de fantasia que cria a harmonia e a união dos personagens

Complexo de Édipo e experiência de exclusão

Há vários momentos em que o menino se sente excluído e abandonado. Excluído da aprovação e da companhia materna, quando ela o deixa de castigo, e mais tarde, quando sente que todos os objetos e animais vão abandonando-o, ao mesmo tempo em que formam pares e saem contentes, demonstrando que se amam.

A experiência de exclusão é frequente na infância, gerando o sentimento de isolamento e de não pertencer ao mundo dos adultos ou das outras crianças, o que também pode ocorrer todas as vezes em que a mãe se ausenta. O sentimento de solidão vem acompanhado da fantasia

Por que Klein?

de que a mãe ausente está gratificando outra pessoa, talvez o pai ou outro irmão. A criança se sente enfurecida quando pensa que está excluída do amor entre os pais, tema que se repete várias vezes na ópera - o sofá tira a poltrona para dançar e nenhum deles fica disponível para o menino, o bule e a xícara de chá conversam em língua estrangeira, os gatos cantam o dueto de seu amor.

Por outro lado, outros casais foram separados pela fúria do pequeno déspota e choram a sua dor, comovendo o menino: são o pastor e a pastora, a princesa do livro e seu cavaleiro. Há a seguinte frequência nas fantasias infantis: por um lado, os filhos querem separar os pais para ter o amor absoluto de cada um só para si; por outro, lamentam profundamente quando essa separação de fato acontece.

Enquanto a criança sente o perigo de ser abandonada por um dos pais, pode ainda contar com o socorro do outro. Porém, quando imagina que ambos estão unidos contra ela, sente-se muito desamparada. Os pais unidos são muito temidos e se transformam em perseguidores, pois ameaçam devolver toda a agressividade que a criança dirigiu a eles, não restando, então, nenhuma figura apaziguadora para protegê-la. São angústias típicas do complexo de Édipo.

É o controle de uma mãe autoritária, má, que frustra e pune, e o sentimento de ter sido excluída de seu amor e aprovação que levam a criança a querer puni-la e atacá-la. Na ópera, os ataques à casa e à mãe natureza são simbólicos desses desejos, revelando a imensa ambivalência na relação do garoto com a mãe, atravessada de amores e ódios. Até mesmo antes da entrada dela em cena, no início da ópera, uma mãe potencialmente boa e capaz de ajudar já tinha desaparecido do mundo interno do menino, quando ele afirma que gostaria de colocá-la de castigo, antecipando o que ela poderia fazer com ele.

O castigo, o ser deixado sozinho e a expectativa da mãe de que ele pense em suas transgressões, se arrependa de sua preguiça e, principalmente, pense na dor causada a ela transformam a mãe em perseguidora. Nesse momento, o menino não consegue entrar em contato com culpa, arrependimento ou consideração para com a dor dela; isso ainda lhe é impossível. Quando a mãe sai do quarto, afirmando que ele é mau, tenta então diminuir o peso desse acontecimento através de defesas maníacas, quando canta "tanto faz", "tanto faz" (ela gostar ou não de mim), e quando entoia as palavras "eu não preciso de ninguém". Renuncia à sua capacidade de amar e se autoproclama "mau", introjetando a acusação da mãe. Entra em um estado de onipotência e de fúria, mas sente o seu mundo interno fragmentado, em pedaços.

O acesso de fúria e a projeção de sua agressividade sobre o mundo vão deixando-o cada

Por que Klein?

vez mais fraco e empobrecido. A descarga de sua agressividade sobre o mundo de objetos e sobre o mundo natural torna ambos muito ameaçadores, e o ataque retaliatório destes encontra a criança fragilizada e sem recursos internos para se defender. Um exemplo de ataques vingativos é o “Sr. Aritmética”, que se move sem cessar e de modo intrusivo, para perturbar e confundir o menino. Nesse momento da ópera, pode-se ouvir o “staccato” da música, que indica o estado de fragmentação e desordem do mundo interno.

No segundo ato, a cena move-se do interior da casa para o jardim, e o clima de persecutoriedade se ameniza, sendo substituído pela dor e lamentação das árvores machucadas e dos animais que choram seus entes que foram mortos. O clima é de luto, e a criança e o ouvinte são chamados a observar as características das criaturas, a sua beleza e o amor que sentem entre si.

Todos estes elementos aprofundam o sentimento de pesar e preparam o contato do menino com a sua dor. Pode então confrontar duas realidades: do seu ponto de vista, o mundo natural foi objeto de sua dominação e sadismo e serviu para testar sua força e poder, mas, do ponto de vista dos animais, foi o invasor indesejável que destruiu a vida e atacou o que lhes era mais caro. A princesa do conto de fadas fala do desmantelamento do mundo que habitava, e os pastores que formavam pares felizes no papel de parede são brutalmente separados: o tecido de seu mundo fora rasgado. Ouvindo o lamento e os relatos de todos, o menino pode começar a se dar conta dos efeitos gerados por sua agressividade.

Interessante também compararmos as acusações dos animais às da mãe. Embora os primeiros tenham repetido diversas acusações ao menino, algo semelhante ao que a mãe fizera no primeiro momento da ópera, o apelo dolorido, amoroso e o tom triste que imprimem, lamentando a catástrofe originada pelo sadismo, criam condições para que o garoto entre em uma nova ponderação a respeito do ocorrido, conseguindo reconhecer sua culpa; ao passo que as acusações da mãe deixavam-no impermeável a ela. Naquele primeiro momento, ela ainda não tinha feito a experiência do próprio desamparo de maneira mais clara, e o tom autoritário da mãe impediu-o de ouvi-la. No fim, o menino se dá conta de que os animais estão chorando seus mortos e fazendo o luto por tudo o que foi perdido e destruído. A dor sentida por ele e a dor dos animais, além dos sentimentos de culpa e a saudade da harmonia perdida favorecem que ele saia do sentimento grandioso e todo-poderoso e caminhe na direção de perceber seu desamparo e necessidades, sendo obrigado a se confrontar com os dolorosos sentimentos de culpa pelas perdas e danos irreparáveis.

Por que Klein?

O pequeno gesto de reparação através do cuidado à pata do esquilo é reconhecido e amplificado pelos animais que se unem para ajudá-lo e levam-no para junto da mãe. Esse gesto pode ser uma figuração do movimento de integrar o seu mundo interno despedaçado, algo que começa a ocorrer no momento em que invoca a mãe, resgatando, portanto, a imago de uma pessoa boa, amorosa, capaz de cuidar. Apenas depois de invocá-la, que nada mais é que outro nome de sua própria capacidade de amar, é que se torna apto a perceber o esquilo ferido e cuidar dele. Recordemos que, antes de endereçar-se à mãe boa, o menino havia sido profundamente tocado pela dor e pelo lamento dos animais feridos. Ele tinha sentido a dor de ser atacado e ferido e experimentado o arrependimento dos ataques feitos; posteriormente, desejou então repará-los.

A agressividade leva à fragmentação do mundo interno e é preciso haver uma predominância da moção amorosa para haver a sua integração. Esta última é a condição de possibilidade para que se possa admirar a beleza da natureza e se faça a experiência estética do mundo. Quando a cena passa da casa para o jardim, a música, de início agitada e frenética, vai se acalmando com os dolorosos lamentos de luto e pesar. Há muitas referências à beleza das formas da natureza: amá-la só é possível quando se atinge uma dinâmica mais deprimida e se pode recuperar o desejo de cuidar. Pensar e sentir envolvem certa tristeza...

No início, a mãe deseja que o filho se conforme às expectativas dela e dá pouco espaço para que desenvolva seu próprio interesse em aprender. Ele se sente confinado dentro do quarto fechado e dos desígnios maternos. Quando dá livre curso à sua fúria, aparece um quadro mais expandido, em que objetos e animais ganham vozes e vidas que vão dar sentidos novos ao que ele está experimentando. Se estava furioso, sentindo-se humilhado e abandonado por sua mãe, a raiva dela fez com que tudo fosse percebido em um estado revoltado e voltando-se contra ele. Trata-se de uma projeção fantástica da própria raiva e dos sentimentos negativos da mãe voltados contra o filho.

Os ataques fantasiados ao interior do corpo materno

As árvores do jardim reclamavam de ter sido feridas pelo menino. Melanie Klein pensava que ferir o objeto poderia estar ligado ao desejo de entrar nele para ver o que há dentro, de saber como veio a existir; enfim, a uma pulsão epistemofílica. Mas, tendo ferido o objeto, vê que não consegue desvendar o mistério da própria existência. O desejo de ferir e dominar

Por que Klein?

os objetos é também o desejo de conhecê-los internamente, na sua verdadeira essência. Essa curiosidade especulativa e que quer manipular é também sinal de possessividade, do desejo de dominar e controlar o outro em sua enigmática capacidade de aparecer e desaparecer por conta própria, como acontece com os objetos primários.

Há neste menino a necessidade de “entrar dentro da árvore”: uma combinação do desejo de um amor fusional, entranhado, do desejo de pertencer com o outro ao mesmo espaço, como na gestação, com um elemento sádico que quer devassar o interior da mãe para dali tirar tudo que houver de bom e que pode estar sendo negado a ele e entregue a outro. Trata-se então da dimensão voraz do amor. O desejo de dominar pela força pode se transformar em desejo dominar através do ato de conhecer. Podemos afirmar que todo desejo de compreender contém um elemento sádico, um desejo de captura e aprisionamento do outro e de seu enigma. Para que o desejo de conhecer se liberte dessa tendência a aprisionar o outro, é preciso respeitar a autonomia e liberdade dele, tema que é trabalhado na ópera no melodioso lamento do esquilo, preso em uma gaiola.

Retomemos o diálogo entre o menino e o esquilo, quando este se libertou da gaiola onde ficava preso. O animal tem um canto pungente e expressa a dor de se ver confinado e sem liberdade. O menino tenta justificar tê-lo prendido na gaiola, porém ouvir seu interlocutor nomear de forma tão poética o seu sentimento de dor permite o despertar da empatia no garoto, que também havia sido preso e confinado. Isso lhe desperta a consciência de seu mundo interno, a percepção de que existe separadamente dos outros; e através da própria dor assim objetivada no canto do esquilo, pode se dar conta do valor da liberdade.

A relação com o esquilo e sua necessidade de se ver livre marcam a passagem de um modo de se relacionar com o outro pela dominação para uma relação de admiração e desejo de conhecer. Ou seja, o desejo de possuir, controlar e dominar é substituído pelo desejo de conhecer. É preciso respeitar a liberdade do outro para poder desejá-lo deste outro modo, como outro.

Estar preso no quarto pode representar o sentimento de solidão e isolamento do menino. Ele precisava que a mãe pudesse fazê-lo vislumbrar algo do seu mundo interno, mas este permanecia como uma dimensão fechada e inacessível, trazendo o sentimento de exclusão. Precisava que a mãe o reconhecesse em sua passionalidade, isto é, tanto em seu poder de destrutividade quando na sua capacidade de amar. Enquanto a mãe exigia uma obediência cega às regras do estabelecido, o menino ficou rebelde, até que os animais feridos e a experiência da

Por que Klein?

própria fúria e dor levaram-no a um contato mais profundo com o seu mundo imaginário, e ele pode entrar na posição depressiva.

O personagem faz um percurso nesta ópera entre aprender *sobre* alguma coisa até a experiência de aprender *a partir* de sua própria vivência emocional, transitando pelas angústias e defesas da posição esquizo-paranoide e depressiva; dessa forma, o pequeno déspota, que somos todos nós, se humaniza.

Capítulo VII

A posição feminina: uma teoria sobre a feminilidade e a masculinidade²⁵

Marina F. R. Ribeiro

Primeiramente, gostaríamos de retomar os conceitos de posição e fase, explicitados no capítulo sobre as posições esquizo-paranoide e depressiva. Em 1932²⁶, Klein utiliza as duas expressões, fase da feminilidade e posição feminina, não fazendo distinção entre elas. No entanto, fase traz o caráter de algo passageiro, de que existe uma passagem para outro patamar, outra fase; ou seja, traz no seu âmago a ideia de desenvolvimento, de superação. Posição é um lugar ocupado diante de uma experiência emocional, remetendo à ideia de estados intercambiantes, mutáveis, de organizações psíquicas diversas diante da experiência. Partindo dessa compreensão, pensamos que o conceito de posição traz a ideia de um dinamismo psíquico mais condizente com as experiências emocionais, levando a uma melhor compreensão da complexidade da teoria kleiniana hoje²⁷.

Segundo Herrmann & Alves Lima (1982, p.17), foi necessário que uma mulher se dedicasse à compreensão da experiência feminina para que a visão freudiana de equiparação da trajetória edípica masculina à trajetória feminina, vigente na psicanálise nos anos 1920, fosse modificada e as especificidades do feminino, consideradas. De fato, além de trazer novas

²⁵ Alguns conteúdos deste capítulo estão também presentes no livro *De mãe em filha: a transmissão da feminilidade* (RIBEIRO, 2011).

²⁶ Especificamente nos textos: “Os efeitos das primeiras situações de ansiedade arcaica sobre o desenvolvimento sexual da menina” e “Os efeitos das primeiras situações de ansiedade arcaica sobre o desenvolvimento sexual do menino”.

²⁷ Podemos considerar que a posição feminina está em uma área de transição entre as posições esquizo-paranoides e depressivas, partilhando de angústias e defesas desses dois estados de mente.

Por que Klein?

compreensões das angústias específicas às meninas, Klein (1932) se refere à posição feminina como experiência partilhada nos dois sexos, o que ainda não havia sido expresso na psicanálise até então.

A psicanalista nos convoca então a observar a experiência inicial da vida, predominantemente corporal, sintetizada na imagem seio-boca. A primeira realidade do bebê é o inconsciente materno; a ideia de sistemas de vasos comunicantes é instigante: “O bebê começa a ser e é em relação com a mãe, com o corpo materno, com o seio que o alimenta e conforta. A mãe vive essa experiência profundamente identificada com o bebê, emprestando seu pensamento e seu acervo cultural à criança, num sistema de vasos comunicantes (...). (HERRMANN & ALVES LIMA, 1982, p.17).

Klein (1932) postula que a principal angústia feminina se refere a danos internos, ao medo de ter o seu interior atacado e destruído; para a autora, a angústia de castração, nas meninas, é secundária. Nessa perspectiva, as relações objetais estão presentes desde o início, com suas intensas ambiguidades, amor e ódio. A menina, na sua fantasia, imagina ataques ao interior do corpo materno e seus conteúdos, possíveis bebês. A característica receptiva do órgão sexual feminino passa a ser vista; ou seja, a experiência corporal diversa entre meninos e meninas torna-se objeto de reflexão nos textos kleinianos.

Importante considerar que Freud (1926) se questionou acerca da castração nas meninas, destacando ser difícil compreender a ansiedade de castração quando ela já ocorreu. E, logo na primeira parte do texto “Sexualidade Feminina”, escreve: “Há muito tempo renunciemos à expectativa de um perfeito paralelismo entre o desenvolvimento sexual masculino e o feminino” (FREUD, 1931/1980, p. 260).

Podemos pensar que Klein seguiu as “pistas” deixadas por Freud. No final do texto de 1932, faz então um breve cotejamento conceitual com algumas ideias freudianas acerca da trajetória edípica da menina. Assim como Freud (1931), compreende que o apego ao pai na menina é profundamente afetado pelo apego inicial da menina à sua mãe, e que um é edificado sobre o outro, tendo como decorrência, na idade adulta, o fato de que o relacionamento das mulheres com seus maridos tende a repetir seus conflitos com a mãe.

Mas, de maneira diversa, na concepção freudiana, o apego exclusivo da menina à mãe duraria até os cinco anos de idade. No entanto, Klein (1932) põe em evidência a precoce

Por que Klein?

presença paterna, sendo o pai encontrado primeiramente como um objeto interno na mente da mãe.

A mãe - o corpo materno, o seio, o inconsciente materno - é o objeto primário, o primeiro objeto de identificação dos bebês de ambos os sexos. Essa observação, feita provavelmente a partir da experiência pessoal de Klein com a maternidade e, também, baseada no atendimento de crianças muito pequenas, foi fundamental para um vértice de compreensão diverso do freudiano - segundo o qual a “descoberta” da vagina se daria apenas na vida adulta.

Klein (1932 e 1945) percorre outra direção. A mulher tem, sim, representações psíquicas para o seu sexo: sensações vaginais precoces, potencialidade de gerar filhos e, posteriormente, os seios.

A este respeito, Chasseguet-Smirgel (1988, p.31) adverte:

Como poderemos supor, na verdade, que a menina ignore possuir uma vagina, quando Freud confere ao sonho, no ‘Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos’ (1915), a capacidade de perceber precocemente todas as modificações orgânicas? Por que os poderes do inconsciente para conhecer o que se passa na nossa intimidade corporal não chegaria à vagina? Como não haveria, para o menino, uma presciência de um órgão complementar ao seu, quando Freud postula, por outro lado, a existência de fantasmas inatos?

É comum, a quem observa brincadeiras infantis, a cena de duas crianças entre dois e três anos descobrindo suas diferenças corporais. Essa curiosidade - pulsão epistemofílica, como nomeou Klein (1928) - está ligada às questões primordiais, aos grandes enigmas da existência: de onde vim, quem sou, como é meu corpo, como é o corpo dos adultos cuidadores, qual a relação entre eles, etc. As díades são então experienciadas pelo bebê e sempre convocadas e presentes pelo *infantil* no adulto: seio-boca; vagina-pênis, dentro e fora, eu-outro, presença-ausência.

A partir destas experiências primordiais, Klein (1932) postula o conceito de posição feminina, que consiste na identificação inicial e precoce do bebê com a mãe; por volta dos seis meses, o *infans* se volta para o pai, identificado com a mãe. Nesse momento, há um primeiro esboço de que a mãe é um outro, e de que o pai é o outro da mãe. Para Klein, o pênis (objeto parcial/posição esquizo-paranoide) é encontrado primeiramente dentro da mãe. Em outros

Por que Klein?

termos: o pai é encontrado no olhar da mãe, no inconsciente materno, primeira realidade do bebê. Assim, de forma diversa de Freud, entende que o pai está presente desde o início, na mente da mãe; ou seja, o seio contém o pênis.

Tendo como objetivo refletir acerca das questões ligadas à identidade sexual, no texto de 1945, Klein faz uma articulação entre os conceitos de posição feminina, posição depressiva e complexo de Édipo precoce, mas não com a posição esquizo-paranoide, que foi conceituada um ano depois, em 1946. Com o conceito de posição depressiva, retomou as posições libidinais e, portanto, a posição feminina - posição que acreditamos estar ligada a uma interessante construção teórica da feminilidade e da masculinidade, mas que não teve expansão dentro da teoria kleiniana.

A posição feminina é a sustentação experiencial primeira para que posteriores constituições psíquicas identitárias de masculinidade e feminilidade possam surgir. Entendemos que a constituição de uma identidade sexual é composta por uma mescla complexa entre identificações masculinas e femininas, que não necessariamente acompanham o sexo biológico. Há uma grande plasticidade na constituição psíquica, mas sempre a partir das primeiras relações objetais e da libidinização que permeia essas relações.

Articular os dois conceitos — posição feminina e posição depressiva — pode nos levar a reflexões interessantes, pois, se estamos sempre no âmbito de um processo constante e contínuo de construção e articulação entre um sujeito e um objeto, no qual a alteridade é sempre incerta e depressiva, a feminilidade e a masculinidade dialogam com essas questões. Para que exista uma identificação, é preciso que aconteça um delineamento depressivo eu-outro. Pontuamos, portanto, que a posição feminina é um início de diferenciação eu-outro, e também, um início da diferenciação seio-pênis, mãe e pai, ou a diferenciação entre os adultos cuidadores que exercem funções maternas e paternas, independentemente da designação do sexo biológico.

Tanto meninas quanto meninos se identificam com os atributos maternos/femininos e se voltam para o pai, identificados com a feminilidade da mãe. Para os bebês do sexo masculino, na posição feminina, o que está em jogo é a possibilidade de sublimação de seus componentes femininos. A boa elaboração dessa fase propicia, na idade adulta, que um homem possa apreciar os atributos femininos, sem precisar menosprezá-los (KLEIN, 1932).

Por que Klein?

Uma possível atitude de depreciação masculina em relação às mulheres pode ser compreendida como um movimento defensivo em relação a uma mãe/mulher que se tornou, no psiquismo do bebê do sexo masculino, ameaçadora. Isso ocorre quando predominam os sentimentos de inveja e ódio à mãe. Ao contrário, quando predominam os sentimentos amorosos, ou seja, mais depressivos e reparadores, o contato com o feminino e sua interioridade parece propiciar aos homens qualidades psíquicas surpreendentes, dentre elas, a capacidade de apreciar a feminilidade de uma mulher.

Para a menina, essa identificação com a mãe na fase da feminilidade exerce uma força de atração em relação ao arcaico. A cada fase (menarca, defloração, primeira gestação e menopausa), a menina (e depois a mulher) é remetida à identificação com a mãe.

Kristeva (2002, p.149) destaca que é Klein quem propõe o “primeiro modelo psicanalítico de sexualização fundado no casal”. Os pais combinados ou acasalados são referências arcaicas do casal parental, tanto na mente do bebê como no inconsciente da mãe.

A este respeito, Klein (1945/1996, p. 463) escreve: “O desenvolvimento sexual da criança está ligado de forma inextricável às suas relações de objeto e a todas as emoções que moldam desde o início sua atitude diante da mãe e do pai.”

A posição feminina para os bebês de ambos os sexos seria essa reserva arcaica de fantasia inconsciente, partilhada com o corpo/psiquismo da mãe, havendo uma afetação mútua entre o bebê e a mãe, por meio da fantasia inconsciente da dupla: mãe-bebê do sexo feminino e mãe-bebê do sexo masculino. A metáfora dos vasos comunicantes, citada acima, expressa essa afetação mútua, marcada pela corporeidade.

A feminilidade, no seu sentido de passividade, receptividade e interioridade, não é patrimônio das mulheres. Os homens partilham e compõem sua masculinidade a partir desse universo materno e feminino, porém de uma maneira diversa.

Tendo em vista que nossas origens são femininas (ANDRÉ, J., 1996), o objeto primário é feminino, marcando a trajetória dos bebês de ambos os sexos, com sutis diferenças. Klein constatou isso no final da década de 1930, um pensamento ousado diante do conhecimento psicanalítico da época.

O conceito de posição feminina teve também um significativo desdobramento nas

Por que Klein?

construções teóricas de Florence Guignard, autora que apresentamos a seguir, destacando suas contribuições quanto à constituição da feminilidade nas mulheres.

O materno primário e o feminino primário: breve apresentação do pensamento de Florence Guignard

Florence Guignard (1997, 2000 e 2002), psicanalista francesa contemporânea, propõe a distinção de dois espaços psíquicos nos quais se organizam as configurações das identificações iniciais com a mãe.

Guignard (2000) considera a hipótese da existência de dois tempos do feminino, nos quais as identificações iniciais com o objeto primário se organizam. O primeiro tempo é o do materno primário (entre dois e três meses de vida); o segundo é o do feminino primário (por volta dos seis meses).

O espaço do materno primário constitui-se como o espaço interno dos investimentos pulsionais das primeiras relações identificatórias com a mãe, imprimindo violentamente o desconhecido do objeto na psique-soma da criança e vetorizando as pulsões em direção ao objeto²⁸. Inspirada na teoria de Laplanche (1988), Guignard (2000) qualifica o desconhecido do objeto como o “enigmático”.

O espaço do feminino primário é aquele no qual se instala o que Klein denominou fase da feminilidade ou posição feminina. A criança se identifica com o desejo da mãe pelo pai - trata-se da identificação ao desejo do outro (mãe) pelo outro (pai). Acontece no limiar da posição depressiva, no fim da díade onipotente e narcísica mãe-bebê, e perante a primeira triangulação edipiana – o Édipo precoce, assim denominado por Klein (1928). É o momento da des-idealização: o bebê não é tudo para a mãe - ela deseja outro, o pai, o terceiro ou seu representante. Guignard (2002) diz que, nesse momento, a filha deverá se identificar com aquela que a privou de seu status onipotente de único objeto de amor da mãe maternal: a mãe

²⁸Fica explícito que Guignard articula a teoria freudiana das pulsões com a teoria kleiniana das relações objetais.

Por que Klein?

sexual.

Considero o ‘feminino primário’ o espaço psíquico que se desenvolve em relação à primeira triangulação observável no ser humano. É o lugar inicial do desejo do Outro-do-Outro, da ausência, do negativo, do abandono recíproco e, por conseguinte, de toda a potencialidade dos processos de luto. Do bom estabelecimento desse espaço vai depender o equilíbrio econômico da bissexualidade psíquica em relação com o sexo biológico do indivíduo (GUIGNARD, 2000, p. 140).

A partir da organização do espaço psíquico do feminino primário, há um aumento das identificações introjetivas. Constitui-se, de forma um pouco mais delineada, um dentro e um fora, o eu, o outro e o outro do outro. Assim como Klein, Guignard (2000) considera que o núcleo do ego é constituído pelas identificações introjetivas, e se estas são inicialmente femininas, o destino de ego passa a se encontrar ligado ao destino do feminino.

Em 1945, de fato, Klein escreve que o primeiro objeto introjetado é o seio da mãe, um seio que contém o pênis; ou seja, a imagem dos pais combinados, referência arcaica do casal parental.

As identificações introjetivas do materno primário e do feminino primário são necessárias para o equilíbrio econômico da bissexualidade psíquica, tanto para o menino, como para a menina. No entanto, em razão do destino de mulher e de mãe, essas identificações serão ainda mais requisitadas no que se refere ao ego corporal da menina. A hipótese de Guignard (2002) é de que o investimento do maternal e do feminino por uma mulher adulta e mãe funciona como uma balança, como figura e fundo, e sob o signo da culpabilidade.

Retomando: o espaço do materno primário constitui-se como o espaço interno dos investimentos pulsionais das primeiras relações identificatórias com a mãe, imprimindo violentamente o desconhecido do objeto na psique-soma da criança e vetorizando as pulsões em direção ao objeto.

O espaço do feminino primário é aquele no qual se instala o que Klein denominou posição feminina. A criança se identifica com o desejo da mãe pelo pai; é a identificação ao desejo do outro (mãe) pelo outro (pai). Acontece no limiar da posição depressiva, no fim da diade onipotente e narcísica mãe-bebê e diante da primeira triangulação edipiana — o Édipo precoce, assim denominado por Klein em 1928.

Por que Klein?

Finalizando, vamos dar voz ao poeta Mia Couto (2013), que é capaz de nomear a experiência de forma incomparavelmente exitosa em “A mulher de mim” - o feminino é, pois, a mulher de mim, ou, poderíamos dizer, o feminino em mim:

Naquela noite, as horas me percorriam, insones ponteiros. Eu queria só me esquecer-me.

(...)

Nesse enquanto, ela entrou. Era uma mulher de olhos lisos que humedeciam o quarto. Vagueou por ali, parecia não acreditar em sua própria presença. Seus dedos passeavam pelo móveis, em distraído afeto. Quem sabe ela sonambulasse, aquela realidade lhe fosse muito fictícia? Eu queria avisar-lhe que estava enganada, que aquele não era seu competente endereço.

(...)

Mas a estranha me atentava, descendo do seu decote. Seu peito me espreitava, subornando meus intentos. ... Porém. Por artes da intrusa, eu desaparecia, intermitente, da existência. Me irrealizava. E quando me apelava, rumo à razão, nem sequer eu chegava a meu cérebro, o austero juiz. Por causa da voz dessa mulher: lembrava o murmurinho das fontes, a sedução do regresso a dantes quando não havia antes.

(...)

O que vinha fazer, caso então? Porque tanto mais ela se senhorava mais eu me inquietava. A enviada prosseguiu:
— Não percebes? Eu venho procurar lugar em ti.

Explicou suas razões: só ela guardava a eterna gestação das fontes. Sem eu ser ela, eu me incompletava, feito só na arrogância das metades. Nela eu encontrava não mulher que fosse minha mas a mulher de mim, essa que, em diante, me acenderia em cada lua.

— Me deixa nascer em ti.

(MIA COUTO, 2013, pp. 127-133)²⁹

Se as identificações são o que resta das paixões — o que resta depois que tudo foi esquecido —, nossas identificações primárias são femininas. O feminino — comum aos dois sexos — é compreendido como o termo que designa a posição primeira, a matriz das origens, o encontro primordial com a mãe, a experiência de ausência de representação. Em outros termos, o irrepresentável, o domínio do arcaico, do recalque originário.

²⁹ Apenas algumas frases do conto estão citadas.

Por que Klein?

Surpreendente que Melanie Klein tenha escrito sobre a posição feminina em 1928 e 1932.

Capítulo VIII

Inveja e gratidão: alguns apontamentos³⁰

Como vimos anteriormente, Melanie Klein (1957/1996) publicou o texto “Inveja e Gratidão”, na década de 1950. Nele, destacou a forma de aparição dos impulsos destrutivos que se configura como inveja, correspondendo ao desejo de atacar e destruir o bom objeto, aquele que é a base da saúde psíquica. Vamos então, neste capítulo, aprofundar o tema.

O objeto por excelência da inveja é o objeto doador de vida: seja a criatividade, a fecundidade, a generosidade, a plenitude. Em outras palavras, trata-se da inveja daqueles atributos que a pequena criança confere à figura materna e, mais tarde, à figura paterna. É difícil aceitar a beleza, o brilho, a presença da mãe e dos cuidadores, daqueles que são provedores ou detentores de saberes, dons ou outros bens que se almeja possuir.

O dramático é que a inveja, ao dirigir a sua destrutividade na direção do que poderia ser conquistado, impede a assimilação do bom objeto e os processos de integração psíquica. Quando ela está ausente, a introjeção do bom objeto – completo e íntegro – cria um núcleo gerador de pulsões de vida. Se essa introjeção falhar, o restante do desenvolvimento fica comprometido. O enraizamento no ego do objeto bom é o único meio de prevenção contra a potência destruidora da inveja.

Para Klein (1957), a inveja tem uma base constitucional - ideia que merece uma análise,

³⁰ Algumas ideias presentes neste capítulo também estão no livro *Tratado sobre Psicologia*, ainda não publicado, no capítulo intitulado “A presença do pensamento de Melanie Klein na psicanálise contemporânea” (CINTRA & RIBEIRO, no prelo).

Por que Klein?

pois foi um dos aspectos mal compreendidos de sua teoria. Entendemos que nossa autora não acreditava em um componente genético. Ela observou que algumas crianças recém-nascidas eram mais aptas a usar o objeto bom do que outras, mostrando-se mais resolvidas em relação à sua satisfação, com maior tolerância às frustrações e maior capacidade de experimentar a gratidão. Seriam, pois, mais bem aparelhadas para aproveitar o que o ambiente tem para lhes oferecer.

Mas o que significa estar mais bem aparelhada? É ser menos voraz, pois a voracidade torna a gratificação difícil - a sucção muito intensa contrai os capilares e o fluxo de leite é menor. Uma intolerância à frustração leva ao ódio e ao desejo de atacar e destruir o objeto frustrador. A maior voracidade dá sempre a impressão de se ter ficado insatisfeito, o que favorece a inveja, em um ciclo que se retroalimenta de forma destrutiva, não ajudando o desenvolvimento.

Como podemos compreender que há uma potencialidade para a experiência da inveja desde o início da vida? Uma possibilidade seria considerar que a experiência do nascimento, ao promover a saída da homeostase intrauterina, produz uma perda de prazer e a comparação entre a situação atual e o registro dessa plenitude perdida. Ora, essa simples diferença, que é a condição existencial humana, dá lugar a um desejo voraz de recuperar o que foi perdido. Desejo voraz por algo inalcançável é o terreno propício à inveja.

Pensamos então, que, em vez de usar o termo “constitucional”, Melanie Klein deveria ter usado o termo “estrutural”. Se compararmos a situação intrauterina e o estado do bebê depois do nascimento, veremos que a plenitude e o sentimento de ser indiviso são diferentes em ambos os momentos. Nenhuma mãe será capaz de criar um sentimento de unidade comparável à unidade pré-natal - essa situação cria um diferencial de prazer intransponível. Assim, a inveja está destinada a acontecer, pois nada mais é do que o efeito de comparação entre a plenitude e o êxtase pré-natal e a situação de relativa dor e desconforto da vida após o nascimento.

Além do mais, o nascimento provoca angústias persecutórias, e para combatê-las, a fantasia cria um objeto idealizado, correspondente à plenitude da vida intrauterina, uma espécie de modelo ou paradigma da satisfação absoluta. A necessidade de idealizar, derivada do anseio universal por um estado de plenitude, seja o estado pré-natal, ou o que decorre da experiência de satisfação, faz surgir o desejo de se ver livre de toda dor e angústia persecutória (KLEIN, 1957/1996).

Por que Klein?

Existe na inveja um componente libidinal, uma nostalgia por um estado pleno de satisfação que se teve e se perdeu, mesclada com ódio, ressentimento e com a sensação de que algo se tornou para sempre inalcançável. Se o seio real não fornece aquele nível de prazer proporcionado pelo seio ideal, advém a sensação de se estar sendo lesado e o desejo de destruir o seio real. Considerando, então, que o seio real não conseguirá nunca atingir a plenitude imaginária da vida intrauterina, haverá sempre espaço para o surgimento da inveja. E o mesmo se pode afirmar a respeito dos encontros amorosos em qualquer nível, pois há sempre uma margem de desencontro entre o desejado e o conquistado.

Por isso, afirmamos que a inveja pode ser considerada constitucional; ou seja, surge da descontinuidade entre duas experiências de prazer diferentes, em cuja elaboração imaginária surge a voracidade. Esta é a estrutura original do desejo humano: insaciável. E isso faz com que a inveja exista como decorrência dessa estrutura voraz - queremos simplesmente tudo! E a realidade mesmo quando é bastante generosa, nunca acerta a satisfazer tudo.

Na verdade, podemos dizer que a inveja participa da estrutura do desejo humano, assinalando o seu aspecto insaciável. O aspecto desmesurado da vida pulsional é o traço “mortífero” da pulsão sexual. O aspecto mais “benigno” (desse traço “mortífero”) é o querer mais, que poderia conviver com a frustração e se transformar. O aspecto mais “maligno” é querer destruir e aniquilar o objeto que frustra e separar-se dele, negando a dependência.

Embora a inveja seja a expressão prototípica da pulsão de morte e de seu poder de dissolução, ela está endereçada a Eros - *trata-se da força* dirigida a desfazer o nó originário entre pulsões de vida e de morte, sendo seu objetivo realizar um silencioso e sinistro trabalho de dissolução dos vínculos eróticos, *de modo a* destruir a própria dependência das fontes de vida, de prazer e de plenitude.

O mais intolerável é a fantasia inconsciente de que o objeto idealizado tem tanto e não dá. É isso que torna a reflexão sobre a inveja interessante, o fato de que, sendo a manifestação por excelência da pulsão de morte, surja do próprio ninho da pulsão de vida, da intensidade do desejo. É a inveja que visa a quebrar os elos de ligação com o objeto de amor, com o objetivo de destruir Eros, de livrar-se de toda e qualquer dependência, e com isso aniquila também a capacidade de associar necessária ao pensar. A inveja impede a formação de elos associativos necessários à construção do pensar - *trata-se de* um ataque aos vínculos (BION, 1959/2007). Quando há tolerância à dor e à frustração, isso sinaliza que se pode esperar mais tempo pela satisfação, que se pode manter mais viva a memória desta e um estado de gratidão: o próprio

Por que Klein?

ato de pensar pode surgir na vigência da frustração tolerada, quando há esperança de que a satisfação voltará, pois é essa tolerância mesma à dor da falta e essa esperança que tornam possível pensar, realizando as ligações associativas necessárias.

A inveja se dirige sempre ao seio bom, que é o protótipo da bondade materna, da paciência e da generosidade inexauríveis, do carinho, da compaixão, da compreensão. O objeto bom é a base da esperança e da confiança. Mas o objeto só é bom se houver capacidade de “receber”, **de acolher a sua “bondade”**.

A mãe tem a capacidade de criar uma atmosfera de confiança e de cuidados - o fluxo de leite, a presença que faz companhia, toca, estimula, brinca, faz careta, escuta, alimenta, presta atenção, põe em palavras algumas vivências, narra, ensina a conter e superar impasses; enfim, todos os trabalhos de ligação erótica que desembocam em amor, inteligência, atividades significativas e prazer de brincar e pensar.

Segundo nossa autora, a impermanência do objeto e sua incapacidade de dar conta da insaciabilidade do desejo dão origem ao ódio e ao ressentimento englobados sob o nome de “inveja”. **A inveja surge porque há uma oscilação**, às vezes insuportável, entre o ter e o perder esse mundo de dádivas maternas – e perceber-se dependente demais. Há uma oscilação entre a falta e o excesso de estímulos decorrentes da voracidade, da frustração e dos afetos mobilizados pela situação.

O ciúme deriva da inveja, pois, por trás da aspiração à posse exclusiva do objeto de amor que o caracteriza, encontra-se o ódio de ter de depender dele, a inveja daquilo que ele pode oferecer e o desejo de exercer controle sobre ele. Podemos distinguir as seguintes nuances: a voracidade é a ânsia de sugar tudo, até deixar seco; a inveja é o desejo de estragar o objeto, depositar maldade, excrementos e partes más dentro da mãe, a fim de destruí-la, mas sobretudo destruir sua criatividade. Invejar é um ataque ao desejo e ao desejar, com o seu cortejo de tormentos, e envolve tentar fazer uma diminuição do valor do objeto, depreciando-o, até torná-lo menos desejável.

O fruir plenamente gera gratidão, sentimento que diminui a inveja e a voracidade. A gratidão é o fundamento da capacidade de apreciar e saborear os bons momentos e as qualidades que nos são oferecidos. A soma de experiências felizes com o seio bom permite a boa introjeção desse objeto, que funciona como um núcleo de amor e proteção e que será, para sempre, a fonte última da pulsão de vida do sujeito. A gratidão aprofunda a capacidade de “usar o seio bom”, e este se torna cada vez melhor, quanto mais gratidão houver: “Por meio da

Por que Klein?

riqueza interna e sua re-introjeção, há um enriquecimento e aprofundamento do ego.” (KLEIN, 1957/1996). A gratidão está intimamente ligada à generosidade.

Este é o núcleo de todos os valores éticos do sujeito. Ele é o fundamento da confiança do sujeito no mundo e de sua “confiabilidade” – isto é, de sua capacidade de comprometer-se com valores e práticas, de manter o compromisso ao longo do tempo. O contato com a reserva interna de confiabilidade é a base da capacidade de tolerar frustrações, sendo o que permite experimentar a gratidão. Além disso, a firme introjeção do objeto bom protege contra alterações de caráter que derivam de traços orais e anais – ambição desmesurada, rivalidade, desejo de controle e possessividade. Mesmo as tendências mais vorazes da sexualidade infantil podem ser integradas ao ego, enriquecendo-o; os problemas ocorrem quando essa integração não foi possível.

Klein (1957/1996) afirma que aqueles que não estabeleceram o bom objeto interno de maneira firme, ao se sentirem ameaçados e perseguidos, perdem completamente o contato com essa reserva interna de confiabilidade e são levados a agir de qualquer maneira, pois consideram que não têm nada a perder. Vários graus de distúrbios são possíveis, entre eles alterações de caráter que dão origem a atuações e transgressões de leis de diversos tipos; de outro lado, perdas de contato com essa reserva interior de segurança dão origem a estados agudos de angústia e desamparo, como no caso da síndrome de pânico, dos refúgios autistas, das inibições e fobias de contato.

Nossa autora diferencia as cisões estruturantes das cisões fragmentadoras. A inveja resulta, justamente, da impossibilidade de preservar o objeto bom dos ataques, para que forme uma boa base egoica. As cisões patogênicas são as que criam objetos extremamente bons e maus, pois estes não são assimiláveis pelo ego, não se transformam em alimento para este. Modelos muito idealizados permanecem dissociados - são vozes internas que ficam na órbita do ego, mas não se transformam nele, e a pessoa não consegue agir e pensar por conta própria, ficando submetida a mandados, injunções desses outros fantasmagóricos. As idealizações do objeto não se sustentam e desmoronam, ocasionando a necessidade de trocar de objeto de amor constantemente.

De fato, um jeito de não elaborar a hostilidade e a inveja do objeto primário é encontrar novos amores que podem ser idealizados e admirados, de maneira que magicamente desaparece o trabalho de lidar com as emoções negativas. As emoções negativas que aparecem simultaneamente a emoções positivas formam um conflito que não é tolerado. É preciso buscar

Por que Klein?

novos amores com relação aos quais tem-se a impressão de que só existem as emoções positivas.

Quando não foi possível fruir suficientemente do seio materno, surgem as primeiras fantasias de ciúme. *Nesse caso*, mecanismos paranoides e esquizoides predominam, e nem a inveja nem o ciúme podem ser aliviados. Mas, quando esses mecanismos dão lugar à posição depressiva, a criança aceita a perda da condição de posse absoluta da mãe e se torna mais fácil partilhá-la com outros.

O sentimento absoluto de exclusão e abandono está na origem da “figura dos pais combinados” - uma fantasia típica do complexo de Édipo precoce e ligada aos afetos de ciúme e inveja arcaicos. *Trata-se de* uma figuração extrema do “terceiro excluído” – ou seja, a mãe gratifica o pai por todos os meios que o amor pode imaginar, formando com ele uma figura combinada e fazendo uma aliança de poder contra a criança, que sente, com amargura, o seu abandono e o seu desamparo.

A inveja vivida na relação primária com a mãe dá lugar a outras formas de inveja, como a inveja do pênis, mencionada por Freud. Melanie Klein vai discernindo a lógica que preside toda forma de inveja. O invejoso busca a autossuficiência e recusa a dependência - quer possuir a fonte de todos os seus prazeres e sentirá inveja do seio e do pênis, *que são* metáforas de tudo que possa ser desejável: capacidade de oferecer prazer, dar vida, alimento, energia, amor, dinheiro, talento ou compreensão. *Forma-se então a equação seio-pênis, já que* os dois órgãos simbolizam a vida, a potência, a criatividade - objetos por excelência da inveja.

As defesas contra a inveja são a onipotência, a negação e a cisão, e também a idealização e o denegrimiento. Há duas maneiras contraditórias de defender-se da inveja: ou pela depreciação extrema ou pela excessiva exaltação do objeto e seus dons – são as tendências a criar deuses e demônios. A divisão extrema ocorre quando não é possível discriminar e integrar formas relativas de amor e ódio.

As formas exaltadas de cindir o objeto – na paixão, por exemplo – são consideradas delirantes. A realidade constantemente demonstra que não existem, a não ser na imaginação, formas puras de bem ou mal absolutos; *assim, o* objeto ideal rapidamente se transforma em perseguidor, pois é fonte de exigências muito elevadas. Toda idealização abriga em seu avesso uma inveja negada e uma destrutividade não neutralizada, mas que se encontra pronta a explodir sob a forma de ódio e de desejo de destruir. Os afetos extremos não se estabilizam, e o ódio não chega a se transformar em amor. A dinâmica do muito bom e do muito mau é movida

Por que Klein?

pela pulsão de morte e por sua dinâmica, que leva sempre a uma abolição do conflito mediante a eliminação sumária de um dos seus termos. Os assassinatos passionais são um exemplo de que a hiper exaltação do objeto de amor não conduz à sua preservação, mas à sua aniquilação.

O abafamento do amor, descrito anteriormente como uma defesa maníaca durante a posição depressiva, tem suas raízes no perigo que advém dos impulsos destrutivos e da ansiedade persecutória. Há momentos mais psicóticos, com grande cisão entre amor e ódio, ao passo que, nos momentos neuróticos, é possível lidar com a destrutividade, reprimindo-a. Os momentos predominantemente psicóticos guardam uma dinâmica esquizo-paranoide e os momentos mais neuróticos, uma dinâmica depressiva³¹.

A aspiração a ser criador de si mesmo e do seio materno, bem como a rejeição de ter sido engendrado são o ápice da onipotência e da negação da dependência. Significam negar a própria filiação e a pertinência a uma linhagem que o antecedeu. Rebelar-se contra o instituído é um ingrediente importante em toda ação criativa e original e com poder transformador; de outro lado, o que se vê na psicose é uma recusa maciça da filiação e do mundo criado pelos antepassados, com a abolição e o não reconhecimento de uma realidade compartilhada com os outros seres humanos.

Vejamos agora como esses aspectos se fazem presentes na situação analítica.

A inveja na situação analítica

Em seu fundamento último, inveja é, sempre, das fontes de vida e da criatividade. Como já dito. “A inveja é muito poderosa no solapamento dos sentimentos de amor e gratidão, pois afeta a relação mais antiga de todas, a relação com a mãe” (KLEIN, 1957/1996, p. 124). Este último postulado de Klein, três anos antes de sua morte, gerou resistências na comunidade psicanalítica inglesa. No entanto, também abriu um vasto campo de pesquisa a respeito da reação terapêutica negativa, mobilizada por uma forte inveja da capacidade metafórica e criativa do analista.

³¹ Para um aprofundamento, cf. o texto “Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica”, de Bion (1957/2007),

Por que Klein?

A elaboração da inveja e do ódio é a tarefa fundamental da análise; *mas do que se trata esse processo de elaboração?* A partir da obra kleiniana, podemos entender como o trabalho de analisar, repetidas vezes, as ansiedades e defesas ligadas à inveja. A inveja é o pior aspecto da destrutividade, pois aniquila o objeto bom interno, que é a base da saúde psíquica. O analista precisa insistir, desentocar os sentimentos de inveja mais obscuros e recônditos que remontam à vivência materna primária e se recusam a vir à luz, *lidar com os processos de cisão e fazê-los remontar à sua origem*, para, assim, desfazê-los. *Será preciso, pois*, analisar a inveja sentida com relação ao analista, o que faz o paciente reviver a inveja do objeto primário.

Podem ocorrer, frequentemente, críticas destrutivas ao analista e a tudo que ele pode oferecer com suas interpretações: são pacientes incapazes de lhe expressar gratidão por qualquer dádiva. *Mas, como bem diz o ditado popular, “Quem desdenha quer comprar...”*. *A inveja se revela pela desvalorização do outro, como na fábula da raposa e das uvas, sendo então necessário diminuir o* valor das obras e do dom dos outros. *Fica clara aqui a* dificuldade de valorizar o que se recebe - o sujeito volta as costas à gratificação, recusa o que lhe é oferecido. A inveja “estraga” a fruição dos bons momentos e o surgimento da gratidão que acompanha a capacidade de saborear a troca entre duas pessoas, situação que ocorre, também, entre analista e analisando.

De fato, a inveja é capaz de destruir e minar todo o trabalho do analista, transformando-o em algo completamente destituído de valor e significado. As defesas contra a inveja conduzem à indiferença e a formas cada vez mais desvitalizadas da existência, nas quais estão abafados ou ausentes o amor, o desejo, o entusiasmo e a paixão.

Nestas circunstâncias, como é possível realizar o trabalho analítico, que, segundo nossa autora, consiste em uma oscilação entre momentos de inveja e momentos de gratidão, entre outros? E como trabalhar as cisões e demais mecanismos de defesa arcaicos, tais como a onipotência, a negação, a idealização e a depreciação?

Vamos partir então de um exemplo para começarmos a pensar na depreciação e na defesa contra a dependência afetiva e o sentimento de inveja. Se um paciente sente que está sendo muito destrutivo, tenta diminuir a culpa e a perseguição por estar estragando seus objetos por inveja, por meio de um estado de confusão a respeito do valor deles; ou seja, o paciente pode se perguntar: será que são bons mesmo? Será que o analista é bom mesmo, ou um farsante? *Se os objetos passam a não ter valor, inclusive o analista, não precisa sentir nem perseguição, nem culpa, utilizando-se, então, da cisão como defesa*. Algumas análises são

Por que Klein?

rompidas nesses momentos de intensas reações terapêuticas negativas, exigindo uma grande habilidade por parte do analista, que precisa se deixar ser denegrido e atacado.

Nos estados mais depressivos e melancólicos, a desvalorização do objeto alterna-se com a autodepreciação do sujeito, e também de seus dons e realizações. Tudo fica destituído de importância e valor, nada vale a pena. O sentimento de impotência que o deprimido inocula no analista é a forma que encontra de destruir a potência deste, zerando-a.

Estragar, desvalorizar são jeitos de evitar a inveja; o objeto desvalorizado não vai mais precisar ser invejado. Alguns pacientes criticam uma interpretação que os tinha ajudado, até não sobrar mais nada dela, e, às vezes, da própria análise. Essas defesas são acionadas no escuro da inconsciência, e por serem tão violentas e radicais, não há possibilidade de serem desfeitas de maneira rápida e onipotente; ou seja, do modo como foram acionadas.

Para o analista trabalhar com essas ansiedades e defesas arcaicas, é preciso ir devagar, ter muita disponibilidade e compreensão em relação aos ataques invejosos do paciente. Pensemos: se as cisões existem para diminuir a força do objeto mau, ou, em outras palavras, existem para diminuir a força de ódios, invejas e ressentimentos muito desagradáveis, esses sentimentos não poderão desaparecer, a não ser que possam ser gradualmente integrados ao ego e aos movimentos libidinais da pulsão de vida. Embora saibamos que a integração nunca chega a ser completa, a cisão é o movimento oposto, que permite uma eliminação radical, abrupta e absoluta. O que podemos depreender daí?

De um lado, a cisão e as outras defesas esquizoides são processos defensivos radicais, que produzem um resultado imediato, de acordo com a pressa e a voracidade dos pacientes que funcionam na posição esquizo-paranoide e desejam uma solução imediata de seus conflitos. Ocorre, na verdade, abolição do conflito, pois a cisão visa à completa eliminação de um dos polos do conflito. Passar de uma cisão para um processo de integração envolve um grande trabalho de paciência. **O analista busca então modificar** o funcionamento desse ego arcaico que não tolera dor, desprazer e presença de conflito e ambivalência.

Outro aspecto importante: a inveja decorre de uma predominância de sadismo oral e anal, **sendo também parte do trabalho do analista diminuir esse dinamismo, através da criação** de um ambiente amistoso, lúdico e tolerante para com as emoções negativas, **de modo a** favorecer a sua integração com a libido. É preciso diminuir a persecutoriedade, os medos, e analisar as fantasias paranoicas para permitir níveis maiores de integração de amor e ódio. Quando o ódio e o amor ficam muito dissociados do ego, o paciente pode encobrir a inveja e a

Por que Klein?

destrutividade que sente contra o analista através de uma idealização defensiva.

A necessidade de idealizar, negar e abafar as emoções decorre de uma incapacidade do ego de suportar a tensão dos afetos ambivalentes, das dúvidas, das hesitações. O paciente aciona, então, um mecanismo de defesa rápido e radical, como a cisão, que produz um empobrecimento do ego. Diante disto, o analista vai convidar o paciente ao dinamismo contrário, de enriquecer-se, mostrando que os afetos e emoções negativas que quer eliminar vão lhe fazer falta, e se essas emoções desaparecem, vão empobrecê-lo psiquicamente. Na verdade, é preciso aumentar a confiança do paciente nos seus aspectos libidinais e amorosos, que irão contrabalançar e integrar-se às emoções negativas³².

O leitor pode perguntar: como o analista se torna esse objeto bom que favorece o dinamismo de integração e crescimento? Fundamentalmente, precisamos desenvolver uma boa compreensão do estado do paciente, que cinde e perde o acesso às suas emoções. A hostilidade distanciada é o seu modo de evitar correr qualquer risco e qualquer perigo no contato com o outro, o que poderá gerar apego, dependência e sentimentos de rejeição. Assim, os processos de cisão impedem que o paciente entre em contato consigo mesmo, levando-o a ficar alienado e distante. Partes consideráveis de sua personalidade não estão acessíveis para ele mesmo, por isso, nada faz sentido - ele ouve o analista, mas não se sente tocado, nem afetado. Não se sente presente, nem sendo uma pessoa real. A interpretação precisa favorecer o contato do paciente consigo mesmo e com sua dor de viver, aí sim poderá propiciar a chegada de uma emoção forte. Em algumas situações de análise, pode surgir uma intensa vontade de chorar, quase uma irrupção de algo que estava sob forte contenção.

O analista pode, com sua atenção, sondar as ansiedades do paciente que surgem da sensação de risco e perigo no contato com ele, e assim, tocar delicadamente nessas questões, desenvolvendo um ambiente confiável e de aceitação dos medos e das singularidades do paciente. Trata-se de criar condições para o restabelecimento do contato afetivo e da experiência de uma intimidade que não intimida e nem ameaça, mas transmite segurança, por meio da presença atenta, viva e implicada do analista.

O trabalho fundamental da análise é o de ampliar a capacidade do ego de suportar e lidar com o impacto do Id e das pulsões que originam desamparo, ansiedade, dor, persecutoriedade e culpa. O analista realiza um trabalho de aceitação, compreensão e

³² O filme “Divertida mente”, analisado no capítulo 2 do livro, é um bom exemplo desses processos.

Por que Klein?

transformação das pulsões junto com o paciente, aumentando a sua confiança na capacidade de suportar e lidar com o seu Id, como força bruta e cega; **mas que pode ser transformada em** força criativa.

Em análise devemos caminhar lenta e gradativamente em direção ao doloroso *insight* referente às divisões do *self* do paciente. Isso significa que os lados destrutivos são repetidamente excindidos e recuperados, até que se efetive uma maior integração. Como resultado o sentimento de responsabilidade torna-se mais forte, e a culpa e depressão são mais plenamente vivenciadas. Quando isso acontece, o ego é fortalecido, a onipotência dos impulsos destrutivos fica diminuída juntamente com a inveja e é liberada a capacidade de amor e gratidão que estivera abafada no decurso dos processos de cisão. (KLEIN, 1957/1996, p.257).

Fortalecer o ego é integrar e assimilar nele os impulsos do Id. O ego frágil é o que tem necessidade de dissociar de si esses impulsos, seja através da repressão (Freud) ou da cisão (Klein). Não se trata de submeter o Id à força adaptativa do ego, mas de enriquecer o ego, integrando nele a pulsionalidade do Id, o que resulta em uma libertação das potências afetivas, com ampliação da capacidade de amar, reparar, agradecer. Para isso, é preciso recuperar, assumindo as potências destrutivas, em especial a inveja, que tanto atacam as possibilidades de boas experiências, de satisfação. A análise deve proporcionar um ambiente de máxima tolerância para com a vida pulsional, favorecendo assim sua integração ao ego.

A assimilação ao ego marca o momento em que as dádivas parentais podem ser, de fato, apropriadas e usadas pelo ego. Para que isso aconteça, é necessária uma discriminação precoce entre uma experiência boa e outra má, acompanhada de diversos processos de síntese e integração entre ambas, e com a assimilação dessas experiências ao ego, que se apropria, então, de sua herança parental e pode se tornar relativamente autônomo.

O *insight* ganho no processo de introjeção torna possível ao paciente, no decurso da análise, reconhecer que existem partes de seu *self* potencialmente perigosas. Mas quando o amor pode ser suficientemente reunido ao ódio e à inveja que estavam excindidos, essas emoções tornam-se toleráveis e diminuem porque são mitigadas pelo amor (KLEIN, 1957/1996, p. 265)

Quando há perturbações na capacidade de trabalhar, criar e viver o prazer, é possível levantar a hipótese do estrago estar sendo causado pelo silencioso trabalho da inveja. Quando a inveja inconsciente é muito grande, o superego sussurra a ideia de que não vale a pena tentar reparar os estragos nem criar obras taxadas de medíocres, levando o indivíduo a ficar

Por que Klein?

paralisado. Em vez da culpa se tornar uma força propulsora de reparações, vira ansiedade persecutória e exigência de punição. Como reverter esse ciclo vicioso originado pela diminuição de si ?

Assim como as repetidas experiências felizes de ser nutrido e amado são instrumentais na infância para o estabelecimento seguro do objeto bom, também durante uma análise experiências repetidas da eficácia e verdade das interpretações dadas levam a que o analista e retrospectivamente o objeto originário – sejam erigidos como figuras boas (KLEIN, 1957/1996, 265)

Nossa autora considera que o profundo sentimento de segurança pode ser obtido por meio do contato com a mãe, ou mediante uma análise, no contato com o analista, e isso decorre da introjeção de um objeto inteiro e não danificado, o que só é possível quando a cisão permitiu a discriminação entre o bom e o mau. Para trabalhar em análise os estados de fragmentação, é preciso deixar emergir as memórias em sentimento; isto é, as memórias mais antigas, anteriores à verbalização, de modo a se criar uma nova atitude com relação às mais antigas frustrações, diminuindo, assim, o sentimento de humilhação. Cria-se uma nova capacidade de fruição do objeto, pois a inveja impede de usá-lo como fonte de prazer.

O trabalho do analista visa ampliar a capacidade do ego de esperar. Aceitando estados desconfortáveis como etapas de um processo, o paciente vai gradualmente abrigando seus impulsos por um tempo maior, o que permite escolher caminhos de transformação mais lentos e dolorosos, em vez de acionar prontamente a cisão e demais mecanismos radicais de defesa.

O analista visa dissolver as fantasias inconscientes típicas da inveja, associadas ao sadismo oral, anal e uretral. As fantasias mais primitivas são aquelas de extrair da mãe tudo que ela tem de bom e, por outro lado, livrar-se, expulsando para dentro do corpo materno tudo aquilo que deseja eliminar, pois tem uma conotação negativa. Tais fantasias, em geral, ocorrem em uma época em que a criança tem um ego primitivo, ainda não tem recursos para pensar em palavras, mas sente necessidade de evacuar o seu desconforto para dentro do corpo da mãe, ao mesmo tempo em que, vorazmente, o esvazia de seus bons conteúdos. O percurso da análise, que intenciona atingir as primeiras experiências e as lembranças em sentimentos (*memory in feelings*, escreve KLEIN), permite a entrada de tais vivências primitivas em um campo de sentidos e palavras; dessa forma, o paciente adquire uma nova posição frente às suas ansiedades arcaicas.

Por que Klein?

A introjeção do analista como um objeto bom cria um dinamismo de integrações. Diminuem as identificações projetivas e certas lembranças agradáveis, antes soterradas, são resgatadas. A voracidade e a inveja perdem poder, há mitigação do ódio pelo amor e o ego se fortalece integrando as emoções negativas; o paciente passa a sentir gratidão, culpa e responsabilidade.

Será preciso diminuir o medo que o paciente sente de suas dimensões experienciadas como inimigas, e aumentar a sua confiança nas suas forças reparadoras e construtivas, e em sua capacidade de amar. As emoções negativas tornam-se menos ameaçadoras se puderem ser integradas ao amor, pois o risco de ser dominado por seus aspectos destruidores diminui, *assim como a dor na análise. O paciente pode recuperar então a iniciativa* de pensar seus pensamentos impensáveis, e cresce a sua criatividade, que tem o poder de transformar aquilo que parecia tão ameaçador e insuportável em algo viável³³.

Meltzer diz que os pacientes nos procuram para se livrar das dores psíquicas, e o que a análise oferece é o desenvolvimento de um continente mais efetivo, consistente e amplo para contê-las. De acordo com essa compreensão, vamos então transformando, significando, narrando e reparando as dores inevitáveis da vida, por meio de processos criativos e estéticos.

³³ Nos conceitos daqueles que sucederam Klein, Winnicott e Bion, o analista precisa desenvolver as qualidades da mãe ambiente, segundo Winnicott – ou seja, capacidade de oferecer *holding* e *handling*. Segundo Bion, o analista deve oferecer continência e *rêverie*, para acolher as identificações projetivas.

Capítulo IX

Identificação projetiva: desdobramentos técnicos

Klein observou que, no início da vida, já estavam presentes fortes ansiedades, como já dito. Na cronologia da vida, a primeira posição é a esquizo-paranoide; mas a posição depressiva foi descrita em 1935 e 1940, e a esquizo-paranoide, em 1946. Nesta ocasião, ela também descreve, pela primeira vez, outro importante conceito, a identificação projetiva, que teve vários desdobramentos e abriu um campo de investigação amplo para os estados psicóticos da mente, principalmente na obra de Herbert Rosenfeld, Hanna Segal e Bion, psicanalistas próximos à Klein na década de 1940 e 1950. A análise de pacientes psicóticos, dentro de um enquadre estritamente psicanalítico, tornou-se possível a partir desses psicanalistas ligados ao círculo kleiniano.

Spillius³⁴ (2012, p. 8), ao examinar os arquivos não publicados de Klein pertencentes ao M. Klein *Trust*, constata que, nos anos de 1946 e 1947, a autora estava ocupada com a questão da posição esquizo-paranoide e com o artigo que denominava informalmente de “meu artigo sobre cisão”; em nenhum momento nomeava “meu artigo sobre identificação projetiva”, ou seja, o conceito parece ter surgido de forma inesperada.

A identificação projetiva é um dos conceitos do arcabouço teórico-clínico kleiniano que suscitou vários outros textos e discussões a partir da sua primeira formulação. Como bem

³⁴ Algumas ideias desenvolvidas neste tópico estão presentes no capítulo *Uma reflexão conceitual entre identificação projetiva e enactment*. (Ribeiro, M.F.R., 2017)

Por que Klein?

destaca Rocha Barros (2014, p.16), “A fecundidade de um autor pode ser medida pelo número de problemáticas novas que gera depois que este desaparece. São pessoas que não apenas dão respostas fecundas, mas sobretudo criam um novo campo de indagações”.

A utilidade clínica da identificação projetiva é corroborada pela publicação de diversos artigos e livros, e de contínuos debates sobre o conceito, não apenas entre os psicanalistas da escola inglesa (QUINODOZ, 2007, 2012). Questões referentes à mudança na técnica analítica também fazem parte dos desdobramentos da identificação projetiva, que surgem dos atendimentos de M. Klein, nos remetendo à clínica constantemente. A potencialidade deste conceito foi evidenciada pelos psicanalistas que a sucederam, principalmente aqueles do seu círculo próximo: Bion, Segal e Rosenfeld, que demonstraram a amplitude da identificação projetiva tanto na dimensão teórica quanto na clínica.

Meltzer (1998, p.33) enfatiza essa ideia, lembrando que “(...) a história dos trinta anos seguintes de pesquisas poderia ser escrita em termos da fenomenologia e das implicações desses dois conceitos seminais”, quais sejam, cisão e identificação projetiva.

A identificação projetiva pode ser compreendida como uma fantasia inconsciente entre analista e analisando, podendo ter um caráter mais agressivo e expulsivo, portanto defensivo, ou um caráter mais comunicativo, sendo que os mecanismos de cisão e projeção, em intensidades diversas, estão sempre implicados. Para alcançar essa formulação, uma trajetória foi percorrida por vários teóricos e clínicos da psicanálise, entre eles Bion, todos pertencentes ao círculo kleiniano. A seguir, explicito sucintamente essa trajetória.

No texto de 1946, Klein formula a identificação projetiva como um mecanismo defensivo frente às angústias esquizo-paranoides. Trata-se de uma forma específica de identificação que tem um caráter de expulsão violenta de partes do *self* para dentro do objeto, enfraquecendo o ego, gerando confusão e indiscriminação entre sujeito e objeto. Se a expulsão for de partes consideradas más, há intensificação da persecutoriedade em relação ao objeto. Se o que predominar for a projeção de partes boas, isso tanto pode tornar as relações de objeto mais amorosas, favorecendo a introjeção do bom objeto e gerando integração, quanto um enfraquecimento do ego, caso a projeção das partes boas seja excessiva. Ou seja, quando a projeção de partes boas é demasiada, a mãe (e posteriormente outras pessoas) pode tornar-se o ideal do ego, favorecendo relações de dependência extrema e um empobrecimento do ego, pois

Por que Klein?

os aspectos bons são todos atribuídos a um outro e não podem ser assimilados pelo ego³⁵.

Klein (1946/1996b) considera que “Os processos de excisão de partes do self e sua projeção para dentro dos objetos são, assim, de importância vital para o desenvolvimento normal, bem como para as relações de objeto anormais”. Na primeira aparição explícita do conceito – pois este vinha sendo inferido e germinado em textos anteriores – Klein já considera o aspecto normal e vital da identificação projetiva, algo que foi enfatizado mais tarde por Bion (1959/2013b e 1962/2013c).

Em 1952, “Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê”, Klein faz uma breve observação sobre a complementaridade dos processos de identificação projetiva e introjetiva. O ego torna-se indiscernível do objeto, há um amálgama projetivo e introjetivo do ego e do objeto (BARANGER, 1981).

No texto “Sobre a identificação” (1955), Klein, entre outras questões, comenta o aspecto não patológico da identificação projetiva, aproximando-o do conceito de empatia. Relata os aspectos funcionais da cisão: se esta ocorre sob o predomínio do objeto bom, as partes clivadas do ego e do objeto podem ser recuperadas e aproximadas. Diferente da cisão sob o predomínio do objeto mau, no qual há fragmentação e dispersão do objeto e do ego, e, neste caso, pode se tratar de partes perdidas e não recuperáveis, em um processo de esvaziamento do ego (BARANGER, 1981).

No texto de 1957, “Inveja e Gratidão”, Klein postula que a inveja é o representante *princeps* da pulsão de morte. Esta, sendo excessiva, intensifica as angústias esquizo-paranoides que terão como principal mecanismo de defesa a identificação projetiva, na sua versão expulsiva e violenta. Descreve que a partir de uma identificação projetiva maciça há grande confusão entre *self* e objeto, e há também, enfraquecimento considerável do ego e comprometimento grave das relações objetais.

A postulação de Klein (1946, 1952, 1955 e 1957) sobre a identificação projetiva pavimentou o caminho para que Bion evidenciasse a complexidade do conceito e suas vastas

³⁵Segundo Hinshelwood (1992, p.300): “Klein não utilizou o termo “ego” de maneira tão precisa quanto Freud veio a fazê-lo com o seu modelo estrutural de ego, id e superego e com frequência intercambiou-o com *self*. ”

Por que Klein?

aplicações clínicas. O aspecto patológico da identificação projetiva predominou nos textos kleinianos ou, talvez possamos considerar, prevaleceu em muitos de seus leitores e comentadores. Entretanto, passou a ser compreendida por outro ângulo no trabalho de Bion: sobressai o aspecto de comunicação não verbal de estados mentais.

Bion (1959/1991b) relata no artigo “Ataques ao elo de ligação” que existe um grau normal de identificação projetiva, e que, associada a esta, a identificação introjetiva constitui a base sobre a qual repousa o desenvolvimento normal, o que Klein já havia sutilmente assinalado. Nesse artigo, Bion faz vários relatos clínicos, em um deles; descreve que o paciente excindia seus temores e os depositava no analista, para que na mente do analista esses temores pudessem ser transformados, tornados toleráveis e reintrojetados na mente do paciente. Há, nessa situação, uma oportunidade para o paciente viver pela primeira vez uma experiência emocional de contenção de suas próprias angústias; oportunidade esta que, muito provavelmente, foi anteriormente negada por uma mãe mentalmente indisponível para comportar e conter as angústias de seu bebê:

A gratidão pela oportunidade coexiste ao lado da hostilidade ao analista como alguém que não compreenderá e recusará ao paciente o uso do único método de comunicação através do qual ele sente que pode fazer-se compreender. Assim, o elo de ligação entre paciente e analista, ou entre o bebê e o seio, é o mecanismo de identificação projetiva (BION, 1959/1991b, p. 105).

A identificação projetiva é compreendida como um elo de ligação, com um aspecto comunicativo, sendo que as qualidades psíquicas (no que diz respeito, a conter as angústias do bebê e do paciente) da mente da mãe e do analista são consideradas. É uma compreensão que expande o conceito postulado por Klein. O aspecto normal, já presente no texto kleiniano, é enfatizado. Bion ressalta a função de comunicação de estados mentais, e considera as condições psíquicas do receptor da identificação projetiva. A identificação projetiva passa a ser compreendida como um elo de ligação primordial entre bebê e mãe, e entre analista e paciente. O elo de ligação, no texto de 1959, diz respeito à capacidade da mãe e do analista de conter as identificações projetivas e modificá-las.

Bion (1959/1991b, p.106) escreve: “A identificação projetiva [do analisando] lhe possibilita investigar seus próprios sentimentos dentro de uma personalidade forte[do analista] o suficiente para contê-los”. Bion considera tanto os aspectos ambientais, como os provenientes

Por que Klein?

da agressão e da inveja primária. A origem da perturbação é dupla, tanto endógenas quanto exógenas, sendo que essas se iniciam com a própria vida. Ou seja, um bebê pode vir a ter seus ataques fantasiados ao seio mitigados pela capacidade da mãe de contê-los e transformá-los, ou não, nas situações em que essa capacidade da mãe é insuficiente ou ausente.

No artigo de 1957 – “Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não psicótica” – Bion relata que mesmo no paciente no qual predominam mecanismos psicóticos, também podemos encontrar situações nas quais o paciente funciona neuroticamente. Em pacientes não psicóticos, por sua vez, podemos nos deparar com momentos de funcionamento psicótico. Na identificação projetiva na qual predominam os aspectos agressivos e expulsivos, prevalece um funcionamento psicótico. Na identificação projetiva na qual sobressaem os aspectos comunicativos, estamos diante de um funcionamento não psicótico. O grau de violência da projeção, e a cisão extremada são referências para identificarmos um funcionamento psicótico ou *borderline*. São diferentes intensidades da identificação projetiva, sendo que mesmo na personalidade psicótica ainda há um aspecto comunicativo, e na personalidade não psicótica também há a cisão e a projeção, porém amenas.

Bion (1962) escreve no artigo “Uma teoria do pensar” que a atividade que conhecemos como “o pensar” foi em sua origem um procedimento para descarregar a psique do incremento de estímulos, e que esse mecanismo foi denominado por Klein de identificação projetiva. A identificação projetiva é uma fantasia onipotente, na qual partes indesejáveis ou valorosas do psiquismo são dissociadas e colocadas no objeto. Bion comenta que a identificação projetiva excessiva se deve a dois fatores: uma falta de continência do analista para acolher momentaneamente partes excindidas do analisando ou, por parte do paciente, uma intensa negação da realidade. As qualidades psíquicas da mente do analista se evidenciam como um fator fundamental – a capacidade de continência do analista – e, retrospectivamente, da mãe como primeiro objeto. Em outros termos, o analista precisa ter condições psíquicas para tolerar ser o depositário das partes indesejadas ou valorosas do analisando, ser continente para as angústias do paciente.

A identificação projetiva compreendida por Bion é, também, uma atividade básica da mente humana para comunicar emoções, e passa a ser considerada à origem do pensar. Além de esse autor ressaltar o aspecto de comunicação humana fundamental, aloca o conceito no campo da intersubjetividade. Se, no texto kleiniano, a identificação projetiva reflete

Por que Klein?

predominantemente os aspectos do mundo interno, do intrapsíquico, em Bion o conceito passa a pertencer, de forma mais evidente, ao campo interpessoal.

Identificação projetiva, empatia e contransferência

Em 1959, Klein³⁶ afirmou em “Nosso mundo adulto e suas raízes na infância”, que a empatia seria uma forma benigna da identificação projetiva, que envolve o “colocar-se no lugar do outro”, diferindo-se das formas patológicas da identificação projetiva, nas quais acontece uma perturbação maior nas fronteiras entre eu e o outro e maior confusão das identidades.

Podemos agora considerar, a importância da atitude empática nos Seminários Clínicos sobre Técnica de Melanie Klein, publicados recentemente e comentados por John Steiner (2017).

Desde o princípio da atividade clínica de Klein, e de modo insistente nos seus seminários clínicos, a questão da empatia liga-se a uma preocupação sempre presente: a de captar o ponto de máxima ansiedade do paciente: “(...) a ansiedade é um material explosivo que precisa ser administrado em pequenas quantidades e com muito cuidado” (KLEIN, 1936/2017, p.16). Afirmo, ainda, nesses seminários clínicos transcorridos em 1936, na Sociedade Psicanalítica de Londres:

(...) Entretanto, a arte da interpretação é apenas uma parte de nosso trabalho. Precisamos ter em mente que uma outra parte muito essencial é dar plena atenção às associações do paciente, para permitir que ele expresse seus sentimentos e pensamentos de forma plena; prestar completa atenção a isto, a compreender plenamente as defesas, e ficarmos interessados em seu ego da mesma forma que em seu inconsciente. (...) Precisamos manter um equilíbrio

³⁶Algumas das ideias deste item estão presentes no texto “Empatia, identificação projetiva e rêverie: escutar o inaudível na clínica do trauma” (CINTRA, 2017).

Por que Klein?

entre a necessidade do paciente de produzir seu material, de expressar seus sentimentos e dar corda plena a esta necessidade (...) (KLEIN, 1936/2017, p.15).

Temos neste trecho uma descrição muito viva da atitude empática do analista, necessária para lidar com o “material explosivo” da ansiedade, que precisa ser administrado em pequenas quantidades e com muito cuidado. É a própria ansiedade em sua aparição máxima, em sua qualidade mais arcaica que demanda a empatia.

Por outro lado, desde muito cedo, Klein percebeu a necessidade que as crianças tinham de projetar impulsos agressivos de voracidade e expressavam um intenso desejo de controlar as próprias emoções e as emoções temidas que podiam surgir de repente, das outras pessoas. Um exemplo disso aparece no caso de Gerard “que propôs que mandássemos um tigre de brinquedo para o quarto ao lado, para executar os desejos agressivos dele para com o pai (....) Esta parte primitiva de sua personalidade estava, neste caso, representada pelo tigre” (KLEIN, 1927, p. 172).

A parte primitiva da personalidade que se manifesta por meio de pulsões orais, anais, uretrais e fálicas está ligada a fantasias de apoderar-se do que é bom e satisfatório e de eliminar o que é mau e frustrante em um dinamismo que reflete os processos mais elementares de alimentar-se e evacuar. E também abrange o desejo de atravessar as fronteiras entre eu e o outro e o desejo de conhecer o interior do corpo e da mente alheia. Ora, a fantasia inconsciente subjacente à identificação projetiva corresponde, justamente, à crença de que é possível atravessar essas fronteiras e livrar-se da própria agressividade através da projeção. Ao mesmo tempo, esses movimentos servem para comunicar a existência dessa dimensão assustadora à analista e pedir que ela faça alguma coisa com aquilo que é da ordem do insuportável: é um grito de socorro. O caso Gerard foi atendido por Klein, ainda na década de vinte, antecipando o que posteriormente foi teorizado.

Mais tarde, no texto de 1946 sobre os mecanismos esquizoides, Klein introduziu o termo “identificação projetiva”, como já dito, para a tendência a livrar-se de tudo que é agressivo e assustador. Desde cedo, percebeu então que os pacientes mais graves empregavam a defesa de forma “excessiva” ou “maciça”, ao passo que em outros pacientes a identificação projetiva parecia não corresponder a uma crença tão onipotente de que poderiam se livrar de sua agressividade, controlando a realidade psíquica, a própria e a alheia. Também a atitude de acolhimento do ambiente permitia que algumas crenças desse tipo fossem transformadas,

Por que Klein?

levando os pacientes a readmitir em si os aspectos projetados e cindidos.

Bion (1962) assinala que a expressão “identificação projetiva excessiva”, frequente nos textos de Klein, deve ser entendida menos como descrição da frequência com que é empregada e mais com relação à qualidade onipotente e delirante da crença que está subjacente a ela. Se o paciente acredita ter o poder mágico de controlar a sua realidade psíquica, está mais aprisionado a uma ilusão e pode usar o mecanismo de identificação projetiva de maneira excessiva, para recusar tudo que o desestabiliza. Por exemplo, a situação de estar separado de suas fontes de nutrição, ou, para não admitir suas necessidades e suas dependências, para negar a própria inveja e o ressentimento. É, enfim, um mecanismo de defesa primitivo, que tenta aniquilar toda e qualquer situação de desamparo, e a própria realidade psíquica, quanto aos seus aspectos violentos e assustadores.

As identificações projetivas mais patológicas são aquelas em que há uma forte recusa dessas duras realidades, pois são experienciadas como inaceitáveis; tornando difícil o desprendimento da crença onipotente de ter se livrado “dessa abominável realidade psíquica”. Todo esse processo leva a uma maior distorção da percepção do mundo externo e interno, no entanto, recusar essas realidades, traz alívio imediato.

Nas identificações projetivas, com caráter mais comunicativo, o paciente pode experienciar a identificação projetiva como se esta fosse um fenômeno transicional, que serve de ponte para um momento seguinte, no qual, depois de negados, os impulsos podem ser readmitidos, recuperando uma parte significativa da pulsionalidade e das identificações perdidas. Podemos pensar em um jogo de faz-de-conta, como se o paciente dissesse: “Toma lá este meu pedaço e faz-de-conta que é seu, por algum tempo; depois me devolve”.

Quanto maior for a aspiração a controlar de forma onipotente a realidade psíquica e permanecer em um estado de fusão com o objeto, maior será a angústia e o medo, e mais aprisionante será o mecanismo. Quanto mais a projeção de aspectos da realidade psíquica do paciente no analista (ou na mãe, nos primeiros tempos) puder ser acolhida e contida pelo ambiente, maior será a sua entrada no campo do simbólico e o seu poder de tornar-se um jogo e uma comunicação.

Ao postular os mecanismos de projeção e introjeção e especialmente o mecanismo de identificação projetiva, Melanie Klein não ignorava a presença de diferentes estados de indiferenciação entre sujeito e objeto, na constituição psíquica e no processo analítico. Uma das conquistas do amadurecimento é, justamente, atingir níveis cada vez mais sofisticados de

Por que Klein?

separação entre eu e o outro, embora se reconheça que isso convive com momentos e estados de relativa indiferenciação, em ciclos sucessivos.

Creio que momentos de indiferenciação podem ser vividos como fenômenos transicionais, quando encontram acolhimento do ambiente, e podem entrar no campo da metáfora através do brincar, do senso de humor, da brincadeira de faz-de-conta e das infinitas formas de continência e simbolização que a cultura oferece. Seguindo a inspiração de Winnicott (1971), podemos pensar nos momentos de indiferenciação e de identificação projetiva comunicativa, que são acolhidos com empatia, como ondas que formam ciclos, que se alternam, até alcançarem momentos de maior diferenciação, ou seja, um processo de transicionalidade.

Em 1959, Bion publica sua teoria sobre os “ataques aos vínculos” baseando-se no trabalho com um paciente que parecia nunca ter tido, antes do encontro analítico, a oportunidade de endereçar suas identificações projetivas a um ambiente suficientemente acolhedor.

(...) houve sessões que me levaram a supor que o paciente sentia haver algum objeto que lhe negava o uso da identificação projetiva (...) o paciente sentia que partes de sua personalidade que desejava repousar em mim tinham seu ingresso por mim recusado. (...) Quando o paciente se esforçou por livrar-se dos temores de morte que eram sentidos como poderosos demais para que a sua personalidade os contivesse, ele cindiu seus medos e os colocou em mim, com a ideia, aparentemente sendo, que se lhes fosse permitido repousar aí por tempo suficiente, eles experimentariam modificação por parte de minha psique e poderiam ser reintrojetados com segurança (BION, 1959, pp. 103-04).

Bion levanta a seguinte hipótese: será que a mãe deste paciente sentiu uma grande impaciência diante das angústias do bebê, e se perguntou, o que será que essa criança tem? E, portanto, não conseguiu oferecer continência às angústias do bebê. Escreve o autor:

Do ponto de vista do bebê, ela deveria ter recebido em si, e, assim, experienciado o medo que a criança estivesse morrendo. Era este medo que a criança não conseguia conter. (...) Uma mãe compreensiva é capaz de experienciar o sentimento de pavor com que este bebê estava se esforçando para lidar através da identificação projetiva e, ainda assim, manter uma aparência equilibrada. Este paciente tivera de lidar com uma mãe que não podia tolerar a experiência de tais sentimentos e reagia quer negando-lhes ingresso,

Por que Klein?

quer, alternativamente, tornando-se presa da ansiedade que resultava da introjeção dos sentimentos maus do bebê (BION, 1959, pp. 103-04).

A *rêverie* é uma função materna e, também, uma função analítica, que designa um estado de abertura a receber as emoções e as projeções que surgem do bebê e/ou do paciente. Bion considera que é necessário receber, conter e elaborar as identificações projetivas do paciente através de um trabalho de transformação que capta as impressões sensoriais e todas as comunicações pré-verbais – os chamados elementos beta – convertendo-os em elementos alfa, que são aptos a entrar em um processo de simbolização e podem chegar a ser verbalizados. A experiência de *rêverie* do analista, oferece um grande alívio ao paciente, e revela a capacidade empática do analista para sintonizar-se com os aspectos ainda não simbolizados do paciente.

A capacidade empática do analista, favorece que o paciente adquira também uma qualidade empática ao que é enigmático e incômodo, contribuindo para a constituição de sua função alfa e do aparelho psíquico. Bion considera que o analisando adquire qualidades psíquicas, a partir do partilhar das qualidades psíquicas da mente do analista. Para Bion, o medo que o analista sente dos próprios sentimentos é um obstáculo à compreensão das comunicações do paciente, impedindo que se estabeleça a empatia.

Nesta perspectiva, o aspecto central da empatia analítica seria a existência de um analista capaz da *rêverie*, que se constrói por meio de identificações projetivas entre ele e o paciente, de forma a que ambos possam compreender o que se passa no campo da experiência emocional da sessão analítica. A empatia seria uma forma benigna da identificação projetiva, um “colocar-se no lugar do outro”, ou ainda, usar a capacidade de perceber-se a si mesmo, implantando-a no outro, para intuir, de forma metafórica, o que se passa com ele.

Um discípulo de Bion, Grotstein (1985) considera que, através das interpretações, o analista convida o paciente a experimentar empatia por sua própria condição de desamparo e de seus aspectos cindidos e recusados. Ressalta, de forma muito apaixonada, a necessidade de todas as pessoas, especialmente dos pacientes, de compartilhar suas experiências mais arcaicas, utilizando para isso a identificação projetiva de forma comunicativa e empática:

De que outro modo um paciente angustiado pode saber que o analista o compreende, a não ser fazendo-o sofrer aquelas vivências que ele

Por que Klein?

próprio não tem palavras para expressar? (...) Todos nós projetamos e no fundo desejamos que o outro conheça a experiência que não conseguimos comunicar e da qual não podemos nos aliviar até estarmos convencidos de que o outro nos compreende. E não podemos nos convencer que o outro nos compreende até não estarmos convencidos que o outro contém agora concretamente nossa experiência (GROTSTEIN, 1985, pp. 578-92).

Inspiradas em Grotstein, podemos afirmar que o uso empático da identificação projetiva depende, no fundo, de quem a recebe e de sua capacidade de *rêverie*. Quanto maior a empatia e a capacidade metafórica do analista, assim como também a sua capacidade de separar-se de seus afetos para conhecê-los, maior será a sua capacidade de transformar as identificações projetivas do paciente em comunicações que poderão enriquecer a ambos. A partir de Bion, e outros de seus sucessores, como Grotstein, Bollas, Ogden e Ferro, esse mecanismo de defesa foi compreendido na sua dimensão intersubjetiva, como já dito. A maior parte dos kleinianos da atualidade considera que as identificações projetivas dos pacientes devem ser contidas e elaboradas pelo analista, para que possam ser devolvidas a eles de uma forma que favoreça o processo de elaboração.

Na verdade, a descrição da identificação projetiva em Klein seguia a sua tendência a compreender o psiquismo e seus mecanismos com ênfase na dimensão intrapsíquica. Da mesma forma que Freud, ela sempre se manteve céptica quanto ao uso da contratransferência para a compreensão do paciente.

Segundo Etchegoyen e Minuchin (2014), Klein nos brindou com o principal instrumento para compreender a contratransferência - a identificação projetiva, ou seja, ela abre o campo para a concepção de contratransferência, mesmo não reconhecendo isso, e se opondo, contundentemente, as ideias de Heimann.

Paula Heimann, nos anos 1950, se propôs a fazer um uso mais amplo da contratransferência. Em seu livro *A Sombra do Objeto*, Bollas (1987/1992) nos lembra que, até aquele momento, 1950, pressupunha-se que quem falava em análise era o paciente, do ponto de vista de seu discurso consciente ou inconsciente. Ora, sem deixar de escutar as associações livres do paciente, Paula Heimann decidiu abrir a sua escuta a uma infinidade de vozes subjetivas, provenientes de diferentes estratos psíquicos: “Quem está falando, aí neste momento, através desse paciente? ”; “ a quem ele está dirigindo a sua palavra?”

Por que Klein?

(...) Heimann percebeu que em determinado momento o analisando estava falando com a mãe, antecipando o pai, censurando, estimulando ou consolando uma criança – o self infantil da criança em plena divisão aos dois anos, na fase edipiana ou na adolescência (...) A narrativa do paciente não era escutada apenas ao se ouvir os sons dissonantes de pontuação inconsciente (...) O analista da British School iria analisar também os sujeitos que se alternavam e os outros sujeitos, implícitos na vida da transferência (BOLLAS, 1987/1992, p. 13).

A presença simultânea de uma infinidade de sujeitos em uma única pessoa convidou o analista a implicar-se mais profundamente em seu trabalho de escuta, dando início, então, ao que hoje chamamos de um analista implicado.

Esta implicação – sem negar a necessária reserva (Figueiredo, 2009) e abstinência do analista - leva-o a ampliar a sua porosidade e a sua possibilidade de ser afetado física e emocionalmente pelo que diz o paciente, ao mesmo tempo em que convoca as suas memórias corporais mais arcaicas e a sua própria história de vida e de análise pessoal.

Trata-se do objetivo de “ouvir com o corpo inteiro” (CINTRA, 1998), de se dispor a ser usado pelo paciente como um ambiente suficientemente acústico para dar ressonância e reconhecimento ao que lhe chega. A capacidade de empatia e a qualidade da presença do analista tornaram-se, gradativamente, mais importantes e merecem que se possa pensar cada vez melhor o que significa essa qualidade de presença.

Estar verdadeiramente presente ao outro exige uma capacidade de *rêverie* – de sonhar o outro a partir da experiência de ter sido sonhado por alguém; decorre de uma real capacidade de ver, escutar e sentir o outro, ao mesmo tempo que exige uma capacidade negativa (CINTRA, 2016); isto é, o analista precisa retirar-se de seu imaginário e da captura de seus desejos narcísicos, ao mesmo tempo em que os habita. Será possível isto?

Talvez seja um pouco ideal demais um analista que consegue ouvir a polifonia de vozes e sujeitos dentro de um único sujeito; mas o que se pode fazer são simples movimentos nesta direção. Para começar, um movimento de desprender-se de suas certezas técnicas e teóricas, e permitir que a participação do paciente corrija as interpretações e construções do analista. Talvez o mais importante seja apenas o desejo de não mais julgar, de não compreender tudo. É isto que pode favorecer a atitude analítica, aliado a um treino em escuta polifônica. São os *insights* conquistados, na própria análise do analista, que o tornam empático ao paciente que está escutando hoje.

Desde o final da década de 1950, os analistas britânicos começaram a realizar um

Por que Klein?

trabalho de monitoria das identificações projetivas no campo da transferência e da contratransferência. Os pacientes descobriram que os analistas tinham uma capacidade de receber, acolher, decodificar e nomear as vivências de uma época anterior à conquista da linguagem verbal, do mundo da criança, usando suas reações contratransferenciais. E isto foi bastante revolucionário.

Com Klein, aprendemos que as angústias em seu ponto de máxima intensidade são material explosivo; elas exigem a capacidade empática do analista. E, com Bion, aprendemos que quanto mais primitiva e intensa for a emoção, maior será a necessidade de termos duas mentes para lidar com o acontecimento. Exige-se, para tanto, a presença de um analista destemido, que tenha percorrido as veredas de seu *infantil* e tenha sido escutado, na sua própria análise, por meio de *rêverie* e empatia.

Capítulo X

Reflexões a partir e para além de Melanie Klein

Neste capítulo, apresentamos três textos de Elisa Maria de Ulhôa Cintra que já foram anteriormente publicados em revistas. O primeiro, “Luto e melancolia: uma reflexão sobre purificar e destruir”, é inspirado em “Luto e melancolia” de Freud e traz a seguinte questão: o que torna possível entrar em um processo de luto e o que leva ao luto impossível da melancolia? As violentas autorrecriações do melancólico são ilustradas através do filme *Shutter Island* – Ilha do Medo – de Martin Scorsese (2009). As teorias de um superego primitivo de Melanie Klein e a ideia de uma capacidade de se preocupar com o outro, de Winnicott, são também evocadas durante a reflexão.

O segundo texto, “A terceira margem do rio”, consiste em uma reflexão acerca da violência, do ódio e da intolerância a partir do impacto produzido pelo atentado terrorista de 11 setembro de 2001, nos Estados Unidos. Além do referencial psicanalítico de Klein, também

Por que Klein?

nos utilizamos de algumas ideias de Lévinas. A metáfora da “terceira margem do rio” foi retirada de uma história de Guimarães Rosa, e é usada para pensarmos a parentalidade como atividade de ser e de dar a ser, de destinar a ser, de deixar o outro ser.

O terceiro texto, “Sobre o sentimento de solidão”, baseia-se no texto “A capacidade de estar só” de Winnicott (1958): pensar as raízes dessa capacidade, suas condições de possibilidade. A capacidade para estar só enraíza-se na primeira relação com a mãe - e há aqui um paradoxo: estar só exige a presença, a companhia relaxada de alguém, ali ao lado, ausentemente disponível, alguém com quem podemos entrar em contato a qualquer momento, seja na realidade exterior, seja na realidade virtual de nosso mundo interior.

Luto e melancolia: uma reflexão sobre purificar e destruir³⁷

Elisa Maria de Ulhôa Cintra

A subjetividade humana é um feixe de temporalidades diferentes. A vida transcorre em transformação; decrescendo, o exterior desaparece para dar lugar a uma construção interior, a um feixe de memórias conscientes e inconscientes, próximas e distantes. Fazer o luto do corpo infantil e adolescente, dos primeiros amores, das casas e cidades onde vivemos é um processo psíquico do qual depende a saúde física e psíquica. O que torna possível entrar em processo de luto e o que leva ao luto impossível da melancolia? O que leva o trabalho de *Eros* a se desorganizar deixando predominar a dinâmica desobjetalizante de *Thanatos*? São estas questões que me norteiam no imenso campo de ideias nascidas, nos últimos cem anos, das obras de Freud, Melanie Klein, Winnicott e muitos outros. A proposta é escutar o que dizem estes autores sobre o luto e a melancolia, para reencontrar aí os cruzamentos fecundos, as raízes, os desdobramentos de uma obra sobre a outra.

Penso que as autorrecriações do melancólico precisam ser conhecidas através de relatos

³⁷ Este texto foi anteriormente publicado na *Alter - Revista de Estudos Psicanalíticos*, v.29 (1), pp. 23-40, 2011.

Por que Klein?

que deixem entrever a dor e a virulência de um imaginário destinado a purificar e a destruir através de mecanismos de exclusão de tudo aquilo que se tornou insuportável. O filme *Shutter Island*³⁸ de Scorsese me parece servir como exemplo deste desfecho trágico, quando é impossível processar os acontecimentos terríveis de uma vida. Na melancolia, quando a razão se torna delirante, a ordem peremptória do Superego selvagem é: purificar e destruir. Purificar a atribuição de qualidade negativa, separando-a completamente da qualidade positiva, dividir o Eu entre um juiz que crê tudo saber e alguém esmagado sob o peso de um julgamento severo. Depois, é só tratar a si mesmo como objeto de recriminações até se tornar o mais abjeto ser do mundo.

Vimos um processo comparável, pelo nível de violência dirigida ao outro, em todas as formas de fundamentalismo do século XX e XXI, com os genocídios que disto se originaram. O desejo de elucidar alguns mecanismos responsáveis pela violência da guerra de extermínio total³⁹ me levou à releitura do texto “Luto e Melancolia” (FREUD, 1917) e a algumas reflexões sobre a loucura melancólica.

Dados históricos

Durante alguns anos, pelo menos entre 1911 e 1921, o tema da melancolia foi recorrente nas cartas e reuniões dos psicanalistas. “Luto e melancolia” começou a ser escrito em 1914, quando teve início a Primeira Guerra Mundial (surpreendente pela violência dirigida contra todos os inimigos, militares ou civis), mas acabou sendo publicado apenas em 1917. Isso indica a longa gestação do texto, com discussões entre os pares.

Neste momento de sua obra, Freud leva o leitor desde os enigmas da sexualidade infantil até o funcionamento do Eu. Abraham (1924) dá a sua contribuição significativa ao ligar a melancolia às fases oral-sádica e sádico-anal. De início, Freud resistia a admitir tanta ênfase sobre o sadismo, mas acaba concordando com Abraham. Justamente em 1914, acrescenta uma nota aos “Três Ensaios” (1905), incluindo a etapa sádico-oral ao lado da “sucção primordialmente libidinal”.

Na fase oral-sádica, a forma de se apropriar do objeto de amor faz praticamente desaparecer a sua face “objetual”, restando apenas a sua face narcísica. De que maneira o objeto pode estar a serviço do Eu,

³⁸ *Shutter Island* de Martin Scorsese (2010) é conhecido no Brasil com o título “Ilha do Medo”.

³⁹ Guerra de extermínio total é o nome que se dá às guerras onde não se diferenciam militares e civis, mas a violência se dirige a toda uma população, indiscriminadamente.

Por que Klein?

se o Eu quer devorá-lo, caso seja amável, se o vai expelir, caso seja detestável? Em qualquer das hipóteses, o objeto ficará a serviço do Eu, para ser consumido ou expelido, sendo então, ao mesmo tempo, um objeto oral e anal. Delicioso ou detestável, retido ou expelido: será tão intenso e tão frágil este vínculo! Intenso, pela idealização (e des-idealização) que comporta, pela “invenção” do outro de acordo com um roteiro narcísico, e por que atrai toda a libido para devorar, expulsar ou confundir-se plenamente com a outra pessoa ou Ideal. E frágil, pois basta que o objeto se diferencie um pouco do roteiro imaginário a ele designado para que tudo se quebre em mil pedaços: surge então nas bordas desta ruína uma grande intensidade de ódio, decepção, ressentimento e rancor.

A referência de Freud à escolha de objeto com base narcísica (processo acima descrito) evidencia que ele estava ainda às voltas com a questão do narcisismo e dos Ideais do Eu, recém trabalhados em “À guisa de Introdução ao Narcisismo” (FREUD, 1914), e também antecipa o tema predominante em “A Negação” (FREUD, 1925).

Porém, antes até da insistência de Abraham na força do sadismo para elucidar a melancolia, Freud já tinha revelado a sua intuição de que o ódio tem uma participação importante neste quadro:

Os impulsos hostis contra os pais (o desejo de que morram) são também parte integrante das neuroses. Vêm à luz conscientemente como ideias obsessivas. Na paranoia, o que há de pior nos delírios de perseguição (desconfiança patológica de governantes e de monarcas) corresponde a estes impulsos. Tais desejos são reprimidos quando a compaixão pelos pais é ativa – nas ocasiões de sua doença ou morte. Em tais ocasiões, passa a ser uma manifestação de luto recriminar-se a si próprio pela morte deles (o que se conhece como melancolia) ou punir-se a si mesmo de uma maneira histérica (por intermédio da ideia de retorno sobre si mesmo) com os mesmos estados (de doença) que tenham tido.⁴⁰

Freud sempre cria uma série complementar entre a face saudável e a face patológica de um processo psíquico. Assim, a melancolia seria a forma patológica do luto; e, em outro registro, o recolhimento sobre si dos investimentos de libido, que acontece no narcisismo, seria a “versão” doentia do processo do sonho, quando a libido se volta para os traços mnêmicos e o registro do “infantil”. Neste artigo, à medida que os estados de luto e de melancolia vão sendo descritos, o leitor estará sempre ouvindo a pergunta: o que torna o luto possível (saúde) e o que

⁴⁰ S. Freud, Manuscrito N.

Por que Klein?

faz da melancolia um luto impossível (patologia)?

Depois de Freud, quase cem anos de escritos buscaram responder à mesma questão. Melanie Klein e Winnicott construíram suas concepções em torno desse núcleo, assim como Nicolas Abram, Maria Torok, Pierre Fedida, entre tantos outros que vêm se colocando, cada um à sua maneira, diante do enigma do luto.

Características da melancolia e do luto em Freud

De início, Freud nos dá uma precisa descrição da melancolia: desânimo profundo, suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade, diminuição do sentimento de autoestima. Ora, tudo isso, diz ele, encontra-se também no luto, com exceção da perda do autoamor.

O luto será pensado em termos de movimento e passagem; na melancolia dá-se um impasse, algo para: o objeto se foi e o Eu se condena a não poder mais *ser*, a não poder fazer mais nada. A sombra do objeto cai sobre o Eu e ele se vê imobilizado. Ao ver-se assim, julgado e condenado, o Eu patina em uma inércia longa, desesperadora. O sentimento de inferioridade esmaga o desejo de ir em frente. A sensação de não poder ser cria um enclave no Eu: já não é mais possível amar, nem trabalhar e os traços do luto - desânimo, perda de interesse pelo mundo e perda da capacidade de amar – tornam-se longos, eternos, intermináveis.

Do lado do luto, surge a ideia de um trabalho de elaboração – *working through*. Trata-se de outro tipo de “atravessamento”: exige caminhar pelas veredas de uma história para deixar passar o passado e abrir o futuro. Ninguém conduz este processo, mas se é por ele conduzido; será preciso narrar a própria vida para si e para outro que o escute com atenção; uma vida que não é narrada não existe.

A ideia de trabalho remete a processo, movimento, à entrada na dinâmica temporal, transformação do vivido. Aceitar a perda, a mudança, a facticidade do destino. Os antigos falavam em *Amor fati*, que exige conviver com a realidade da morte, da separação, da perda e da falta.

Por que Klein?

Muito cedo, os leitores de Freud, como Abraham, Ferenczi, Jones, Melanie Klein, Winnicott e muitos outros deram-se conta de que o aparelho psíquico existe, antes de mais nada, para metabolizar o vivido, para deixá-lo passar, para **esquecer**, condição *sine qua non* para que se possa, mais tarde, **lembrar**. Deixar passar o passado e poder sonhar, eis dois critérios freudianos de saúde mental. Sonhar o passado, torná-lo vivo, presente e futuro. Não é, afinal, este o trabalho que analista e paciente realizam juntos?

Penso a subjetividade como um feixe de temporalidades heterogêneas que se constituem e se opõem umas às outras, criando conflito, síntese, contradição e paradoxo. Entre os impasses criados pela experiência, é preciso encontrar cruzamentos, atalhos, passagens; do contrário, fica-se preso ao enclave melancólico.

Pontalis (1988) revela o íntimo entrelaçamento entre sonhar e realizar um luto: a necessidade de sonhar a perda e a morte. Ao desaparecer a outra pessoa, nos sentimos incapazes de continuar amando, e o fluxo de nosso amor ameaça tornar-se ódio e ressentimento. Isto porque no plano do *infantil*, a ausência do outro se transforma em abandono, em uma rejeição diante da qual reagimos... odiando. Mas se podemos torná-lo de novo presente no sonho....

Será que o mais insuportável na perda seria o perder de vista? Será que isto significa a retirada absoluta do amor da outra pessoa e em nós, a inquietação de uma fragilidade essencial: a de não ser capaz de amar o invisível? Primeiro seria preciso ver. Não apenas ver, mas ver primeiro, e poder sempre acalmar em nós a angústia suscitada pela ausência, garantindo que o objeto amado esteja inteiramente ao alcance do nosso olhar e que nos reflita em nossa identidade. Qual é a razão de sonharmos, afinal, a não ser a cada noite vermos o que desapareceu (os mundos, os lugares, as pessoas, os rostos), para confirmar sua permanência e para tentar unir o efêmero ao eterno? (PONTALIS, 1988/1991, p. 205).

No luto, em certo sentido, é possível superar a perda, e depois de um tempo, interessar-se de novo por pessoas e lugares, novos rostos; acontece um renascimento dos investimentos de objeto, da libido que se dirige ao mundo.

Na melancolia, há perda de autorrespeito, desautorização de si e do outro, o ego fica pobre e vazio. Freud menciona o príncipe Hamlet, e somos convidados a ler a tragédia de Shakespeare pensando na dinâmica da melancolia. (Kristeva, 1989, Cintra, 2001). O

Por que Klein?

acontecimento do abandono é insuportável, mas mesmo assim fica sendo reeditado, sem parar. Trata-se de uma compulsão à repetição - o Eu se identifica com o objeto abandonador e o instala dentro de si como instância crítica, ou Superego. Ocorre uma bipartição no Eu: de um lado, a identificação com o abandonador parece dizer “fui embora porque você não tem valor”. E esta crítica severa é dirigida à outra metade do Eu, que se sente abandonada, reduzida à condição de ter sido rejeitada.

O gesto de abandonar não é apenas ir embora, desaparecer, mas pode, no cotidiano, desdobrar-se em muitos outros gestos crônicos: desaprovar, retirar o valor, desprezar, desautorizar. O abandono expressa mais a retirada do amor e da aprovação moral do que uma simples separação corporal; estamos no campo dos juízos de valor, dos Ideais, das crenças, da perda do amor do Superego, da perda do amor, *tout court*.

Duas pessoas podem viver juntas e jogar a sombra do abandono uma sobre a outra o tempo todo, situação que leva ao adoecimento de ambas. Freud nos ensina a ver que a questão principal não é a morte ou a separação dos corpos, mas a situação de ódio, de revolta, de recriminação que surge quando o amor vai embora. O acontecimento do abandono ocupa então a cena psíquica, como uma ferida aberta, que atrai toda a libido para si, levando ao desânimo, à suspensão do interesse pelo mundo externo, à inibição de toda atividade e à perda da capacidade de amar. O amor vira ódio de ter sido abandonado e desejo de abandonar, e o objeto vira, ao mesmo tempo, Eu ideal/sádico e Eu denegrado/masquista. O dinamismo que predomina é o da etapa sádico-oral e sádico-anal, e o Eu passa a ser tratado como um objeto oral a ser devorado e cuspidor e um objeto fecal que se retém e se expulsa sem nenhuma consideração. O Eu-objeto torna-se Eu-abjeto.

Abaixo, algumas linhas do primeiro solilóquio de Hamlet, no qual, antes de se recriminar, ele deprecia a natureza, a mãe, a condição humana submetida às ervas daninhas que não foram dela retiradas, aparecendo então o desejo de “fazer chacina de si mesmo”:

Oh, e pensar que esta carne tão, tão manchada, possa se derreter, se desmanchar e se dissolver em umidade. Ou se o Todo-Poderoso não houvesse fixado sua lei contra a chacina de si mesmo. Ó Deus, Deus. Quão cansativos, velhos, superficiais e não proveitosos parecem-me todos os objetivos deste mundo. Vergonha, ó vergonha: esta carne é um jardim de onde não foram retiradas as ervas daninhas que crescem para frutificar. As coisas são indecentes e aviltantes na natureza, até possuí-la por inteiro. Que tenha podido chegar a isto

Por que Klein?

(SHAKESPEARE, 1603, p.44)⁴¹.

Sentimento de culpa avassalador: Superego arcaico e o filme *Shutter Island* de Scorsese, um filme do ponto de vista da loucura

O sofrimento da melancolia ainda não foi suficientemente avaliado. O relato de alguns casos clínicos, alguns filmes e livros podem nos aproximar da violência desta dor que leva ao suicídio ou à morte psíquica. Há uma sucessiva transformação do amor em ódio e ao desejo de matar e de morrer, e deste ódio assassino e suicida, mergulha-se no mais devastador sentimento de culpa. É o sentimento de culpa escuro e perseguidor das Erínias, que morde e dilacera. Uma culpa que não sabe chorar e pedir perdão, que não sabe abraçar e fazer reparações.

Quem quiser entender a violência de um sentimento de culpa insuportável, que leva à loucura e exige sair da realidade para se fechar em uma ilha própria, deve assistir ao filme *Shutter Island*, do cineasta norte-americano Martin Scorsese⁴². A ilha da loucura é a mais fechada das ilhas (*shutter than shut*), da qual não se consegue sair, como um círculo que se fecha sobre si mesmo, e ao fechar-se, protege contra uma realidade ainda mais impensável, contra uma dor inominável.

Freud (1910) chamava de *neo realidade* a esta ilha onde se isola o psicótico, perdendo o contato com a realidade partilhada com os outros. A loucura do protagonista de *Shutter Island*, Daniels, tem elementos de melancolia e outros de paranoia: o personagem vive apavorado e desconfiado de todos. As alucinações revelam a mais pura violência de seu imaginário, em uma repetição que circula entre as cenas de guerra e as aparições em sonhos e alucinações da mulher e da filha mortas. Para se defender de tanta dor, ele constrói um delírio que já é um esforço de dar ordem ao caos, mas que o deixa preso no sistema fechado.

⁴¹ “O, that this too too sullied flesh would melt, Thaw, and resolve itself into a dew, Or that the Everlasting had not fixed His Canon against self-slaughter. O God, God, How weary, stale, flat and unprofitable Seem to me all the uses of this world! Fie on’it, ah, fie, `tis an unweeded garden That grows to seed. Things rank and gross in nature Possess it merely. That it should come to this.” (SHAKESPEARE, 1603, p. 44).

⁴² O filme se baseia no romance de Dennis Lehane, *Paciente 67*, agora reeditado com o título do filme. Scorsese sempre se interessou pelo tema da insanidade, como em “Taxi Driver”, “Touro Indomável”, “Cabo do Medo”. Outros filmes em que aparece o tema da insanidade são “O Rei da Comédia”, “Depois de Horas”, “Os Bons Companheiros” e “Cassino”.

Por que Klein?

No filme, a ilha escarpada e isolada no meio do oceano, bem como a força do vento e da tempestade, que faz desmoronar troncos de árvore para todo lado, servem de metáfora para a violência do mundo interno da loucura. “Deus ama a violência”, diz outro personagens, um militar que encarna em si o que há de mais detestável em uma figura de autoridade. Veremos adiante como o cineasta usa todos os recursos da natureza enfurecida e do sadismo real ou imaginado de médicos e militares para dar figuração a este labirinto escuro e solitário da doença mental.

Mas, antes de nos voltarmos ao filme, vejamos como se apresenta, para Freud, a ilha fechada da melancolia. Em “Luto e Melancolia” (1997), começa então a se **preocupar com o Eu**, com a clivagem do Eu, com o Eu dividido entre uma voz opressora e uma voz oprimida, elementos que estão na origem da ideia de um **Superego arcaico, cruel**. O Eu começa então a aparecer como um teatro. A ideia de cena, que surgiu com a análise dos sonhos e de fantasias, enche-se agora de personagens, de vozes. Quais os personagens, as identificações que virão a formar as cenas? Com quantas identificações se faz um Eu? Quais são as vozes, as presenças e as ausências que formam o Eu? O Eu começa a ser pensado, então, como uma polifonia, um conjunto de solos, duetos, trios e silêncios. É fácil discernir aqui a origem das teorias de relações de objeto, pois estas vozes criam entre si os mais diversos dinamismos de união, de oposição, de guerra e de paz. Trata-se dos futuros objetos internos.

A instância crítica ou Superego, por exemplo, será a mistura de diferentes amores e ódios transformados em identificações. Será uma combinação de acontecimentos externos com diferentes interpretações e editados por um Eu que suporta mais ou menos dor, trauma, frustração e abandono. O amor por um objeto muito idealizado converte-se, depois do abandono, em uma série de identificações puras, formando uma instância crítica severa que condena e ataca um Eu frágil demais para suportar uma situação traumática. O cenário está armado para o surgimento da melancolia, que será mais tarde considerada o exemplo de uma cultura pura de pulsão de morte.

Forma-se um enclave: de um lado, o amor pelo objeto não pode ser abandonado, mas é ambivalente, puro amor, puro ódio. Aquilo que é puro não se mistura, a ambivalência não chega a uma fusão, mas desliza para um ódio extremo, sob o impacto da dor, da decepção e do abandono, e logo em seguida, surge um sentimento de culpa insuportável.

Por que Klein?

Em “Ilha do Medo” acontece a oscilação entre o desejo e o medo de se vingar, a culpa por não ter protegido os filhos da loucura da mãe e uma angústia muito grande: Daniels teme não ser capaz de viver com a realidade de tantas mortes. A realidade psíquica recente vai ficando cada vez mais brutal, por um efeito de soma e multiplicação com as feridas do passado, tornando o luto impossível. “É possível viver sendo um monstro?”, pergunta Daniels antes de, no fim da história, optar pela lobotomia.

Retomo então, brevemente, a narrativa do filme. O protagonista chega à ilha como agente da polícia federal para investigar a fuga de uma perigosa assassina que se encontra internada no manicômio judicial da ilha, cercada por escarpas, *shutter than shut*; a única saída é a balsa que vem do continente. Daniels tem a seu lado outro policial, Chuck, que vai ajudá-lo nas investigações.

Desde as primeiras imagens do filme, entramos na região nebulosa entre a loucura e a sanidade. O lugar é sinistro, o dia é nublado, e a embarcação onde viajam emerge aos poucos da tela completamente branca. Conhecido como um homem corajoso e violento, Daniels está passando mal com a visão do mar. Sua força desaparece frente ao poder mortífero da água que, em outras épocas, já dissolveu e destruiu sua vida.

Os quatro elementos, terra, fogo, água e ar, serão importantes na história. Um clima de filme de terror e suspense reúne incêndios, afogamentos, pesadelos induzidos por goteiras, corredores sombrios e fósforos riscados para colocar fogo ou acender cigarros que ele teme serem portadores de substâncias alucinógenas. Daniels está perseguido e torna-se perseguidor de todos - é um poço de ansiedade persecutória. O clima *noir* criado pelo cineasta é um pouco caricato, talvez uma forma de marcar a alteração da percepção (formas, tempo, memórias) que acontece na loucura, acrescida de uma sensação de suspense e ameaça criada pela música de um filme de terror. Suspensos entre o que alucinam, deliram, vêem e tocam, Daniels e o espectador entram em uma estranha neo-realidade. Ninguém pode ajudá-los. Em quem confiar? Nos seus olhos? Nas palavras alheias? O cineasta joga com o excessivamente escuro e o excessivamente claro, até o ponto de cegar-nos para a diferença entre imaginado e percebido.

Cedo nos perguntamos se Daniels chega a esta ilha em missão oficial ou se está movido pelo desejo de vingança. Ou ainda, pela culpa e pelo remorso? O espectador vai sendo transportado para o limiar entre ódio e amor, culpa e vingança, loucura e sanidade. Quando o

Por que Klein?

filme acaba, continuamos sem saber muito bem se tudo se tratou ou não de delírio ou alucinação. O diretor bem sabe dizer com quantos labirintos se pode desmanchar um Eu. E nos faz andar ali, em meio às ruínas, em meio aos pedaços de humanidade ferida e morta em cima da neve, morrendo de medo de enlouquecer também. Assistir ao filme é ficar em contato com esta vertigem da loucura; sentimos que vacilam todas as referências de realidade.

Ao final, quando estão sendo apresentados os créditos, ouve-se uma canção soando do fundo da alma visceral da mulher que a interpreta: “*What if my life is only dust?*” - “E se minha vida for apenas pó, miragem, sonho, alucinação?”. Ou: “*What good is love if no one shares it?*” - “De que vale o amor se ninguém pode fazer dele partilha?”. A canção se chama *Bitter earth*⁴³, e não poderia haver maior achado para encerrar o filme, com esta voz assim ferida, capaz de rasgar por dentro quem a escuta.

A pergunta “E se a minha vida for apenas pó?” faz lembrar uma das cenas do filme em que Daniels abraça a mulher, Dolores: é tudo um sonho, ela está morta, mas é tão real a sua alucinação. Ele a quer de volta, quer abraçá-la, está certo de que, embora morta em um incêndio, ele pode abraçá-la agora com paixão e saudade. Mas não. Quando ela se vira, suas costas estão em brasa, é feita de água e sangue jorrando entre os seus dedos. Ao tocá-la mais forte, ela se desmancha em nada, um puro corpo de cinzas. *Bitter earth*. As palavras da canção continuam soando. Compreendemos então que suas memórias de guerra narram que Daniels foi obrigado a matar, a matar muito. Matou para sobreviver e sobreviveu, mas seu Eu partiu-se de alto a baixo entre o horror e a necessidade. De um lado, os seus valores, a sua compaixão e o seu desejo de viver e ser feliz; de outro, a necessidade de sobreviver e o horror.

Depois da guerra, a negação da loucura de Dolores e a culpa por não ter protegido os filhos dilaceram ainda mais o Eu de Daniels. “E se minha vida for apenas pó?”. Pó e cinzas,

⁴³ A gravação original de Dinah Washington, *Bitter earth*, pode ser escutada no link: <http://www.youtube.com/watch?v=f9zAUZfDV-w>. É um super *blue*, bem *soul*, aquele lamento negro belíssimo. E neste outro link encontramos a música de Max Richter, chamada “*On the Nature of Day Light*”, que foi misturada à voz de Dinah. . <http://www.youtube.com/watch?v=8rluU6BGpKw>. Aqui, as palavras da canção: This bitter earth, What fruit it bears, What good is love, That no one shares, And what if my life is only dust, That hides the glow of a rose, What good am I , Heaven only knows, This bitter Earth , Can it be so cold, Today you're young, Too soon you are old, But while a voice , Within me cries, I'm sure someone, May answer my call, And this bitter earth, May not be so bitter after all.

Por que Klein?

uma terra amarga. A alucinação é a sua própria vida: tornada pó e cinzas em torno de um corpo que já não está mais lá.

E, no entanto, a fixação do protagonista na mulher não pode ser abandonada. Seria preciso deixá-la ir embora, deixar passar o passado; várias vozes em sua alucinação imploram que ele se despenda de Dolores - essa é a condição para que possa sair do sistema fechado em que se encarcerou. Ela mesma aparece em sonhos e visões, implorando que ele a deixe partir. Mas seu estranho amor, que não pode ser abandonado, transforma-se em ódio homicida. Ao ver os filhos assassinados, e ao matá-la, converte-se em um sentimento de culpa que não o deixa mais. Ele se sente responsável pela morte dos filhos, por não ter dado crédito à loucura de Dolores, e quando sai, por alguns instantes, do surto psicótico, recupera o sentimento de ser, na verdade, Andrews, o pai que não estava lá, como veremos mais adiante.

Pouco a pouco, entramos na dor inominável do personagem principal, em sua culpa avassaladora. São imagens terríveis e belíssimas que nos fazem caminhar com ele em sua alucinação, em suas visões e em seus pesadelos. As memórias da guerra se juntam às memórias da tragédia familiar, um dos traumas se amplia e re-significa o outro: a filha de sete anos encontra-se lá entre os mortos da guerra, com os olhos abertos, perguntando por que o pai não estava na casa do lago, para protegê-la, a ela e aos irmãos, da loucura da mãe.

As “visões” de Daniels testemunham para nós a dimensão inassimilável da dor e da culpa; são verdadeiros pesadelos. O ódio, a culpa e o amor que ele não pode transformar e nem deixar passar e a tragicidade dos crimes, tudo contribui para a impossibilidade de se desligar dos investimentos passados e investir presente e futuro. É preciso criar então uma *neo-realidade*, um universo somente seu, para protegê-lo desses fatos terríveis demais, com os quais é impossível conviver.

Neste mundo inventado, Daniels torna-se então um policial que vai capturar os culpados e fazer justiça, mas suas visões não conseguem evitar o encontro com a violência e a morte; ao contrário, acabam repetindo a cena sadomasoquista, de maneira compulsiva. Não há lugar onde se possa viver, nem na ilha do delírio, nem lá fora, em lugar nenhum.

O seu delírio torna-o responsável por todas as mortes da Segunda Guerra Mundial; ele se vê fuzilando os guardas de um campo de concentração, e já não sabemos se isto é uma memória de guerra ou mais uma alucinação retrospectiva, que expressa o desejo atual de matar

Por que Klein?

os “guardas” e os médicos que vão sendo assimilados a nazistas, quando o hospital psiquiátrico torna-se para ele um campo de concentração. Daniels está sob um terror paranóico com relação a todas as figuras de autoridade.

A realidade dos fatos – a loucura de Dolores, a morte dos filhos e o assassinato dela – é tão terrível e plena de afetos irreconciliáveis que, para tentar livrar-se da cena sadomasoquista e da culpa, é preciso inventar um justiceiro, justamente Teddy Daniels, em busca de uma perigosa delinquente, Rachel Solando, que teria matado os três filhos. Somos, de início, capturados na ilusão do delírio, para depois descobrir que Rachel Solando é na verdade uma condensação de Dolores, a *sua* mulher psicótica que matou os *seus* três filhos, e Rachel, a filha de sete anos que reaparece nos sonhos e nas visões com um olhar de desespero.

Daniels acaba confessando ao companheiro de investigação que procurava também um certo Andrew Laeddis, responsável pela morte de sua mulher em um incêndio. Ele aqui se refere a um episódio anterior, quando a mulher põe fogo no apartamento onde moravam, incêndio do qual todos foram salvos, mas que não foi suficiente para alertá-lo do estado de loucura de Dolores. No final, descobrimos que Andrew Laeddis é seu verdadeiro nome, a identidade que teve de abandonar por ser inabitável. Ao transformar-se em Teddy Daniels, o justiceiro, continua em busca do *self* recusado que retorna do real com seu verdadeiro nome, como o autor do crime de morte de sua mulher! Este é o núcleo de verdade em torno do qual se organiza o delírio.

No fim do filme, depois de sair por um curto tempo da loucura, Daniels-Andrew mergulha de novo no delírio e opta pela lobotomia por não aguentar mais a dor. De fato, nenhuma dor parece maior do que a de viver com a consciência de tudo que aconteceu. O filme se encerra com sua pergunta ao psiquiatra, já citada anteriormente, se é possível viver sentindo-se um monstro, responsável por atos e acontecimentos inassimiláveis.

O impacto do filme é bem grande: somos habilmente levados para dentro da loucura, sem saber aonde estamos indo; e sem saber que estamos enlouquecendo, vemos a solidez do real desmanchar-se em delírio e alucinação.

Mas voltemos à realidade compartilhada por um instante, retomando nossa questão: o que permite que o processo de luto se desenrole normalmente e o que leva ao luto patológico e à melancolia? Já podemos responder que um acontecimento violento demais é sempre difícil

Por que Klein?

de assimilar e de deixar passar; mas, quando se articula com um amor, um ódio e uma culpa intensos demais, forma esta voz de recriminação absoluta, que vai atravessar o ego na forma de um enclave, deixando abertos os ferimentos do passado, de tal forma que é impossível fechá-los. A libido escorre então através do ferimento, e não existem nem amor nem perdão suficientes para ligar e transformar tantos afetos, instalando-se então um luto impossível - a melancolia.

São quatro os fatores que contribuem para instalação da melancolia e para o não poder curar-se: a extrema tragicidade dos acontecimentos, a extrema intensidade dos afetos, a predominância de um Superego purificado e inassimilável pelo ego e a impossibilidade ou intermitência de acesso do paciente ao processo analítico, dando origem a uma reação terapêutica negativa.

O trabalho de Melanie Klein pode nos ajudar a compreender como se formam as identificações purificadas do Superego.

Contribuição de Melanie Klein: identificações purificadas, Superego arcaico, pura cultura de pulsão de morte

Por que o Superego precoce é tão violento? Melanie Klein considera que o amor das origens é voraz, devorador. Em função desse amor sádico, as primeiras figuras parentais são ameaçadoras, pois são formadas pela projeção do sadismo infantil sobre elas, que é depois reintrojetado, formando as primeiras camadas identificatórias do Superego. Em suas origens, o Superego é, pois, sádico e acusador - pura cultura da pulsão de morte da criança, projetada nos pais é reintrojetada na forma de um julgamento severo.

A mudança do Superego aterrorizador em consciência moral benigna só poderá se dar por um processo de assimilação de uma boa parte dele pelo ego. **Os aspectos sádicos têm de sofrer uma unificação com as pulsões libidinais**, fazendo emergir uma consciência moral e ética que envolve o reconhecimento do outro, com seus direitos e aspirações, e que permite a entrada nas leis e nos regulamentos impostos por uma comunidade social. Ora, esse processo nada mais é do que um processo de luto, que veio a se chamar mais tarde de “elaboração da posição depressiva” ou, na teoria freudiana, elaboração do Complexo de Édipo.

O processo do luto normal, tal como descrito por Freud (1917), inspirou Melanie Klein

Por que Klein?

(1935, 1940) a construir a teoria da posição depressiva, uma posição central no desenvolvimento infantil e que **será responsável pela transformação das identificações primárias em identificações secundárias, do Superego devorador em consciência moral e ética, através do luto da onipotência originária e das formas primitivas de amar.** A onipotência originária é o que leva a criança a se acreditar super poderosa, capaz de tudo fazer e de tudo exigir, uma pequena déspota; e o luto é aceitar perder tal posição imaginária.

A posição esquizo-paranoide, por outro lado, toma por modelo a descrição freudiana da melancolia. Com a ajuda de Freud, Melanie Klein percebe que há sempre algo de melancolia no luto normal e algo do luto normal na melancolia - Klein aprende a pensar dialeticamente. Os dois autores concordariam se disséssemos que, de certa forma, a melancolia é também um processo de luto, que, no entanto, se extraviou. O vértice dinâmico do pensamento de Freud e a sua idéia de séries complementares são germes de um modo de pensar dialético que torna impossível abordar a saúde isolada da doença e essa, sem o paradigma daquela. Nessa perspectiva, a cura e o curar-se são processos que tendem para um ponto infinito, cercado por todos os lados de extravios possíveis. Mais tarde, isso levará a pensar a análise como um processo interminável (FREUD, 1937). Por outro lado, podemos pensar o processo de análise bem-sucedida como um **luto** que não se extraviou tanto, mas, ao contrário, encerrou episódios vividos, expandindo-se para novas formas de viver.

Do objeto bom ideal ao objeto bom *tout court*

Ao elaborar a posição depressiva, os objetos ideais e purificados que formavam as camadas mais antigas do Superego vão sendo transformados em simples objetos bons; isto é, nem ideais, nem puramente bons, mas bons objetos que surgem de uma unificação com os objetos maus. Outra forma de formular esse processo de unificação é a seguinte: o objeto bom (não-ideal) precisa se estabelecer de maneira firme no ego. Costuma-se afirmar que um critério de saúde e de prevenção contra a melancolia é a firme introjeção do objeto bom. Mas o que é isso, afinal?

A introjeção do objeto bom é a colocação para dentro do aparelho psíquico de todas as experiências de prazer, formando um registro dinâmico bem estabelecido, isto é, uma reserva interna de experiências de prazer que pode funcionar como uma garantia de acesso ao prazer e à segurança, aumentando a capacidade de se tolerar estados transitórios de dor e frustração.

Por que Klein?

Nessa medida, o bom objeto é mais do que o registro das experiências de satisfação, pois tem uma eficácia e um dinamismo próprios. O objeto bom é, assim, o nome da experiência de satisfação introjetada e convertida em uma fonte de bem-estar e segurança, é o nome da experiência de encontro entre a necessidade da criança e o que ambiente pôde efetivamente proporcionar a ela. Esse objeto bom introjetado será a fonte das pulsões de vida e do amor.

Superego arcaico e Superego pós-edípico: enclave e passagem

A presença do objeto bom firmemente introjetado é o que permite que os aspectos mais ferozes e selvagens do Superego arcaico possam ir sendo assimilados e metabolizados, integrando-se ao ego e deixando de funcionar como foco de terror. O Superego primitivo é constituído de objetos ideais: as qualidades positivas ideais – isto é, o máximo de prazer, poder e perfeição – só existem a partir de uma clivagem das más qualidades ideais (o máximo de desprazer e de imperfeição), que, nesse estado ideal, são inassimiláveis pelo ego, formando um obstáculo, pois não são passíveis de elaboração simbólica ou tradução. Sua qualidade estritamente imaginária torna os objetos estáticos e cristalizados.

Mas por que é tão mortífera a estratégia de purificar a qualidade boa ou má das experiências, dos objetos e do próprio sujeito? Por que reencontramos, por exemplo, em todo projeto fundamentalista, uma estratégia de purificar e destruir, e em seu bojo, um projeto de guerra, que no limite leva a um genocídio?

Purificar é destilar e separar o “bom” e o “mau”, para definir o perímetro de um “bom” que não admite imperfeições, que tem de ser “puro”. Ao isolar tão completamente o bom e o mau, só resta eliminar e destruir o que passa a ser visto como mau; este procedimento corresponde a uma fantasia onipotente de ficar só com o que é sumamente bom e livrar-se de toda mancha, defeito ou precariedade.

A razão delirante dos fundamentalismos é criada, desta forma, a partir da crença nesses ideais puros; e da projeção do “mau” nos “outros”, no outro povo, nas outras pessoas (BRUNETEAU, 2005; SEMELIN, 2009; CINTRA, 2001).

A idéia de um bom e mau puros incita ao julgamento condenatório e à projeção de tais ideais, criando ídolos e bodes expiatórios. Um julgamento baseado em certezas morais, que evita o benefício da dúvida e a ponderação entre vários pontos de vista, leva, necessariamente,

Por que Klein?

à ideia de uma “solução final”, e à morte. Essa forma de razão delirante lança sua sombra sobre o “outro” e está destinada a eliminá-lo, porque ele representa uma ameaça pelo fato de ser diferente do Eu, sendo considerado, portanto, “intrinsecamente mau”.

Purificar e destruir são, pois, estratégias defensivas extremas para lidar com a angústia paranoide, com a ameaça que o outro, diferente do Eu, representa: ele passa a ser pensado como um inimigo perigoso que ameaça atacar. O Eu precisa se antecipar, construir bem claramente a “maldade” do outro, que decorre do fato de ser diferente de si, e então destruí-lo a qualquer custo, antes de ser por ele destruído. Trata-se do modo de funcionar do Superego arcaico e de suas identificações primárias, um regime de “tudo ou nada” e de “soluções finais”.

Quando o luto é possível, vemos que o Superego passa a ter traços mais benignos, surgindo da transformação das identificações primárias em identificações secundárias, longamente trabalhadas durante a posição depressiva; aliás, durante várias posições depressivas, ou na teoria freudiana, através da elaboração do Complexo de Édipo e do Complexo de Castração.

Do lado da doença, ficam: a clivagem do Eu e um enclave ao movimento e à passagem do tempo. Instala-se a repetição, a recusa e a falta de trabalho criativo. Podemos considerar esse um trabalho da pulsão de morte, ou trabalho da melancolia, contrário à passagem do tempo e à simbolização.

Do lado da saúde, temos então o trabalho do sonho e do luto, a simbolização da falta e da ausência, o acesso ao brincar, à transicionalidade e à capacidade de amar, cuidar e trabalhar. A temporalização só é possível através do luto bem-sucedido. Deste lado, está o que André Green chama de um “trabalho do negativo” (GREEN, 1993, 1999).

Contribuição de Winnicott às condições que favorecem o luto : da culpa avassaladora à capacidade de cuidar e responsabilizar-se

Em “O desenvolvimento da capacidade de preocupar-se”, Winnicott (1963/1983) desenvolve sua teoria de que o sentimento de culpa avassalador que surge nas primeiras posições depressivas precisa se transformar na capacidade de cuidar, responsabilizar-se e comprometer-se com pessoas e com tarefas.

Na melancolia, a culpa é tão avassaladora que precisa ser expelida e recusada. Quando

Por que Klein?

o sentimento de culpa não pode ser sentido e elaborado, mas precisa ser violentamente recusado, surgem condições para os atos de destruição mais gratuitos e arbitrários. Freud (1916) havia previsto isto, ao escrever sobre criminosos que cometem seus crimes quando invadidos por um sentimento de culpa avassalador.

Por outro lado, Winnicott está pensando nas situações de saúde, quando o luto da posição depressiva pode acontecer e o sentimento de culpa pode emergir, ser contido e transformado através de um processo de maturação. O autor vai pensar na transformação do sentimento de culpa em algo que chama de *concern*, uma palavra difícil de traduzir:

A palavra preocupação – *concern* – é usada para cobrir uma área de fenômenos, de modo positivo, que em sua face negativa são cobertos pela palavra “culpa”. O sentimento de culpa é uma angústia associada ao conceito de ambivalência, e implica um nível de integração do ego individual que permite a retenção da imago do objeto bom concomitante à ideia de sua destruição. Preocupação pressupõe uma integração maior e um maior crescimento e se relaciona de forma positiva com o sentimento pessoal de responsabilidade, de forma especial nos relacionamentos nos quais entram impulsos instintivos. Preocupação se refere ao fato de que o indivíduo se importa, se preocupa, sente e aceita responsabilidade (WINNICOTT, 1963/1983, p.70).

Winnicott pensa que uma capacidade de se preocupar com o outro está na base de todo brincar, trabalhar e todo fazer criativo. Porém, essa transformação do sentimento de culpa em capacidade de se preocupar só pode acontecer se houver um ambiente suficientemente bom. A transformação acontece no estágio em que o bebê pode combinar impulsos agressivos e eróticos, isto é, quando atinge a ambivalência. O refinamento da ambivalência é o que pode dar origem à capacidade de se preocupar.

Considera ainda que os impulsos do Id originários das várias fases da libido (oral, anal, uretral, fálica) estão ligados a fantasias de ataque e destruição, de devorar e tomar posse do corpo materno. A fantasia é vivida como se fosse real, e se a mãe sobrevive aos ataques, isso se deve, para a criança, à capacidade *da mãe* de sobreviver, algo que suscita uma enorme gratidão. Quando isso é possível, as condições são favoráveis; a criança sente culpa, mas constata que a mãe sobreviveu a seus ataques e pode oferecer oportunidades de reparação através do brincar, do comunicar-se e do relacionar-se de maneira mais calma. Esse conjunto de circunstâncias dá uma chance ao bebê de realizar uma reparação, uma passagem da culpa primitiva à capacidade de cuidar e responsabilizar-se.

Por que Klein?

A maior contribuição de Winnicott é a ideia de que o ambiente suficientemente bom e a presença materna – e do analista –, capaz de estar lá para receber o gesto espontâneo depois dos ataques do amor primitivo, são fatores decisivos para que o luto seja possível e sejam evitados os extravios que levam à melancolia e a outros estados psicóticos. Entretanto, há circunstâncias vividas diante das quais nenhum ambiente parece ser suficientemente bom para receber gestos de reparação e nem todos os gestos de reparação parecem suficientes para que se possa aceitar a realidade traumática. A única saída possível parece ser fechar-se no delírio e recusar a realidade dos fatos.

O processo analítico é a instalação de um ambiente suficientemente bom que permite sair do estado de onipotência através de um processo de luto. Alguns psicóticos e fundamentalistas não chegam a passar por esse luto da onipotência, que envolve conviver com a imperfeição de si e dos outros, com o desamparo, a transitoriedade, a perda e a morte. A análise seria então esse tempo oportuno, quando poderiam ser acompanhados em um corajoso gesto de entrar no rio das transformações, em um desprender-se do passado, de sua autotortura e de sua violência. É, entretanto, muito difícil deixar o pensamento mágico quando a realidade dos fatos é tão avassaladora como a do protagonista de *Shutter Island*.

A ética do analista exige que ele continue lá, ainda que a violência da realidade torne todos os seus dispositivos e ofertas insuficientes. É nessa situação limítrofe que a sua capacidade de sentir e pensar é testada, assim como sua possibilidade de viver um luto. Toda sua análise pessoal é posta à prova e muitas vezes nada, ou muito pouco pode ser feito pelo outro. Mergulho na face escura do outro, desalojamento de certezas, hora de colocar tudo em dúvida e começar a aprender de novo.

A Terceira Margem do Rio⁴⁴

⁴⁴ Publicado primeiramente: *PULSIONAL – Revista de Psicanálise*, São Paulo, anos XIV e XV, n. 152/153, p. 70-81, 2001.

Neste terceiro milênio, ele mandou matar as americanas porque elas não cobrem o rosto, fumam, bebem, falam de igual para igual com os homens e ainda, suprema ousadia, escolhem os seus próprios parceiros sexuais, não se submetendo a casamentos arranjados pelo clã. Quem achar que aqui há exagero pode consultar os manifestos denunciando os maus-tratos contra as mulheres afegãs que circulavam pela Internet...

José Nêumane (Estado de São Paulo 10.10.2001, p. A2.).

O atentado terrorista de onze de setembro de 2001 nos Estados Unidos levou-me a pensar que o trabalho mais importante para combater a expansão do ódio em escala mundial é um persistente e profundo trabalho do pensamento que possa expor e desmontar a lógica que sustenta o fundamentalismo e as práticas terroristas.

Comparo este trabalho do pensamento à força milenar da erosão da água sobre a pedra: quanto mais dura for a rocha, tanto mais surpreendente é esse insidioso poder de amolecer e dissolver. Penso na terra fértil com seus lençóis freáticos, suas reservas de água que promovem o milagre da germinação. Penso em alguns momentos singulares de contato com o outro e com a sua alteridade.

Estava mergulhada em devaneios antes de escrever este texto, quando uma pessoa muito querida veio me falar da expressão “água da palavra”, da canção “A Terceira Margem do Rio”, de Caetano Veloso. “Mas este não é o título de um conto de Guimarães Rosa, naquele livro Primeiras Estórias?” - perguntei-me. Sim, exatamente. A canção foi composta pensando na história de um pai de família que resolve se retirar do convívio familiar adentrando-se em um horizonte invisível: a terceira margem do rio.

Terceira margem do rio? Onde fica? É no meio da travessia? É um espaço transicional, lugar de possíveis? Aonde foi o pai, retirou-se da tagarelice, da positividade da presença? Retraiu-se para dar lugar ao outro, à sua alteridade? Questões que ficam por responder. Por enquanto, alguns versos esparsos da canção de Caetano: “Água da palavra, água calada pura. Água da palavra, água de rosa dura. Proa da palavra, duro silêncio, nosso pai. Margem da

Por que Klein?

tão difícil sentir a perda e chorar o luto e por que nos atiramos em pequenos terrorismos cotidianos. Fuga da palavra. A violência cresce muito quando não se consegue visitar esse setor de lágrimas suprimidas em que não há palavra que possa dar nome a esta forma escura, vertiginosa do ressentimento. Senti que precisava fazer uma reserva maior de silêncio e celebrar melhor meus lutos, enterrar os mortos que fora distraidamente esquecendo vida afora. Se não fizesse esse trabalho da palavra, se não o fizesse logo e com urgência, estaria contribuindo pessoalmente para a violência do mundo.

Elucidar a própria violência é apenas parte do esforço maior que visa compreender a violência infiltrada na lógica fundamentalista que conduz aos atos de terror. A questão é muito ampla e merece que se reúna tudo que foi até hoje pensado acerca da inesgotável violência dos homens e a dificuldade de lidar com o outro, sem imediatamente querer assimilá-lo e devorá-lo para dentro das próprias crenças e valores.

Melanie Klein ajuda a elucidar a violência

O pensamento de uma psicanalista como Melanie Klein, que se debruçou de modo sistemático sobre a questão da agressividade e do ódio, tem sua contribuição a dar para esta elucidação. Um amigo havia me dito que, depois da destruição e das mortes daquela terça-feira de setembro, eu podia dizer aos meus alunos que Melanie Klein tinha boas razões para ter construído sua teoria em torno do fenômeno do ódio e da destrutividade que arde incansavelmente nas mentes e corações.

Nestes tempos sombrios de terror e fundamentalismo, a ênfase dada por ela à destrutividade e à agressividade é um ponto chave que também chamou a atenção de Freud desde a época da primeira guerra mundial e do estudo sobre a neurose obsessiva e a melancolia. Freud ficou profundamente impressionado com a presença de masoquismo, sadismo, agressividade e ódio, que dificilmente podiam ser derivados apenas da libido. Além da infinita e insaciável ânsia de amor (Sehnsucht) por ele postulada, e talvez até mesmo em decorrência da impossibilidade de atender a essa demanda insaciável, criam-se as condições para o surgimento de toda a forma de violência.

Algumas delas têm origem no ambiente: violência da miséria que corta a circulação dos

Por que Klein?

bens necessários à vida, derivada dos regimes de distribuição da riqueza, e a violência dos sistemas ideológicos e religiosos, que estabelecem e definem os modos de circulação dos bens, ao mesmo tempo em que criam sistemas de valores e interdições que dão origem à exclusão e à adesão fanática. Do lado psíquico, a força das exigências pulsionais, a violência do imaginário e das interdições interiorizadas são capazes de reproduzir e amplificar, ao infinito, a violência da ideologia e da religião.

Angústias

arcaicas

Para Melanie Klein, a violência psíquica é anterior à capacidade de amar; antecede a capacidade de pensar, postergar, agir, gerar recursos e projetos. **Antes de tudo, somos isto: um feixe de violentas necessidades e exigências, mergulhados no mais aflitivo desamparo.** Isto é, antes de chegar a perceber e desejar o outro como um outro, com capacidade de manter a distância e a diferença em relação a ele, somos puro anseio vampiresco e voraz - turbilhão de angústias e tumulto de desejos arcaicos que nos tornam indiscerníveis uns dos outros; somos sede da mais pura violência do imaginário, o que nos coloca em pleno estado de desamparo.

A própria violência do anseio de incorporar e possuir o outro e a voracidade que caracteriza a mais primitiva forma de amar tornam o mundo perigoso e ameaçador, através do mecanismo da projeção, pois o mundo fica todo impregnado da ânsia de incorporação. Daí surgem as mais arcaicas angústias persecutórias. Mas o que Klein quer dizer com isto?

As angústias persecutórias são assim chamadas pois originam a sensação de estarmos sendo perseguidos e atacados. São terrores, como o terror sem nome de cair para sempre, de ser abandonado, de ter seu Eu aniquilado, de ser morto, invadido, devorado ou destruído por uma força monstruosa que ultrapassa a capacidade de defesa. As imagens de ser engolido por uma onda gigantesca, devorado por um tubarão ou outro monstro qualquer podem ser figurações das angústias persecutórias mais arcaicas.

Defesas

primitivas

Neste quadro em que predomina a violência das pulsões e do imaginário, faz-se necessário construir mecanismos de defesas que possam diminuir e apaziguar, em certa medida,

Por que Klein?

a intensidade das primeiras angústias. Um deles é a cisão, que consiste em separar de forma radical as experiências boas das más; isto é, as que promovem prazer das que provocam qualquer forma de desprazer, desconforto ou dor.

Melanie Klein acredita que as experiências de prazer são atribuídas a uma pessoa, à mãe, que se constitui então como a mãe boa, capaz de prestar cuidados e amar. Por outro lado, as experiências más são atribuídas à mãe que frustra, castiga ou deixa a criança em estado de frustração. Isso quer dizer que, nos primórdios da vida, o psiquismo organiza suas experiências de prazer e desprazer polarizando ao máximo a distinção entre ambas e atribuindo-as, por um lado, a um objeto idealmente bom, e por outro, a um terrível perseguidor.

Ora, o dinamismo que separa o bem purificado do mal radical está presente na lógica do fundamentalismo, ao pregar a absoluta bondade de Deus em contraste com a maldade dos infiéis, que devem ser então sumariamente aniquilados. Ao constituir um “bem” absoluto e inalcançável, este fica protegido de toda possível contaminação, e assim pode permanecer incorruptível, eternizando-se: torna-se uma reserva imaginária de “bem” que pode durar para sempre, o que responde a uma de nossas aspirações mais profundas.

Do outro lado, a grande vantagem de estar diante de um objeto absolutamente mau é que nenhuma dúvida se instala quanto ao que fazer com ele: só resta destruir e impiedosamente aniquilar o perseguidor. **Ao constituir um objeto como sendo plenamente mau, consigo justificar qualquer ato de violência contra ele.** Sobretudo se o estou aniquilando em nome do Supremo Bem, então toda e qualquer arbitrariedade será justificada, será considerada “santa” e “bendita”: aquele sobre quem projetei minha concepção de mal absoluto é completamente destituído de sua subjetividade, de seu direito à defesa, de seus direitos *tout court*; torna-se um objeto desprezível, mero dejetos.

Mas, para constituir um objeto idealmente bom, preciso negar toda falta ou precariedade que porventura haja nele; isso faz parte da idealização necessária para o surgimento do objeto imaculadamente bom e perfeito: será um verdadeiro Deus.

Melanie Klein considerava a negação um poderoso mecanismo de defesa arcaico que visa aniquilar percepções e aspectos indesejados das pessoas, estando intimamente relacionada à idealização. Bem próximos do ideal máximo, Deus (ou Alá, como querem os muçulmanos), estariam os que conseguiram se aproximar mais dessa **extrema qualidade do Bem**: mártires, santos e sacerdotes, e justamente aí reside o perigo do fanatismo. Se Deus permanecesse inacessível em uma esfera metafórica de bem absoluto, jamais poderíamos vir a conhecer com

Por que Klein?

muita certeza qual é, exatamente, a sua vontade. O perigo começa quando julgamos que os mullás ou sacerdotes são representantes legítimos e porta-vozes do Bem Absoluto: é o que nos leva a um movimento regressivo, colocando-nos cegamente submetidos a seus desígnios, da mesma forma que um dia, no passado, fomos obrigados a estar em relação a nossos pais. A partir desse instante, todas as arbitrariedades poderão ser cometidas em nome do Deus Supremo, ao pronunciar-se através de seus oráculos e eleitos.

Desde a descoberta do diário de um dos terroristas que organizou o atentado americano, pode-se vislumbrar nele um estado de profunda convicção: ao matar e destruir os americanos, representantes de Satã, estava cumprindo a vontade do Deus Supremo. Esse discurso fanatizado revela aquela certeza absoluta que caracteriza os estados psicóticos: não há dúvida de que os americanos são satânicos e que o projeto de matá-los é um gesto de obediência ao Bem Supremo. Não há lugar para dúvida, indagação, crítica, meditação ou ponderação. O fundamentalismo taliban, através da jihad (que significa obediência cega à vontade de Deus), transforma palavras e crenças em mísseis a serem atirados contra os outros; isto é, todos os que não participam das mesmas crenças e dos mesmos valores e que foram devidamente “satanizados”.

Outro mecanismo de defesa descrito por Melanie Klein para lidar com a turbulência emocional dos primeiros tempos, a fuga para o objeto bom, consiste em refugiar-se imaginariamente no “seio do bom objeto ideal”, o que permite negar a própria fragilidade e o próprio desamparo e se lançar à deliciosa aventura de partilhar da onipotência divina. Tornar-se muito poderoso, na verdade onipotente, é a promessa mais sedutora do fundamentalismo, que pode ser pensado como sendo sempre uma estratégia de resgatar poder e triunfar sobre a fragilidade da existência humana.

Podemos admitir que o sentimento de onipotência no início da vida é uma importante defesa: nega a fragilidade, impotência e desamparo dos primeiros tempos, de modo que, quanto mais indefesa e imatura a criança, maior será o sentimento de onipotência e a sensação de ser o centro do universo.

Melanie Klein mostrou que o desenvolvimento psíquico consiste no doloroso processo de perda do sentimento de onipotência, de des-centramento; é a exigência constante de sair do lugar de “sua majestade, o bebê”. O princípio de realidade obriga cada um a confrontar-se com a ignorância, impotência e exigências da necessidade que estabelecem diferentes graus de dependência e aprendizado. Ora, para aceitar que sou um ser de necessidade, sujeito ao

Por que Klein?

adoecimento e à morte, incapaz de resolver sozinho a grande maioria de minhas necessidades, preciso necessariamente abdicar do sentimento de onipotência e de autossuficiência. Esse doloroso processo é um prolongado luto que me faz chorar e lamentar, ao mesmo tempo em que continuo nutrindo os mais secretos desejos de voltar a ser poderoso e triunfar sobre o desamparo. Era tão prazeroso sentir-me o centro das atenções e o centro do mundo e é tão insuportável e tedioso viver um cotidiano medíocre ou até mesmo miserável quando comparado às grandiosas vivências de poder e plenitude dos primórdios da vida! É esse o terreno que propicia adesão ao fanatismo religioso e ao fundamentalismo.

Quanto mais intenso for o desejo de recuperar a onipotência perdida e quanto mais profundo o desprezo por nossas aquisições cotidianas, tanto mais me torno presa fácil para a sedução do fundamentalismo e de todas as formas de fascismo e nazismo. Essas ideologias prometem resgatar a perfeição e a onipotência originárias, associando-nos a alguma figura Toda-Poderosa ou a seus representantes aqui na terra.

O suicídio como promessa de resgate da plenitude

Entretanto, se permanecemos aderidos a uma aspiração cada vez mais forte e devoradora de recuperar o estado de onipotência e plenitude, corremos o risco de entrar na dinâmica vertiginosa que culmina com o suicídio de tipo melancólico. Muitos autores na psicanálise já escreveram a respeito dessa experiência limite. Matar-se significa, neste caso, destruir a precariedade de um corpo e uma existência que passaram a ser vividos sob o signo da falha, da precariedade e da insuficiência. É uma lógica asfixiante que vai produzir a insidiosa, silenciosa transformação do corpo e existência em dejetos. O vertiginoso percurso vai das mais leves formas de depreciar a vida, de frustrante, precária e imperfeita, considerando-a indigna, insuportável, até finalmente coisificar este corpo real a um ponto extremo, tornando-o matéria fecal e fazendo do suicídio um gesto glorioso, via expressa de recuperação da grandiosidade perdida.

A morte passa a ser procurada não em si mesma, como extinção da vida, mas como via de acesso à verdadeira plenitude, caminho para fazer cessar conflito, necessidade e dor da existência: suicidar-se se torna estratégia de recuperação da plenitude narcísica mais absoluta. Optar pela morte não é tão difícil quando a vida foi depreciada até tornar-se equivalente à

Por que Klein?

matéria fecal. O próprio corpo e a vida foram completamente coisificados, e não é difícil empregá-los como preço a ser pago pelo maior bem. Há nisso a sensação grandiosa de estar a serviço da missão heróica de purificação e eliminação do mal. A grandiosidade da missão apaga a insignificância da existência; entrega-se o nada de sua vida atual pelo tudo da vida eterna. O suicida mata-se não para se destruir, mas para reconstituir a imaculada perfeição originária da existência.

Há, nesta forma de morte, a busca de um sentido supremo e grandioso que possa preencher o vazio da vida. Trata-se do mais extremo ato de onipotência e recusa de assumir a condição humana e anônima. Representa o triunfo sobre a impotência, trivialidade e precariedade de uma existência cotidiana atravessada pela miséria e pela insignificância.

Sair da onipotência infantil: a posição depressiva

Para Melanie Klein, a saída do estado de onipotência mais agudo é um longo processo de luto que começa a ser vivido desde o nascimento e prolonga-se até a morte. É verdade que os psicóticos, algumas personalidades muito narcísicas ou esquizoides e os fanáticos de qualquer seita nunca chegam a passar por esse processo de transformação que a autora chamou de "posição depressiva", lembrando que, neste caso, o termo 'depressivo' não se refere ao quadro psicopatológico da depressão.

Usemos uma metáfora política para pensar um aspecto desta passagem. A divisão política do mundo era mais clara na época da guerra fria, quando de um lado estavam os Estados Unidos e do outro, a União Soviética; o mundo podia ser então esquematicamente dividido em esquerda e direita. Ora, desde a queda do muro de Berlim e o desaparecimento do objetivo russo de levar a revolução comunista ao planeta, o panorama político revelou-se ser muito mais complexo e difícil do que se pensava até então. Diante do novo panorama geo-político, a confusão tem sido tão grande que acaba acontecendo a volta ao funcionamento anterior (nós somos “do bem”, os outros são do mal), ou uma regressão mais profunda para atos isolados de destruição fanática que parecem gritos de desespero ou movimentos descoordenados e anárquicos. Algo análogo ocorre quando se entra na posição depressiva. Na posição anterior (chamada de esquizo-paranoide), era possível separar tão nitidamente o bom eo mau que as pessoas consideradas "más" podiam ser aniquiladas como perseguidores perigosos. As experiências desagradáveis e desconfortáveis eram então descarregadas e evacuadas ou

Por que Klein?

projetadas sobre o mundo e os "outros".

Na posição depressiva, entretanto, começa a acontecer uma confluência entre amor e ódio: os objetos já não são percebidos como exclusivamente bons e maus, perde-se a crença de que o mundo está dividido em vilões e santinhos, relativizam-se todas essas atribuições de valor positivo e negativo às pessoas e a si próprio. Surge o panorama modificado de uma realidade psíquica mais complexa, **há um crescente reconhecimento da própria agressividade, tornando-se impossível acreditar que o "mal" está só no mundo e no "outro".**

A realidade psíquica passa a se caracterizar por um maior grau de tensão, pela presença de conflito que origina culpa, remorso e desejos de reparação. Uma grande decepção é vivida, pois o objeto ideal, perfeito e absolutamente doador deixa de existir. A criança começa a dar-se conta de que **a mãe que alimenta é a mesma que frustra**, que não existe uma pessoa infalível e inesgotável; ocorre uma mudança muito perturbadora na qualidade do objeto bom. **A mãe perfeita e onipresente é substituída por alguém que funciona "suficientemente bem"**, mas também falha e angustia. Surge uma nova imagem parental contaminada em sua perfeição e danificada em sua completude. Há um profundo pesar e um angustiante sentimento de responsabilidade com relação às outras pessoas. Diminui a necessidade de ser atendido e receber cuidados e aumenta o desejo de cuidar e proteger o outro. Desenvolve-se, assim, um maior grau de tolerância com relação às falhas dos outros.

A posição chama-se "depressiva" porque nela cumpre-se um processo de luto, o qual consiste na aceitação da perda dos aspectos ideais das pessoas e na capacidade de abrir mão das representações mais radicais que exigem "tudo, absolutamente bom" para aceitar e enraizar em si representações de "alguma coisa, relativamente boa", morte da criança magnífica, gestação de nova subjetividade. É também a passagem da posição do "berço esplêndido" para uma postura de implicar-se e responsabilizar-se.

Porém, a passagem para a posição depressiva é a mais difícil das transformações, envolvendo todo tipo de regressões à posição anterior. Não é simples perder o status de criança magnífica e entrar no regime da realidade, com as exigências de postergar a satisfação das necessidades, trabalhar, reconhecer o outro em sua diferença e desenvolver a capacidade de tolerar frustrações, pensar e sentir. As angústias que povoam os primeiros tempos somam-se às novas angústias da posição depressiva, e os problemas tornam-se infinitamente mais complexos: isto origina um forte movimento regressivo, na direção da posição esquizo-paranoide, perceptível através das defesas maníacas. **Tais defesas sinalizam justamente a**

Por que Klein?

difficuldade de entrar no processo de luto da onipotência, são tendências a recuperar o status perdido e voltar a uma organização mais simples e dualista do mundo.

Os mecanismos de defesa da posição esquizo-paranoide envolviam cisões radicais entre o Bem Absoluto e o Mal Radical e estratégias de evacuar e destruir tudo que causava desconforto, ao passo que na posição depressiva a criança busca novos métodos para trabalhar o caos psíquico e a violência pulsional. São métodos mais introjetivos: desenvolve-se maior tolerância ao desconforto de se ver bombardeado por pulsões contraditórias e amplia-se a capacidade de suportar o conflito entre diferentes aspectos da experiência. Isso tudo quer dizer que mais trabalho psíquico e maior capacidade de postergar a vivência de prazer tornam-se necessários. O resultado é que, ao fim desse penoso trabalho de implicação e responsabilização de si nos acontecimentos, há um melhor aproveitamento da energia pulsional e maior integração desta ao Ego.

Os mecanismos da posição depressiva podem ser comparados a um lento processo de gestação, pois há criação de novo espaço potencial ou "espaço" psíquico onde as representações pictóricas e verbais serão trabalhadas e modificadas, evitando a pura descarga das energias instintivas através de atos.

A metáfora de "espaço" psíquico é sempre precária: leva-nos diretamente ao registro visual, para as imagens e o imaginário, com suas violentas estratégias de captura e cristalização do pensar. Talvez possamos pensar em um espaço virtual, um lugar escondido e invisível, um não-topos ou "lugar nenhum" em que possamos ficar relativamente livres da captura e da prisão do imaginário. Para entender essa passagem das imagens idealizadas da infância à solidão relativa e à plena capacidade de pensar da maturidade, através da posição depressiva, podemos recorrer então à história da terceira margem do rio.

Entrar nesta posição já não é fácil; porém, é ainda mais difícil atravessá-la: se as margens são crenças absolutas, será preciso desprender-se delas, soltá-las, em direção ao meio do rio. A posição depressiva exige deixar morrer deuses e demônios e abandonar crenças infantis de que há um bem e um mal absolutos que podem ser perfeitamente localizados em estado purificado. Só há verdadeiro crescimento à medida que os ídolos declinam e desaparecem juntamente com a ideia de um pensamento mágico e imediatista. No lugar deste último, será preciso desenvolver um verdadeiro trabalho de pensar, sentir e elaborar conflitos. E ainda criar uma grande capacidade de conviver com o estrangeiro, tolerar dor e frustração e aceitar a condição humana de desamparo, transitoriedade e finitude. Essas são tarefas para uma

Por que Klein?

vida inteira, por isso, dizem, nunca terminamos de elaborar a posição depressiva. É o mergulho na direção da face escura do outro, desalojamento de certezas, lugar da dúvida.

Terceira margem do rio: lugar de possíveis

A terceira margem do rio é o lugar da palavra, da água da palavra. Casa da palavra. Onde o silêncio mora. Na história de Guimarães Rosa, o pai retira-se para este lugar fora do alcance do familiar, lugar enigmático, margem inexistente do rio. O que dizer disso? Que o pai retirou-se para lugar inacessível, inapreensível; não quer deixar-se apreender em nenhum esquema ou código. Não vai permitir compreensão totalizante.

A tradição judaica fala do caráter impronunciável do nome de Deus. Não poder pronunciar o seu nome corresponde ao "lugar nenhum" da terceira margem; é exigência de que "o pai" possa ficar inacessível, em certa dimensão, ao imaginário que petrifica. A interdição de "imaginarizar" Deus é um importante limite para a insaciável atividade imaginária e linguageira, é forma de impor silêncio nas margens da palavra: metade de-substantivar Deus, fazê-lo passar de substantivo a verbo.

No tempo verbal, "pai" é princípio doador de vida, é a parentalidade, ou o que alguns chamam o significante ser pai; isto é, capaz de gerar vida, de dar vida, tornar-se capaz de autoria: é um princípio vital. É preciso pensar parentalidade no plano metafórico, como capacidade de gerar fruto, frutificar. Pensar no pai em termos de pura atividade, atividade de dar ser: da imagem estática ao movimento que sugere instantaneidade, presentidade sempre recomeçando; incessante brotar de água na fonte.

A metáfora espacial da gestação de um "espaço psíquico" começa então a temporalizar-se: o pai é agora atividade de ser e de dar ser, de destinar a ser, de deixar o outro ser. Para deixar o outro ser é preciso manter-se retraído, "cancelado", em reserva, por isso na "terceira margem do rio", em estado "ausentemente disponível".

Muitos para quem contei a história de Guimarães Rosa ficavam indignados com a indiferença do pai, no meio daquele rio. Mas será que se trata de indiferença ou abertura de espaço, verdadeiro endereçamento ao outro? Uma certa indiferença, alguma descontinuidade é necessária à função paterna para dar lugar à mais plena emergência do filho: ser pai como quem dissesse aos filhos "Après vous, mes enfants".

Por que Klein?

Terceira margem e terceira pessoa

Penso que essas são lições aprendidas de Lévinas (ano), em *Totalidade e infinito*, quando propõe deixar que um germe de infinito venha a dissolver o totalitarismo do imaginário. Este pai que não se fenomenaliza, internando-se no invisível, é um princípio de infinitude que vem quebrar desejos de onipotência, aspiração à perfeição e o totalitarismo do Eu.

Infinito é o que ainda está por fazer, é um princípio de inacabamento. Sendo inacabado, está ainda por vir, está sempre vindo de nova maneira. Este pai, alteridade invisível, vem relativizar, des-centralizar, des-estabilizar o Eu de sua posição despótica, imerso na ilusão de autossuficiência.

Sendo o "totalmente outro", pura diferença, desejo de diferir, este pai aparece como a terceira margem que ultrapassa sempre o mergulho narcísico do eu no tu e do tu no eu. Alteridade que rompe a mesmice instalada no "face a face" especular e sedutor da pulsão escópica; terceira margem que relativiza o fascínio, a sideração do Grande Outro.

O pai que vai para a terceira margem do rio, em vez de presentificar-se, dissolve-se no inaparente, no horizonte dos possíveis, no informe. Lembra a noção levinasiana de "Terceira Pessoa" (1971), Ele, eleidade, dimensão do outro e de si que sempre nos escapa à apreensão e permanece enigmática; sem a "eleidade" do outro e de si, núcleo indissolúvel de alteridade, nada resistiria à voracidade assimilativa do Eu.

O pai enigmático da terceira margem do rio é o estrangeiro, o excedente de sentido inassimilável pelo eu-mesmo: é sobretudo o silêncio que põe em movimento a indagação, a dúvida, a incerteza. Ao adentrar-se nesta borda invisível, o pai experimenta um modo "outramente que ser", de retrair-se, para deixar o outro ser. **A terceira margem é o lugar propício à atividade de dar ser.**

Puro silêncio, nosso pai.

Considerando os efeitos do fanatismo terrorista, pergunto-me: Se o Deus fundamentalista, em sua majestade triunfante e em sua mais obscena monstruosidade, pode originar tanto sangue, para que precisamos ainda de Satã? Basta este Deus Todo-Poderoso todo manchado de sangue, obscenidade e volúpia de destruição, a exigir a mais radical passividade e a mais completa obediência (jihad) à sua vontade. A culminação do projeto fundamentalista é sempre o suicídio ritual, pois o dinamismo deste Deus leva à morte: a sinuosa estratégia de infiltrar ódio e desprezo ao corpo e à vida é um convite à desencarnar-se.

Por outro lado, a figuração deste pai silencioso da terceira margem do rio serve para se

Por que Klein?

contrapor às mais arcaicas e totalitárias imagos paternas que oprimem com sua sombra esmagadora. Puro silêncio, nosso pai. Para se contrapor a um Deus triunfante e mortífero, é preciso ir ao encontro da terceira margem do rio, um horizonte capaz de desalojar a certeza passional e sanguinária e desmanchar a reivindicação de ser tudo, onipresente.

Melanie Klein diria que, ao atravessar a posição depressiva, dá-se um remanejamento de todos os ídolos: mãe e pai todo-poderosos e a criança magnífica e despótica. Há perda de brilho e grandiosidade e ganho de um sentimento de consideração para com o outro, estrangeiro para mim. Isso me faz pensar que falta aos fundamentalistas deixar morrer o seu deus poderoso, sanguinário e narcísico e descobrir como adentrar a terceira margem do rio ao encontro do silêncio do Pai.

No seio do pai, é preciso discernir o filho. O Deus do século vinte e um é uma criança gritando de fome e sede, frágil, desamparada; precisa de água da palavra. Entregou aos homens adultos a tarefa de pacificar o mundo. Sem apelação. “Hora da palavra, Quando não se diz nada, Fora da palavra, Quando mais dentro aflora. Asa da palavra, asa parada agora. Casa da palavra. Onde o silêncio mora. Puro silêncio, nosso pai.”

Sobre o sentimento de solidão⁴⁵

⁴⁵ Texto publicado na Revista *Cadernos de Psicanálise – Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro* v.23, n.26, Rio de Janeiro, 2007. Tema em debate – SOLIDÃO. Pp. 35-51. Nome original: “Trate-me como um cachorro. Ou assim que for possível”.

Afinal, não seria o caso de o paciente vir para a análise a fim de reconstituir sua solidão por meio do outro, a solidão que só ele pode conhecer?

Adam Phillips, 1993.

Um paciente vem experimentar esta curiosa solidão “a dois” de uma análise para reconstituir um universo que só ele pode conhecer. Trata-se de restaurar a capacidade para estar só na companhia de alguém, para entrar em contato consigo e com o outro, sem cair na deliciosa tentação de “virar uma só coisa” com a outra pessoa. Tal aventura pede que se entre em um estado *não* instrumental e *não* focado e receptivo às sensações, memórias e desejos presentes e passados, mas sem prender-se a nenhum deles. A meta é atravessar a realidade psíquica sensorial em direção a este lugar “sem memória e sem desejo” de que nos fala Bion, lugar muito remoto onde são engendrados os sonhos e a vida psíquica. No caminho até lá é preciso criar um espaço transicional, um *playground* em que o brincar mútuo descobrirá nexos e ligações entre sensações atuais e estímulos passados, entre elementos do sonho e da vigília, de dentro e de fora, de si e do outro.

Em seu texto “A capacidade para estar só” (1958), Winnicott evoca esses momentos de contato e silêncio que um paciente vive durante a análise. Talvez tenha sido a primeira vez na vida em que conseguiu ficar realmente só, sem sentir-se isolado ou fechado em si mesmo; a sensação é de uma intimidade prazerosa, uma capacidade de ocupar-se com suas próprias coisas, com seu mundo de objetos internos, com aquilo que pode absorvê-lo e apaixoná-lo mais profundamente. Uma criança mergulhada em seu brincar talvez tenha sido a primeira aparição do fenômeno. Se hoje perguntássemos a Winnicott: “você considera a capacidade para estar só um critério de fim de análise?”, com certeza teria respondido: “sim”, pois algo aparentemente tão corriqueiro exige um grau de autonomia e de desenvolvimento do sentimento de si e do outro que só se atinge depois de uma grande amplidão da vivência materna primária bem elaborada.

Por que Klein?

Este foi o percurso de Winnicott: pensar as raízes desta capacidade, suas condições de possibilidade. A capacidade para estar só enraíza-se, pois, na primeira relação com a mãe - e há aqui um paradoxo: estar só exige a presença, a companhia relaxada de alguém, ali ao lado, ausentemente disponível, alguém com quem podemos entrar em contato a qualquer momento, seja na realidade exterior, seja na realidade virtual de nosso mundo interior.

Quando este alguém que está por perto nos parece ser formado por seres bem vivos, vozes do passado e do presente que se encontram em relativa harmonia, formando um espaço de convivência que se parece mais a um cosmos do que a um caos, é justamente aí e então – ou seja, a partir deste mundo interno relativamente ordenado e vital – que adquirimos a capacidade para estar só na presença de alguém.⁴⁶

Talvez a primeira solidão que alguém viva em sua infância seja a de habitar um corpo e uma história de maneira única e intransferível. Ao mesmo tempo, aprende a falar e a se comunicar com os outros que parecem entendê-lo, grande parte do tempo. Durante a vida, desenvolve uma relação de maior ou menor intimidade com o seu corpo e com seus amores, ódios, desconfianças, certezas, culpas, perdões. Há momentos em que mergulha na sensação da mais profunda incomunicabilidade, em que todas as palavras são inúteis; parecem provocar mais barulho do que entendimento.

Então, o encontro analítico convida o paciente a deitar-se no divã, a abandonar as regras habituais do convívio social e a se entregar ao livre fluxo de suas associações, olhando na direção desse lugar imprevisível, para onde suas palavras o conduzem em uma espécie de viagem – ou vertigem - no tempo e no espaço. O divã se transforma então em um veículo mágico, uma cama voadora como as que aparecem nos sonhos e nos quadros de Frida Kahlo. O convite assemelha-se mais a torná-lo um *flanneur* que vagueia, à deriva, em uma cidade desconhecida, deixando para trás o roteiro habitual que o leva de casa a algum lugar conhecido, e a experimentar novos caminhos, novas vias de acesso.

Enquanto isto, o analista permanece silencioso e em reserva, sempre a um ou dois passos atrás, lembrando que muito daquela história já passou, que será preciso deixar o passado passar. Ele convida ao abandono das certezas, das grandes verdades. Está sempre um pouco incrédulo, com aquela cara de paisagem silenciosa que escuta e indaga: Será? - implantando pequenos

⁴⁶ Em termos kleinianos, isto significa uma introjeção segura do bom objeto, que, como veremos adiante é muito diferente da presença, que não se deixa introjetar nem assimilar, do objeto ideal, que permanece como um enclave insolúvel.

Por que Klein?

hiatos de dúvida nas crenças mais certas. Ele está imóvel, é verdade, mas sua imobilidade sensorio-motora é o próprio esforço de transformar toda a turbulência de sua vida psíquica em estado de abertura e escuta. Gosto de pensar que o analista quer se converter em abertura e enraizamento. Ele se prende ao que há de mais insólito: o fluxo e o dinamismo do outro, sem deixar de acompanhar, à distância, o seu próprio ritmo flutuante.

Além de Winnicott, outro analista, Christopher Bollas (1999), afirmou: “cada encontro com um paciente envia-me profundamente a mim mesmo, a uma área de solidão essencial regida por leis inaudíveis de densa complexidade mental”.

Na sessão de análise, o próprio fato de estarmos sós, assim mesmo, no plural, revela uma comunidade invisível, um estar-só bem acompanhado. Tudo isso começa com a qualidade da presença materna capaz de criar um ambiente de confiança e segurança que dá a liberdade de brincar, inventar e expressar-se corporal e verbalmente, mas que se mantém em reserva, não-invasiva, em um silêncio tranquilo, criando o que foi chamado de um espaço potencial. trata-se, pois, de um estado de solidão diferente do desamparo e do isolamento.

Winnicott conta-nos que, muitas vezes, ao estar diante de um problema difícil, recolhia-se a um espaço interior que chamava de “meu clube”, um lugar de intimidade e interlocução. Para um inglês, a idéia de pertencer a um clube de *peers*, ou pares, é a realização acabada do ideal de convivência pacífica e fecunda que este analista tanto praticou. Instalar dentro de si presenças humanas confiáveis sob a forma de um ambiente ou um “clima” amistoso exige a *negação* de presenças plenas, invasivas e barulhentas. A intuição do *negativo*⁴⁷, um elemento presente no pensamento de Winnicott, e que foi trazido à tona por André Green, afirma a possibilidade de que a realidade em sua plenitude sensorial se deixe negar e esquecer; só então, pode se tornar realidade psíquica. Digamos que deixar-se *negar* e *interiorizar*-se são duas formas diferentes de falar do mesmo fenômeno. Assim também, apenas a presença humana capaz de *desaparecer*, sem ausentar-se completamente, poderá tornar-se voz, nome, figura e memória assimilados pelo sujeito nascente, sob a forma de cimento e tijolos de uma nova subjetividade.

Nosso destino é mesmo *interiorizar* as experiências significativas: “Nossa vida transcorre em metamorfose: sempre decrescendo, o exterior desaparece” (RILKE, 1922). E o progresso da vida obriga a reconstruir um mundo de objetos internos vivos, integrados e

⁴⁷ Cf. “The Intuition of the negative in Playing and Reality”, de André Green, 1997.

Por que Klein?

humanizados. São principalmente os cuidados maternos de sustentar e acalantar e a função paterna de separar e discriminar que precisam tornar-se ausentemente disponíveis, para que se possa viver em paz e tornar-se uma nova pessoa. O simples ato de ir dormir, de deixar-se adormecer - nos *braços* de Morfeu, desde a mitologia grega - só é possível nos *braços* de alguém, nos braços visíveis ou invisíveis que mimetizam o colo aconchegante dos primeiros tempos. E ainda mais que adormecer, despertar exige estar nos braços de alguém; do contrário, como encarar esse insuportável mundo real a cada manhã? Mais uma vez, retorna o paradoxo de que estar só exige a presença real ou interiorizada de alguém capaz de segurar, cuidar, escutar.

Mas conviver no dia a dia exige também a capacidade para estar só. Alguém me conta sentir grande necessidade de ficar ao lado da namorada em estado de tranquila indiferença, e como é muito difícil que entenda o seu desejo, dirige a ela um apelo extremo e ao mesmo tempo simples: “trate-me como um cachorro”, e voltarei a falar com você assim que me for possível. É o pedido de ser deixado de lado, brincando sozinho com seus pensamentos, de ter sua presença plena de certa forma *negada*, mas sem ausentar-se completamente. Não se trata, pois, de nenhum apelo masoquista para ser maltratado, mas a necessidade de ser deixado em contato com a sua animalidade mais pura, mergulhado em uma existência anterior ao universo verbal. E, além disso, é o convite de que a namorada venha juntar-se a ele no mesmo estado de tranquila indiferença a toda manifestação explícita de amor ou consideração. É preciso suportar o sentimento de exclusão de uma parte da vida psíquica do outro, deixá-lo estar com o seu mundo de objetos internos que são desconhecidos e devem continuar a sê-lo. E sentir-se livre para excluir o outro, sem alimentar aquela culpa doentia que exige tudo dividir e participar.

Em um curto poema⁴⁸, intitulado “Casamento”, Adélia Prado (1971) descreve um casal que, depois de anos de convivência, encontra-se neste estado de comunhão silenciosa, implícita:

Há mulheres que dizem:
Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
Ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
De vez em quando os cotovelos se esbarram,
Ele fala coisas como “este foi difícil”

⁴⁸ O poema se chama “Casamento” e está no livro *Terra de Santa Cruz*.

Por que Klein?

“prateou no ar dando rabanadas”
 E faz o gesto com a mão.
 O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
 Atravessa a cozinha como um rio profundo.
 Por fim, os peixes na travessa,
 Vamos dormir.
 Coisas prateadas espocam:
 Somos noivo e noiva.

Na verdade, a capacidade para estar só na presença de alguém retoma o enigma do relacionamento entre as pessoas e a história de como cada um constrói o seu caminho de acesso até o outro, seu “próximo” (seu “*nebenmensch*”, em Freud), tão familiar e tão estrangeiro... Quanta proximidade e quanta distância é preciso haver entre eu e outro para que exista amor e intimidade, reconhecimento e autorização entre as partes, ainda que esteja sempre rondando o risco de ficar excessivamente dependente e dominado pelo outro? Ou ainda, como construir um mundo interno que torne possível reconhecer os outros sem se sentir por eles ameaçado, desautorizado, submetido, violentado, invadido ou ignorado? Como não ceder ao desejo de controlar ou possuir?

Um ambiente humano pacífico e pais que puderam autorizar-se um ao outro, favorecem a interiorização de figuras femininas e masculinas que mantêm entre si contato e diferenciação. Cria-se uma tensão mínima que significa união e, ao mesmo tempo, separação; assim, cada um dos polos – o masculino e o feminino – pode coexistir com o outro, sem anulação mútua. Por outro lado, um ambiente de desprezo, rivalidade, agressão e abandono vai favorecer a interiorização de um mundo caótico, em que os personagens se atacam ou se desprezam, e é muito frequente que o masculino se torne despótico e autoritário, dirigindo-se contra o feminino desprezado ou o inverso disto. As figuras de homem e mulher se combinam de forma sadomasoquista⁴⁹, criando uma figura dos pais combinados⁵⁰, em que não há nem diferenciação nem união.

Estas fantasias primitivas surgem em cada nova criança que vem ao mundo e dão expressão à sua vida sexual e à sua destrutividade; elas vão sendo forjadas em uma combinação única, que reúne as influências do ambiente e as reações de cada um ao mundo de

⁴⁹ Freud (1905) descreveu uma fantasia universal na infância, dos pais em uma relação sexual sadomasoquista.

⁵⁰ Melanie Klein (1928), por sua vez, deu a este tipo de fantasia o nome de “figura dos pais combinados” que se torna muito ameaçadora e persecutória, pois eles formam uma espécie de “ganguê” contra o filho, que não pode mais contar com a proteção de um dos pais em momentos de agressividade do outro, ficando à mercê da violência parental combinada contra ele. A criança sente que estão todos contra ela.

Por que Klein?

acontecimentos significativos de sua história. Tornar-se um novo sujeito é fazer-se herdeiro de tudo o que o ambiente oferece, inclusive de aspectos indigestos da vida sexual e da destrutividade parental. Às vezes, o que “o ambiente oferece” são formas muito idealizadas de perfeição e de poder que entram na composição do mundo interno sob a forma de objetos ideais, para o bem e para o mal. A criança pode se sentir ou bem excluída e perseguida, “estão todos contra ela”, ou bem invadida de forma absoluta e mortífera, o que torna o desamparo e a ameaça tornam-se muito grandes. Ou então pode, imaginariamente, formar uma dupla ou um trio com um dos pais ou um dos irmãos “contra o mundo”. Neste caso, há sempre uma confusão de identidades, e os aspectos mais grandiosos ou ameaçadores das pessoas entram em combinação com essas mesmas tendências da criança, criando objetos internos ideais e violentos. Fazer-se herdeiro significa, pois, conseguir ultrapassar essas figuras internas grandiosas e repletas de arbítrio, dissolvendo-as e modificando-as.

Como vimos, Melanie Klein propunha que o desenvolvimento de uma nova subjetividade dependia da elaboração da posição depressiva e da introjeção do objeto bom, sobretudo durante os cinco primeiros anos de vida, embora isso devesse ser retomado ao longo de toda a vida em um contínuo processo de reconstrução de si mesmo. Vejamos o que significam estas teorias – elaborar a posição depressiva e introjetar o objeto bom – pois isto nos levará a compreender o mundo interno que precisa ser constituído, para que se possa estar só na presença de alguém.

Elaborar a posição depressiva é separar-se da simbiose originária e das demandas de amor mais violentas e *thanáticas*, moderando-as e erotizando-as, para que possam preservar a independência do outro amado e o projeto de emergir como um novo sujeito, pois o risco é sempre cair nos pólos extremos: ou fundir-se irremediavelmente às pessoas queridas e não nascer psiquicamente ou, para se defender dessa espécie de morte psíquica, ignorar as pessoas e destruir seu valor, de maneira que passam a não ter mais nenhuma existência significativa. Mas aí, também não será possível subjetivar-se; ter-se-á destruído os tijolos vivos e a argamassa que poderiam vir a ser alguém.

Muito cedo, Melanie Klein deu-se conta de que era preciso fazer um luto e uma ressurreição dos primeiros amores, para chegar a nascer psiquicamente. Esse processo de luto e separação presente na posição depressiva é semelhante à elaboração do complexo de Édipo, através do complexo de castração, tal como havia sido descrito por Freud.

Por que Klein?

Ronald Britton, um neo kleiniano, chega a afirmar que: “resolvemos o complexo de Édipo elaborando a posição depressiva e resolvemos a posição depressiva elaborando o Complexo de Édipo, que nenhum dos dois é jamais terminado e que ambos tem que ser trabalhados em cada nova situação de vida” (BRITTON, 2003, p.53).

Mas por que cada nova situação de vida e cada porção de seu próprio *self* requer, para surgir, tanto luto? É preciso matar os “deuses” da infância e a criança magnífica que aparece perfeita e absoluta, ao lado dos pais, em uma tríade narcísica. Trata-se de abandonar as necessidades mais absolutas de ser amado e as representações mais idealizadas ou denegridas de si, e dos outros personagens edípicos, os pais e os irmãos.

O desejo de ser tudo para alguém, mantendo com ele um estado de fascinação passional, tem de ser deixado para trás, de modo a aceitarmos uma relação em que os parceiros têm vidas e prazeres próprios, independentes um do outro. É preciso que nos desembaracemos desses nós originários.

Digamos que os momentos mais narcísicos que precisam ser deixados para trás envolvem relações mútuas de fascinação e dependência, tanto entre duas como entre três pessoas – são as díades ou tríades narcísicas, tão intensas quanto aprisionadoras, constituindo o que podemos chamar de um objeto bom ideal, magnífico e absoluto, mas que rapidamente se torna ameaçador e persecutório, pois estabelece um padrão muito elevado de perfeição e exigência.

O chamado “objeto bom ideal” é a construção monstruosa de um dinamismo que reúne tudo que há de mais passional em nossa demanda de amor, amalgamado ao que há de mais primitivo e absoluto na demanda de amor do outro: o resultado é uma fascinação recíproca. As díades acontecem quando vivemos a fantasia de plenitude a dois, e a tríade mais primitiva é aquela que formamos com o casal parental – mas há nisso sempre uma grande dose de indiferenciação entre homem e mulher, filhos e pais, sexo e ternura, ou seja: confusão entre identidades sexuais e gerações. De um lado, um sexual separado de ternura, e do outro, uma ternura dessexualizada, pois o estado narcísico também dá origem a oposições radicais em que um polo tem de anular e recusar o outro. Vê-se, por essa descrição, que estes “bons objetos ideais” são nós indiferenciados de desejos e exigências de perfeição, que precisam ser desembaraçados para que possamos ter uma mente própria.⁵¹

⁵¹ Cf. “Tendo Mente Própria” de Robert Caper, In Caper, R. *Tendo Mente Própria. Uma visão kleiniana do self e do objeto*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2002.

Por que Klein?

Em contraste com os objetos ideais, o objeto simplesmente bom nasce de uma experiência diferente da paixão sem medida, da ilusão de tudo ser que se torna tão absoluta a ponto de negar os aspectos miúdos e corriqueiros da experiência de amar. O objeto suficientemente bom corresponde à elaboração do Édipo e da posição depressiva. Ele é tanto a origem quanto a meta da capacidade para estar só. Trata-se do nome de uma experiência de prazer, acolhimento e segurança, da presença residual de um *dinamismo relacional*, a memória de que, no início, havia ali duas pessoas - uma delas tinha necessidade de algo que a ela foi entregue pela outra pessoa, por quem a primeira sente gratidão. Aqui há uma diferenciação e uma aliança maiores entre o masculino e o feminino, o parental e o filial.

O objeto bom é, pois, um *nome*, com a propriedade que os nomes têm de nos transportar de um lugar a outro. Pensando sobre isso, compreendo melhor a insistência de Lacan acerca da metáfora paterna, o “nome do pai”. O significante *ser pai* é o que nos transporta para outro lugar, para a dimensão simbólica, metaforizante. A experiência imediata é lançada para novos sentidos potenciais. Quais são as funções do pai? Interdição, regulação, mediação. Proteger, dar segurança, prover. Criar e distribuir os bens necessários à vida, como em uma obra de arquitetura primitiva que transporta água de longe para mais perto, que inventa instrumentos para canalizar, construir, suprir.⁵² Não é difícil lembrar dos deslocamentos criativos de um poema, ou da ficção inspirada, capaz de renomear e ressignificar um mundo de fatos insignificantes ou paralisantes.

O objeto suficientemente bom é um memorial, é um rumor de distâncias atravessadas. No eco, na distância de ser lembrado, ele será assimilado, dando a ser uma nova pessoa. Ele ainda vai ser. Talvez seja *esta* sua maior virtude, o seu tempo futuro e o seu desejo de alterar-se, de tornar-se outro, diferenciar-se. Em contraste com isso, o pai da horda primitiva⁵³ é uma explosão de poder arbitrário e egoísmo. Imagino o pai cruel da horda primitiva como um grande bloco de granito ocupando o interior da nova subjetividade, como um enclave indissolúvel. Ao construir sua nova “casa”, o jovem arquiteto, incapaz de remover aquela imensa rocha de granito, não tem outra saída senão deixá-la por ali ocupando espaço vital da sala de visitas, ou do quarto de dormir; e um pouco sufocado, constrói as paredes de si em torno desse grande

⁵² Há um filme “O despertar de uma paixão” que se passa na China em uma localidade rural, onde uma epidemia de cólera mata grande parte da população e quase toda a água está contaminada. Até que um jovem médico inglês chega e tenta combater a epidemia, projetando uma obra arquitetônica simples, feita com hastes de bambu para transportar água não contaminada para o vilarejo.

⁵³ Cf. *Totem e Tabu*, de Sigmund Freud.

Por que Klein?

obstáculo inamovível. Ao contrário, o bom objeto origina as fundações estáveis e sutis de uma nova subjetividade, mas encontra-se tão dissolvido no solo do novo sujeito que ninguém mais pode enxergá-lo com nitidez. O enclave insolúvel do objeto ideal revela que, incorporado, dificilmente pode ser introjetado e integrado ao eu nascente, e permanece como um modelo a imitar ou a contrariar, uma voz que julga e condena, tirando toda a luz, como Freud (1917) descreveu em tom trágico: “a sombra do objeto caiu sobre o eu”.

Em uma análise, o analista torna-se receptivo às projeções e às demandas infantis do paciente, deixa-se embaraçar nelas, para, mais tarde, desembaraçar-se através de suas interpretações e de sua paixão por conhecer o funcionamento daquela pessoa, tanto em suas necessidades mais profundamente narcísicas quanto em seu desejo de ter mente própria. Quais são as primeiras? O narcisismo saudável é o desejo de pertencer, de união, de ser compreendido, amado e reconhecido. Torna-se patológico quando se deseja ser *plenamente* compreendido e que o outro possa estar ali completamente “a seu dispor”, atento a seus mínimos movimentos internos – sejam medos ou desejos – e pronto a suavizá-los ou atendê-los, sem descanso e sem demora. Qual é a maior aspiração do narcisismo patológico? Encontrar aquela alma gêmea completamente transparente que em nada se diferencia de mim, que nada esconde, nada retém para si. É, portanto, uma exigência de equiparação, de que não haja nenhuma diferença significativa entre eu e o outro. Que outro? A alteridade precisa ser abolida. Ou então, que essa alma gêmea seja como o gênio da lâmpada de Aladim, que transforma em ordens todos os meus desejos. É o desejo de empatia absoluta, cumplicidade, solidariedade total por parte do outro, independente do que eu tenha feito ou dito. É o movimento que leva um paciente a apropriar-se daquilo que lhe foi dito pelo analista tornando-o imediatamente algo seu, por um processo de indiferenciação, por um desejo de ser igual, de ser um com o outro.

E além das demandas narcísicas mais absolutas, o que significa este desejo de ter mente própria, de que nos fala Caper (2002) Trata-se do desejo de separar-se do outro, entrar em contato com a solidão que só cada um de nós poderá conhecer, de reencontrar a paixão por seus objetos internos. Envolve re-descobrir o prazer de cuidar de si e de responsabilizar-se por sua própria felicidade antes de cobrar isso do mundo; exige, pois, sair de um universo mágico. Leva a perceber o outro como alguém separado de mim e manter um relacionamento diferente da fusão narcísica, embora guardando espaço para a empatia, a possibilidade de comunicação, para os aspectos mais saudáveis do narcisismo. Os afetos aí suscitados são complexos e há a dor de perceber que o outro me exclui, que ele tem sua vida, que não se torna nunca

Por que Klein?

completamente transparente e acessível a mim, mas pensa por conta própria e se move independentemente de meu controle e do meu desejo. Corresponde a um desejo de autonomia e de liberdade que convive lado a lado com a aspiração narcísica de ser reconhecido, de pertencer e igualar-se.

O analista se propõe a conhecer e nomear esses diferentes desejos e demandas, a construir pontes e nexos entre eles, para que, envolvendo-se no jogo, o paciente acabe por transportar sentidos das nascentes mais férteis até os lugares mais secos e abandonados.

Ora, toda vez que na convivência miúda do dia a dia, alguém pode se esquecer de si e deixar-se esquecer por parte do outro, converte-se, ele também, em algo assimilável, nutriente. O mesmo processo de conjunções e disjunções, de mortes e renascimentos que descrevemos acima, estará acontecendo ou sendo retomado, quando se pode estar assim só, na presença de alguém.

É a difícil arte de tratar e ser tratado como um cachorro. Tudo isto para combater a tentação maior de um dia querer ser *tudo* o que o seu cachorro pensa que você é.

Trechos selecionadas da obra de Melanie Klein

Este capítulo apresenta trechos da obra kleiniana que trazem seus principais conceitos. As citações estão organizadas por temas e representam, dentro dos textos aos quais pertencem, uma espécie de síntese do conceito abordado, facilitando assim o trabalho de investigação e pesquisa⁵⁴.

A intenção é que o leitor entre em contato com a nossa autora em momentos diferentes

⁵⁴ Após iniciarmos o projeto de seleção de trechos a serem destacados na obra de Klein, encontramos o livro *Reading Klein* (2017) de Margaret e Michael Rustin, .que passou a ser também uma fonte de inspiração e um reconhecimento dessa forma de apresentação da obra.

Por que Klein?

da obra de uma forma sucinta e panorâmica.

Primeiros Trabalhos de Klein: crescimento, educação e análise de crianças

As conclusões irrefutáveis trazidas pela experiência psicanalítica exigem que as crianças sejam, sempre que possível, protegidas de qualquer repressão exagerada, fonte de doenças e de um possível desenvolvimento prejudicial do caráter...

...Podemos poupar a criança de uma repressão desnecessária ao libertar – sobretudo e em primeiro lugar em nós mesmos – toda a ampla esfera da sexualidade dos densos véus de segredo, falsidade e perigo tecidos por uma civilização hipócrita, sobre alicerces puramente afetivos e mal informados.

(O desenvolvimento de uma criança, 1921/1996, p. 22-23)

Sou da opinião de que nenhum tipo de educação prescinde de algum auxílio analítico, pois a análise oferece uma assistência valiosa, cujos efeitos, do ponto de vista profilático, são ainda incalculáveis.

(O desenvolvimento de uma criança, 1921/1996, p. 66)

Por que Klein?

Pude ainda aprender outra coisa com esse caso: as vantagens, ou mesmo a necessidade de introduzir a análise bem cedo na educação, a fim de preparar a relação com o inconsciente da criança assim que for possível entrar em contato com o seu consciente. Assim, é provável que se possa remover facilmente as inibições ou os traços neuróticos logo que eles começam a se desenvolver.

(O desenvolvimento de uma criança, 1921/1996, p.69)

Aqui gostaria de chamar a atenção para a grande importância das inibições na brincadeira a partir desse ponto de vista. A inibição e a restrição de interesses na brincadeira leva a redução das potencialidades e interesses relacionados tanto ao aprendizado, quanto ao desenvolvimento da mente como um todo.

(A análise de crianças pequenas, 1923/1996, p.121)

Ao brincar, as crianças representam simbolicamente suas fantasias, desejos e experiências. Elas empregam então a mesma linguagem, o mesmo modo de expressão arcaico, filogeneticamente adquirido, que já conhecemos dos sonhos

(Princípios psicológicos da análise de crianças, 1926/1996, p. 159)

.....as crianças produzem o mesmo número de associações para cada aspecto de seus jogos que os adultos produzem para os elementos de seus sonhos. Os detalhes da brincadeira apontam o caminho a ser seguido para o observador atento; ao mesmo tempo, a criança diz todo tipo de coisas a que se deve dar a devida importância enquanto associações.

(Princípios psicológicos da análise de crianças, 1926/1996, p. 159)

Além desse modo de representação arcaico, as crianças empregam outro mecanismo primitivo, ou seja, substituem as palavras ações (que são os precursores originais do pensamento): para as crianças, representar uma ação é muito importante.

Por que Klein?

.....Se abordarmos as crianças com a técnica apropriada à análise de adultos, certamente não conseguiremos penetrar nas camadas mais profundas de sua vida mental. Contudo, são justamente essas camadas que têm uma importância central para o valor e sucesso da análise.

.....Vejamos, por exemplo, o caso de Ruth, que enquanto era bebê passou fome durante algum tempo porque sua mãe tinha pouco leite para lhe dar. Com a idade de quatro anos e três meses, quando brincava com a pia, chamava a torneira de torneira de leite. Dizia que o leite estava escorrendo para algumas bocas (os buracos do ralo), mas que só saía um pouquinho. Esse desejo oral insaciado aparecia em inúmeros jogos e dramatizações, além de se manifestar na sua atitude como um todo. Por exemplo, ela afirmava que era pobre, só possuía um casaco e não tinha quase nada para comer – o que absolutamente não correspondia à realidade.

(Princípios psicológicos da análise de crianças, 1926/1996, p. 160)

.....Assim como o meio de expressão das crianças não é o mesmo que o dos adultos, a situação de análise de crianças também parece completamente diferente. No entanto, em ambos os casos ela é essencialmente a mesma. Interpretações consistentes, a solução gradual das resistências e o rastreamento persistente da transferência até as situações mais iniciais: tanto com as crianças quanto com os adultos, são estes os elementos que caracterizam a correta situação analítica.

(Princípios psicológicos da análise de crianças, 1926/1996, p. 161-162)

Se me permitem adaptar o ditado “É o espírito que constrói o corpo”, gostaria de dizer que é a atitude, a convicção interna que encontra a técnica necessária. É preciso reiterar aquilo que já afirmei antes: se abordarmos a análise de crianças com a mente aberta, descobriremos maneiras de sondar até mesmo os recessos mais profundos.

(Simpósio sobre análise de crianças, 1927/1996, p. 169)

Por que Klein?

Darei um passo mais adiante e afirmarei que, de acordo com a minha experiência, no caso das crianças – assim como no dos adultos – não basta estabelecer a situação analítica através de todos os meios analíticos disponíveis e evitar toda a influência educativa direta: mais do que isso, se quiser ser bem-sucedido, o analista de crianças deve ter a mesma atitude inconsciente que esperamos do analista de adultos. Ele deve estar disposto a apenas analisar a mente de seus pacientes, ao invés de tentar moldá-la ou direcioná-la. Se a ansiedade não barrar seu caminho, ele poderá aguardar calmamente o resultado adequado e, assim, esse resultado será atingido.

(Simpósio sobre análise de crianças, 1927/1996, p. 194)

Epistemofilia : o desejo de saber e suas implicações.

A conexão inicial entre o impulso epistemofílico e o sadismo é muito importante para todo o desenvolvimento mental. Essa pulsão, ativada pelo surgimento das tendências edipianas, volta-se de início principalmente para o corpo da mãe, visto como o palco de todos os processos e desenvolvimentos sexuais. Nesse ponto, a criança ainda está dominada pela posição libidinal sádico-anal, que a impele ao desejo de se *apropriar* do conteúdo do corpo. Ela então passa a sentir forte curiosidade sobre o conteúdo desse corpo, sua aparência, etc. Assim, a pulsão epistemofílica e o desejo de se apossar do objeto estão intimamente ligados desde muito cedo

Por que Klein?

e, ao mesmo tempo, associam-se ao sentimento de culpa criado pelo conflito edipiano incipiente. Essa conexão importantíssima dá início a uma fase de desenvolvimento que é essencial em ambos os sexos, mas que até agora não foi muito reconhecida. Trata-se de uma identificação muito inicial com a mãe.

(Estágios iniciais do conflito edipiano, 1928/1996, p.218)

Desse modo, o simbolismo se torna a base não só de toda a fantasia e sublimação, mas também da relação do indivíduo com o mundo externo e com a realidade em geral. Já observei que o objeto do sadismo, quando este está em seu auge, assim como do desejo de conhecimento que surge na mesma época, é o corpo da mãe com seu conteúdo fantasiado. As fantasias sádicas dirigidas contra o interior desse corpo constituem a primeira e mais básica relação com o mundo externo e a realidade. O grau de sucesso com que o indivíduo consegue passar por essa fase vai determinar até que ponto ele poderá ter acesso a um mundo externo que corresponde à realidade. Podemos ver, então, que a primeira realidade da criança é totalmente fantástica; ela se vê cercada de objetos de ansiedade e, nesse sentido, os excrementos, os órgãos, os objetos, coisas animadas e inanimadas de início são igualadas umas às outras. À medida que o ego se desenvolve, uma relação verdadeira com a realidade vai se estabelecendo a partir dessa realidade irreal. Assim, o desenvolvimento do ego e a relação com a realidade dependem da capacidade do indivíduo de tolerar a pressão das primeiras situações de ansiedade, já num período muito inicial. Como de costume, é preciso um equilíbrio ideal entre os fatores envolvidos. Uma certa quantidade de ansiedade é a base necessária para que a formação de símbolos e a fantasia ocorram em abundância; é essencial que o ego possua a capacidade adequada de tolerar a ansiedade, a fim de elaborá-la de forma satisfatória. Desse modo, essa fase básica terá uma conclusão favorável e o desenvolvimento do ego será bem-sucedido.

(A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego, 1930/1996, p. 252-253)

A Técnica de Análise Infantil

Foram justamente as muitas diferenças entre o psiquismo infantil e o do adulto que me indicaram, desde o princípio, a maneira de chegar às associações da criança e compreender seu inconsciente. Essas características especiais da psicologia infantil forneceram-me as bases da técnica lúdica que elaborei. A criança expressa suas fantasias, desejos e experiências de uma forma simbólica, através de jogos e brinquedos. Ao fazê-lo, utiliza os mesmos modos arcaicos e filogenéticos de expressão, a mesma linguagem com que já nos familiarizamos nos sonhos; a plena compreensão dessa linguagem só será obtida se dela nos acercarmos da maneira que Freud nos ensinou a nos acercarmos dos sonhos. O simbolismo constitui apenas uma parte dessa linguagem. Se quisermos compreender corretamente o brinquedo da criança em relação a todo o seu comportamento durante a hora da análise, não devemos contentar-nos em desvendar o significado de símbolos isolados, por mais reveladores que sejam; é preciso levar em consideração todos os mecanismos e métodos de representação empregados no trabalho onírico, jamais perdendo de vista a relação de cada fator isolado com a situação global. A análise infantil tem-nos demonstrado repetidas vezes quantos significados diferentes um simples brinquedo ou a simples peça de um jogo podem ter. Só chegaremos a compreender plenamente o seu significado quando conhecermos suas conexões ulteriores e a situação analítica geral dentro da qual se situam...

...pois brincar é o meio de expressão mais importante da criança. Ao utilizarmos essa técnica lúdica, logo descobrimos que a criança faz tantas associações aos elementos isolados de seu brinquedo quanto o adulto aos elementos isolados de seus sonhos. Cada um desses elementos lúdicos é uma indicação para o observador experimentado, já que, enquanto brinca, a criança também fala e diz toda sorte de coisas que têm o valor de associações genuínas.

(A Psicanálise de Crianças)

Luto, a descoberta da posição depressiva e suas implicações para o desenvolvimento do Édipo.

Assim, quando o sofrimento é vivido ao máximo e o desespero atinge seu auge, o indivíduo de luto vê brotar novamente seu amor pelo objeto. Ele sente com mais força que a vida continuará por dentro e por fora, e que o objeto amado perdido pode ser preservado em seu interior. Nesse estágio do luto, o sofrimento pode se tornar produtivo. Sabemos que experiências dolorosas de todos os tipos às vezes estimulam as sublimações, ou até despertam novas habilidades nas pessoas, que começam a pintar, escrever ou iniciam outras atividades produtivas sob a pressão das frustrações e adversidades. Outras se tornam mais produtivas de uma maneira diferente: mais capazes de apreciar as coisas e as pessoas, mais tolerantes na sua relação com os outros, elas se tornam mais sábias. Em meu ponto de vista, obtém-se esse enriquecimento através de processos semelhantes às etapas do luto que acabamos de estudar. Isto é, qualquer dor trazida por experiências infelizes, qualquer que seja sua natureza, tem algo em comum com o luto. Ela reativa a posição depressiva infantil; a superação de qualquer tipo de adversidade envolve um trabalho mental semelhante ao do luto.

(O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos, 1940/1996, p.403)

Por que Klein?

Agora farei um resumo dos meus conceitos a respeito dessas questões essenciais. De acordo com meu ponto de vista, o desenvolvimento sexual e emocional tanto do menino quanto da menina inclui, *desde a mais tenra infância*, sensações e tendências genitais, que constituem os primeiros estágios do complexo de Édipo positivo e invertido; elas são vividas sob a primazia da libido oral, e se misturam a desejos e fantasias uretrais e anais. Os estágios libidinais se sobrepõem desde os primeiros meses de vida. As tendências edipianas positivas e invertidas interagem entre si desde o início. É durante o estágio da primazia genital que a situação edipiana positiva atinge seu clímax.

A meu ver, bebês de ambos os sexos possuem desejos genitais voltados para a mãe e para o pai, e têm um conhecimento inconsciente tanto da vagina quanto do pênis. Por esses motivos, o termo “fase genital”, empregado anteriormente por Freud, parece-me mais adequado do que o conceito posterior de “fase fálica”.

Em ambos os sexos, o superego passa a existir durante a fase oral. Sob o domínio da vida de fantasia e de emoções conflitantes, a criança introjeta seus objetos – antes de mais nada, os pais – em cada estágio de sua organização libidinal, construindo o superego a partir desses elementos.

Assim, apesar de o superego corresponder em vários aspectos às pessoas reais no mundo da criança pequena, ele possui vários componentes e características que refletem as imagens fantásticas em sua mente. Todos os fatores que exercem uma influência sobre as relações de objeto da criança participam desde o início da construção do superego.

O primeiro objeto introjetado, o seio da mãe forma a base do superego. Assim como a relação com o seio da mãe precede e influencia profundamente a relação com o pênis do pai, do mesmo modo a relação com a mãe introjetada afeta de várias maneiras todo o curso do desenvolvimento do superego. Algumas das características mais importantes do superego – sejam de natureza amorosa e protetora, ou destrutiva e devoradora – derivam dos componentes maternos iniciais do superego.

Os primeiros sentimentos de culpa em ambos os sexos são oriundos dos desejos sádicos-orais de devorar a mãe, principalmente seus seios (Abraham). Portanto, é no início da infância que surge o sentimento de culpa. A culpa não aparece apenas quando o complexo de Édipo chega ao fim; ao contrário, ela é um dos fatores que, desde o início, moldam seu

Por que Klein?

desenvolvimento e afetam seu resultado.

Freud, como já sabemos, chegou à conclusão teórica de que o pai, assim como a mãe, é objeto dos desejos libidinais do filho (cf. o conceito de complexo de Édipo invertido). Além disso, em algumas de suas obras (entre os históricos de caso, merece destaque a “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos”, 1909), Freud levou em consideração o papel desempenhado pelo amor ao pai no conflito edipiano positivo do menino. No entanto, não deu a importância necessária ao papel crucial desses sentimentos amorosos, não só no desenvolvimento do conflito edipiano, como na sua superação. De acordo com minha experiência, a situação edipiana perde a força não só porque o menino teme a destruição do seu órgão genital pelo pai vingativo, mas também porque é impelido por sentimentos de amor e culpa a preservar o pai como figura interna e externa.

A inveja do pênis e o complexo de castração desempenham um papel importante no desenvolvimento da menina. Contudo, eles são reforçados pela frustração de seus desejos edipianos positivos. Apesar de num determinado estágio a menina supor que a mãe possua um pênis como atributo masculino, essa ideia não desempenha um papel tão importante em seu desenvolvimento como sugere Freud. De acordo com minha experiência, a teoria inconsciente de que a mãe contém dentro de si o pênis admirado e desejado do pai está por trás de vários dos fenômenos que Freud descreve como a relação da menina com a mãe fálica.

Os desejos orais da menina pelo pênis do pai se misturam aos seus primeiros desejos genitais de receber esse pênis. Esses desejos genitais implicam a vontade de receber filhos do pai, que também é corroborada pela equação “pênis=criança”. O desejo feminino de internalizar o pênis e receber um filho do pai sempre precede o desejo de possuir o seu próprio pênis.

Apesar de concordar com Freud a respeito da proeminência do medo da perda de amor e da morte da mãe entre as ansiedades da menina, acredito que o temor de ter o corpo atacado e os objetos amados internos destruídos contribui de forma fundamental para sua principal situação de ansiedade.

(O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas, 1945; pp. 461 – 463)

Por que Klein?

Juntamente com esse desenvolvimento ocorre uma mudança de maior importância: a passagem de uma relação de objeto parcial para a relação com um objeto total. Ao dar esse passo, o ego atinge nova posição, que serve de base para a situação chamada de perda do objeto amado. Só quando o objeto é amado *como um todo* é que sua perda pode ser sentida como um todo.

(Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos, 1935/1996, p. 306)

No primeiro estágio do desenvolvimento mental, todo estímulo desagradável parece estar relacionado na fantasia do bebê aos seios "hostis" que se negam, enquanto todo estímulo agradável estaria ligado aos seios "bons" que trazem gratificação. Tudo indica que existem dois círculos, um benévolo e outro vicioso, ambos calcados na interação de fatores ambientais ou externos e fatores psíquicos internos. Desse modo, qualquer redução na quantidade ou intensidade de estímulos dolorosos, assim como o aumento da capacidade de se ajustar a eles, ajudaria a suavizar a força das fantasias de natureza aterrorizante. A diminuição das fantasias assustadoras permite por sua vez que a criança se encaminhe para uma melhor adaptação à realidade, o que por sua vez ajuda a reduzir essas fantasias.

Para que haja um desenvolvimento mental adequado, é importante que a criança caia sob influência do círculo benévolo que acabei de descrever; quando isso acontece, ela tem facilidade bem maior de formar uma imagem da mãe enquanto pessoa; essa percepção crescente da mãe como um todo implica mudanças importantes no seu desenvolvimento intelectual e emocional.

(O desmame, 1936/1996, p. 333)

Sobre a posição esquizo-paranoide e a identificação projetiva

Temos razões, creio eu, para supor que algumas funções que encontramos no ego mais tardio lá estão desde o início. Proeminente entre elas é a de lidar com a ansiedade. Considero que a ansiedade surge da operação da pulsão de morte dentro do organismo, é sentida como medo de aniquilamento (morte) e toma a forma de perseguição. O medo do impulso destrutivo parece ligar-se imediatamente a um objeto, ou melhor, é vivenciado como medo de um incontrolável objeto dominador.

(...)

A necessidade vital de lidar com a ansiedade força o ego arcaico a desenvolver mecanismos e defesas fundamentais. O impulso destrutivo é parcialmente projetado para fora (deflexão da pulsão de morte) e, acredito, prende-se ao primeiro objeto externo, o seio da mãe.

(Notas sobre alguns mecanismos esquizóides, 1946/1991, p. 23-24)

Em estados de frustração e ansiedade, os desejos sádico-orais e canibalescos são reforçados, e então o bebê sente ter tomado para dentro de si o mamilo e o seio em pedaços. Portanto, além da separação entre um seio bom e um seio mau na fantasia do bebê, o seio frustrador — atacado em fantasias sádico-orais — é sentido como fragmentado; e o seio gratificador — tomado para dentro sob a prevalência da libido de sucção — é sentido como inteiro. Esse primeiro objeto bom interno atua como um ponto focal no ego. Ele contrabalança os processos de cisão e dispersão, é responsável pela coesão e integração e é instrumental na construção do ego. O sentimento do bebê de ter dentro de si um seio bom e inteiro pode, não obstante, ser abalado pela frustração e pela ansiedade. Como consequência, pode tornar-se

Por que Klein?

difícil manter a separação entre o seio bom e o seio mau, e o bebê pode sentir que também o seio bom está despedaçado.

(...)

...É em fantasia que o bebê cinde o objeto e o self; porém, o efeito dessa fantasia é bastante real, porque leva a sentimentos e relações (e, mais tarde, processos de pensamento) ficarem, de fato, isolados uns dos outros.

(...)

...A introjeção e a projeção também são usadas desde o início da vida a serviço desse objetivo primário do ego. A projeção, tal como Freud descreveu, origina-se da deflexão da pulsão de morte para fora e, a meu ver, ajuda o ego a superar a ansiedade livrando-o de perigo e de coisas más. A introjeção do objeto bom é também usada pelo ego como uma defesa contra a ansiedade.

(Notas sobre alguns mecanismos esquizóides, 1946/1991, p. 25)

...O objeto frustrador e perseguidor é mantido completamente separado do objeto idealizado. No entanto, o objeto mau não é apenas mantido separado do bom; sua própria existência é negada, assim como são negados toda a situação de frustração e os maus sentimentos (dor) a que a frustração dá origem. Isso se relaciona com a negação da realidade psíquica. A negação da realidade psíquica só se torna possível através de fortes sentimentos de onipotência, uma característica essencial da mentalidade arcaica. A negação onipotente da existência do objeto mau e da situação de dor é, para o inconsciente, igual à aniquilação pelo impulso destrutivo.

(Notas sobre alguns mecanismos esquizóides, 1946/1991, p. 26)

Muito do ódio contra partes do self é agora dirigido contra a mãe. Isso leva a uma forma particular de identificação que estabelece o protótipo de uma relação de objeto agressiva. Sugiro o termo "identificação projetiva" para esses processos. Quando a projeção é derivada principalmente do impulso do bebê de danificar ou controlar a mãe, ele a sente como um perseguidor.

(...)

Os processos de excisão de partes do self e sua projeção para dentro dos objetos são, assim, de importância vital para o desenvolvimento normal, bem como para as relações de objeto anormais.

(Notas sobre alguns mecanismos esquizóides, 1946/1991, p. 27-28)

Por que Klein?

...No desenvolvimento normal, os estados de desintegração vividos pelo bebê são transitórios. A gratificação por parte do objeto bom externo, entre outros fatores, ajuda reiteradamente a transpor esses estados esquizoides. A capacidade do bebê de superar estados esquizoides temporários está em conformidade com a grande elasticidade e capacidade de recuperação da mente infantil. Estados de cisão e, portanto, de desintegração, que o ego é incapaz de superar, que ocorram com muita frequência e perdurem muito tempo devem ser considerados, a meu ver, sinal de doença esquizofrênica no bebê; alguns indícios dessa doença podem ser observados desde os primeiros meses de vida. Em pacientes adultos, estados de despersonalização e de dissociação esquizofrênica parecem ser uma regressão a esses estados infantis de desintegração.

(Notas sobre alguns mecanismos esquizóides, 1946/1991, p.29)

Durante a segunda metade do primeiro ano, o bebê dá alguns passos fundamentais em direção à elaboração da posição depressiva. Entretanto, os mecanismos esquizoides ainda permanecem ativos, embora de forma modificada e em menor grau, e as situações de ansiedade arcaica são reiteradamente vivenciadas no processo de modificação. A elaboração das posições depressiva e persecutória estende-se pelos primeiros anos da infância e desempenha um papel essencial na neurose infantil. No decurso desse processo, as ansiedades vão perdendo força; os objetos tornam-se ao mesmo tempo menos idealizados e menos aterrorizantes, e o ego torna-se mais unificado. Tudo isso está interligado com a percepção crescente da realidade e com a adaptação a ela.

Se o desenvolvimento durante a posição esquizo-paranoide não progrediu normalmente e o bebê não pode, por motivos internos ou externos, fazer face ao impacto das ansiedades depressivas, cria-se um círculo vicioso. Pois, se o medo persecutório e os correspondentes mecanismos esquizoides são muito fortes, o ego não é capaz de elaborar a posição depressiva. Isso força o ego a regredir para a posição esquizo-paranoide e reforça os medos persecutórios e os fenômenos esquizoides mais anteriores. Fica assim estabelecida a base para várias formas de esquizofrenia na vida futura, pois, quando tal regressão ocorre, não apenas são reforçados os pontos de fixação na posição esquizoide como também há o perigo do estabelecimento de estados de desintegração maiores. Um outro resultado possível seria o fortalecimento de traços depressivos.

(...)

Algumas flutuações entre a posição esquizo-paranoide e a depressiva sempre ocorrem e fazem parte do desenvolvimento normal. Portanto, não se pode traçar uma divisão clara entre dois estágios do desenvolvimento; além disso, a modificação é um processo gradual e os

Por que Klein?

fenômenos das duas posições permanecem por algum tempo entrelaçados e interagindo em alguma medida.

(Notas sobre alguns mecanismos esquizóides, 1946/1991, p. 34-35)

Essa falta de ansiedade em pacientes esquizoides é apenas aparente. Pois os mecanismos esquizoides implicam uma dispersão das emoções, inclusive da ansiedade, mas esses elementos dispersos ainda existem no paciente. Tais pacientes têm uma certa forma de ansiedade latente que é mantida em latência pelo método particular da dispersão. O sentimento de estar desintegrado, de ser incapaz de vivenciar emoções, de perder seus objetos, é na realidade o equivalente da ansiedade. Isso se torna mais claro quando foram realizados progressos na síntese. O grande alívio que um paciente então experimenta provém de um sentimento de que seus mundos interno e externo não só se reaproximaram como também voltaram à vida. Nesses momentos parece, em retrospecto, que quando as emoções estavam faltando, as relações eram vagas e incertas, e que partes da personalidade eram sentidas como perdidas e tudo parecia morto.

(Notas sobre alguns mecanismos esquizóides, 1946/1991, p. 40)

Eu sugeriria que um objeto bom firmemente estabelecido, o que pressupõe um amor por ele também firmemente estabelecido, dá ao ego um sentimento de riqueza e abundância, que faculta um extravasamento de libido e a projeção de partes boas do self no mundo externo sem que surja uma sensação de esvaziamento. O ego pode, então, sentir que também é capaz de reintrojetar o amor que distribuiu, assim como internalizar o “bom” de outras fontes e, dessa forma, ser enriquecido por todo o processo. Em outras palavras, em tais casos existe um equilíbrio entre dar e receber, entre projeção e introjeção.

Além disso, sempre que um seio não-danificado é internalizado, em situações de gratificação e amor, há uma influência na maneira pela qual o ego cinde e projeta. Como eu sugeri, existe uma variedade de processos de cisão (sobre os quais temos ainda muito a descobrir) cuja natureza é de grande importância para o desenvolvimento do ego. O sentimento de conter um mamilo e um seio não-danificados – embora coexistindo com fantasias de um seio devorado e, portanto, em pedaços – faz com que a cisão e a projeção não sejam predominantemente relacionadas a partes fragmentadas da personalidade, e sim a partes mais coesas do self. Isso implica que o ego não é exposto a um enfraquecimento fatal por dispersão

Por que Klein?

e, por essa razão, é mais capaz de desfazer repetidamente a cisão e de conseguir integração e síntese em sua relação com objetos

Inversamente, o seio internalizado com ódio e, portanto, sentido como sendo destrutivo, torna-se o protótipo de todos os objetos internos maus, leva o ego a novas cisões e torna-se o representante interno da pulsão de morte

(Sobre a identificação, 1955/1991, p. 173 – 174)

Sobre Inveja e Gratidão

Há muitos anos venho me interessando pelas fontes mais arcaicas de duas atitudes que sempre nos foram familiares: a inveja e a gratidão. Cheguei à conclusão de que a inveja é um fator muito poderoso no solapamento das raízes dos sentimentos de amor e de gratidão, pois ela afeta a relação mais antiga de todas, a relação com a mãe.

.... Considero que a inveja é uma expressão sádico-oral e sádico-anal de impulsos destrutivos, em atividade desde o começo da vida, e que tem base constitucional.

(Inveja e Gratidão, 1957/1991, p.207)

A experiência tem me ensinado que a complexidade da personalidade plenamente desenvolvida só pode ser entendida se obtivermos insight sobre a mente do bebê e acompanharmos o seu desenvolvimento na vida subsequente. Isso equivale a dizer que a análise percorre o caminho que vai da vida adulta à infância e, através de estágios intermediários, retorna à vida adulta, num movimento recorrente, para frente e para trás, de acordo com a situação transferencial predominante.

Ao longo de todo meu trabalho, tenho atribuído importância fundamental à primeira relação de objeto do bebê - a relação com o seio materno e com a mãe – e cheguei à conclusão de que se esse objeto originário, que é introjetado, fica enraizado no ego em relativa segurança, está assentada a base para um desenvolvimento satisfatório.... Sob o predomínio dos impulsos orais, o seio é instintivamente sentido como sendo a fonte de nutrição e, portanto, num sentido mais profundo, da própria vida. Essa proximidade física e mental com o seio gratificador em certa medida restaura, se tudo corre bem, a perdida unidade pré-natal com a mãe e o sentimento de segurança que a acompanha. Isso depende em grande parte da capacidade do bebê de investir

Por que Klein?

suficientemente o seio ou seu representante simbólico, a mamadeira; dessa maneira, a mãe é transformada em um objeto amado. Pode bem ser que o ter sido parte da mãe no estado pré-natal contribua para o sentimento inato do bebê de que existe fora dele algo que lhe dará tudo que necessita e deseja. O seio bom é tomado para dentro e torna-se parte do ego, e o bebê, que antes estava dentro da mãe, tem agora a mãe dentro de si.

(Inveja e Gratidão, 1957/1991, p.209-210)

Poderíamos, portanto, considerar o anseio universal pelo estado pré-natal com sendo também, em parte uma expressão da necessidade premente de idealização. Se investigarmos esse anseio à luz da idealização, encontramos que uma de suas fontes é a forte ansiedade persecutória suscitada pelo nascimento. Poderíamos especular que essa primeira forma de ansiedade possivelmente abrange as experiências desagradáveis do bebê ainda não nascido, as quais, juntamente com o sentimento de segurança no útero, prenunciam a relação dupla com a mãe: o seio bom e o seio mau.

As circunstâncias externas desempenham um papel vital na relação inicial com o seio. Se o nascimento foi difícil, e se, particularmente, resulta em complicações como falta de oxigênio, há uma perturbação na adaptação ao mundo externo e a relação com o seio inicia-se sob condições de grande desvantagem. Em tais casos, a capacidade do bebê de experimentar novas fontes de gratificação é prejudicada e, em consequência, ele não pode internalizar, suficientemente um objeto originário realmente bom. Além disso, se a criança é ou não adequadamente alimentada e cercada de cuidados maternos, se a mãe frui plenamente ou não os cuidados com a criança, ou se ela é ansiosa e tem dificuldades psicológicas com a amamentação – todos esses fatores influenciam a capacidade do bebê de aceitar o leite com prazer e de internalizar o seio bom.

Um elemento de frustração por parte do seio está fadado a entrar na relação mais inicial do bebê com o seio, porque até mesmo uma situação feliz de amamentação não pode substituir completamente a unidade pré-natal com a mãe. Além disso, o anseio do bebê por um seio inexaurível e sempre presente não se origina, absolutamente, apenas de uma ânsia por alimento ou de desejos libidinais. Pois, mesmo nos estágios mais iniciais, a premência por obter constante evidência do amor da mãe está fundamentalmente enraizada na ansiedade. A luta entre as pulsões de vida e de morte e a resultante ameaça de aniquilamento do self e do objeto por impulsos destrutivos são fatores fundamentais na relação inicial do bebê com sua mãe. Isso porque seus desejos implicam querer que o seio, e em seguida a mãe, fizessem desaparecer esses impulsos destrutivos e a dor da ansiedade persecutória.

Concomitantemente a experiências felizes, ressentimentos inevitáveis reforçam o conflito inato entre o amor e o ódio, isto é, basicamente entre as pulsões de vida e de morte, o que resulta no sentimento de que existem um seio bom e um seio mau. Consequentemente, a vida emocional arcaica caracteriza-se por uma sensação de perda e recuperação do objeto bom.

(Inveja e Gratidão, 1957/1991, p.210-211)

Deve-se fazer uma distinção entre inveja, ciúme e voracidade. A inveja é o sentimento raivoso de que outra pessoa possui e desfruta algo desejável – sendo o impulso invejoso o de

Por que Klein?

tirar este algo ou de estragá-lo. Além disso, a inveja pressupõe a relação do indivíduo com uma só pessoa e remonta à mais arcaica e exclusiva relação com a mãe. O ciúme é baseado na inveja, mas envolve uma relação com, pelo menos, duas pessoas; diz respeito principalmente ao amor que o indivíduo sente como lhe sendo devido e que lhe foi tirado, ou está em perigo de sê-lo, por seu rival. Na concepção corriqueira de ciúme, um homem ou uma mulher se sente privado, por outrem, da pessoa amada.

A voracidade é uma ânsia impetuosa e insaciável, que excede aquilo que o sujeito necessita e o que o objeto é capaz e está disposto a dar. A nível inconsciente, a voracidade visa, primariamente, escavar completamente, sugar até deixar seco e devorar o seio; ou seja, seu objetivo é a introjeção destrutiva, ao passo que a inveja procura não apenas despojar dessa maneira, mas também depositar maldade primordialmente excrementos maus e partes más do self, dentro da mãe, acima de tudo dentro do seu seio, a fim de estragá-la e destruí-la. No sentido mais profundo, isso significa destruir a criatividade da mãe..... Uma diferença essencial entre voracidade e inveja, embora nenhuma linha divisória rígida possa ser traçada, visto estarem tão estreitamente associadas, seria, então, que a voracidade está ligada principalmente à introjeção e a inveja à projeção.

(Inveja e Gratidão, 1957/1991, p.212 – 213)

Encontramos essa inveja primitiva revivida na situação transferencial. Por exemplo: o analista acabou de dar uma interpretação que trouxe alívio ao paciente e que produziu uma mudança de estado de ânimo, de desespero para esperança e confiança. Com certos pacientes, ou com o mesmo paciente em outros momentos, essa interpretação proveitosa pode logo tornar-se alvo de uma crítica destrutiva. Ela, então, não é mais sentida como algo bom que ele tenha recebido e vivenciado como enriquecimento. Sua crítica pode ater-se a pontos de menor importância; a interpretação deveria ter sido dada antes; foi longa demais e perturbadora as associações do paciente; ou foi muito curta, e isso quer dizer que ele não foi suficientemente compreendido. O paciente invejoso reluta em atribuir sucesso ao trabalho do analista; e, se ele sente que o analista e o auxílio que este lhe está dando ficaram estragados e desvalorizados por sua crítica invejosa, não poderá introjetá-lo suficientemente como um objeto bom, nem aceitar suas interpretações com convicção real e assimilá-las. A convicção verdadeira como vemos frequentemente em pacientes menos invejosos, implica gratidão por uma dádiva recebida. O paciente invejoso também pode sentir que é indigno de beneficiar-se pela análise, devido à culpa pela desvalorização do auxílio dado.

Não é preciso dizer que nossos pacientes nos criticam por uma variedade de razões, às vezes justificadamente. Mas a necessidade que tem um paciente de desvalorizar o trabalho analítico que experimentou como proveitoso é expressão de inveja. Na transferência, descobrimos as raízes da inveja se as situações emocionais que encontramos em estágios anteriores forem retraçadas até o estágio primário. A crítica destrutiva é particularmente evidente em pacientes paranóides que se comprazem no prazer sádico de desmerecer o trabalho do analista, ainda que este lhes tenha proporcionado certo alívio. Nesses pacientes, a crítica invejosa é bastante aberta; noutros, pode desempenhar um papel igualmente importante, mas permanece não expressa e até mesmo inconsciente. Em minha experiência o progresso lento que fazemos em tais casos está também relacionado à inveja. Vemos que suas dúvidas e

Por que Klein?

incertezas sobre o valor da análise persistem. O que acontece é que a parte hostil e invejosa de seu self é excindida pela paciente, e ele apresenta constantemente ao analista outros aspectos que sente como mais aceitáveis. Contudo, as partes excindidas influenciam essencialmente o curso da análise, a qual, em última instância, só pode ser eficaz se conseguir integração e se lidar com o todo da personalidade. Outros pacientes tornam-se confusos para evitar serem críticos. Essa confusão não é apenas uma defesa, mas também expressão de incerteza quanto ao fato de o analista ainda permanecer como uma figura boa, ou terem, o analista e o auxílio que está dando, se tornado maus, em decorrência da crítica hostil do paciente. Eu remontaria essa incerteza aos sentimentos de confusão que são uma das consequências da perturbação da relação mais arcaica com o seio materno. O bebê que, devido à intensidade de mecanismos paranoides e esquizoides e ao ímpeto da inveja, não consegue de forma bem-sucedida dividir e manter separados o amor e o ódio e, portanto, o objeto bom do objeto mau, está sujeito a sentir-se confuso entre o que é bom e o que é mau em outros contextos.

Desse modo, a inveja e as defesas contra ela desempenham um papel importante na reação terapêutica negativa, além dos fatores descobertos por Freud e mais amplamente desenvolvidos por Joan Riviere. Pois a inveja e as atitudes a que dá origem interferem na construção gradual de um objeto bom na situação transferencial. Se, no estágio mais inicial, o bom alimento e o objeto bom originário não puderam ser aceitos e assimilados, isso se repete na transferência e o curso da análise é prejudicado.

(Inveja e Gratidão, 1957/1991, p.p.215 – 216)

Em contraste com o bebê que, devido à sua inveja, foi incapaz de construir seguramente um objeto bom interno, uma criança com uma forte capacidade de amor e gratidão tem uma relação profundamente enraizada com um objeto bom e pode suportar, sem ficar profundamente danificada, estados temporários de inveja, ódio e ressentimento que surgem mesmo em crianças que são amadas e recebem bons cuidados maternos. Assim, quando esses estados negativos são transitórios, o objeto bom é recuperado a cada vez. Esse é um fator essencial para estabelecê-lo e para assentar as bases da estabilidade No curso do desenvolvimento, a relação com o seio materno torna-se a base para a dedicação a pessoas, valores e causas e, assim, é transformada certa parte do amor que era inicialmente voltado ao objeto originário.

(Inveja e Gratidão, 1957/1991, p.219)

Para tornar mais claro meu argumento, é necessário fazer alguma referência às minhas concepções sobre o ego arcaico. Acredito que ele existe desde o início da vida pós-natal, embora sob forma rudimentar e com grande falta de coesão. Já no estágio mais inicial, ele desempenha uma série de funções importantes. Pode bem ser que esse ego arcaico se assemelhe à parte inconsciente do ego postulada por Freud.

(Inveja e Gratidão, 1957/1991, p.222)

Por que Klein?

Enquanto aquelas pessoas que puderam estabelecer com relativa segurança o objeto originário são capazes de conservar amor por ele apesar de imperfeições, outras têm como características a idealização de suas relações amorosas e amizades. Essa idealização tende a desmoronar, e, então, um objeto amado tem que ser constantemente trocado por outro, pois nenhum pode preencher integralmente as expectativas. A pessoa anteriormente idealizada é muitas vezes sentida como um perseguidor (o que revela a origem da idealização como contrapartida à perseguição) e dentro dela é projetada a atitude invejosa e crítica do sujeito. É de grande importância o fato de processos semelhantes operarem no mundo interno, o qual, desse modo, passa a conter objetos especialmente perigosos. Tudo isso leva a instabilidade nos relacionamentos.

(Inveja e Gratidão, 1957/1991, p.225)

Algumas obras sobre Melanie Klein

Dicionários do Pensamento Kleiniano

Dicionário do pensamento kleiniano.

Robert Douglas Hinshelwood

Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

The New Dictionary of Kleinian Thought

Elizabeth Bott Spillius, Jane Milton, Penelope Garvey, Cyril Couve and Deborah Steiner

London & NY Routledge, 2011.

Por que Klein?

Melanie Klein and Beyond: A Bibliography of Primary and Secondary Sources

2009, Harry Karnac

Biografias de Melanie Klein

Melanie Klein: her World and her Work.

Phyllis Grosskurth.

The Harvard University Press, 1986.

Melanie Klein: vida y pensamiento psicoanalítico

DOMINIQUE ARNOUX, 2000

Estudos da obra de Melanie Klein

Melanie Klein: Estilo e Pensamento.

Elisa Maria Ulhôa Cinto & Luís Cláudio Figueiredo.

São Paulo: Editora Escuta, 2004.

O gênio Feminino. Vol. II. Mélanie Klein. Ou o Matricídio como dor e como criatividade.

Julia Kristeva

Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

Melanie Klein I. Primeiras descobertas, primeiro sistema: 1919-1932.

Jean-Michel Petot.

São Paulo: Perspectiva, 1987.

Por que Klein?

Melanie Klein I e II

Jean-Michel Petot.

São Paulo: Perspectiva, 1991/1992.

Raízes do Pensamento Kleiniano

Mestrado Elisa Maria Ulhôa Cintra

Programa de Estudos Pós graduados em Psicologia Clínica PUC-SP, 1992.

Posição e Objeto na Obra de Melanie Klein.

Willy Baranger Tradução Maria Nestrovsky Folberg

Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

La Obra de Melanie Klein (1919-1932)

Elsa del Valle

Buenos Aires: Kargierman, 1979 v.I

La Obra de Melanie Klein (1933-1952)

Elsa del Valle

Buenos Aires: Kargierman, 1986 v.II

Obras significativas a partir do pensamento de Melanie Klein

Lectures on Technique by Melanie Klein

Ed. With Critical Review by John Steiner

London and New York: Routledge, 2017

Por que Klein?

Reading Klein de Margaret Rustin e Michael Rustin

London & N.Y. Routledge, 2017.

A matriz da mente. Relações objetais e o diálogo psicanalítico.

Thomas Ogden

Karnac, 2015. (Texto original de 1986 publicado by Jason Aronson Inc.)

Melanie Klein. Seminarios de introducción a sua obra

Horácio Etchegoyen & Luis Minuchin

Ediciones Biebel, Buenos Aires, Argentina, 2014.

Projective Identification. The Fate of a Concept

Elizabeth Spillius and Edna O`Shaughnessy

Routledge, 2012

"... But at the same time and on another level..." Psychoanalytic Theory and Technique in the Kleinian/Bionian Mode. Vol 1. E Vol 2. Clinical Applications in the Kleinian/Bionian Mode.

James S. Grotstein

London: Karnac, 2009.

Envy and Gratitude Revisited

Priscilla Roth (ed.) & Alessandra Lemma (ed). R. Horácio Etchegoyen (forward).

Karnac, 2008.

Yesterday, Today and Tomorrow

Hanna Segal

London & NY: Routledge, 2007.

Encounters with Melanie Klein: Selected Papers of Elizabeth Spillius

Elizabeth Spillius; Dana Birksted-Breen; Priscilla Roth; Richard Rusbridger

Por que Klein?

Routledge, 2007

Uma visão da evolução clínica kleiniana. Da antropologia à psicanálise

Elizabeth Bott Spillius Tradução Tania Mara Zalberg

Imago, 2007

Real People, Real Problems, Real Solutions: The Kleinian Psychoanalytic Approach with Difficult Patients

Robert Waska Brunner-Routledge, 2005

Projective Identification in the Clinical Setting: The Kleinian Interpretation

Robert Waska Brunner-Routledge, 2004

Suffering Insanity: Psychoanalytic Essays on Psychosis

R.D. Hinshelwood

Brunner Routledge, 2004.

In Pursuit of Psychic Change: The Betty Joseph Workshop

Dana Birksted-Breen; Edith Hargreaves; Arturo Varchevker

Brunner Routledge, 2004.

Crença e imaginação – explorações em psicanálise.

Ronald Britton

Rio de Janeiro: Imago, 2003.

Os Limites da razão. Habermas, Lyotard e Melanie Klein e a racionalidade

Emilia Steuerma Trad. Julio Castanon

Rio de Janeiro: Imago, 2003.

Tendo Mente Própria. Uma visão kleiniana do self e do objeto.

Robert Caper

Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2002.

Cartas ao Objeto

Florence Guignard

Por que Klein?

Rio de Janeiro: Imago Editora, 2002.

Conferências clínicas sobre Klein e Bion.

Trad. Belinda Haber Mandelbaum e coord. Editorial Elias Mallet da Rocha Barros

Rio de Janeiro: Imago, 2000.

Psychoanalytic Psychotherapy in the Kleinian Tradition

Stanley Ruzsyczynski; Sue Johnson

Karnac Books, 1999

Belief and Imagination: Explorations in Psychoanalysis

Ronald Britton

Routledge, 1998.

Reading Melanie Klein

edited by Lyndsey Stonebridge and John Phillips.

London New York Routledge, 1998

Psicanálise, Literatura e Guerra. Artigos 1972-1995.

Hanna Segal.

Rio de Janeiro: Imago, 1998.

What Evil Means to Us

C. Fred Alford

Cornell University Press, 1997

The Contemporary Kleinians of London

Schafer, R.

Madison: International University Press, 1997.

Por que Klein?

Freud and Beyond: A History of Modern Psychoanalytic Thought

Stephen A. Mitchell; Margaret J. Black

Basic Books, 1995

Clinical Klein: From Theory to Practice

R. D. Hinshelwood

Basic Books, 1994

Conferências Clínicas sobre Klein e Bion

Robin Anderson. Tradução Belinda Haber Mandelbaum

Imago, 1994

Psychic Retreats: Pathological Organizations in Psychotic, Neurotic and Borderline Patients

John Steiner

Routledge, 1993

Sonho, Fantasia e Arte

Hanna Segal

Rio de Janeiro: Imago, 1993.

Melanie Klein: From Theory to Reality

Otto Weininger

Karnac Books, 1992

Os sujeitos da psicanálise

Thomas Ogden

Casa do Psicólogo, 1996. Texto original de 1994.

A Escola Britânica de Psicanálise.

Gregório Kohon.

Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

Por que Klein?

Projective Identification and Psychotherapeutic technique

Thomas Ogden

Karnac, 1992. Texto original de 1982 publicado by Jason Aronson Inc.

Guilt and Depression

León Gringberg; Christine Trollope

Karnac Books, 1992.

Melanie Klein hoje Vol I e II Elizabeth Bott Spillius. Trad. Belinda H. Mandelbaum.

Coord Elias Mallet Rocha Barros

Rio de Janeiro: Imago, 1991.

The Good Society and the Inner World – Psychoanalysis, Politics and Culture.

Michael Rustin

London: Verso, 1991.

Melanie Klein: Evoluções

(org) Elias Mallet da Rocha Barros.

São Paulo: Escuta, 1989.

Melanie Klein & Critical Social Theory. An Account of Politics, Art and Reason

Based on her Psychoanalytic Theory.

C. Fred Alford

Yale: Yale University Press, 1989.

Psychic Equilibrium and Psychic Change: Selected Papers of Betty Joseph

Betty Joseph, Michael Feldman, Elizabeth Bott Spillius

Routledge, 1989

Por que Klein?

The Oedipus Complex Today: Clinical Implications

Ronald Britton; Michael Feldman; Edna O'Shaughnessy; John Steiner

Karnac Books, 1989

Melanie Klein: Evoluções.

Elias Mallet da Rocha Barros (org.)

São Paulo: Escuta, 1989.

Melanie Klein Today.

Elizabeth Bott Spillius et al. London: Routledge, 1988.

Publicado no Brasil como: *Melanie Klein Hoje.*

Trad. Belinda Haber Mandelbaum e coord. Editorial Elias Mallet da Rocha Barros

Rio de Janeiro: Imago, 1991 2 v.

As Controvérsias Freud-Klein 1941-45

Pearl King e Riccardo Steiner. Tradução Ana Mazur Spira

Imago, 1988

Selected Melanie Klein

Juliet Mitchell

London: Simon & Schuster, 1987.

A Divisão e a identificação projetiva.

James S. Grotstein Tradução: Vera Ribeiro.

Rio de Janeiro: Imago, 1985

(Original de 1981: *Splitting and Projective Identification*,

Jason Aronson, Inc.)

Projective Identification and Psychotherapeutic technique

Thomas Ogden

Por que Klein?

New York: Jason Aronson, 1982

Karnac, 1992.

Alguns artigos de referência

The Ego According to Klein: Return to Freud and Beyond

By Blass, Rachel B

International Journal of Psychoanalysis, Vol. 93, No. 1, February 2012

Affects in Melanie Klein

By Rusbridger, Richard

International Journal of Psychoanalysis, Vol. 93, No. 1, February 2012

Some Technical Implications of Klein's Concept of 'Premature Ego Development'

By Mitrani, Judith L

International Journal of Psychoanalysis, Vol. 88, August 2007

Uma nova Leitura das Origens da Teoria das Relações Objetais

Thomas Ogden

Livro anual de Psicanálise (2004), **XVIII**, 85-98.

"O indefinível conceito de 'objetos internos' (1934-1943) seu papel na formação do grupo kleiniano" R. D. Hinshelwood, do *Livro Anual de Psicanálise*, 1997, **XIII**, 205-224.

Por que Klein?

Clássicos do pensamento kleiniano

Klein, M.; Heimann, P.; Isaacs, S. & Riviere, J. *Developments in Psychoanalysis*.

London: the Hogarth Press, 1952.

Publicado no Brasil como: *Os Progressos da Psicanálise*. Trad. Álvaro Cabral,

Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

Klein, M.; Heimann, P. & Money-Kyrle, R. *New Direction in Psycho-Analysis*,

Part I and II. London: Tavistock Publications, 1955.

Publicado no Brasil como: *Novas Tendências na Psicanálise. Parte I e*

Temas da Psicanálise Aplicada. Trad. Álvaro Cabral.

Rio de Janeiro: Zahar, 1980, 1969.

Texto clássico de introdução à obra kleiniana

Segal, H. *Introduction to the Work of Melanie Klein*. London: The Hogarth Press,

1973.

Publicado no Brasil como: *Introdução à Obra de Melanie Klein*. Trad. Julio Castanon

Guimaraes. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Texto de Introdução Crítica

Hermann, F. e Lima A.A. *O pensamento kleiniano: uma introdução crítica*. In (orgs.) *Melanie Klein*. São Paulo: Ática, 1982.

Por que Klein?

Outros Livros na Linhagem de Klein, Bion e Winnicott

No Lost Certainties to Be Recovered

Gregorio Kohon

Karnac Books, 1999.

Sobre Bion

The Clinical Thinking of Wilfred Bion

Joan Neville Symington

Routledge, 1996.

Um facho de imensa escuridão o legado de Wilfred Bion à psicanálise.

James Grotstein

Porto Alegre: Artmed, 2010.

Quem é o sonhador que sonha o sonho? Um estudo de presenças psíquicas.

James Grotstein

Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003.

Sobre Meltzer

Sincerity and Other Works: Collected Papers of Donald Meltzer

Donald Melzter; Alberto Hahn

Karnac Books, 1994

Por que Klein?

Sobre Winnicott

Reading Winnicott

Dana Birksted-Breen; Lesley Caldwell; Angela Joyce

Routledge, 2011

The Goals of Psychoanalysis: Identification, Identity, and Supervision

León Gringberg

Karnac Books, 1990

Alguns dados cronológicos

1882

Melanie Reizes nasce em Viena, no dia 30 de março, filha de Moriz Reizes e Libussa Deustsch. Filha mais nova de uma prole de quatro filhos: Emilie, Emanuel, Sidonie e Melanie. Seu pai era médico-dentista, judeu ortodoxo. Sua mãe era 24 anos mais nova que o pai, sendo este o segundo casamento. Quando Klein tinha quatro anos, perde sua irmã Sidonie. Perde seu pai aos 18 anos, aos vinte perde seu querido irmão Emanuel. Essas experiências precoces de luto marcaram a vida e o pensamento de Klein.

1903

Melanie casa-se com Arthur Klein, melhor amigo do seu irmão Emanuel, recém falecido. O casamento inviabilizou suas ambições de se tornar médica como o pai.

1904

Nascimento de sua filha Mellita Klein. A profissão de engenheiro de Arthur Klein demandava contínuas mudanças de cidade, que Melanie tentava acompanhar. Ela cuidou de Mellita até os sete meses, deixando a filha aos cuidados da mãe e de babás.

Por que Klein?

1907

Nasce seu filho Hans. Klein manifesta um intenso quadro depressivo após o nascimento do filho. Libussa vai morar com a família Klein para ajudar no cuidado com as crianças. A rivalidade entre Klein e Libussa é intensa, assim como, no futuro, entre Klein e Melitta.

1910

A família muda-se para Budapeste, onde Melanie Klein toma contato com a obra de Freud através do livro *A interpretação dos sonhos*.

1913

Ferenczi funda a Sociedade Húngara de Psicanálise.

1914

Nascimento de Erich Klein, alguns meses depois, Libussa falece. Arthur vai para a guerra. Melanie inicia análise com Sándor Ferenczi, que se estende durante o período da primeira guerra.

1918

Realiza-se em Budapeste o 5º Congresso Internacional de Psicanálise, sob a presidência de Ferenczi.

1919

Klein apresenta seu primeiro artigo e torna-se membro da Sociedade de Budapeste. Jones funda a Sociedade Britânica de Psicanálise. Jones foi analisando de Ferenczi. Klein encontra na psicanálise uma possibilidade de realização das suas ambições intelectuais.

1920

No 6º Congresso Internacional de Psicanálise, em Haia, Klein conhece Karl Abraham, seu futuro analista e incentivador.

1921

Muda-se para Berlim, onde abre consultório para análise de adultos e crianças. Em Berlim, Melitta começa a estudar medicina.

1922

Torna-se membro da Sociedade Psicanalítica de Berlim. Abraham, assim como Ferenczi, encoraja a Klein para o tratamento analítico de crianças. Melanie divorcia-se de Arthur Klein.

1924

Fundação do Instituto Britânico de Psicanálise. Klein inicia análise com Karl Abraham. Em Salzburgo, durante o 8º Congresso Internacional de Psicanálise, apresenta “A técnica de análise de crianças

Por que Klein?

pequenas”.

1925

Realiza conferências em Londres a convite de Ernest Jones, futuro biógrafo de Freud. Aos 48 anos, morre Karl Abraham, interrompendo a segunda análise de Klein. Seus dois analistas morreram precocemente.

1926

Melanie Klein muda-se para a Inglaterra. Klein analisa os filhos de Jones. Klein é rapidamente reconhecida como analista de crianças.

1927

Eleita membro pleno da Sociedade Britânica de Psicanálise.

1928

Mellita conhece Walter Schmideberg, membro da Sociedade de Berlim, com quem se casaria.

1932

Publicação do seu primeiro livro *A psicanálise de crianças*, em inglês e alemão. Klein é analista didata.

1933

Mellita, já com o sobrenome da casada Schmideberg, é eleita membro pleno da Sociedade Britânica de Psicanálise. Torna-se opositora pública e ferrenha de Klein.

1934

Seu filho Hans morre praticando Alpinismo. Na elaboração deste difícil luto, escreve o artigo: *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníacos-depressivos*, publicado em 1935.

1937

Publicação de *Amor, ódio e reparação*.

1939

Klein muda-se para Cambridge, fugindo dos bombardeios em Londres. Freud morre em 23 de setembro.

1941

Por que Klein?

Retorna a Londres. A Sociedade Britânica de Psicanálise promove debates, depois conhecidos como “Controvérsias Freud-Klein”, sobre as modificações introduzidas por Klein na teoria Freudiana.

1941-1945

Período das “Controvérsias Freud-Klein”. Anna Freud e Melanie Klein divergem sobre vários pontos, sobretudo a capacidade infantil de estabelecer a transferência e sua elaboração. Como fruto dessas discussões é publicado o livro com o mesmo nome. Além de ter se constituído na Sociedade Britânica três grupos: os freudianos, os kleinianos e o grupo independente, do qual Winnicott fazia parte.

1945

Mellita muda-se para os Estados Unidos, mãe e filha não se reconciliaram. A ligação com seu terceiro filho Erich e seus netos permaneceu trazendo realizações até o final da vida de Klein.

1946

Publica o artigo “*Notas sobre alguns mecanismos esquizoides*”, no qual formula o conceito de identificação projetiva.

1952

Edição Especial do *Internacional Journal of Psycho-Analysis* em homenagem aos 70 anos de Melanie Klein. Publicação do livro *Os progressos da psicanálise*, em coautoria com Paula Heimann, Susan Isaacs e Joan Riviere.

1955

Criação de *Melanie Klein Trust*. Site atual: www.melanie-klein-trust.org.uk. Publicação da coletânea *Novas Contribuições para a Psicanálise*.

1957

Publicação de *Inveja e gratidão*. Quando já não se esperava mais nada novo, Klein surpreende a comunidade psicanalítica com esse livro, motivo de acirradas discussões.

1958

Morte de Ernest Jones, seu principal defensor.

1960

Melanie Klein morre em Londres no dia 22 de setembro, aos 78 anos, em decorrência de um câncer. O seu legado permanece vivo na psicanálise atual, ou seja, a prova do tempo trouxe o

Por que Klein?

reconhecimento da genialidade dessa psicanalista ousada e à frente de seu tempo.

1961

Publicação do livro póstumo *Narrativa da análise de uma criança*, no qual ela trabalhava poucos dias antes de morrer. São 93 sessões com um menino de dez anos durante o período que estava refugiada em Cambridge.

Referências Bibliográficas

ANDRÉ, Jacques. (1996) *As origens femininas da sexualidade*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ARENDT, H. (1971). *A Vida do Espírito – O Pensar, O Querer, O Julgar*. Trad. Antonio Abranches, Cesar Augusto R. de Almeida, Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume Dumará & Ed. UFRJ, 1992.

BACHELARD, G. (1988). *A poética do espaço*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes.

Por que Klein?

BARANGER, Madaleine. & BARANGER, Willy. (1961-1962) A situação analítica como campo dinâmico. In controvérsias a respeito do enactment e outros trabalhos – *Livro Anual de Psicanálise (Tomo XXIV)*. São Paulo: Escuta, 2010.

BARROS, Manuel. (2010). *Poesia Completa Manoel de Barros*. São Paulo: Ed. LeYa.

BAHKTIN, M. (1987). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento no contexto de François Rabelais*. Brasília: Ed. Univ. Brasília, 1987.

BION, R. Wilfred (1957). Diferenciação entre as personalidades psicóticas e as personalidades não psicóticas. In: _____. E. B. Spillius. Melanie Klein hoje. Desenvolvimento da teoria e da técnica (Vol. I, pp. 69-86). (B. H. Mandelbaum, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1991a.

BION, R. Wilfred (1959). Ataques ao elo de ligação. In E. B. Spillius. Melanie Klein hoje. Desenvolvimento da teoria e da técnica (Vol. I, pp. 95-109). (B. H. Mandelbaum, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1991b.

BION, R. Wilfred. (1962/1991). Learning from experience. London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1962).

BION, R. Wilfred. (1967/1990). Notas sobre memória e desejo. In: *Melanie Klein Hoje – desenvolvimento da teoria e da técnica*. Vol 2. Elizabeth Bott Spillius (org.). trad. Belinda P. Haber. Rio de Janeiro: Imago.

BION, R. Wilfred. (1992). Conversando com Bion. Quatro discussões com W.R.Bion. Bion em Nova Iorque e em São Paulo. (Paulo César Sandler, trad.) Rio de Janeiro: Imago.

BION, R. Wilfred. (1970) *Attention and Interpretation*. London: Karnac, 2007.

BOLLAS, C. (1987) *A sombra do objeto. Psicanálise do conhecido não pensado*. (trad. Fátima Marques). São Paulo: Ed. Escuta, 2015.

BOLLAS, C. *The Mystery of Things*. London and New York: Routledge, 1999.

BOLLAS, C. & BOLLAS, S. (2013). *Catch Them Before They Fall*. Londres & Nova York: Routledge, 2013.

BRITTON, R. *Crença e imaginação*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2003.

BRONTE, E. (1847). *O Morro dos Ventos Uivantes*. São Paulo: Ed. Landy, 2003.

BRUNETEAU, BERNARD. *Le siècle des génocides. Violences, massacres et processus génocidaires de l'Arménie au Rwanda*. Paris: Armand Colin, 2005

CAPER, R. *Tendo Mente própria*. (Haroldo Pedreira e outros, trad.) Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2002.

CHASSEGUET-SMIRGEL, J. (1988). *Sexualidade Feminina*. (trad. Patrícia Chitonni Ramos). Porto Alegre: Artes Médicas.

CHUSTER, A. & TRACHTENBERG, R. (2009). *As sete invejas capitais. Uma leitura contemporânea sobre a complexidade do mal*. Porto Alegre: Artmed.

Por que Klein?

CINTRA, E. M. U. (2001a) A terceira margem do rio. In: *Pulsional Revista de Psicanálise*, anos XIV e XV, n.152/153, 70-81. São Paulo.

CINTRA, E. M. U.(2001b)Hamlet e a Melancolia. In: *Rev. Lationoam. Psiopat. Fundam.* IV, 4, 3-42, São Paulo.

CINTRA, E. M. U. (2007) *Pensar as feridas*. In: o Livro de Ouro da Psicanálise (Org. Manuel da Costa Pinto). Rio de Janeiro: Ediouro.

CINTRA, E.M.U. e FIGUEIREDO L.C. (2004) *Melanie Klein: Estilo e Pensamento*. São Paulo: Ed. Escuta, 2004.

CINTRA, E.M.U. e FIGUEIREDO L.C. (2008). *Folha Explica Melanie Klein*. São Paulo: Publifolha.

CINTRA, E. M. U. (2011) "Luto e Melancolia: uma reflexão sobre o purificar e o destruir"*Alter Revista de Estudos Psicanalíticos*. v. 29 (1), pp. 23-40, 2011.

CINTRA, E. M. U. & RIBEIRO, M. (2018, no prelo) A presença do pensamento de Melanie Klein na psicanálise contemporânea. In *Tratado de Psicologia Clínica: da Graduação à Pós-graduação*. Editores Andrés E.A. Antúnez e Gilberto Safra. Seção Psicanálise, coordenação: Maria Livia Tourinho Moretto. Editora Atheneu.

CINTRA, E.M.U. (2016) Simone Weil - Empatia, escuta analítica e capacidade negativa: intuições contemporâneas à psicanálise. In PERON, P.R.; CINTRA, E.M.U; VIOLANTE, M.L.V. (org) *História de Mulheres - Leituras Psicanalíticas*. São Paulo: Zagodoni, 2016.

CINTRA, E.M.U. (1998) Escutar com o corpo inteiro. *Percursos Revista de Psicanálise*. Ano XI. N. 21. 2/1998. p.129 - 131.

CINTRA, E.M.U. (2017). Empatia, identificação projetiva e *rêverie*: escutar o inaudível na clínica do trauma. In *Para além da contratransferência. O analista implicado*. (Org. Cintra, Tamburrino e Ribeiro). São Paulo. Ed. Zagodoni.

ETCHEGOYEN, H. & MINUCHIN, L. (2014). *Seminários de introducción a su obra*. Buenos Aires: Ediciones Biebel.

FERRO, A. *O Pensamento Clínico de Antonino Ferro*. Org. Maria Olympia A.F. França & Marta Petricciani. (Trad. Marta Petricciani). São Paulo, SP: Editora Casa do Psicólogo, 2003.

FERRO, A. (2005). *Fatores de doença, fatores de cura*. (trad. Marta Petricciani). Rio de Janeiro: Imago.

FIGUEIREDO, LC. *As diversas faces do cuidar – novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2009.

FIGUEIREDO, L.C. A Clínica Psicanalítica a partir de Melanie Klein. O que isso pode significar? In *As diversas faces do cuidar*. São Paulo, Escuta, 2009.

FONTES, Ivanise. (20014). *Virando gente, a história do nascimento psíquico*. São Paulo: Ed. Ideias e Letras.

FREUD, S. (1897). Manuscrito N. In: *Obras Completas Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.

Por que Klein?

_____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. (1910) Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um caso de paranoia (Dementia Paranoides). In *Edição Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. (1913) Totem e Tabu. In *Edição Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. (1916) Alguns Tipos de Caráter Encontrados no Trabalho Psicanalítico.. In *Edição Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. (1917). Luto e Melancolia. Tradução de Marilena Carone. In: *Novos Estudos*. Nº 32. CEBRAP, 1992.

_____. (1924). A dissolução do Complexo de Édipo. In *Edição Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. (1926 [1925]). Inibição, sintomas e ansiedade. In *Edição Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. (1925). A Negação. Tradução de Marilena Carone. In: *Novos Estudos*. Nº 32. CEBRAP, 1992.

_____. (1931). Sexualidade feminina. In *Edição Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GUIGNARD, F. (1997). *O infantil ao vivo. Reflexões sobre a situação analítica*. Imago: Rio de Janeiro. (trad. Marilda Pedreira).

_____. (2000). *Cartas ao objeto*. Imago: Rio de Janeiro. (trad. Marilda Pedreira)

_____. (2002). *La relation mère-fille. Entre partage et clivage*. Collection de la SEPEA. In Press Éditions. Paris.

GREEN, A. (1980) *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. (Trad. Claudia Berliner). São Paulo: Escuta, 1988.

GREEN, A. (1993). *Le travail du négatif*. Paris: Minuit.

GREEN, A. (1997) The Intuition of the negative in *Playing and Reality*, in KOHON, G. (org) *The Dead Mother*. Londres: Routledge, 1999. p. 205-221.

HERRMANN, F. & ALVES LIMA, A. (1982). *Melanie Klein*. Coleção grandes cientistas sociais. Coordenador Florestan Fernandes. São Paulo: Editora Ática.

HINSHELWOOD, R. D. (1992). *Dicionário do pensamento kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas

KLEIN, M. (1928). Estágios iniciais do conflito edipiano e da formação do superego. In: *A Psicanálise de Crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trad. Liana Pinto Chaves).

Por que Klein?

KLEIN, M. (1932). Os efeitos das situações de ansiedade arcaicas sobre o desenvolvimento sexual da menina. In: *A Psicanálise de Crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trad. Liana Pinto Chaves).

KLEIN, M. (1935). Contribuição à Psicogênese dos Estados Maníaco-Depressivos. In: *Amor, Culpa e Reparação e Outros Trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trad. André Cardoso).

KLEIN, M. (1936). O desmame. In: *Amor, Culpa e Reparação e Outros Trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trad. André Cardoso).

KLEIN, M. (1946). Notas sobre Alguns Mecanismos Esquizóides. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Trad. Elias Mallet da Rocha Barros, Liana Pinto Chaves e colaboradores. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1991.

_____. (1940). “O luto e suas relações com os Estados Maníaco-Depressivos” em *Obras Completas de Melanie Klein I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Trad. Elias Mallet da Rocha Barros, Liana Pinto Chaves e colaboradores. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1991.

_____. (1946). “Notas sobre Alguns Mecanismos Esquizóides” em *Obras Completas de Melanie Klein III. Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Trad. Elias Mallet da Rocha Barros, Liana Pinto Chaves e colaboradores. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1991.

_____. (1952). Algumas conclusões teóricas relativas à vida dos bebês. In *Obras completas de Melanie Klein – Amor Culpa e reparação e outros trabalhos 1921-1945 Vol. I e Inveja e Gratidão e outros trabalhos 1946-1963. Vol III* (org) Money-Kyrle & al. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

_____. (1957). “Inveja e Gratidão” em *Obras Completas de Melanie Klein III Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Trad. Elias Mallet da Rocha Barros, Liana Pinto Chaves e colaboradores. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1991.

_____. (1991). *Inveja e gratidão e outros trabalhos: 1946-1963*. Trad. Elias Mallet da Rocha; Liana Pinto Chaves (Coords.). Rio de Janeiro: Imago, 1991. [Obras Completas de Melanie Klein; v. 3]

_____. (1996). *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos: 1921-1945*. Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. [Obras Completas de Melanie Klein; v. 1]

KRISTEVA, J. (2002) *O gênio feminino. A vida, a loucura, as palavras. Vol. II: Melanie Klein ou o matricídio como dor e como criatividade*. Trad. José L. de Melo. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LACAN, J. (1959-1960). *O Seminário. Livro 7. A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LAPLANCHE, J. (1988). *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. (trad. Doris Vasconcellos). Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LEHANE, D. *Ilha do medo*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

COUTO, MIA (2013) *A mulher de mim*. In *Cada Homem é uma raça*. São Paulo: Companhia das Letras.

Por que Klein?

- LEVINAS, E. (1971) *Totalité et Infini - essai sur l'extériorité*. Paris: Le Livre de Poche, 1971.
- OGDEN, T. (1994) *Os Sujeitos da Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora, 1996.
- OGDEN, T. (2009) *Rediscovering Psychoanalysis –Thinking and Dreaming, Learning and forgetting*. London and New York: Routledge, 2009.
- OGDEN, T. (2010). *Esta arte da psicanálise – sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 2010
- PHILLIPS, A. *Beijo, cócegas e tédio. O inexplorado à luz da psicanálise*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- PETOT, J-M. (1991). Melanie Klein I. São Paulo, SP: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1979).
- PETOT, J-M. (1992). Melanie Klein II. São Paulo, SP: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1982).
- PONTALIS, J-B. (1988) *Perder de vista Da fantasia de recuperação do objeto perdido*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- PRADO, A. *Terra de Santa Cruz*. In *Poesia Reunida*. São Paulo: Ed. Siciliano, 1991.
- RIBEIRO, M.F.R. (2011). *De mãe em filha. A transmissão da feminilidade*. São Paulo: Ed. Escuta.
- RIBEIRO, M.F.R. (2017). Uma reflexão conceitual entre identificação projetiva e *enactment*. In *Para além da contratransferência. O analista implicado*. (Org. Cintra, Tamburrino e Ribeiro). São Paulo. Ed. Zagodoni.
- RILKE, R. M. *As elegias de Duino*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Porto Alegre: Ed Globo, 1984.
- RUSTIN, M. & M. *Reading Klein*. London & NY: Routledge, 2017.
- SEMELIN, J. *Purificar e destruir*. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- STEINER, J. (1997). *Refúgios Psíquicos*. Rio de Janeiro: Imago.
- TAMBURRINO, Gina. *Enactments e transformações no campo analisante*. São Paulo: Ed. Escuta, 2016.
- WINNICOTT, D. W. (1958) A capacidade para estar só. In *O ambiente e os processos de Maturação – estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- _____ (1954) A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In: *Da Pediatria à Psicanálise: textos selecionados*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- _____ (1958) Psicanálise e o sentimento de culpa. In: *O ambiente e os processos de maturação*. São Paulo: Artes Médicas, 1983.

Por que Klein?

- _____. (1963) O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In: *O ambiente e os processos de maturação*. São Paulo: Artes Médicas, 1983.
- _____. (1971) Objetos e Fenômenos Transicionais e A localização da experiência cultural. In *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975.
- _____. (1977). *The Piggie – Relato do Tratamento Psicanalítico de uma menina*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Referências e filmes

- Cidade de Deus*. (2002). Dirigido por Fernando Meirelles e Kátia Lund. Roteiro de Bráulio Mantovani.
- Ilha do medo/Shutter Island*. (2010). Direção de Martin Scorsese. Autor: Dennis Lehane.
- Divertida Mente/Inside Out*. (2015). Produzido pela Pixar Animation Studios e lançado pela Walt Disney Pictures. Direção Pete Docter, Ronaldo Del Carmen. Música de Michael Giacchino.

Por que Klein?